



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Lúnia Costa Dias

***A raiz te põe forte: poéticas quilombolas no alinhavar de famílias, festas
e ancestralidade no Quilombo de Pinhões***

Florianópolis
2026

Lúnia Costa Dias

A raiz te põe forte: poéticas quilombolas no alinhavar de famílias, festas e ancestralidade no Quilombo de Pinhões

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Vânia Zikan Cardoso

Florianópolis
2026

Dias, Lúnia Costa

A raiz te põe forte :poéticas quilombolas no alinhar
de famílias, festas e ancestralidade no Quilombo de
Pinhões / Lúnia Costa Dias ; orientadora, Vânia Zikan
Cardoso, 2026.

163 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis,
2026.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Quilombo. 3. Família. 4.
Festa. 5. Ancestralidade. I. Cardoso, Vânia Zikan . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Antropologia Social. III. Título.

Lúnia Costa Dias

A raiz te põe forte: poéticas quilombolas no alinhavar de famílias, festas e ancestralidade no Quilombo de Pinhões

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 19 de novembro de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Sônia Regina Lourenço, Dr.(a)
Universidade Federal do Mato Grosso/UFMT

Prof.(a) Yara de Cássia Alves, Dr.(a)
Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG

Prof.(a) Viviane Vedana, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Antropologia Social.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof.(a) Vânia Zikan Cardoso, Dr.(a)
Orientador(a)

Florianópolis, 2026.

Às mulheres do Quilombo de Pinhões,
mulheres negras, avós, mães, filhas,
netas... símbolos de resistência, luta e
insurgência.

AGRADECIMENTOS

Muitas das palavras que compõem esta tese foram regadas de lágrimas. A dor e a morte foram constantes na coincidência entre a pandemia da COVID-19 e instauração de um governo de extrema direita no país nos anos seguintes ao golpe institucional de 2016. Dos que se foram, cuido de aliviar a saudade e honrar legados. Agradeço à força da vida e suas semeaduras. Agradeço as minhas amigas do Quilombo de Pinhões, inspiração de vida, fé e trabalho. Agradeço e honro à todas as mulheres do Quilombo de Pinhões que há séculos lutam contra o racismo na perpetuação do quilombo. *Mulheres negras, avós, mães, filhas, netas...Mulheres símbolos de resistência.* Agradeço à Nossa Senhora do Rosário e seu manto sagrado. Ao fogo bento de São João. À canjica de Santo Antônio. Às palavras rezadas em benzeção no alívio e cura das dores do corpo, da alma, do mundo, proferidas por benzedores e benzedoras do quilombo d'água, de outrora e vindouros.

Agradeço à Vânia Zikan Cardoso pela orientação e amizade. Contar com suas mãos dadas foi fundamental para seguir adiante na empreitada de produzir uma tese. Agradeço as suas aulas inspiradoras que mexeram fundo na abertura de novos mares. Agradeço também a acolhida no GESTO, Grupo de Estudos em Oralidade e Performance, espaço de troca de afetos e conhecimento. Cias deliciosas. Agradeço aos colegas, professores e pesquisadores que compõem o GESTO pelos aprendizados compartilhados.

Agradeço às professoras que compuseram a banca de qualificação de projetos: Raquel Mombelli e Maria Eugenia Dominguez e às professoras da banca de qualificação de tese Maria Eugenia Dominguez e Daniela Perutti. As contribuições de vocês foram fundamentais para seguir a caminhada. Obrigada! Agradeço também as professoras que aceitaram compor a banca final de defesa da tese: Yara de Cássia Alves (UEMG), com quem tive a honra de iniciar os primeiros passos na antropologia, lá nos idos de 2009 quando conhecemos juntas o Quilombo de Pinhões. Contar com sua presença nesta banca é a evidência da buniticeza dos movimentos curvos e circulares da vida, começo-meio-começo, como anuncia o mestre quilombola Nego Bispo (SANTOS, 2015); Viviane Vedana (PPGAS/UFSC), professora querida do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC com quem aprendi imensamente nas leituras e trocas compartilhadas no GESTO, Grupo de Estudos em Oralidade e Performance; Sônia Lourenço (UFMT), referência no trabalho junto a povos indígenas e quilombolas! Obrigada!

À CAPES pela concessão da bolsa de demanda social ao longo de 4 anos. A pandemia da COVID-19 aliada ao governo Bolsonaro engendrou processos de escassez, instabilidades e inseguranças, contar com a bolsa diante destes processos foi fundamental, ademais da perda do poder de compra. Agradeço aos colegas da UFSC, dos diversos cursos de graduação e pós, sobretudo aos colegas da antropologia, pelos movimentos de luta junto aos movimentos estudantis, em destaque as articulações empreendidas pela APG e ANPG para conquistarmos minimamente o reajuste das bolsas e o acesso a direitos fundamentais. A escassez de recursos decorrente dos diversos cortes de verbas para custeio das pesquisas e de bolsas foram desafiadores para exercício da pesquisa no país no período. Diante de projetos como o FUTURE-SE o calor da luta estudantil foi fundamental para manter algum vigor. Agradeço aos colegas da graduação em antropologia pela aliança forjada na luta e na festa!

Agradeço aos colegas que compuseram a representação discente e as alianças para contornarmos juntos os desafios postos pela pandemia aliada aos cortes de verbas. Matilde, Camila, Larisse Pontes, Igor Luiz, Thiago Santana, Bianca Hammershimt, Bárbara Caramuru, Priscila dos Anjos, Elis Nascimento, Marília, Ana Clara e aqueles que seguiram compondo esse espaço importante de participação estudantil. Agradeço também a coordenação do curso, do departamento e todos os professores e professoras da antropologia que somaram as lutas, as pesquisas e a construção de alternativas para viabilizar acessos mínimos. Seguiremos lutando pela efetivação de políticas de permanência e pela ampliação do acesso de qualidade ao ensino superior e à pós-graduação na universidade pública.

Agradeço aos meus colegas de turma pelas amizades que criamos, pelo companheirismo nessa jornada que, por vezes, é um tanto solitária. Ana Valéria, Vanessa Fonte, Lino Santos, Evi Aguiar, Cauane Maia, Bianca Hammershmit, Elis Nascimento, Stephanie, Alberto, Beatriz, Dassuem, Manuel, Alexander, foi delícia demais nosso encontro. Presente de vida toda! Agradeço também as trocas com os demais colegas da antropologia da UFSC, Ana Clara Zili, Marília, Guilherme Laus, Wil, Jaque, Priscila dos Anjos, Thiago Santana, Isadora, Edilma Nascimento, Larisse Pontes, Jade Lobo!

Agradeço a professora Myriam Alvares, ao professor Ricardo Ribeiro e ao professor Manuel Neto, pela honra e alegria de ter vocês por perto desde a graduação! A PUC-Minas segue sendo casa de acolhida e solo fértil na construção de caminhos de conhecimento. Agradeço também à professora do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Minas, Antônia Montenegro, que, à frente do Projeto Lições da Terra, tem sido uma

interlocutora fundamental na construção conjunta de caminhos de perpetuação da vida e reconhecimento de autonomias diante das pressões dos projetos de desenvolvimento sobre o Quilombo de Pinhões. Foram os caminhos e percursos viabilizados pela PUC, nesse entrelaçar de tempos e gerações que, graças ao professor Ricardo Ribeiro, meu caminho se encontrou com o do pesquisador santa luzense Glaucon Durães. Recordo da ligação telefônica que recebi do Glaucon me contando que ele era coroinha na Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões em 2012, quando desenvolvi o Trabalho de Conclusão de Curso da graduação junto ao Quilombo de Pinhões. Pesquisador engajado, militante, inspiração da aliança entre política e ciência. Hoje vereador em Santa Luzia e doutorando em ciências sociais pela PUC-Minas. Agradeço pela amizade incrível que criamos na partilha das lutas em articulação com a pesquisa!

Agradeço a minhas amigas Isadora Mayrink, Bárbara Altivo, Bruna Bacelete e Flávia Amboss (*In Memoriam*) pela coragem de caminhar juntas desenhando, gestando, gerando formas de viver de e com a antropologia. Juntas criamos a MAGMA – Mulheres da Antropologia Gerando e Movimentando Ações, uma coletiva, que busca gerar ações em parceria entre mulheres. Já fomos seis, fomos cinco, fomos três, somos duas. Com cnpj. Sem cnpj. Dos vários formatos e composições e participações de cada uma, uma coisa é certa, afetar-se é implicar-se. Agradeço em especial a Flávia Amboss pela honra de partilhar e construir casa e sonhos... você segue viva em nós mana! Todo dia sua luz brilha no encontro das águas! Te amo! Te admiro e sigo fazendo da saudade inspiração. Agradeço também a força dos giros das cartas movidas por Bárbara. Honro seu trabalho oracular e a beleza das antropologias que você tece. Isadora Mayrink, minha comadre, mulher geradora de vida, de mundo, de brilho. Quase vinte anos de partilha de vida, há onze ela me apresentou com a delícia de ser madrinha do Chicão...Agradeço, portanto, as suas crias, Francisco, Benjamim, Vicente e Pedro. Lindas, vibrantes! O que seria da vida sem as crianças?

Agradeço a cada uma delas. As crianças do quilombo de Pinhões, seus olhares, sorrisos e alegrias nas festas, nos quintais, nas ruas. Agradeço aos meus sobrinhos e afilhados e ao amor que também experimentam no Quilombo de Pinhões. Essa terra de acolhida! Agradeço as minhas amigas do quilombo que conheci crianças, hoje jovens adultas, mulheres!

Agradeço a minha irmã, Luana Dias, voz e mãos pulsantes, meu esteio no mundo. Meu colo, meu lar. A certeza da sua presença é alegria da caminhada no mundo. Te amo. Obrigada por me fazer tia! Agradeço ao Caetano e a Helena as alegrias do mundo!

Agradeço minha mãe, Vânia, pelo dom da vida, pela parceria incrível que a maternidade dela produz. Honro sua caminhada nesse mundo, as portas por você abertas. Minha inspiração. Trabalho comprometido com as pessoas. Respeito e escuta. Obrigada mãe! Agradeço ao meu pai, Cláudio, também pelas escutas atentas, pelo colo e pelo brilho nos olhos. Agradeço as minhas avós e tias avós e aos meus avôs, e bisas. Hoje me habitam de modos surpreendentes. Sigo aprendendo com vocês.

Agradeço ao Guilherme Abu-Jamra, pelas janelas e varandas abertas! Sua liberdade diante da vida me alimenta. Encontrar contigo foi abertura para vida toda! Agradeço sua presença e companheirismo no tear da vida e na feitura cotidiana do amor. Amor que cresce...gera... floresce... agradeço à Violeta...fruto do nosso encontro que gesto dentro coroando esse momento de entrega da tese... viver habitada por você é das experiências mais incríveis que já vivi! Te amo filhota! Vem, vem com saúde, fazendo mãe, pai, filha, vô, vó, tia, dinda. Família. Compor família com sua família é um presente bonito da vida. Agradeço ao Raul (*in memoriam*), por me apresentar tanto brilho, luz e prosperidade. A amizade que experimentei com seu pai segue me habitando. Agradeço a Maria Inês pelas boas risadas, pela irreverência diante da vida, pela inspiração na feitura de moradas, comidas e escritas! Agradeço a Beatriz, ao Marcos e a Camila pelas trocas frutíferas, inspiradoras sempre regadas de boas risadas! Agradeço as alegrias e esperanças dos convívios com as suas crias! Vivo de saudade da Irene, do Heitor, do Pedrinho e do Lulu! A Beatriz ressalto aqui, em especial, minha imensa admiração por seu maternar! Sua força, alegria e esperança diante da vida fortalece nós todas! Amor. Prática. Partilha. Agradeço.

Convenções de escrita:

Em *itálico* destacamos falas, narrativas, expressões e categorias êmicas enunciadas pelos quilombolas de Pinhões. Utilizamos nomes fictícios com o objetivo de evitar a exposição e circulação de nomes dos quilombolas, exceto nomes de pessoas públicas, lideranças e citações do livro *Pinhões: histórias e sabedorias do Quilombo* (ACMQP, 2018).

RESUMO

Esta tese pretende tatear poéticas quilombolas no seu alinhar das *famílias*, *festas* e ancestralidade no Quilombo de Pinhões. Localizado na região metropolitana de Belo Horizonte – Minas Gerais, mais especificamente no município de Santa Luzia, o Quilombo de Pinhões tem suas origens atribuídas ao início do século XVIII, quando da construção do Mosteiro de Macaúbas em região limítrofe à Sesmaria de Bicas. *Nas extremas* entre as duas sesmarias as *famílias* fazem *raízes* na tecitura de ‘linhas de fuga’, evocando, em movências festivas, o Quilombo. Nos propusemos a acompanhar os cotidianos de mulheres quilombolas, amigas e interlocutoras de pesquisa, em seus modos de não se deixar capturar. A partir da noção de *famílias raízes* acionada pelas quilombolas orientamos nossa atenção para as *raízes* em seus arranjos de feitura e relações entre *famílias*, *festas* e ancestralidade. No Quilombo de Pinhões, as *raízes* carregam um conjunto de práticas, relações e memórias produzidas e atualizadas no alinhavo de fazer família e fazer festa, compondo movências em curvas, desenhos espirais – de tempo, território e ancestralidade. O quilombo de Pinhões, a partir das *raízes*, criativamente, promove modos de vida e relação insurgentes diante de modulações colonialistas forjadas no tempo da escravidão e atualizadas nos arranjos dos chamados ‘projetos de desenvolvimento’. Pretendemos, assim, compor, junto às poéticas quilombolas, compreensões sobre as relacionalidades evocadas pelas *raízes* em suas alianças com as *famílias*, as *festas* e a ancestralidade na feitura do Quilombo.

Palavras-chave: Quilombo; família; festa; tempo; ancestralidade.

ABSTRACT

This thesis seeks to explore quilombola poetics in the weaving of families, celebrations, and ancestry in the Quilombo of Pinhões. Located in the metropolitan region of Belo Horizonte, Minas Gerais—more specifically in the municipality of Santa Luzia—Pinhões traces its origins back to the early 18th century, around the time of the construction of the Monastery of Macaúbas, near the Sesmaria de Bicas. On the borders between these two sesmarias, families laid down roots through what can be seen as ‘lines of flight,’ evoking the quilombo through festive movements. We set out to accompany the daily lives of quilombola women—friends and research interlocutors—observing their ways of resisting capture. Drawing from the notion of *famílias raízes* (rooted families), a term used by the quilombolas themselves, our focus turns to the crafting of roots and the relationships that interweave families, festivities, and ancestry. In the Quilombo of Pinhões, roots carry a set of practices, relationships, and memories that are continually produced and renewed through the acts of making family and making festivity, shaping movements in curves and spiral patterns—of time, territory, and ancestry. Through these roots, the Quilombo of Pinhões creatively fosters insurgent ways of life and relation in the face of colonialist modulations—first forged during the era of slavery and now perpetuated by so-called ‘development projects.’ In this thesis, we aim to compose, alongside quilombola poetics, understandings of the relationalities invoked by roots in their alliances with families, festivities, and ancestry in the making of the Quilombo.

Keywords: Quilombo; family; festivity; time; ancestry.

Lista de figuras e imagens

- Imagem 01:** Traçado diretriz do Rodoanel (Jornal Hoje em Dia, 2021)
- Imagem 02:** Município de Santa Luzia cortado pelo Rodoanel (Movimento Salve Santa Luzia, 2021)
- Imagem 03:** Mapa de Santa Luzia, 1950 (Arquivo Público Mineiro)
- Imagem 04:** Tabela com listagem de documentação de obituários de corpos enterrados no Cemitério dos Escravos. (DUARTE, 2017)
- Imagem 05:** Quilombo de Pinhões no Google Earth. (Acessado em junho 2023)
- Imagem 06:** Região Metropolitana de Belo Horizonte. (CARVALHO, et al, 2011)
- Imagem 07:** “Caminhando pelas ruas de Pinhões” (ACMQP, 2008)
- Imagem 08:** Praça Naná Bahia (ACMQP, 2018)
- Imagem 09:** “Barco no rio das velhas” (ACMQP, 2018)
- Imagem 10:** “Roupas no varal” (ACMQP, 2018)
- Imagem 11:** “Plantas na Varanda. Casa de Seu Hélio” (ACMQP, 2018)
- Imagem 12:** “Bandeiras de São João e Santo Antônio” no quintal de Seu Hélio (ACMQP, 2018)
- Imagem 13:** “Quintal enfeitado para festa! Casa de Seu Hélio” (ACMQP, 2018)
- Imagem 14:** “Panela de barro de Pinhões” (ACMQP, 2018)
- Imagem 15:** “Casa de adobe” (ACMQP, 2018)
- Imagem 16:** “Altar no quarto de benzer de Seu Hélio” (ACMQP, 2018)
- Imagem 17:** “Bandeira Nossa Senhora do Rosário. Festa do Divino 2018” (ACMQP, 2018)
- Imagem 18:** “Homenagem à Nossa Senhora na porta da capela N. Senhora do Rosário” (Site Mostra Quilombo Pinhões, 2023)
- Imagem 19:** Altar para nossa senhora do Rosário Peregrina (Acervo pessoal de pesquisa, 2022)
- Imagem 20:** Altar para nossa senhora do Rosário Peregrina (Acervo pessoal de pesquisa, 2022)
- Imagem 21:** Print da página de facebook “Rosário Pinhões” (2020)
- Imagem 22:** Foto do “cemitério dos escravos” (DUARTE, 2017).
- Imagem 23:** Altar da celebração e missa no Dia de Finados, no cemitério dos pretos escravizados. 02 de novembro de 2025. (Luiz Henrique Prado Campos, 2023)
- Imagem 24:** Ofertório missa de finados no cemitério dos pretos escravizados. (Acervo pessoal de pesquisa, 2023)

Lista de Abreviaturas e Siglas

ACMPQ – Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões

AQQP – Associação Quilombola do Quilombo de Pinhões

COPASA – Companhia de Saneamento de Minas Gerais

CONAQ – Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais
Quilombolas

CEDEFES – Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva

N'GOLO – Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais

PLAMBEL – Superintendência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo
Horizonte

PUC/Minas – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

ZEIS – Zona Especial de Interesse Social

ZEU – Zona de Expansão Urbana

RMBH – Região Metropolitana de Belo Horizonte

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Chega em terra alheia pisa no chão devagar.....	15
A insistência da morte.....	24
Guia de bordo.....	33

CAPÍTULO 01

Quilombo nas <i>extremas</i> : Linhas, Fugas, <i>Raízes</i> e Costuras.....	36
1. <i>Extremas</i> , linhas e fugas.....	40
1.2 Movências, <i>Raízes</i> e Costuras.....	56

CAPÍTULO 02

<i>Raízes</i> : fazer <i>casa</i> , <i>família</i> e quilombo.....	68
2.1 <i>Casa</i> , <i>Família</i> e <i>vizinhança</i>	72
2.1.1 <i>Nosso jeito de cuidar</i> : hospitalidade, <i>ajuda</i> e <i>amizade</i>	80
2.2 <i>O povo lá de casa</i> : <i>herança</i> , <i>devoção</i> e <i>raiz</i>	88

CAPÍTULO 03

<i>O congado é uma festa</i> : ancestralidade, <i>festa</i> , <i>raiz</i> e tradição.....	108
3.1 <i>ê congado</i> , <i>ê mundo veio</i> !.....	114
3.2 Nossa Senhora do Rosário e seus movimentos: peregrinação, o <i>manto sagrado</i> e <i>catopé</i>	129
3.2.1 Encontros alegres: <i>Nossa senhora gosta é de alegria</i>	137
3.3 Cemitério dos pretos escravizados.....	143

À GUISA DE CONCLUSÃO

Começo, meio, começo.....	154
---------------------------	-----

REFERÊNCIAS.....	157
------------------	-----

INTRODUÇÃO

Chega em terra alheia pisa no chão devagar

Essa frase, que aqui abre o texto, é a epígrafe da seção de abertura da minha dissertação de mestrado, também desenvolvida junto ao Quilombo de Pinhões (DIAS, 2015). Não é sem propósito que lanço mão dela novamente com intenção de abertura. Insistir no reconhecimento de Pinhões como terra alheia que tem suas *raízes* próprias é uma das ‘teimosias’ que guiam esta tese. ‘Teimosias’ e ‘insistências’, pra “contrariar o colonialismo”, como afirma Nego Bispo¹. Segundo o Houaiss (2004), teimar é “insistir, perseverar em algo, [...] pretender com insistência” (2004, p.2685). Teimar tem um quê de retorno, trazer de volta algo que por alguém poderia ser tomado como ‘resolvido’. É dar às coisas movimento, considerar as curvas ou as várias possibilidades de algo. Insistir.

Na ocasião da pesquisa do mestrado dissertei sobre ‘dinâmicas e experiências’ que configuram Pinhões como uma localidade (Appadurai, 1994) e sua afirmação como Quilombo. Trabalhei principalmente junto às mulheres que fundaram a Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões², hoje também nomeada e juramentada como Associação Quilombola do Quilombo de Pinhões. Foi com elas e partir do que elas me apresentaram que teci relações no Quilombo. Apesar de conhecer pessoas e tatear algo deste lugar bonito e imenso, em tempo e espaço, o Quilombo de Pinhões segue sendo, para mim, terra alheia.

Pisar devagar é fundamento. Ação necessária e permanente, mesmo (e talvez sobretudo) com o passar dos anos. “Devagar também é pressa”. Escutei algumas vezes de mestre Jaime de Mar Grande³, mestre de capuêra angola, guardião de fundamentos

¹ Antônio Bispo dos Santos, em exposição oral no seminário Metafísicas na Rede, do Programa de Pós-Graduação em Metafísica da UnB, em 5 de agosto de 2020, chamada “Cosmopolítica e Cosmofobia”. Na ocasião Nego Bispo estabeleceu diálogo com Márcio Goldman, também convidado para exposição. Disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=IBlhKzHmo&ab_channel=PPG%CE%BCUnB

² A Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões foi registrada em 2009. Indico aqui as redes sociais da Associação: @acmpqPinhões – Instagram.

³ Mestre Jaime de Mar Grande é mestre de capuêra angola na condução da Associação de Capuêra Angola Paraguassu, que tem sua sede principal na Ilha de Itaparica/BA, em Mar Grande, terra/ilha onde o mestre nasceu e se criou na capoeira com ensinamentos do Mestre Paulo dos Anjos e, como ele sempre reconhece, de tantos outros mestre e mestras. Conheci mestre Jaime a partir de minha irmã, Luana Costa

gestados em roda, treino e música. Outra arte da resistência, com suas teimosias e insistências. Em Pinhões a capoeira é *Herança dos quilombos*⁴ fruto do encontro de raízes do Quilombo de Mato Tição e Quilombo de Pinhões. O encontro sustenta a pluralidade da herança, “dos quilombos, [e não do quilombo] porque abrange tanto o Mato Tição quanto essa parte aqui [Quilombo de Pinhões]” como conta Mestre Guará, do grupo *Herança dos quilombos* (ACMQP, 2018, p.89). Há algo de comum garantido pelo quilombo na mesma medida em que há algo de diferente, que possibilita o encontro, a partilha, o plural que sustenta e perpetua a *herança*. O Quilombo de Mato Tição⁵ tem raiz em Pinhões. Segundo Seu Badu, quilombola de Mato Tição, “*você pode até ver como que as guardas [de congado de Mato Tição e catopé de Pinhões] tem parentesco*”. *Herança. Raiz. Parentesco. Tempo*. As origens de Pinhões remetem à construção do Mosteiro de Macaúbas, inaugurado em 1714 como local de “recolhimento de moças, colégio interno e, posteriormente, como mosteiro vinculado à Ordem da Conceição”⁶ (DIAS, 2015).

O tempo. A terra. E a natureza das coisas. No Quilombo de Pinhões tem *tronco velho* que sustenta as *raízes de Pinhões* em outras terras. Tem gente que é *raiz de*

Dias, que ao longo de muitos anos foi aluna e professora no grupo que contava com sede também em Belo Horizonte/MG.

⁴ Em *Itálico* termos e categorias utilizados no Quilombo de Pinhões. Em ‘aspas simples’ destacamos categorias analíticas.

⁵ Fernanda Oliveira (2014), em sua dissertação de mestrado desenvolvida junto ao Quilombo de Mato Tição traça algumas referências à Pinhões nas narrativas de fundação do quilombo. Na dissertação de mestrado (DIAS, 2015) também apontei para relações de parentesco e vínculos de família perpetuados entre os quilombos, ressaltados em convites para participação na Festa de Nossa Senhora do Rosário.

⁶ Fundado por Félix da Costa e seus irmãos Manoel da Costa Soares e Antônio da Costa, que vindos de Penedo (atualmente cidade localizada nas margens do Rio São Francisco, no Estado do Alagoas, próximo à foz do Rio), em comitiva com seus filhos, filhas e munidos de escravos, compraram o terreno de Macaúbas de Antônio da Silva, por 620 oitavas de ouro (BARBOSA, 1971).[...] Ao longo de todo o século XVIII o mosteiro se configurou como casa de Recolhimento de Moças e foi utilizado também como casa de recolhimento de mulheres casadas em contexto de viagem prolongada de seus maridos, em geral mulheres da região onde atualmente estão os municípios de Santa Luzia, Ravena, Caeté e Sabará, todos localizados no setor norte da Região Metropolitana de Belo Horizonte” (DIAS, 2015). Há registros de que as filhas de Chica da Silva estudaram em Macaúbas. O Mosteiro de Macaúbas foi tombado como patrimônio cultural do estado de Minas Gerais, em 1978, pelo Decreto nº 19.347, inscrito nos Livros de Tombo n. II e III, respectivamente de Belas Artes e Tombo Histórico, das Obras de Artes Históricas e dos Documentos Paleográficos ou Bibliográficos. Em 2022, o dossiê de tombamento foi complementado com delimitação de perímetro de entorno da Área Tombada.

Pinhões, filho da terra. Tem gente que é de fora, se achega, arruma moradia, faz vizinhança, participa, ajuda e é ‘quase’ como filho da terra. Tem gente de fora que atrapalha, não tem amor pelo Quilombo, essa terra e sua gente, não entende. Gente que mesmo sendo filho da terra, raiz de Pinhões, faz é atrapalhar o Quilombo, também não entende. E tem gente de fora que se aquilomba nas lutas e ajuda nas festas.

Sou uma pesquisadora *de fora*. Gente que não é nem *raiz* e nem se faz *filho da terra*. Mas *bebi da água de Pinhões*. Fui a Festa do Rosário e comi a *melhor comida de festa* feita pelas *cozinheiras*, mulheres quilombolas. Aconteceu como me avisaram. Nunca mais fiquei sem voltar. Fiz *amizades* e me aliei, de alguns modos, a movimentos (d)e ‘teimosias’.

O ano era 2009. Graduação em ciências sociais. Visitei o Quilombo de Pinhões em companhia da Yara de Cássia Alves⁷ nos anseios de fazeres antropológicos empreendidos na construção de conhecimento e ações em ‘confluência’ (SANTOS, 2015) com as lutas quilombolas. Desenvolvemos trabalhos finais de disciplinas ao longo da graduação junto ao Quilombo em articulação com as ‘demandas’ da Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões, na época recém fundada. Desenvolvi a monografia de conclusão de curso (DIAS, 2012), a dissertação de mestrado (DIAS, 2015), atuei como professora voluntária num cursinho Pré-ENEM da Educafro⁸ e me envolvi na elaboração e execução de projetos culturais junto à Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões/ACMQP⁹.

⁷ Yara de Cássia Alves, é mestre e doutora em Antropologia pela USP, professora adjunta na Universidade do Estado de Minas Gerais-UEMG, Unidade Acadêmica de Passos, quem tive a honra de compor a banca final desta tese. Desenvolve suas pesquisas e atuações nas temáticas: populações e culturas afro-brasileiras, família, deslocamentos, ruralidades, casa. Suas etnografias foram desenvolvidas junto a comunidades quilombolas do Vale do Jequitinhonha-MG. Yara segue sendo grande amiga e companheira nos caminhos antropológicos. Desenvolvemos trabalhos de campo e de disciplinas juntas no Quilombo de Pinhões nos anos de 2009 e 2010. Agradeço a Yara a parceria na chegada a terras quilombolas.

⁸ “A Educafro Minas é uma rede de cursinhos pré-vestibulares comunitária fundada em 2000 [...] [cujo] objetivo principal é inserir e garantir a permanência das populações negras, indígenas, migrantes, LGBTQIA+ e das camadas populares nas universidades.” A rede Educafro se organiza em núcleos e toda atuação é voluntária. No Quilombo de Pinhões funcionou o Núcleo Liberdade nos anos de 2015 e 2016. Informações disponíveis no link: <https://www.educafrominas.org.br/> (acessado maio 2023).

⁹ Em 2017 aprovamos via Lei Estadual de Incentivo a Cultura o projeto “Histórias e Sabedorias do Quilombo”, cujo produto final foi a um Livro – “Pinhões: histórias e sabedorias do quilombo”, de autoria coletiva. O projeto foi desenvolvido ao longo de 2018 com patrocínio da CEMIG – Companhia Elétrica de Minas Gerais. No ano de 2021 desenvolvemos, em uma parceria entre a Associação Cultural das Mulheres

2014. Neste tatear da formação como antropóloga, quando do desenvolvimento da dissertação de mestrado (DIAS, 2015), almejando algum lugar de estabilidade na criação de alguma ‘objetividade’, optei por alugar uma casa no Quilombo para o desenvolvimento do ‘trabalho de campo’. Na época, minha intenção/ilusão era de que com isso não me vincularia diretamente a uma família, podendo alcançar, assim, uma maior amplitude no desenvolvimento da pesquisa. O raciocínio não foi de todo errado. Obviamente consegui uma certa ‘amplitude’ e talvez ‘liberdade’ nos percursos de campo. Porém, não há como não estar vinculado a uma (ou mais de uma) *família*. Em um ‘território de parentesco’ (COMERFORD, 2003), ‘vizinhança’ e parentesco estão correlacionados. Meu local de moradia me vinculou, inevitavelmente a uma *família* (DIAS, 2015; 2018). Fui incluída em circuitos de ‘cuidado’ e redes de ‘reciprocidade’ entre mulheres. Compreendi alguns dos modos acionados na composição e articulação das *famílias* e das ‘configurações de casas’ (MARCELIN, 1996; 1999), que permitiram localizar práticas e ‘processos de familiarização’ (COMERFORD, 2003).

A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões foi abordada como lócus de produção de histórias e memórias apontando para as territorialidades por ela tecidas e sustentadas (DIAS, 2015). Com um vasto calendário de ‘festas’¹⁰, muitas destas envolvidas na produção da Festa do Rosário compondo um ciclo anual de ‘reinado’, apontamos para a compreensão da ‘festa’ como idioma político do Quilombo. Mas nos restaram algumas questões: o que significa assumir as ‘festas’ como idioma político? O que as ‘festas’ fazem? Como famílias e festas se fazem? Ou o que(m) fazem as festas? O que as ‘festas’ têm/mobilizam que são tão importantes para o Quilombo?

Nesta hipótese de uma correlação estreita entre *famílias* e *festas* na ‘composição’ do Quilombo, optamos por ‘assuntar’ com mais esmero a noção de *famílias raízes* evocada em diversas situações pelas(os) quilombolas. Para tanto, além de expandir as

Quilombolas de Pinhões e o coletivo MAGMA – Mulheres da Antropologia Gerando e Movimentando Ações, do qual faço parte, o projeto “Mostra Quilombo Mostra: histórias e sabedorias do quilombo de Pinhões”, aprovado no Fundo Estadual de Cultura do Estado de Minas Gerais em desenvolvimento nos anos de 2022/02 e 2023/01. O produto final é um sítio eletrônico no qual estão expostos no formato de mostra alguns dos produtos realizados ao longo do processo de pesquisa e documentação para produção do livro “Pinhões: histórias e sabedorias do Quilombo”. Adiante, capítulo três desta tese, desenvolveremos mais a fundo sobre estes processos. Disponível no link: <https://mostraquilombopinhoes.com.br/> (acessado agosto 2024).

¹⁰ Utilizamos itálico e aspas simples simultaneamente pela coincidência entre categorias êmicas e analíticas, pontos que serão esmiuçados ao longo dos capítulos.

percepções apontadas pela dissertação em relação a noção de família nos empenhamos em botar atenção nas *raízes*, buscando segui-las, fazer delas companhia, para, de algum modo, compreendê-las.

Março de 2020. ‘Tempo de pandemia’¹¹ do SARS-COV-2, a COVID-19. Aliada às políticas de desmonte das infraestruturas e ações dos sistemas de saúde e educação no país, iniciados com o golpe de 2016 e aprofundados no projeto de governo executado por Jair Bolsonaro (2019 - 2022), a pandemia instaurou condições desafiadoras para o desenvolvimento das pesquisas no âmbito da universidade¹². A trajetória de trabalho e *amizade* que venho tecendo junto ao Quilombo de Pinhões e seus moradores me levaram a optar por manter o projeto de tese apresentado ao PPGAS/UFSC, assumindo os riscos e desafios de traçar caminhos metodológicos para lidar com as condições sanitárias postas e seus atravessamentos. Mantive a intenção de sustentar, no chamado trabalho de campo, um tempo de permanência contínua no Quilombo de Pinhões, quando das condições sanitárias necessárias para tal.

Com o anúncio da pandemia em março de 2020 intensificamos de modo geral nossos contatos pelo aplicativo *Whats App* e pelo telefone. Na minha relação com minhas *amigas* do Quilombo de Pinhões não foi diferente. Ao longo dos anos de 2020 e 2021 nosso contato foi quase estritamente por telefone e *Whats App*. Trocamos notícias, informações, partilhamos angústias, força e oração diante das perdas insistentes de pessoas queridas no Quilombo e na minha família. Foram anos difíceis. E, de algum modo, convivemos com algumas permanências.

Ao longo de 2021 acompanhei junto à Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões/ACMQP algumas das ações do processo de revisão do plano diretor de Santa Luzia – município no qual o Quilombo está localizado. Foram reuniões virtuais de articulação entre movimentos sociais, ligações telefônicas para sanar dúvidas

¹¹ Destacamos em aspas simples na tentativa de articular a noção de tempo trabalhada por Moacir Palmeira (2001), buscando compreender como marcador de momentos nos quais alguns aspectos das relações sociais ficam explícitos. Retomaremos e desenvolveremos esta dimensão na próxima seção: “A insistência da morte”.

¹² Algumas das notícias do final do governo Bolsonaro: <https://adunb.org/conteudo/1520/educacao-e-a-area-mais-atingida-pelos-cortes-de-bolsonaro> (notícia final de 2020 – acessado maio 2023). <https://www.cartacapital.com.br/educacao/governo-bolsonaro-zera-novamente-verbas-de-universidades-e-institutos/>; <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/12/grave-e-insustentavel-grandes-universidades-do-pais-se-pronunciam-sobre-cortes-do-governo-bolsonaro.ghtml>; (notícias final de 2022, acessado em maio 2023).

de processos e dispositivos das políticas em torno da reformulação do Plano Diretor. Juntas estudamos instrumentos e possibilidades de articulação para o reconhecimento do Quilombo no Plano Diretor. As lideranças da ACMQP produziram um documento com as solicitações do Quilombo que foi entregue em reunião ao Núcleo Gestor de Acompanhamento da Revisão e sua Equipe Técnica¹³. O documento foi, também, protocolado junto à Prefeitura de Santa Luzia, ainda no ano de 2021.

Nos encontramos em diversas reuniões virtuais de articulação contra a construção do Rodoanel, um projeto encampado pelo governo do estado de Minas Gerais com recursos do Acordo de Reparação do desastre crime de rompimento da barragem de Córrego do Feijão em Brumadinho, Minas Gerais¹⁴. Doze (12) Quilombos da Região Metropolitana de Belo Horizonte estão localizados no raio de doze (12) quilômetros da servidão de passagem proposta no projeto do Rodoanel, nomeado por movimentos sociais como “rodominério”. O principal núcleo de casas do Quilombo de Pinhões está localizado há apenas dois (2) quilômetros do traçado proposto. Traçado este que incide sobre o Cemitério dos Escravos, ‘território ancestral e de memória’ do Quilombo de Pinhões. Desde 2008 o Cemitério dos Escravos é reconhecido como patrimônio cultural pelo município de Santa Luzia, na seção cemitério e, em 2024, através da Lei nº 24.666, foi

¹³ Informações sobre a formação do Núcleo Gestor de Revisão do Plano Diretor estão disponível no decreto que instituiu o Núcleo: <https://leismunicipais.com.br/a/mg/s/santa-luzia/decreto/2020/359/3590/decreto-n-3590-2020-dispoe-sobre-a-revisao-do-plano-diretor-participativo-nomeia-os-integrantes-do-nucleo-gestor-de-acompanhamento-da-revisao-e-da-sua-equipe-tecnica-e-da-outras-providencias>. (Acessado em maio 2023)

¹⁴ Movimentos sociais denunciam a articulação entre o governo do estado e as mineradoras na proposta de construção do rodoanel, bem como indícios de arbitrariedade na revisão dos planos diretores de diversos municípios da Região Metropolitana de Minas Gerais alvo do projeto do governo. Denúncias e Ações civis públicas também foram apresentadas contra a realização do leilão para realização da obra sem a realização da consulta prévia junto aos Quilombos de Comunidades Tradicionais como prevê a Convenção 169 da OIT. Elencamos aqui algumas reportagens: <https://www.cedefes.org.br/artigo-rodoanel-metropolitano-delirio-megalomaniaco-de-zema-financiado-por-massacre-da-vale/>; <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2023/03/31/apos-criticas-e-impasses-governo-de-minas-gerais-assina-contrato-do-rodoanel-da-regiao-metropolitana-de-belo-horizonte.ghtml>; https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/07/14/interna_politica,1286595/rodoanel-e-r-1-5-bi-para-cidades-almg-aprova-termos-de-acordo-com-a-vale.shtml; <https://www.cedefes.org.br/ministro-silvio-almeida-recebe-pedido-para-suspender-leilao-do-rodoanel-e-contra-resolucao-conjunta-da-sedese-semad-atinge-os-direitos-fundamentais-dos-povos-tradicionais-do-estado-de-minas-gerais/>.

reconhecido como “de relevante interesse cultural do Estado” de Minas Gerais¹⁵. Há registros que apontam para sepultamentos ocorridos no início do século XIX (DUARTE, 2017)¹⁶.

Com a chegada das vacinas e a prioridade na vacinação conquistada pelos quilombolas a partir das lutas políticas da Coordenação Nacional das Articulações das Comunidades Negras Rurais Quilombolas/CONAQ, o Quilombo de Pinhões realizou, em outubro de 2021, a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Com apenas uma dose da vacina, acompanhei as atividades da festa realizadas ao ar livre, fazendo o uso da máscara de proteção PFF2. Ainda em 2021 pude acompanhar também a missa de finados no Cemitério dos Escravos, uma ação encampada pela Pastoral Afro do Bairro Asteca, Santa Luzia, que, a partir de então, passou a contar com a colaboração de diversos movimentos sociais na sua realização, fazendo-se também movimento de luta contra a implantação do projeto do rodoanel/rodominério¹⁷.

Como anunciamos, os objetivos dessa tese são nos aproximar de processos em torno das feitura das *famílias*, das *raízes* e das *festas* em arranjos que nos informam das políticas e poéticas quilombolas. Nos empenhamos, portanto, em promover modos de estar presente mais cotidianamente no Quilombo de Pinhões no período do ano em que há uma maior concentração de *festas*. Seguindo as medidas sanitárias, realizamos uma ‘entrada’ mais intensa em campo no mês de junho de 2022. Do período de junho a novembro de 2022 aluguei uma casa no Quilombo de Pinhões.

Em 2022 ainda convivemos muito intimamente com a presença e circulação do SARS-COV-02 o que seguiu tendo implicações diretas nos modos de realização do trabalho de campo, imprimindo outras temporalidades e condições, que serão aprofundadas na seção seguinte. Os dois primeiros meses de estadia no Quilombo de Pinhões foram dedicados a visitas de tempo longo, evitando ir em mais de duas casas no mesmo dia. Além do uso da máscara na realização das visitas, que aconteceram de

¹⁵ Disponível no link: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/LEI/24666/2024/> (acessado em agosto 2024)

¹⁶ Para mais informações sobre o Cemitério dos Escravos, sua localização e processo de patrimonialização, ver: <https://www.luzias.com.br/how-much-power-do-the-biggest-cities-use/>. (Acessado em maio de 2023).

¹⁷ Para mais informações: <https://www.brasildefatombg.com.br/2021/11/04/missa-afro-no-cemiterio-dos-escravos-denuncia-devastacao-do-rodoanel-em-santa-luzia> (acessado em maio de 2023).

maneira geral no âmbito dos quintais e varandas, cuidamos para não nos colocar na condição de possível vetor de transmissão. Evitei, assim, a circulação entre distintas ‘casas’, *terreiros* e *famílias* num mesmo dia.

Ao longo das conversas telefônicas durante a pandemia da COVID-19, os modos anunciados de conceber os isolamentos possíveis numa dinâmica de vida em intensa relação, como são os Quilombos, também evidenciaram alguns dos contornos das noções de *família* e *casa*. Estas foram uma das raras situações em que pude observar o uso de termos de parentesco que anunciam relações de afinidade. Busquei colocar atenção e seguir, em campo, os contornos postos e anunciados para isolamentos possíveis e desejados, bem como fluxos propícios a contágios e contaminações. Grande parte das visitas se configuraram também, de algum modo, como momentos de matar a saudade, de abraçar – mesmo que por vezes sem efetivar contatos físicos – de conversar sobre os que se foram e sobre os momentos difíceis que seguíamos (e em diversos e distintos aspectos ainda seguimos) vivenciando.

Recordo que, quando cheguei com a minha pequena mudança para montar minha ‘casa’ no Quilombo, logo no dia 01 de junho de 2022, comprei um refrigerante em garrafa retornável na padaria da praça Naná Bahia, localizada na entrada de Pinhões. A casa que aluguei, com a *ajuda* da Dona Aureliana, compondo ‘*vizinhança*’ com a casa de sua irmã e a Igreja Assembleia de Deus, está localizada a aproximadamente 900 metros da Praça Naná Bahia. Foram quatro dias saindo de casa com a garrafa na mochila. Destinada a realizar a entrega do casco, ao longo do percurso era sempre surpreendida por alguém que desde outrora não encontrava. Ao menos não assim, olhos nos olhos, com ‘tempo’ e compartilhando do mesmo ‘espaço’. *Oi e aí, como você tá? Que saudade. Entra pra dentro aqui menina. Adentra casa, adentra quintal.* Conversa. Pelos *quintais* e *terreiros*, matando a saudade. A padaria fecha.

Foram nestas correlações entre ‘tempo’ e ‘espaço’, que de algum modo se alastram, diversificam, se acumulam e se sobrepõem em modos e situações diversas, que se realiza do meu trabalho de campo. Sim, se realiza. Assim mesmo, no ‘tempo presente’, já que a escrita perpassa por outros modos de posicionamentos no ‘campo’. Remete a algumas ausências, talvez, mas segue operando presenças.

Ação prática da produção de conhecimento antropológico. Um campo “se constitui de e se transforma processualmente por forças” (GARRABÉ & ACSELRAD, 2020, p.15). Forças “são naturezas”. Não “detêm uma qualidade é a qualidade em si” (idem, p.18). Forças são moduladas. “[...] um campo não é um território, ou a

territorialização de alguma cultura, é trabalho, é tekhné, está em ação, está agindo, é prático” (Idem, p.18, 19). As técnicas que compõem essa ação “são formas de socialização numa prática dada”, descrever e analisar são os efeitos e as consequências diretas da prática de campo (Idem, p.18, 19).

Atenta. Guiada e atravessada por ‘forças’, ‘insistindo’ e ‘teimando’ almejamos tecer ‘conexões parciais’ (STRATHERN, 2014) entre, como bem colocado por Yara de Cássia Alves (2023), “a experiência vivida em campo e as teorias antropológicas, os conceitos e categorias êmicas e analíticas” (2023, p.23) compondo com as ‘teorias etnográficas’ (GOLDMAN, 2006) tecidas com e por outros quilombos. Esta tese, assim, não pretende de modo algum produzir definições e estabilizações que possam reduzir os sujeitos e suas ações, mas compor com “a complexidade do mundo, a qual nunca será alcançável em sua completude, pois excede qualquer pesquisador” (GARRABÉ & ACSELRAD, 2020, p.37). Firmamos aliança com as experiências compartilhadas em campo, na sua vastidão e cientes das limitações dos processos de descrição e análise que podem gerar desencontros e controvérsias. Seguindo ainda as inspirações propostas por Alves (2023), desenhamos esta tese como “um campo aberto de possibilidades que podem ser repensadas ou revistas a qualquer instante” (ALVES, 2023, p.23), acompanhando, de algum modo os movimentos que minhas *amigas* e interlocutoras quilombolas parecem me apresentar nos seus modos de alimentar *raízes*, compor *famílias* e fazer *festas* num alinhavar do que estamos chamando de poéticas do Quilombo de Pinhões. Abraçando a “humildade que nos faz entender que nos encontramos apenas entre mundos” de modo que, “experienciar já é alterar-se, a experiência é talvez o primeiro portal de nossas possíveis alterações” (GARRABÉ & ACSELRAD, 2020, p.37).

Devagar sigo buscando aproximações com o que as moradoras do Quilombo de Pinhões me permitem acessar. Diante das urgências do mundo, da pressa, e do pisar devagar, pretendemos fazer antropologia. Exercer uma ‘prática de sentido’ que não consiste em explicar nem interpretar (GARRABÉ & ACSELRAD, 2020), mas em compor (MARTINS, 2021) confluências (SANTOS, 2015). Evocando as complexidades das urgências envoltas em movimentos de morte e vida holofotados e intensificados com a pandemia da COVID-19, intenciono compreender algumas das relações entre *família* e *festa* nos arranjos que vão tecendo ‘políticas’ e ‘poéticas’ quilombolas no/do Quilombo de Pinhões. A proposta de antropologia que aqui se pretende desenhar faz-se no entre, em tentativas de aproximações entre saberes e posições (ABU-LUGHOD, 2018) na composição de um conhecimento antropológico que responda, minimamente, às

‘demandas’ criadas nos encontros tecidos no chão do quilombo. É dizer: tomamos a antropologia como conhecimento construído nas e partir das ‘experiências’ que permeiam as alteridades, os encontros e reflexões que desenham as ‘demandas’ e temas norteadores dessa tese. Inspirada na prática espiralar do tempo promovida pelas ‘oralituras’ quilombolas (MARTINS, 2015, 2021) os passos adiante, inevitavelmente, virão acompanhados de ‘curvas’ aos ‘começos’ e ‘meios’ (SANTOS, 2015) que os suscitam.

Dentre as forças que fazem o campo estão as relações estabelecidas e as práticas e sentidos compartilhados que atravessam e possibilitam, elas próprias, as relações. Inspiradas nas propostas de uma ecologia das práticas e da cosmopolítica postas por Isabelle Stengers, nas trilhas das reflexões de Garrabé e Acsalre, entendemos que as “ações do pesquisador” estão, assim, “em constante redefinição pelas ações de outros seres participando da pesquisa” (Idem, p.20). As forças e as ações que elas mobilizam “‘encorporam’ [inbody] a própria ideia de multiplicidade”, “são irreduzíveis umas às outras, são ontologias que, em função dos corpos, da natureza e da historicidade dos seres” assumem movimentos e posições na composição do campo (Idem, p.20). Das forças e suas relações, o tempo é perspicaz. É da natureza do trabalho de campo e da atenção. Convém, retornando àquela tal ‘teimosia’, ressoar com mestre Jaime, e, em terra alheia, pisar devagar. Afinal, “devagar também é pressa”.

A insistência da morte

[...] sob quais questões práticas se exerce o poder de matar, deixar viver ou expor à morte?¹⁸

Março 2020. É anunciada a pandemia do SARS-Cov-2. No Brasil são alarmantes os números de morte e internação. O cenário permanece, mesmo em 2021, quando se inicia, a passos lentos, a vacinação no país.¹⁹ Santa Luzia, município no qual está

¹⁸ MEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. Editora N-1 edições, 8ª Edição, São Paulo, novembro, 2020. p.6.

¹⁹ Com muita luta a CONAQ - Coordenação da Articulação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas; conquistou, junto ao Supremo Tribunal Federal, a direito à vacinação prioritária através da ADPF 742/2020. “Tendo em vista a aproximação da vacinação contra a COVID-19 no país e a contínua falta de apoio às comunidades quilombolas pelo Estado brasileiro, a Conaq aditou os pedidos iniciais, solicitando a inclusão dos quilombolas, com prioridade, em uma futura vacinação no país. O pedido se

localizado o Quilombo de Pinhões, tem cinco leitos de CTI. O Hospital do Barreiro, em Belo Horizonte, foi a principal referência na acolhida dos quilombolas hospitalizados. Os 35 km de distância do Quilombo de Pinhões até o centro da capital do estado de Minas Gerais permanecem em relação a região do Barreiro, se o percurso for feito de carro. Para transporte público, as distâncias - em tempo e espaço/deslocamento são outras. Tão perto e tão longe. *Não pode ter acompanhante*. Nas narrativas construídas pelos quilombolas de Pinhões nas conversas que tivemos por ligações telefônicas ao longo de 2020 e 2021, e nas conversas ao longo do trabalho de campo em 2022, a inviabilidade da presença e do *acompanhamento de perto da família* foram motivo de preocupação e, em muitos casos, entendido como fato decisivo para o desfecho de falecimento. *É difícil, porque a gente sabe que quem cuida é a família*. A morte atravessa o quilombo. Me atravessa. *Foram muitas perdas*.

Choro quase todos os dias. Choro enquanto escrevo este texto. Assim também foi com outros textos ao longo deste doutorado. Trabalhos finais. Artigos e resumos para congressos. O luto foi uma constante. Diferente em formato, tempo, modo. Impedido. Se apresentando cada vez em um detalhe nesse alinhavo entre dor e força. Os lutos são vivências da morte. Carregam algo de coletivo²⁰. Das tais *perdas* que, como me disse Ruteneia, amiga quilombola de Pinhões, em ligação telefônica em 2020 quando do falecimento de seu pai, Seu Onofre Teles, promovem alguma mudança que faz com que *as famílias nunca mais (serão) [sejam] as mesmas*. Não sou a mesma. Fato. As perdas se seguiram, adentraram o ano de 2022 e tomaram outros contornos violentos. A face das práticas fascistas de extermínio e medo atravessaram o exercício da profissão. Fizeram entender, na pele, o arranjo entre dor e força que faz de nossos

justifica em razão da maior vulnerabilidade da população quilombola aos efeitos da Covid-19, quando comparadas ao restante da população. ADPFs são ações direcionadas ao STF que buscam evitar ou reparar dano a algum princípio básico da Constituição resultante de ato ou omissão do Poder Público” (<http://conaq.org.br/noticias/adpf-quilombola-2/> - acessado em março de 2023). Texto do aditamento na íntegra: <http://conaq.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Aditamento-a-Inicial-.pdf> . Para outros dados e informações acesse o Observatório da COVID-19 nos Quilombos: <https://quilombosemcovid19.org/>.

²⁰ Vamos ampliar um pouco mais esse debate – articulando com a noção também de vida precária da Judith Butler. Vamos retomar a morte ao longo da tese em distintos momentos. Dialogaremos também com noções do afropessimismo – Osmundo Pinho, Sexton (2011).

companheiros(as) de profissão, vida e luta, semente. Dom e Bruno, Presente²¹. Flávia Amboss, semente²².

05 de junho de 2022. Bruno Pereira e Dom Philipps são brutalmente assassinados no Vale do Javari. Fazia quatro dias que eu estava no Quilombo de Pinhões. Seus corpos só foram encontrados em 16 de junho de 2022. A agonia do desaparecimento. O choro e vela pra Santo Antônio. O atravessamento no corpo do medo e da perversidade das narrativas enunciadas pelo então presidente da república Jair Bolsonaro deixaram meu estômago revirado. Não fora a benção de Seu Mauro, morador do Fechos, comunidade vizinha ao Quilombo de Pinhões, alinhando meu corpo e assossegando meu coração, revelando aos meus olhos a profundidade da vida em encantamento, talvez seguisse tomada pelo medo em composição com a dor. A destreza da floresta é transformação. *Dói minha filha. Mas a verdade vai aparecer e isso é importante pra aliviar a dor.* Agradeço as minhas amigas do Quilombo de Pinhões por me conduzirem ao Seu Mauro. Bruno é pai dos meus sobrinhos. Filhos fruto de seu casamento com a antropóloga Beatriz de Almeida Mattos, irmã do meu companheiro de vida. Família. Amizade. Profissão.

25 de novembro de 2022. Fazia pouco mais de uma semana que eu tinha desmontado a casa em Pinhões. Algo em mim ansiava por uma calmaria, outros percursos, outros arranjos. Algum recolhimento para tecer a escrita do texto da qualificação. Íamos tomar uma cerveja a noite, via vídeo chamada para trabalhar ações e atividades do projeto de desenvolvimento de um site junto com o Quilombo de Pinhões. O plano era que ela viria em dezembro para visitar o Quilombo e nossas parceiras de trabalho da Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões. Não aconteceu. Meia hora antes de nossa reunião, no dia 25 de novembro de 2022, recebi uma chamada telefônica da professora Ana Flávia Santos (professora da UFMG, pesquisadora do GESTA). É incontornável, me disse. A Flávia estava como professora na escola que foi alvo de ataques em Aracruz – ES. Flávia foi alvejada. Foram 24 horas de vigília, oração. Alimentamos sua presença entre nós. Choramos. Flávia se foi. A dor é enorme. A dor de transformar presenças de quem faz(ia) parte do meu cotidiano.

²¹ <https://www.band.uol.com.br/noticias/do-encontro-a-morte-de-dom-philips-e-Helton-pereira-veja-a-cronologia-do-crime-16517989>. (Acessado maio 2023)

²² <https://www.estadao.com.br/brasil/ataques-escolas-aracruz-vitimas-atirador-nprm/> (Acessado em maio de 2023).

Fizemos casa juntas em Belo Horizonte nos dois anos em que ela fez disciplinas no doutorado em Antropologia na UFMG. Juntas fundamos a MAGMA – Mulheres da Antropologia Gerando e Movimentando Ações, um coletivo de mulheres antropólogas que se reuniam para desenvolver trabalhos de pesquisa, documentação e ação junto a outros coletivos de mulheres, como vínhamos fazendo com a Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões. Cotidianamente transformo dor em luz e força. Do jeitinho que ela fazia. Seguir é o modo de honrar a vida, luta e os trabalhos dessa antropóloga dedicada a produção de conhecimento junto as pescadoras e pescadores da foz do Rio Doce²³. Flávia segue presente. Flávia, semente.

A morte foi uma constante. Meu percurso de pesquisa (2019 - 2022) coincide com a crise política sanitária no país provocada pela pandemia da SARS-COV-2 aliada ao governo Bolsonaro. Como incansavelmente apontou a pesquisadora de regimes nazistas Adriana Dias (2022), as práticas exercidas na gestão do Bolsonaro como presidente da república em relação à pandemia têm contornos eugênicos. Escancara movimentos da necropolítica que sustentam arranjos de poder do mundo contemporâneo (MBEMBE, 2020) e fazem da presença do vírus, em circulação, a arma perfeita para a tão engenhosa prática da morte por sufocamento, característica dos sistemas nazistas de operação do poder²⁴.

A pandemia alargou vertiginosamente as desigualdades. Me recordo da conversa que tive com Domingas, amiga, quilombola, moradora do Quilombo de Vila Juazeiro (BA), ainda em maio de 2020. Ela apresentava a urgente e necessária ação de *orar* para que o vírus *passasse logo. Tem que acabar. Não vamos conseguir acabar com as desigualdades mais rápido do que o vírus* [circula]. Conduzida por Domingas, *oramos* pelo *Whats App*, na intenção de dissipar o vírus e acolher as vidas, proteger aquelas que, por motivos diversos (perversos e estruturais), são vulnerabilizadas.

²³ A tese de doutorado produzida por Flávia Amboss Merçon Leonardo junto aos pescadores e pescadoras da comunidade de Regência/ES diante as atrocidades do desastre crime promovido pela Vale e BHP Biliton, está disponível no link: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/60221> (Acessado agosto 2024)

²⁴ DIAS, Adriana. “O que é o nazismo/fascismo e como ele se consolida nas sociedades?” In: Aulas públicas sobre Bolsonarismo e Nazismo. Canal do YouTube JORNALISTAS LIVRES. Outubro 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jWSHFkba0qE&ab_channel=JornalistasLivres. Dialogando com a produção de Enzo Traverso (2002), Mbembe, aponta que “as câmaras de gás e os fornos foram o ponto culminante de um longo processo de desumanização e de industrialização da morte, sendo uma de suas características originais a de articular a racionalidade instrumental e a racionalidade produtiva e administrativa do mundo ocidental moderno (a fábrica, a burocracia, a prisão, o exército).” (MBEMBE, 2020, p.21).

Segundo o relatório, “A questão racial e o novo corona vírus”²⁵, de autoria da professora Nilma Lino Gomes, a taxa de letalidade do vírus tem maior incidência dentre a população negra (pretos e pardos) e, esta, “não é uma simples coincidência”. “É fruto de uma perversidade histórica ativamente produzida” nos arranjos do neoliberalismo sobre as bases racistas que sustentam o capitalismo e sua aliança com o Estado e, conseqüentemente, com as políticas públicas. “O congelamento dos gastos públicos em saúde, educação e assistência contidos na Emenda Constitucional 95/16 é um exemplo de como essa perversidade faz parte da atual política de Estado e se realiza por meio da necropolítica” (GOMES, 2020, p. 2 e 3). Ainda segundo o relatório, é importante ressaltar que:

[...] as doenças não são entidades democráticas [MARTINS, 2020]. Diante da pandemia provocada pelo novo coronavírus (SARS2 – CoV2), a população negra, em sua diversidade, também é considerada como grupo de risco obviamente com gradações internas, variando tanto por comorbidades que atingem negras e negros em maior número, caso da hipertensão e do diabetes e, principalmente, da anemia falciforme, ou mesmo pela letalidade social, motivada por questões históricas, políticas e sociais estruturantes de nossa sociedade. (GOMES, 2020, p. 4)

Tomamos como ‘insistências’, aqui, processos diametralmente opostos/antagônicos àqueles que assumimos como postura e caminho de costura e composição desta tese, nomeados como ‘teimosia’²⁶. Como aponta Nego Bispo, só estamos devolvendo a vasilha que vocês emprestaram. Nas sábias escrevivências de Conceição Evaristo “eles combinaram de nos matar e nos combinemos de não morrer”. A ‘insistência’ é aliada da necropolítica, melhor dizendo, é parte, componente. É

²⁵ Disponível em: <https://brasil.fes.de/detalhe/a-questao-racial-e-o-novo-coronavirus-no-brasil>. (Acessado em fevereiro de 2021).

²⁶ Para situar esse antagonismo trazemos para o diálogo a noção de desobediência no modo como Marisol De La Cadena trabalha o antrope-cego: “De um modo complexo, o antrope-cego inclui tanto o antropos ‘que anda ereto’, incorporando a vontade auto concebida de transformar o mundo naquilo que ele ou ela conhecem, e o *antropos* desobediente, aquele que inerentemente compõe com os outros e é, portanto, *não apenas humano*. Ambos habitam a dimensão do ‘cego’, mas eles o fazem em uma relação de antagonismo: no caso do antropos de andar ereto, o ‘cego’ (como tal) é a sua vontade constitutiva de destruição que, por sua vez anula a possibilidade de desobediência por parte dos seres e, portanto, torna a sua condição ‘cega’. Como um processo organizado de destruição – às vezes por meio de uma assimilação oferecida benevolente –, o antrope-cego inclui e continua a incluir uma guerra silenciosa travada contra entidades e práticas mundiais que ignoram a separação de entidades em natureza e cultura.” (DE LA CADENA, 2018, p, 101)

mecanismo de perpetuação da negação da vida como valor na ‘construção de sujeitos matáveis’ (MBEMBE, 2020). Como expôs Nilma Lino Gomes (2020) no relatório citado acima, a construção de sujeitos matáveis compõe os arranjos racistas que sustentam o capitalismo em sua associação com as formações e operações do Estado, sobretudo quando este é ocupado por projetos políticos de perpetuação dessa aliança/imbricação racista.

A necropolítica explicita a relação entre capitalismo e biopolítica ao acionar dispositivos racistas de exercício do poder de decisão de quem pode morrer. Raça e política de morte. Imposição que articula corpos e territórios, revelando a condição permanente de ‘estado de sítio’²⁷ que sujeita corpos humanos racializados à condição de máquina de guerra. Produz e promove vulnerabilidade. Imobiliza e segrega. Arranjos de guerra que tomam o extermínio como solução para o conflito. Insiste no apagamento simbólico e material (CARNEIRO, 2005), destruindo qualquer evidência da existência (d)aquele corpo/sujeito (MBEMBE, 2020).

Com efeito, em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, ‘este velho direito soberano de matar’ [FOUCAULT, 1976, p.214]²⁸. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição da morte e tornar possíveis as funções assassinas do Estado. (MBEMBE, 2020,18)

04 de fevereiro de 2021. Recém completados 2 anos do desastre crime da mineradora Vale em Brumadinho²⁹. 270 pessoas perderam suas vidas soterradas na lama tóxica da mineração. Os prejuízos às vidas (pessoas, comunidades, rios, fauna, flora...) são imensuráveis. Em meio às lutas por reparação e a produção de diagnósticos pelas assessorias técnicas independentes, o Governo do Estado de Minas Gerais assina acordo bilionário com a mineradora Vale que prevê, dentre outras ações, a construção do Rodoanel na Região Metropolitana de Belo Horizonte. A obra atravessa a Região

²⁷ “Em tais instâncias, o poder (e não necessariamente o poder estatal) continuamente se refere e apela à exceção, à emergência e a uma noção ficcional do inimigo.” (MBEMBE, 2020, p.17).

²⁸ M. Foucault, *Il Fault Défendre la Société*, 1976.

²⁹ <https://guaicuy.org.br/vale-re-homicidio-crimes-ambientais/>. (Acessado em maio de 2023). Brumadinho é um município localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG ao sul da capital. O Quilombo de Pinhões está localizado na porção norte da região. Adiante apresentamos algumas imagens.

Metropolitana projetando um traçado no qual foram contabilizadas, pela Federação Quilombola de Minas Gerais - N'Golo, e movimentos sociais parceiros, 12 Comunidades Quilombolas (num raio de 12km da faixa de servidão de passagem projetada). Até o momento nenhuma destas comunidades foi submetida a qualquer tipo de consulta prévia³⁰. Estudos desenvolvidos por movimentos sociais estimam que o traçado proposto acarretará a supressão de nascentes causando insegurança hídrica e alimentar a toda região metropolitana da capital, cortando o cinturão da agricultura familiar, áreas de caverna e territórios quilombolas e de povos e comunidades tradicionais de religiões de matriz africana³².

As áreas nas quais estão concentradas as moradias do Quilombo de Pinhões estão a aproximadamente 2km em raio do traçado proposto. Até então, é o Quilombo mais próximo da faixa de servidão de passagem proposta no projeto. O Cemitério dos Escravos, já mencionado na seção anterior, está localizado “a apenas 200 metros” do traçado, como anuncia o Governo do Estado de Minas Gerais. Patrimônio municipal, protegido por lei estadual, território ancestral, simbólico e de memória do Quilombo de Pinhões e da negritude luziense, o Cemitério dos Escravos é lugar sagrado para povos e comunidades tradicionais de matriz africana que diuturnamente frequentam e praticam

³⁰ A Consulta Prévia Livre e Informada é direito dos povos e comunidades tradicionais garantido pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho-OIT, da qual o Brasil é signatário. Convenção 169 disponível em: <https://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/ccr6/documentos-e-publicacoes/legislacao/legislacao-docs/convencoes-internacionais/convecacao169.pdf/view>. (Acessado em maio de 2023).

³¹ Trechos deste parágrafo compõem o resumo publicado nos anais da VII Reunião Equatorial de Antropologia/REA “Migrações, deslocamentos e diásporas: violações de direitos” na qual apresentei comunicação Oral Intitulada “A morte não importa: o rodoanel/rodominério, o cemitério dos escravos e o Quilombo de Pinhões” no GT 4 – Quilombos, pandemia, conflitos e produção antropológica em face aos retrocessos de direitos territoriais. Disponível no link: www.even3.com.br/Anais/7rea/480035-GT-4---A-MORTE-NAO-IMPORTA--O-RODOANELRODOMINERIO-O-CEMITERIO-DE-ESCRAVOS-E-O-QUILOMBO-DE-PINHOES. (Acessado em maio de 2023).

³² O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva/CEDEFES, mantém um acervo de publicações escritas e em vídeo de pesquisadores e movimentos sociais sobre os impactos da construção do Rodoanel/Rodominério. Disponíveis no link: <https://www.cedefes.org.br/alenice-baeta-do-cedefes-rodoanel-em-nenhum-lugar-da-rmbh-pois-trara-brutal-devastacao-no-oeste-da-serra-do-rola-moca-nos-mananciais-e-acabara-com-a-agricultura-familiar-fora-rodomineri/> (Acessado em maio de 2023).

seus ‘sacro ofícios’³³. O Cemitério dos Escravos está em vias de ser soterrado, apagado nestes arranjos de insistência da morte. Na necropolítica operada em projetos de ‘desenvolvimento’ certos corpos não importam em vida, quicá em morte. Como aponta Jade Lobo (SANTOS, et al, 2022, p.10) “Não há luto possível para aqueles traficados e sua prole que experienciam a ‘morte em vida’ [SEXTON, 2011].”



Imagem 01: Traçado diretriz do Rodoanel. O município de Santa Luzia, onde estão localizados o Quilombo de Pinhões e o Cemitério dos Escravos estão sob o traçado da Alça Norte do projeto proposto. Fonte: Apresentação do Movimento somos Todos Contra o Rodoanel apud Jornal Hoje em Dia.

³³ A noção de ‘sacro ofício’ para designar os arranjos de sacralidade que compõem o Cemitério dos Escravos para os povos e comunidades tradicionais das religiões de matriz africana foi utilizada pela Makota Cássia Kindoiale, filha de Mãe Efigênia Maria da Conceição (Mametu Muiandê) fundadora do Quilombo Manzo Ngunzo Kaiango, Kilomblé localizado no bairro Santa Efigênia em Belo Horizonte e no bairro Baronesa em Santa Luzia. Mais adiante nesta tese, no capítulo 03, seção 3.2, pretendemos retomar e dialogar com Makota Cássia Kindoiale.

FORA RODOANEL!



Imagem 02: Circulado em vermelho estão a concentração de moradias do Quilombo de Pinhões e o Cemitério dos Escravos em relação ao traçado proposto do Rodoanel/Rodominério.

Fonte: Movimento Salve Santa Luzia. Material produzido pelo movimento para circulação de informações. Dezembro de 2021. Principal plataforma de registro e divulgação do movimento social, além do Whatsapp é o instagram: @salvesantaluzia.

Tratado como se não existisse, exceto como mera ferramenta e instrumento de produção, o escravo, apesar disso, é capaz extrair de quase qualquer objeto, instrumento, linguagem ou gesto uma representação, e estilizá-la. Rompendo com sua condição de expatriado e com o puro mundo das coisas, do qual ele ou ela nada mais é do que um fragmento, o escravo é capaz de demonstrar as capacidades polimorfãs das relações humanas por meio da música e do próprio corpo, que supostamente pertencia a um outro. (MBEMBE, 2020, p.30)³⁴

Para Mbembe (2020) a plantation, enquanto sistema, coloca em operação e embaralha relações entre morte e vida, “política de crueldade e símbolos do abuso”, forjando nas colônias “uma forma peculiar de terror”.

³⁴ Não vamos trazer nessa seção as mortes que atravessaram o quilombo. Foi compondo em alegria, saudando a vida que as mortes foram acolhidas e anunciadas, evidenciando as habilidades das poéticas quilombolas e sua ‘teimosia’ e ‘desobediência’ que: “rompendo [...] com o puro mundo das coisas, do qual ele ou ela nada mais é do que um fragmento, o escravo é capaz de demonstrar as capacidades polimorfãs das relações humanas por meio da música e do próprio corpo, que supostamente pertencia a um outro” (MBEMBE, 2020, p.30). Pretendemos assim, em honra a esta habilidade e ruptura, compor com as mortes seguindo os modos quilombolas, em ações cotidianas de ‘cuidado’ e em *festa*, nos capítulos dois e três desta tese.

A característica mais original dessa formação de terror é a concatenação entre o biopoder, o estado de exceção e o estado de sítio. A raça é, mais uma vez, crucial para esse encadeamento. [...] a esterilização forçada e até mesmo o extermínio dos povos vencidos foram testados pela primeira vez **no mundo colonial. Aqui vemos a primeira síntese entre massacre e burocracia, essa encarnação da racionalidade ocidental. [...] A política colonial revelou um potencial de violência até então desconhecido.** O que se testemunha na Segunda Guerra Mundial é a extensão dos métodos anteriormente reservados aos ‘selvagens’ aos povos ‘civilizados’ da Europa. (MBEMBE, 2020, p.31,32 – grifos nossos).

A insistência dessas ‘linhas de força’ que fazem do corpo ‘máquina de guerra’³⁵ promovendo a morte se arrastam pelo tempo, ou, melhor dizendo, operam como se não houvera o tempo (SILVA, 2016). Sustentam as ‘políticas de *donos*’³⁶. Almejam *tomar conta de tudo*. Tamanha audácia tenta engolir o tempo. Há aqueles que insistem no afã de passar adiante. Outros que temiam para serem considerados. Para ser. Viver. Em composição com quem reverencia a vida honrando a morte, saudando nossa senhora do Rosário e em reverência a *kalunga* ao toque do tambor, gungas e patangomes³⁷: *Que Nossa Senhora do Rosário cubra com seu manto sagrado os corpos teimosos em suas lutas frente a insistência da morte. Alimentando tempos sagrados, ‘espirais’, que dançam, movem, circulam em ‘cuidado’, ‘festa’, ‘família’ e raiz, tecendo vida diante das insistências da morte.*

Guia de bordo

Almejamos, na escrita desta tese, compor com as poéticas quilombolas na tecitura das palavras e do texto. Transitamos entre tempos. Como o ir e vir dos movimentos que

³⁵ Em referência a conceituação de ‘máquinas de guerra’ de Deleuze e Guattari (1980, *Capitalismo e Esquizofrenia*) Mbembe (2020) assume: “Essas máquinas são constituídas por segmentos de homens armados que se dividem ou se mesclam, dependendo da tarefa e das circunstâncias. Organizações difusas e polimorfos, as máquinas de guerra caracterizam por sua capacidade de metamorfose. Sua relação com o espaço é móvel. Algumas vezes, desfrutam de relações complexas com formas estatais (da autonomia à incorporação). O Estado pode, por si mesmo, se transformar em uma máquina de guerra. Pode, ainda, se apropriar de uma máquina de guerra ou ajudar a criar uma.” (MBEMBE, 2020, p. 54, 55)

³⁶ No capítulo 03 desenvolveremos essa noção com maior atenção.

³⁷ Instrumentos utilizados pelas guardas de congo e Moçambique.

costuram as *extremas* sem sobrepor-las. Lançamos mão, assim, do uso do *itálico* para marcar palavras, termos e expressões utilizadas pelos quilombolas em conversas, entrevistas e citações. Dado o acúmulo no tempo das relações tecidas no quilombo ao longo destes quinze anos de trabalho conjunto ao Quilombo de Pinhões, fazemos marcações cronológica de fatos, situações e eventos que vão sendo costurados no ir e vir das narrativas quilombolas, conjugando minhas posições de vivência e análise em composição com o que estamos chamando de poéticas quilombolas. Ao longo desse acúmulo no tempo das relações, muitos quilombolas se foram. A pandemia da covid-19, como já expressei em outras seções desta introdução, aumentou o volume de óbitos. Com objetivo de marcar estas ausências e compor com as presenças sustentadas e alimentadas pelos parentes quilombolas anunciamos em nota de rodapé o ano do falecimento e indicamos, ao menos na primeira aparição do nome o indicativo *In memoriam*, ressaltando o próprio ato de evocar esta presença como homenagem e participação.

Inspiradas nos trabalhos desenvolvidos por Sônia Lourenço (2016a; 2016b; 2022) em torno das cosmopolíticas quilombolas anunciamos as poéticas quilombolas como modulações que articulam dimensões de uma ‘ecologia das práticas’, materialidades cotidianas, memórias, narrativas e oralidades (MARTINS, 2021a) evocativas da noção de *raiz*. Foco investigativo desta tese.

Organizamos o texto em três capítulos. Como já mencionamos em outras seções desta introdução pretendemos seguir as *raízes* compondo, junto com as poéticas quilombolas, compreensões em torno das *raízes* e suas alianças anunciadas pelas(os) quilombolas interlocutores da pesquisa. Lançamos mão da vastidão das relações tecidas no quilombo ao longo destes quinze anos de trabalho conjunto ao Quilombo de Pinhões. O livro, Histórias e Sabedorias do Quilombo de Pinhões, lançado em 2018, produzido por projeto desenvolvido pela Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões ao longo de 2018, do qual compus a equipe de escrita, concepção e execução, é referência bibliográfica central.

No capítulo 01, intitulado ‘Quilombo nas *extremas*: linhas, fugas, *raízes* e costuras’, refletimos sobre os processos de fundação do Quilombo de Pinhões e a concepção de uma existência nas *extremas*. Fazemos um percurso que encontra com elementos e discussões historiográficas em torno da escravidão em Santa Luzia, situamos geograficamente o Quilombo de Pinhões e vamos tecendo junto aos quilombolas, compreensões sobre o Quilombo. Alinhavar assume estatuto poético da feitura do

Quilombo nas *extremas* de duas sesmarias. As *raízes* são apresentadas como aquelas que viabilizam a instauração do quilombo, compondo *famílias*, viabilizando a vida nas *extremas*. Tecem ‘territórios existenciais’. Dialogamos com a noção de ‘linhas de fuga’ (DELEUZE & GUATARRI, 2008) na compreensão do alinhar tecido pelas *raízes* nas *extremas*.

No capítulo 02, intitulado ‘*Raízes: fazer casa, família e quilombo*’ adentramos as *casas* e *terreiros* Tateando a aliança entre as *famílias* e as *raízes*, anunciada na expressão *famílias raízes* elaborada pelas(os) quilombolas nas narrativas de fundação e formação do Quilombo ou quando instados a indicar os contornos deste. Ao adentrar as *casas* buscamos compreender noçãoêmica de *povo de casa*, noções de *vizinhança*, *família* e *cuidado* na elaboração do *povo hospitaleiro*. As *raízes* evocam ‘relacionalidades’ promotoras de parentesco alinhavando tempos, memória e território. Compõem alianças e devoção com Santo Antônio e São João, anunciando capacidades de promover e sustentar relacionalidades que atravessam gerações e alinhavam e perpetuam sacralidades.

No capítulo 03, intitulado ‘Tempo espiralar: ancestralidade, *festa*, *raiz* e tradição’, seguimos as *raízes* em *festa*. A partir da afirmativa de que as *raízes do quilombo estão no congado*, proferida por liderança tradicional e política do Quilombo de Pinhões, adentramos a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões e a Guarda de Catopé que compõe a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões. A partir das colocações propostas por Leda Maria Martins (2021a e 2021b) assumimos o ‘congado’ como episteme que articula concepções filosóficas sobre tempo e memória promotoras de uma oralitura afrografada no movimento. A *raízes* em *festa* nos apontam para a noção de ancestralidade e nos levam ao Cemitério dos Escravos, local apresentado no capítulo 01. Resignificam o cemitério como cemitério dos pretos escravizados e novamente evocam as *extremas* a partir da noção de ‘dono’. Articulam outros atores em luta, anunciando o quilombo em seu modo de vida insurgente. No movimento ‘espiralar’ (MARTINS, 2021b) as *raízes* alinhavam e sustentam a existência do Quilombo anunciando modos de vida contracoloniais (SANTOS, 2015; 2023).

CAPÍTULO 01

Quilombo nas *extremas*: Linhas, Fugas, *Raízes* e Costuras

*Vamos começar pelo começo
Contar a história desde o berço
O chicote do senhor
Estralava na perna e causava dor
Cadê o pé de Pinhão?
Será que jogaram todos no chão?
Qual será a razão?
Porque não existe mais aqui não*³⁸

01 de junho de 2022. É o segundo dia na casa que aluguei³⁹ no Quilombo de Pinhões. Quarta-feira. Em frente da casa tem um ponto de ônibus. Com um balanço de cabeça a pessoa que espera o ônibus me cumprimenta na varanda. Escuto barulhos de capim arrastando pelo asfalto. É de manhã cedo, próximo das seis e meia da manhã. O trotar suave do cavalo evidencia que o capim está sendo levado de carroça. O barulho de arrasto me remete ao ano de 2014, quando realizei o campo para produção da dissertação de mestrado, há quase dez anos. Naquela época, habitava a região do *Ambrósio*. *Mais sossegada*, diziam minhas amigas quilombolas. Apesar de agora habitar na mesma rua, a rua principal do Quilombo, estou em outra região, tida como central. O condutor da carroça cumprimenta alguém. *Diiia. Dia*. Risos. As risadas são uma constante. Todo cumprimento vem seguido de uma *brincadeira* e uma boa gargalhada. Logo passa outra carroça. Agora com galões de leite. Do arrasto dos capins no asfalto o tilintar dos galões. Um jovem adolescente vem a cavalo. *Marchador*. Exibindo o animal, faz rodopios e performances. Mais risadas, *bora pra lida*. Comenta com as senhoras que, na porta das casas, com vassoura na mão, sorriem, em uma mescla de admiração e receio das manobras, fazendo uma pausa no arrasto das vassouras sobre as folhas secas no asfalto. As crianças passam indo para a escola, logo ali, no próximo quarteirão. A pé. Em grupos. Várias risadas. O escolar também passa. E, assim como os

³⁸ Trecho do RAP do Quilombo. Música produzida por jovens do Quilombo de Pinhões em 2018 e 2022 (produção musical com gravação em estúdio) no âmbito do Projeto Histórias e Sabedorias do Quilombo (Lei Estadual de Incentivo à Cultura/LEIC-MG, LEIC 2017 CA 1625/001/2017) e Mostra Quilombo Mostra: histórias e sabedorias do Quilombo de Pinhões (Fundo Estadual de Incentivo à Cultura/FEC-MG, FEC 02/2021, protocolo 2021.2102.0097). Disponível na íntegra em: https://www.youtube.com/watch?v=5MMhv4aj7B8&ab_channel=ACMQPPINH%C3%95ES

³⁹ Parte dos custos para desenvolvimento da pesquisa de campo realizada no Quilombo de Pinhões no ano de 2022 foi possibilitada pela aquisição de bolsa de estudos pela CAPES (mar/2019-maio/2023), bem como de auxílio solicitado junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS-UFSC via edital público de auxílio para trabalho de campo (jul/2022).

ônibus de linha, vez ou outra, fazem barulhos de cidade. Os motoristas também se cumprimentam. Buzinam. Dão risadas. Brincando com o motorista, quem esperava o ônibus adentra e se despede das senhoras. Mais risadas. Ninguém parece deixar o barulho de cidade reinar, nem por um instante, absoluto. Aqui é bom porque é tranquilo, né? Você vai gostar. Eu não troco esse sossego por nada. Escuto de uma vizinha que me vê contemplando movimentos de uma manhã no Quilombo.⁴⁰

O Quilombo de Pinhões está localizado na Região Metropolitana de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, mais especificamente no que hoje é o município de Santa Luzia. De acordo com o Censo Quilombola 2022, até o referido ano de elaboração do censo, “existiam 8.441 localidades quilombolas no território brasileiro, associadas a 7.666 comunidades quilombolas declaradas”⁴¹. Em Minas Gerais, foram identificadas, a partir do censo, 979 localidades quilombolas. Tal contingente coloca o estado no terceiro lugar em relação à quantidade de localidades quilombolas no país, ficando atrás apenas do Maranhão, com 2.025 e da Bahia com 1.814. Destas 979 localidades, foram apontadas 855 comunidades quilombolas no estado. Em Santa Luzia foram identificadas 3 localidades articuladas a 3 comunidades (IBGE, 2022). Além do Quilombo de Pinhões, a comunidade de Fechos e Angu Duro também foram contabilizadas.

Segundo a historiografia sobre Minas Gerais, o censo nacional de 1872 indicou que a província das Minas Gerais contabilizava em 381.893 a população escravizada, quase um quarto em relação ao total nacional (MARTINS, 1982 apud CORRÊA, 2005). Debates acalorados alimentaram a produção historiográfica nos anos 1980 sobre a compreensão dos arranjos da escravidão nas Minas Gerais. O aumento vertiginoso da

⁴⁰ Trecho de diário de campo. Junho 2022.

⁴¹ Para produção do chamado Censo Quilombola de 2022, divulgado no material “Censo Demográfico 2022: Localidades Quilombolas”, foi estabelecida uma diferenciação entre localidades e comunidades quilombolas, numa compreensão da diversidade de modos de ocupação e dispersão territorial da população quilombola, compreendendo a possibilidade da existência de localidades quilombolas formadas fora dos territórios da comunidade. “As localidades quilombolas são definidas por lugares do território nacional onde existe um aglomerado permanente de habitantes quilombolas. Para serem consideradas localidades, esses lugares precisam estar relacionados a uma comunidade quilombola e contarem com, no mínimo, 15 pessoas declaradas quilombolas, cujos domicílios estão a, no máximo, 200 metros de distância uns dos outros” (IBGE, 2022 – Localidades Quilombolas). Para acesso ao material na íntegra: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102101.pdf>.

população escravizada ao longo dos séculos XVIII e XIX parecia ir na contramão da correlação direta entre arranjos econômicos voltados para exportação e aumento da população escravizada, em se considerando “o esgotamento das reservas auríferas de aluvião” na segunda metade do século XVIII (CORRÊA, 2005). As disputas entre historiadores nos acessos, análises e interpretações das documentações em relação ao período constroem controvérsias entre posições que vão defender a perpetuação de processos de importação de pessoas advindas de África, mesmo diante da proibição expressa em corpo de lei de realização do tráfico, em 1850; e aqueles que apontam para a importância de mecanismos e ‘viabilidades’ de ‘reprodução natural’ no contingente da população escravizada. Para a posição que atribui grande peso relativo à perpetuação da importação há “artimanhas” que burlam a documentação, impedindo a identificação de pessoas recém-chegadas de África ao longo do século XIX (FRAGOSO; FLORENTINO, 2001 apud CORRÊA, 2005). Na outra mão, há estudos que concebem as ‘viabilidades’ de, incluso, possíveis ‘incentivos’ a ‘reprodução natural’ a partir da composição de ‘famílias escravas’, ou ‘famílias cativas’, apontando para a diversidade de formatos das relações escravistas na composição do Brasil colonial e imperial (LIBBY; GRIMALDI, 1988; PAIVA; LIBBY, 1993 e BOTELHO, 1994 apud CORRÊA, 2005 – para Minas Gerais; SLENES, 1999 – para região de Campinas, São Paulo).

A ocupação colonial da região de Santa Luzia⁴², indicada pela formação do arraial nas margens do Rio das Velhas, foi iniciada nos derradeiros anos do século XVII, quando

⁴² O município de Santa Luzia é limítrofe ao município de Lagoa Santa, reconhecida região de sítios arqueológicos, alvo dos estudos empreendidos por Peter Lund, ainda no século XIX. A partir da descoberta de ‘Luzia’, na região, o antropólogo e arqueólogo Walter Neves, ao retomar os acervos de crânios da coleção de Lund, vem tecendo esforços nas revisões críticas das teorias da ocupação humana nas Américas. Luzia foi encontrada em meados dos anos 1970 em missão franco-brasileira no sítio arqueológico da Lapa Vermelha IV. Com datação de cerca de onze mil anos, Luzia tornou-se o esqueleto humano mais antigo já encontrado nas Américas. O território da Região Metropolitana de Belo Horizonte (ver imagem 06, p.54), é composto por vasta formação espeleológica cujos estudos, também empreendidos pela equipe de Walter Neves, indicam a possível presença associada de “preguiças gigantes” com o “povo de Luzia”, constituindo novos elementos para revisões críticas às datações de extinção de animais, bem como aspectos de convivência entre humanos e mamíferos gigantes. Neves também identificou na região de Lagoa Santa uma gravura rupestre, com idade estimada entre 9.600 e 10.400 anos, “o desenho retrata um homem com um enorme órgão sexual [...] ‘Ela sugere fortemente que a cultura entre o fim do Pleistoceno e o início do Holoceno (há 12 mil anos) não se restringia à fabricação de ferramentas de pedra e à subsistência, mas também englobava uma rica dimensão simbólica’ [...]”. Lagoa Santa passa a ter o crânio humano e a gravura rupestre mais antigos das Américas, segundo o pesquisador da USP” (Revista de pesquisa da FAPESP, PIVETTA, maio 2012, online). No que diz respeito aos sítios arqueológicos na região de Santa Luzia, citamos aqui as pinturas rupestres no sítio nomeado Lapa da Curva, hoje compreendido dentro dos limites do Refúgio da Vida Silvestre de Macaúbas, unidade de conservação estadual. A região também é conhecida pela presença de importante patrimônio espeleológico com seis cavernas mapeadas, cuja ficha de registro está disponível no link:

remanescentes da bandeira de Borba Gato haveriam se instalado na região, em 1692, praticando garimpo de ouro aluvião. Pertencente à Vila do Sabará, referência da Comarca do Rio das Velhas, Santa Luzia foi reconhecida como vila assumindo sede paroquial própria na década de 1770, e em 1847 elevada a situação de vila e município, desmembrando-se de Sabará (CORRÊA, 2005; IBGE, 2019; CAMPOS, 2020). “Entrepasto comercial para a zona do Serro e de Paracatu”, Santa Luzia conjugava incipiente atividade de extração de ouro de aluvião com produção agropastoril alimentando o mercado interno da província (CORRÊA, 2005, p.24). Relatos de viajantes do século XIX anunciam a vila de Santa Luzia como dinâmica e próspera em produção agropastoril e em atividades comerciais indicadas pela presença de ‘negociantes’ e ‘tropeiros’ (BARBOSA, 1995 & SILVA, 2002 apud CORRÊA, 2005). Ao longo do século XX, as regiões de Santa Quitéria, atual município de Esmeraldas (1901), a região onde hoje é Lagoa Santa (1938) e Matozinhos (1944) foram desmembradas de Santa Luzia (IBGE, 2019).

No início do século XIX, “praticamente toda a população de Santa Luzia (em torno de 90%) tinha sangue negro em suas veias”, afirma Corrêa (2005). Um terço da população residente na região era indicada como “cativa” e os “tidos como ‘pardos’ são maioria na população livre (livres, libertos e sem informação)” (Idem, p.29). Segundo Corrêa (2005) estes são indicativos da marca e da força da presença da escravidão na conformação do município.

Ao analisar um inventário post-mortem do Tenente Coronel Francisco Lopes de Abreu, com a Escritura Pública a ele anexada, Corrêa (2005) debruçou-se à compreensão de relações de parentesco entre as pessoas escravizadas sob domínio do mesmo. Intitulada “‘Por que sou um chefe de famílias e senhor da minha casa’: proprietários de escravos e famílias cativas em Santa Luzia, Minas Gerais, século XIX”, a dissertação produzida por Corrêa (2005) aponta para a presença da formação de ‘famílias cativas’ como um dos arranjos empreendidos no sistema escravista na região, nos quais aqueles, nomeados

http://portal.iphan.gov.br/sgpa/cnsa_detalhes.php?3583. Ademais dos estudos arqueológicos e espeleológicos são escassos os materiais e estudos sistemáticos sobre as presenças e populações pré-coloniais na região. É importante destacar que o Quilombo de Pinhões está localizado na Zona de Amortecimento do Refúgio da Vida Silvestre de Macaúbas, criado em 2013, e nas margens do Rio das Velhas em local de limite territorial entre os municípios de Santa Luzia e Lagoa Santa. Para mais informações e fontes: Revista de Pesquisa da FAPESP, maio 2012 - <https://revistapesquisa.fapesp.br/am%C3%A9rica-de-luzia/>, (Último acesso Fevereiro 2025). Para o estudo sistemático de Walter Neves sobre Luzia, ver: NEVES, Walter e PILÓ, Luís, 2008. O Povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos. São Paulo: Globo.

‘senhores’, assumem-se como ‘chefe de famílias’, indicando a formação de famílias entre os sujeitos escravizados sob o domínio dos tais ‘senhores’. Para Corrêa (2005), os dados por ela analisados indicam, inclusive, que a formação de ‘famílias entre escravizados’⁴³, de algum modo, foi utilizada como estratégia de muitos ‘donatários de terras’ para ocupação das ‘fazendas’ e mesmo para perpetuação do contingente de mão-de-obra, funcionando como uma espécie de ‘renda política’ para a construção da imagem de ‘bons senhores’, sobretudo ao longo do século XIX quando instaura-se, com maior fôlego, valores de uma moral cristã sustentada pelos domínios da igreja católica na região.

A literatura historiográfica com a qual Corrêa (2005) se afilia desenvolve a noção de ‘família escrava’ ou ‘família cativa’ num exercício crítico às visões teóricas que pressupõem a ‘incapacidade’ inata de produção de arranjos familiares pelas pessoas escravizadas, enquadrando a noção de família com adjetivações no sentido de conotar inferioridades e anomalias. Slenes (1999), em “*Na senzala, uma flor* esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX” argumenta que as variações encontradas dizem respeito às conformações do ‘controle’ branco mais do que características inatas de um ‘lar negro’. A família seria ao mesmo tempo um espaço possível para produção de afetividades em meio a situações de terror como também mais um dos instrumentos sociais utilizados para estabelecimento de controle e exercício da propriedade sobre pessoas. Não pretendemos aqui adentrar, e tampouco esgotar, esse debate historiográfico, mas acredito que ele se faz pertinente para as compreensões dos processos históricos constitutivos da escravidão e, como veremos, das categorias e modos de conceber quilombo em Pinhões.

1.1 *Extremas, linhas e fugas*

*Em 1888 já existia esta comunidade, formada por escravos que serviam a fazenda Macaúbas e a Sesmaria da fazenda das Bicas. As **extremas foram construídas por eles**, que aí, então, receberam as terras para morar. Uma **valeta enorme** em largura e profundidade dividia as terras da Fazenda das Bicas e Fazenda de Macaúbas. Em alguns pontos existiam **muros de pedras**, quando a gente perguntava aos mais antigos, **diziam que era divisão de***

⁴³ Ademais de compreender e me alinhar as perspectivas anunciadas por Slenes (1999) assumidas também nas análises desenvolvidas por Carolina Corrêa (2005) vou optar por utilizar a expressão ‘famílias entre escravizados’ ou ‘famílias em meio a condição de escravidão’ no lugar de ‘família escrava’, ou ‘família cativa’.

terras construídas pelos escravos. (ARAÚJO, Sônia. Saudações. In: ACMQP (et al), 2018 – **grifos inseridos**)⁴⁴

A fundação do Quilombo de Pinhões, situado às margens do Rio das Velhas em seu encontro com o Rio Vermelho, entre duas *serras de grutas, lapas de pedra, matas e cavernas*, remete ao processo de construção do Mosteiro de Macaúbas que completou 310 anos em 2024⁴⁵. Foi no ato de construção do Mosteiro em terras limítrofes à Fazenda das Bicas, há mais de 300 anos, que o Quilombo de Pinhões foi forjado. *Escravos de confiança* construíram, eles mesmos, a *mando* de quem orienta as relações com a terra pela via da propriedade privada, as *extremas, valetas e muros*.

*[...] a gente não pode precisar bem a data não. Foi no século XVIII, mais precisamente na segunda década é que vieram alguns moradores pra cá [...]. Então eles vieram aqui porque **a divisa daqui com Macaúbas era aqui. Nesse vale aqui. Então aquelas casas do lado de lá, já está no lugar onde era de Macaúbas.** E pra, e pra vigiá eles escolheram é... os **escravos de mais confiança** pra eles vim morar aqui. Então eles vieram pra cá fizeram seus ranchinhos, e aqui ficaram vigiando. Então é daí é que surgiu a comunidade, que mais tarde houve aquela **mistura** dos escravos da origem da Fazenda das Bicas com os escravos de Macaúbas, então ficou **havendo namoros e casamento** de muitos daqui com os de lá e fizeram uma **mistura**.* (ACMQP, 2018, Dona Esther - In memoriam, p.10).

⁴⁴ Todos os trechos de citação do livro “Pinhões: histórias e sabedorias do Quilombo” (ACMQP, 2018) serão formatados em *itálico*, com espaçamento de 1,5 entre linhas e com recuo à esquerda de 2 cm. A opção por conferir uma formatação diferente das demais citações tem como intenção destacar as narrativas produzidas pelo quilombo em livro, bem como propiciar mais conforto na leitura tendo em vista que algumas citações possuem um número relativamente extenso de linhas. As narrativas que compõem o livro foram produzidas através de diálogos – portanto muitas citações irão prescindir de travessão quando alterar o(a) narrador - com e entre *representantes das famílias raízes* promovidos por jovens do quilombo através de um roteiro de entrevista produzido pelos próprios no contexto do Projeto histórias e sabedorias do quilombo (2018).

⁴⁵ Reportagem do Estado de Minas sobre os 300 anos do Mosteiro de Macaúbas no Jornal Estado de Minas: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/11/01/interna_gerais,585720/mosteiro-de-macaubas-em-santa-luzia-celebra-300-anos-de-fe-e-tradicao.shtml. (Acessado em junho de 2023). Mais informações sobre o Mosteiro podem também ser acessadas na dissertação de mestrado (DIAS, 2015) quando me dediquei a apresentar um pouco da história do Mosteiro de Macaúbas a partir de levantamento documental que realizei em resposta a demanda da Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões, a época.

Em 1888 já existia essa comunidade. Afirmam as quilombolas. Forjado nas *misturas* que costuram as *extremas construídas* com intuito de separar, garantir e *vigiar* as ‘propriedades’ das ‘fazendas’, o Quilombo de Pinhões não se constituiu como um Quilombo de fuga no sentido *stricto sensu* do termo. “Ato ou efeito de fugir. Retirada em desordem e com precipitação de um local, em razão de opressão ou ameaça” (HOUAISS, 2001, p.1398). Não houve ação em “retirada”, tampouco “em desordem”. O “efeito de fugir”, ao que me parece, foi forjado na sagaz habilidade de efetivar *misturas* nas *extremas*. Situa o quilombo no interstício das dinâmicas de resistência e resiliência, o forjar de um sistema social nas frestas, nas *extremas*, do sistema escravista (NASCIMENTO, 2006 [1985]).

Dizer que o Quilombo de Pinhões não foi formado a partir da ‘fuga’ e ‘esconderijo’ não quer dizer que ambas as ações não sejam de algum modo constitutivas dos arranjos de criatividade e estilo (WAGNER, 2010) que configuram o Quilombo. Tomamos a noção de ‘linhas de fuga’ de Deleuze e Guattari (2008) para auxiliar na compreensão dos movimentos que forjam o quilombo nas extremas, sem render à síntese por ela imposta/proposta. Enquanto linha, a fuga arrasta-se em abertura para um campo novo, transfigurando-se no processo mesmo do arrasto. Toma para si aquilo que atravessa. Quiçá o próprio atravessamento. O movimento.

[...] no contexto da *plantation*, a humanidade do escravo aparece como uma sombra personificada. De fato, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um ‘lar’, perda de direitos sobre seu corpo e perda de status político. Essa perda tripla equivale a dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social (expulsão da humanidade de modo geral). Para nos certificarmos, como estrutura político-jurídica, a fazenda é o espaço em que o escravo pertence ao senhor. Não é uma comunidade porque, por definição, a comunidade implica o exercício do poder de fala e de pensamento. (MBEMBE, 2020, p.27)

Mbembe (2020) versa comunidade no sentido posto por Paul Gilroy (2001), como espaço/condição para o “exercício do poder de fala e de pensamento” (MBEMBE, 2020, p.27), “unidade gramatical da fala suscetível de ligar-se à razão comunicativa” (GILROY, 2001, p. 129 apud MBEMBE, 2020, p.27). O Quilombo de Pinhões faz, pois, *comunidade* nas *extremas* da ‘fazenda’. Promovendo costuras, ‘envolvimento’ (SANTOS, 2015), parentesco, *raiz*, naquilo que se apresenta como limite, demarcação, devastação. Ao fazer

‘comunidade’ os movimentos alcançam alguma espécie de *mistura*, como anunciado por Esther e Sônia (ACMQP, 2018). Consorte o Quilombo cresce, vai *aumentando*.

- [...]quando na guerra de 1842⁴⁶, que a guerra terminou lá em Santa Luzia, na matriz, era Teófilo Otoni e Duque de Caxias, eles brigaram na guerra, então, tinha os fazendeiros, Macaúbas, do Rio Vermelho... Fazenda das Bicas... Então os ricos ficaram com medo deles perderem tudo, e com medo de ser morto. **Colocaram um casal de escravo em Pinhões, um casal de escravo lá no Mato Virgem, em Macaúbas, no Rio Vermelho, deixava um casal de escravo lá pra tomar conta dos pontos enquanto eles viajaram por causa da guerra. Só que eles não voltaram, muitos não voltaram. Então foi isso, ficou só os escravos, e eles foram mudando, gerava gente, eles casavam, muitos casavam e mudavam pra cá, e foi aumentando a comunidade.**

- [...] era na Fazenda de Bicas, né? [aponta com os braços a direção da fazenda] Era a fazenda que ainda conserva as coisas de escravo. Então de lá veio muitos escravos de lá pra cá. [...] lá era a Fazenda de Macaúbas [novamente indica com os braços, agora na direção inversa a da Fazenda das Bicas] aonde **que eles alojaram também em Pinhões, porque eles não podiam ficar nas fazendas...** [...] **Então eles tinham lugares separados onde eles moravam para eles servir os senhores na fazenda. Então na Fazenda das Bicas, pelo o que eu sei, e Macaúbas. Então aqui já era o ponto deles morarem.** [...] Meu avô era filho de escravo aqui de Pinhões. [...] Vinha morar aqui em Pinhões...

- porque era tudo de famílias escuras...excluídos.

⁴⁶ Santa Luzia foi palco das batalhas que culminaram no encerramento da chamada Revolução Liberal de 1842, com o enfrentamento bélico entre conservadores e liberais, com a presença de Duque de Caxias no comando nas tropas do governo que sufocaram os liberais liderados por Teófilo Ottoni. Conhecida como Batalha de Santa Luzia, o enfrentamento entre conservadores, chamados saquaremas, e liberais nomeados luzias, situa a cidade na historiografia nacional. Para mais informações sobre a participação luziense na Revolução Liberal, ver: VILLA, Gustavo. Horizonte de eventos da batalha de Santa Luzia: aspectos sociais e arqueológicos. Santa Luzia. 2019, 112 p. disponível na biblioteca do IFMG Campus Santa Luzia (Localização: 981.51 V712h). Entrevista com o autor pode ser acompanhada também no seguinte link: <https://www.santaluzia.mg.gov.br/v2/index.php/cultura/os-lados-de-santa-luzia-serie-de-entrevistas/#:~:text=Historiador%20pela%20PUC%2DMinas%20e%20autor%20do%20livro%20tropas%20o%20postas%20se%20enfrentam%20e%20d%C3%A3o%20releva.>

- os escravos, eram excluídos lá da fazenda, então, aonde que eles
sitiaram aqui em Pinhões, Rio Vermelho, no Engenho, é, como que chama?
- Vargem Grande. Lá é só os negros mesmo que mora lá até hoje. E
**faz parte dessa comunidade que são raiz dessa família da gente, eles são,
tem parente lá também.** (ACMQP, 2018, p.8 e 9)

Os contornos da *comunidade*, do *parentesco*, das *raízes* e da *família*, parecem alinhar outras localidades, também forjadas no seio do sistema escravista em plena operação no século XIX, quando da guerra mencionada no diálogo acima. *Rio Vermelho*, *Vargem Grande* e *Engenho* seguem nomeando lugares/comunidades que, de algum modo, partilham de significativa relação com o Quilombo de Pinhões naquilo que *faz parte dessa comunidade*, fundamenta o *quilombo*, essa “unidade gramatical” (GIROY, 2001), sistema social (NASCIMENTO, 2006[1985]) que, a partir das *extremas*, se opõe à fazenda/escravidão. Nas palavras de Alex Ratts (2006), para Beatriz Nascimento o quilombo conjuga sistema social e ideologia assumindo significado que abrange “um território de liberdade, não apenas referente a uma fuga, mas uma busca de um tempo/espço de paz: ‘Quilombo é uma história. [...] A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou (NASCIMENTO, 1989)’” (RATTS, 2006, p.59).

As narrativas históricas de fundação do Quilombo produzidas pelas(os) quilombolas de Pinhões no livro “Pinhões: histórias e sabedorias do quilombo” (ACMQP, 2018), algumas das quais expostas acima, vão ao encontro das reflexões apontadas por Corrêa (2005) sobre o formato da ocupação colonial(ista) na região de Santa Luzia. Na condição de entreposto comercial, ao longo dos séculos XVIII e XIX, o município de Santa Luzia articulava ao arraial/vila regiões de fazenda para produção agropastoril. A autora, a partir de estudos empreendidos por Silva (2002) sobre a região de Sabará, a qual Santa Luzia esteve submetida até a metade do século XIX, analisa a distribuição do contingente de população escravizada compondo um gradiente que “aumenta progressivamente” do arraial, tido como zona urbana, passando pelo que os autores classificam como zona suburbana até a zona rural, onde são maioria, “empregando proporcionalmente quase duas vezes mais cativos que a cidade” (CORRÊA, 2005, p. 32). A zona suburbana e zona rural são compostas por áreas de ‘fazenda’ com distintos tamanhos; a especulação em relação às dinâmicas das posses escravistas são produzidas por Carolina Corrêa (2005) a partir do contingente de escravizados por fogos, indicando

que não raro uma mesma pessoa possuía mais de uma fazenda ou mesmo a composição de sociedades entre irmãos para o gerenciamento de diferentes áreas nas quais não necessariamente empreendiam moradia:

[...] podemos pensar que os homens crioulos⁴⁷, pertencentes a famílias com uma história que se mistura à da família senhorial, teriam sido considerados mais confiáveis e daí mandado para as propriedades mais distantes, sobre as quais o proprietário tinha menos controle. Suas mulheres e filhos ficariam, então, na fazenda ‘principal’. A documentação estudada indica que era frequente que proprietários residissem fora de suas fazendas e empregassem administradores. (CORRÊA, 2005, p. 47 e 48)



Imagem 03: Recorte de carta cartográfica de Santa Luzia, 1950. Na legenda indicativa do mapa, Convento de Macaúbas, Vargem Grande, Mata Virgem, Pau D'Alho, Rio Vermelho e Angu Duro, correspondem a 'Lugar denominado'; Engenho é indicado como Lugarejo e Pinhões, é indicado como Vila. Fonte: Arquivo Público Mineiro, arquivo na íntegra disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos_docs/photo.php?lid=1521. (Último acesso, setembro 2024).

No recorte de mapa acima, destacamos em vermelho algumas das localidades mencionadas nas narrativas histórias tecidas pelas quilombolas. O mapa é de 1950. Ademais de distante pelo menos um século da *guerra de 1842* é possível lançar mão dele

⁴⁷ Nomenclatura histórica e historiográfica empregada para definição de pessoas de cor nascidas no Brasil promovendo diferenciação daqueles nascidos em África. Carolina Corrêa (2005) faz ponderações e análises críticas sobre as definições de nomenclaturas nos documentos produzidos ao longo do século XIX.

para vislumbrar imagetivamente as marcas dos arranjos de ocupação territorial colonial⁴⁸. Nos auxilia na composição da compreensão das distâncias entre os centros e sedes da Fazenda das Bicas e do Mosteiro de Macaúba e de outras fazendas, indicadas no mapa precedidas sempre da letra F – abreviatura para fazenda; bem como da disposição das localidades em relação ao núcleo de casas do Quilombo de Pinhões. Outro aspecto interessante de trazer a baila na compreensão dessa composição territorial é o ‘cemitério dos escravos’ localizado em domínios identificados, até os dias atuais, como Fazenda das Bicas, na região próxima a localidade dos Fechos.

O ano era 2012. Estava por realizar a monografia de conclusão da graduação em ciências sociais junto ao Quilombo de Pinhões. Escuto pela primeira vez sobre a existência de um cemitério, *que fica lá na Fazenda das Bicas, um cemitério de escravos. Lá na Fazenda, tinham várias coisas da escravidão, corrente e pelourinho e tudo. Mas eles tiraram de lá.* Nesta época, nas narrativas, o cemitério aparecia como local de ‘comprovação’ da existência do regime escravista, diante da retirada dos equipamentos de tortura, numa evidente ação de apagamento das evidências do terror da escravidão (MEMBE, 2021). Consigo recordar as expressões de Dona Amaralina ao me narrar, em 2012, sobre o cemitério e os equipamentos de tortura presentes até a sua infância na Fazenda das Bicas. Na varanda de sua casa ela me narrava suas percepções de menina, mesclas de curiosidade, temor e medo. A menina olhava por entre as madeiras da soleira da varanda do sobrado da fazenda, esgueirando como se fora passar pela fresta. Ela *queria ir ver mais de perto*. Sua mãe, que trabalhava dentro do sobrado da Fazenda de Bicas, *não deixava não*. Me contou que sua mãe trabalhava *dentro de casa, dava conta de tudo. Dava pra ver lá no meio do pátio o tronco*. Disse que não sabia mais se as *coisas ainda estavam lá* ou se *tinham tirado tudo*. Atualmente na casa dos oitenta anos de idade, sempre que pode, e consegue, vai à missa de finados realizada todo dia 02 de novembro no *cemitério dos escravos*, em Ação de Graças aos que lá estão enterrados⁴⁹.

⁴⁸ Lançamos mão do termo colonial não necessariamente como marca de tempo e condição histórica, mas como modo e mecanismo de efetivação do poder, assumindo, assim, o sentido de colonialidade proposto por Anibal Quijano (2002).

⁴⁹ Adiante, nos demais capítulos desta tese retornaremos ao cemitério dos escravos com descrições e análises sobre a organização da missa em Ação de Graças.

Local de sepultamento	Data	Sepultados
Cemitério do Capitão José Nunes Moreira	01 de maio de 1810	Paulo Angola, escravo do Capitão José Nunes Moreira
Cemitério do Capitão José Nunes Moreira	15 de novembro de 1813	Roque Angola, escravo de Antônia Felícia, em Pinhões
Cemitério do Capitão José Nunes Moreira	10 de dezembro de 1810	Gonçalo [...], preto forro, morador de Pinhões
Cemitério do Capitão José Nunes Moreira	25 de dezembro de 1810	Luzia, crioula forra, mulher de Nasario crioulo, morador no Pissarão
Cemitério do Capitão José Nunes Moreira	06 de fevereiro de 1813	José Mina, falecido em Pinhões, escravo de Silvestre Carvalho
Cemitério do Capitão José Nunes Moreira	22 de abril de 1825	[ilegível] Carneiro, crioulo forro, pobre
Cemitério do Capitão José Nunes Moreira	25 de agosto de 1842	Um crioulo, de quatorze anos, escravo do Capitão José da Rocha de [...]
Cemitério da Fazenda do Tenente Coronel João Cândia Nunes Moreira	13 de novembro de 1854	Manoel Teixeira, marido de Bibiana Francisca, crioula, moradores no Pissarão
Cemitério da Fazenda do Tenente Coronel João Cândia Nunes Moreira	17 de fevereiro de 1855	Martinho, filho legítimo de João Angola e Eva crioula, escravos do Tenente Antônio Gonçalves Giraldes
Cemitério da Fazenda do Tenente Coronel João Cândia Nunes Moreira	27 de outubro de 1855	Antônia Gonçalves, casada com Manoel da Cruz Maciel, crioulos, morador no Piçarrão

Imagem 04: Tabela com listagem de documentação de obituários de corpos enterrados no Cemitério dos Escravos, identificado na tabela como Cemitério do Capitão José Nunes Moreira e depois Cemitério da Fazenda Coronel João Cândia Nunes Moreira. Fonte: DUARTE, Neise Mendes. Cemitério dos Escravos de Santa Luzia, Revista Cult/ número 23 – dezembro de 2017.

A tabela acima foi produzida pela pesquisadora Neise Duarte (2017), historiadora e arqueóloga. Ao analisar a lista de obituários do cemitério, Duarte (2017) conseguiu identificar a presença de corpos enterrados desde pelo menos o ano de 1810, indicando, incluso a presença de africanos entre estes, em se considerando as marcações dos portos de origem – Angola e Mina. “Roque Angola, escravo de Antônia Felícia, em Pinhões” (15 de novembro de 1813). “José Mina, falecido em Pinhões, escravo de Silvestre Carvalho” (06 de fevereiro de 1813). O cemitério também acolheu ‘pretos forros’. “Gonçalo [...], preto forro, morador de Pinhões” (10 de dezembro de 1810). Há *mistura* em Pinhões. Os dados parecem indicar que, nos idos do início do século XIX, conviviam, em Pinhões, ‘pretos forros’ e pessoas escravizadas por diferentes ‘fazendeiros(as)’. Além de Pinhões, o cemitério abrigou também moradores de outras regiões/localidades, como Pissarrão/Piçarrão⁵⁰.

⁵⁰ Lideranças e movimentos sociais do município de Santa Luzia, tem desempenhado esforços no sentido do mapeamento, reconhecimento e fortalecimento da autonomia de povos e comunidades tradicionais no município, muitas destas em evidente articulação àquelas presentes no mapa de 1950 supracitado (Imagem 03, página 45). Até o presente momento a localidade/região indicada na documentação

Os dados produzidos por Neise Duarte (2017) parecem também compor com as narrativas históricas versadas pelas quilombolas no livro “Pinhões: histórias e sabedorias do quilombo” (ACMQP, 2018). Os dados da tabela sobre escravizados e forros enterrados no ‘cemitério dos escravos’ no início do século XIX indicam a existência de Pinhões como uma localidade publicamente reconhecida, já que constante na documentação, na qual estão presentes pessoas na condição de escravizados vinculadas a diferentes ‘proprietários’. Os dados apresentados na tabela trazem também diferentes classificações vinculadas a localidade de Pinhões, remetendo a “morador de Pinhões”, “falecido em Pinhões” e “escravo de Antônia Felícia, em Pinhões”, abrindo espaço para pensarmos diferentes formas de convivência no Quilombo, na virada do século XVIII para o século XIX. Parece que, antes mesmo da *guerra de 1842* apontada por Dona Lília (ACMQP, 2018, p.8 e 9) como marco importante para o aumento do(s) Quilombo(s), é possível identificar presenças no Quilombo de Pinhões que apontam para alguma convivência entre pessoas em distintas condições e posições sociais no sistema escravista – forros, libertos, escravizados, moradores - anunciando trânsitos e fluxos no estabelecimento de uma “unidade gramatical”(Gilroy, 2010) e territorial/social/ideológica (NASCIMENTO, 2006 [1989; 1985]) que, desde as *extremas*, opõe-se à ‘fazenda’, como já anunciamos, no sentido expresso por Membe (2020).

Os *antigos* contam que estabeleceram morada nas terras com suas famílias na promessa de que receberiam as terras por ‘doação’, uma forma de ‘reconhecimento’ pela *vigia das extremas* (DIAS, 2015). No entanto, a documentação das terras não chegou, de fato, na mão dos quilombolas. A doação da porção de terras da Fazenda de Bicas parece ter sido realizada para a Igreja Católica quando da construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões, na chegada do padre João de Santo Antônio na virada do século

produzida por Neise Duarte (2017) como Piçarrão, não foi identificada. Na oportunidade citamos aqui os movimentos sociais empenhados nesta empreitada: O movimento Salve Santa Luzia, já apresentado quando expomos as questões sobre o projeto do Rodoanel, tem empreendido ações na luta contra as pressões da especulação imobiliária sobre áreas verdes do município. Não raro as pressões imobiliárias incidem sobre territórios de povos e comunidades tradicionais reconhecidas ou não pelos aparatos de estado. Citamos também a AETAL – Associação Encontro de Terreiros Afroluzienses, entidade organizativa e representativa dos povos e comunidades de terreiros e religiões de matriz africana de Santa Luzia. A entidade organiza os povos e comunidades na construção política de ações antirracistas, na efetivação de redes de proteção ao racismo e intolerância religiosa e na participação e representação político institucional e no acesso a políticas públicas. Para mais informações sobre a AETAL e sobre manifestações culturais e organizacionais afroluzienses ver série documental Baobá no Cerrado, disponível no link: <https://www.youtube.com/@pedradosol>. (última acesso em setembro 2025).

XIX para o século XX (DIAS, 2015)⁵¹, um século adiante do período exposto acima. *Terras de Nossa Senhora do Rosário*⁵², afirmam as quilombolas (DIAS, 2015). O Quilombo faz-se no encontro entre ‘terras de santo’⁵³(ALMEIDA, 2008; DIAS, 2015). No Quilombo, diante das estremas *extremas*, Senhora do Rosário encontra-se com a Senhora da Conceição.

Com 310 anos completos em 2024, o Mosteiro de Macaúbas foi construído em 1714, quando três irmãos, vindos de Penedo, em Alagoas, pelo Rio São Francisco adentrando pelo Rio das Velhas, em comitiva com suas esposas, filhas, filhos e escravizados, “compraram o terreno de Macaúbas de Antônio da Silva, por 620 oitavas de ouro” (BARBOSA, 1971 apud DIAS, 2015, p.56), obtendo autorização do Bispo do Rio de Janeiro para vestir o hábito da Ordem da Conceição. Foi Recolhimento de Moças, passando a Educandário e depois Colégio, com grande projeção ao longo do século XVIII e XIX, chegando a acolher no seu rol de internas as filhas de Chica da Silva. O Mosteiro

⁵¹ A construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões data de 1906. Data na qual é referendada pelas quilombolas da Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões como marco da realização da primeira Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões, em seu conjunto arquitetônico com a Casa Paroquial são reconhecidos como patrimônio municipal pelo Decreto 2.133/2008 (<https://www.santaluzia.mg.gov.br/v2/wp-content/uploads/2019/12/Decreto-n%C2%BA-2133.pdf.pdf>).

⁵² Quando da produção da dissertação de mestrado (DIAS, 2015) realizei um levantamento documental junto ao Centro de Documentação e Informação da Cúria Metropolitana de Belo Horizonte – CEDIC BH e aos Arquivos Eclesiásticos da Cúria de Mariana/MG. Em Mariana encontrei uma documentação com assunto “pastoreio” que parecia indicar a doação das terras da Fazenda das Bicas para a Igreja. Solicitei acesso ao documento, mas nunca recebi resposta aos ofícios encaminhados à gestão da Cúria, na época.

⁵³ Ocupado no importante trabalho de reconhecimento e classificação dos modos de composição de “terras de uso comum”, Alfredo Wagner (2008) define as chamadas ‘terras de santo’ como aquelas referentes “à desagregação de extensos domínios territoriais pertencentes à Igreja” (2008, p.148). Não raro, elas são “consoante[s] [a]o santo padroeiro destas fazendas, foram sendo adotadas denominações próprias, que recobriam seus limites e lhe conferiam unidade territorial” (idem, p.149). “Nas chamadas ‘terras de santo’, entretanto, as formas de uso comum coexistem, ao nível da imaginação dos moradores, com uma legitimação jurídica de fato destes domínios, onde o santo aparece representado como proprietário legítimo, a despeito das formalidades legais requeridas pelo código da sociedade nacional”. “Sobressaem nestas unidades sociais os denominados ‘encarregados’ ou lideranças do grupo que teriam basicamente funções vinculadas ao ciclo de festas e ao cerimonial religioso [...] na [manutenção] da coesão do grupo” (idem, p. 149). Retomaremos esta discussão com maior fôlego e atenção ao longo dos próximos capítulos, sobretudo no capítulo 03, aprofundando modalidades de relação e composição de territorialidade que, acreditamos, escapam e complexificam noções de propriedade e imaginação sociológica.

de Macaúbas⁵⁴ contou com expressiva presença de pessoas escravizadas sob sua posse (CORRÊA, 2005) e dedicou-se a atividades de mineração, plantações, lavouras e criação de gado. Em meados do século XIX atravessou algumas crises financeiras, o que incorreu na sucessiva venda de terras⁵⁵ (MELLO, 1996; BARBORA, 1971; DIAS, 2015; CORRÊA, 2005).

Os quilombolas de Pinhões são capazes de identificar a localização das *extremas* entre as terras da fazenda das Bicas e o Mosteiro de Macaúbas. Não raro elas estão nos quintais das casas cujas frentes se dão para a rua principal do Quilombo e os fundos para a *estrada nova*. *Na estrada nova já é terra de Nossa Senhora da Conceição. Ali era do Mosteiro de Macaúbas*. Me recordo das conversas com Maria do Carmo nos fundos de sua *casa*, quando ela me narrava sobre a infância em Pinhões⁵⁶, como *as coisas eram*

⁵⁴ Em homenagem aos 300 anos do Mosteiro de Macaúbas, no ano de 2014 foi lançado um material com uma espécie de linha do tempo/cronologia do local e suas atividades: <https://issuu.com/ppradodesign/docs/cronologia>. Nesta cronologia consta que o Mosteiro de Macaúbas libertou os escravizados em 1880, oito anos antes da promulgação da Lei Áurea. Como já informado em momento anterior, desde 1978, o Mosteiro de Macaúbas é reconhecido como patrimônio pelo Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais/IEPHA-MG, registrado no Livro do Tombo de Belas Artes e no livro do Tombo Histórico, das Artes Históricas e dos Documentos Pateográficos ou Bibliográficos: <https://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-aco/es/patrimonio-cultural-protetido/bens-tombados/details/1/54/bens-tombados-mosteiro-de-maca%C3%BAbas>. Último acesso em outubro de 2024.

⁵⁵ O terreno do Mosteiro de Macaúbas fazia limites com a região de Curvelo e Cordisburgo, compreendendo dentro dos seus limites o que são hoje os municípios de Jaboticatubas, a porção norte de Santa Luzia, partes de Lagoa Santa, Sabará, e Diamantina em partes onde hoje é a região de Conceição do Mato Dentro. Ao menos dois quilombos localizados em Jaboticatubas – Mato Tição e Açude – reconhecem ascendência vinculada ao Mosteiro de Macaúbas e assumem possuir raízes em Pinhões. Pontos que serão trabalhados com mais atenção ao longo da tese. Para melhor dimensionamento do tamanho do terreno de Macaúbas ao longo dos séculos XVIII e XIX é possível observar os municípios citados no mapa da Região metropolitana de Belo Horizonte, página 54.

⁵⁶ Maria do Carmo havia se descoberto com uma doença crônica um pouco antes do anúncio da pandemia. *Foi a sorte*. A sorte, no entanto, não alcançou sua filha que, com trinta e poucos anos de idade foi acometida por um câncer que a levou à óbito deixando dois filhos. *Foi tudo muito rápido e tinha a pandemia, né?* Sua filha não efetivou casamento, viviam *todos juntos* na casa de Do Carmo. Os netos ficaram, então, sob os cuidados da avó. Em circunstância de nossa amizade, de sua doença e do falecimento de sua filha, a visita à casa de Do Carmo foi uma das primeiras que realizei quando cheguei em campo, em junho de 2022. Munida de máscara N-95, passei a tarde conversando no quintal e na varanda dos fundos de sua casa quando ela recordava *os tempos alegres da infância* e me indicava os desafios de ensinar os netos, adolescentes, sobre os cuidados essenciais do cotidiano de uma casa, *é importante eles saberem, caso eu também venha a faltar*. Do Carmo faleceu no início de 2023. A morte foi uma constante ao longo dos anos de realização do doutorado. Como anunciado na Introdução,

*diferentes. A gente corria esses matos todos. Caminhava nas capoeiras pra pegar lenha. Me conta. A extrema com Macaúbas corta nos fundos no quintal vizinho. Essas terras pertenciam aos irmãos de papai, mas aí pegou de vender. Do Carmo seguia sem compreender como cada vez mais têm sido impedidos de percorrer as capoeiras, as matas. Ali é terra de Nossa Senhora da Conceição, mas o povo que comprou não entende isso. O pai do moço que comprou entendia mais, mas os filhos dele que tomam conta agora não entende, não. Aqui é assim, as terras da Nossa Senhora da Conceição encontra com as de Nossa Senhora do Rosário. Risos*⁵⁷.

Conceição virou também sobrenome, carregado pelas ‘famílias’ que vieram de Macaúbas. As disposições das ‘famílias’ na ‘configuração das casas’ (MARCELLIN, 1996; 1999) em seus conjuntos de ‘vizinhança’ são identificadas no Quilombo por vezes em menção às fazendas de origem, articulando localidades em um conjunto de relações (DIAS, 2015). Trabalhei esta conformação ao longo da dissertação de mestrado (DIAS, 2015). Não pretendo retomar toda a discussão aqui, mas aciono novamente estas dimensões no sentido da produção de compreensões sobre os modos da composição territorial do quilombo almejando acionar novas camadas de compreensão no sentido da concepção de “uma unidade gramatical” (GIROY, 2001). Digo ampliação porque ao longo da dissertação desenvolvi a compreensão da ‘configuração de casas’ (MARCELLIN, 1996; 1999) e das ‘famílias’ no âmbito da conformação do conjunto de casas que forma a vila/povoado. Agora, apontamos para camadas de relações espaço/temporais que compõem a *mistura*, que sustenta *raízes* promovidas pelos ‘encontros’ viabilizados pelos quilombolas ao forjar o Quilombo nas *extremas*.

A configuração de *enviar escravos para vigiar as extremas* com promessas de que receberiam *as terras por doação*, ainda com o regime escravista em operação, acabou por encurralar as *famílias* no sistema de ‘chão de morada’ (WOORTMANN, 1983; WOORTMANN, 1994), mantendo os quilombolas em sistema de produção por arrendamento *na meia* e *na terça* (DIAS, 2015). As casas do Quilombo de Pinhões

aspectos e reflexos da pandemia no Quilombo serão abordados com maior atenção no capítulo 2, assim como dimensões sobre as noções de ‘casa’ e ‘família’ e suas imbricações com a pandemia da Covid-19. Anunciarei, por vezes lançando mão das notas de roda pé, as circunstâncias e situações em que, a morte, de algum modo, esteve presente.

⁵⁷ Como não podia deixar de ser, em uma boa prosa no quilombo, o riso faz-se presente. Por vezes acontece na sequência de narrativas de situações de impedimentos, violências. Daremos maior atenção a este aspecto adiante, no capítulo 3. Seguiremos, até lá, indicando os risos, sempre que ocorrerem.

ficaram, portanto, organizadas num formato de vila/povoado, no sistema ‘casa-quintal’⁵⁸ (WOORTMAN, 1983) em composição com a *extrema*. Algumas atividades de lavoura e criação extrapolam os quintais e seguem sendo realizadas no entorno, em áreas mais amplas de posse dos quilombolas em suas redes de parentesco, algumas nas localidades/regiões já nomeadas – *Pau D’óleo, Mato Virgem, Rio Vermelho, Angu Duro* - entremeadas por novas conformações de ‘fazendas’ e áreas de haras, dedicadas a criação de cavalos. Os quilombolas, assim, assumem pequenos plantios em áreas próprias ou via sistemas de arrendamento na *meia* ou *terça*⁵⁹, cada vez mais escassos pela substituição da lavoura por criação de gado e equinos (DIAS, 2015). São funcionários nos haras. Diaristas ou caseiros em pequenas chácaras e sítios, daqueles que chegaram em outro tempo, nos idos da década de 1970/80, os *sitiantes* (DIAS, 2015). O Quilombo não se encerra, assim, no conjunto de casas que conforma o povoado/vila, e que, aos olhos desatentos, seduzidos pela presença do asfaltamento nas ruas principais, alinhadas de forma perpendicular à MG 020, tomam o Quilombo por “bairro”.

Década de 1970. Construção da MG 020⁶⁰, chamada no Quilombo de *BR* ou *rodovia*. Projeto da PLAMBEL⁶¹, a construção de infraestrutura viária e de urbanização da Região Metropolitana de Belo Horizonte levou a loteamentos no entorno do Quilombo Pinhões, trazendo a presença dos *sitiantes*. É neste contexto que o Quilombo de Pinhões toma a forma aparente de ‘bairro’ num arranjo de organização das moradias no formato

⁵⁸ No próximo capítulo vamos nos dedicar com mais atenção às configurações das “casas-quintas” na conformação das *famílias* [e suas] *raízes*.

⁵⁹ Sistema de arrendamento no qual o arrendatário lança mão de parte de sua produção no pagamento para utilização da terra. No sistema de arrendamento a meia o proprietário fica com metade da produção, já no sistema de arrendamento a terça o proprietário fica com a terça parte. Os arranjos de definição do formato são forjados de acordo com o fornecimento de insumos, como sementes, mudas, instrumentos de trabalho, etc.

⁶⁰ Rodovia estadual com 61,7 quilômetros ligando Belo Horizonte a Jaboticatubas, passando por Santa Luzia e Taquaraçu de Baixo. Toda sua extensão é pavimentada. Criada no escopo dos projetos de integração da Região Metropolitana na década de 1970 pela Superintendência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte – PLAMBEL. A PLAMBEL foi encerrada em 1996. Atualmente é a Agência RMBH – Agência de desenvolvimento da região metropolitana de Belo Horizonte, autarquia instituída em janeiro de 2009 (Art 4º da Lei Complementar 107) articulando governo do Estado e municípios na região metropolitana. Mais informações: <http://www.agenciarmbh.mg.gov.br/> (Acessado em junho 2023).

⁶¹ PLAMBEL – Superintendência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Encerrada em 1996.

da “urbanização”. As ‘casas-quintais’ ficam, então, com espaço cada vez mais comprimido. As ruas ganham novos contornos, melhor dizendo, perdem contornos, ficam mais retas. Recebem novos nomes. Nas conversas com minhas amigas quilombolas de Pinhões dois momentos deste tempo recente são anunciados com importantes impactos transformadores nas dinâmicas, digamos, gramaticais e territoriais do quilombo: a chegada e instalação da Igreja Católica com a casa paroquial no início do século XX - a qual trataremos com maior atenção nos capítulos vindouros – e a chegada da energia elétrica, no final da década de 1960, aliada à reconfiguração das ruas e construção da MG 020 na década de 1970. Recordo de Joana narrando sobre suas experiências de infância no quilombo, no início dos anos 1970, quando era possível correr de um quintal a outro. Quando as ruas eram de terra e os carros escassos. *Tinha muito era carro de boi. Tinha gente que escondia quando via alguém que era de fora. As crianças ficavam doidas de curiosidade para ver as máquinas. Alguns quintais viraram rua. E aí depois foi chegando os sitiantes, foi chegando mais gente nova pra cá.*

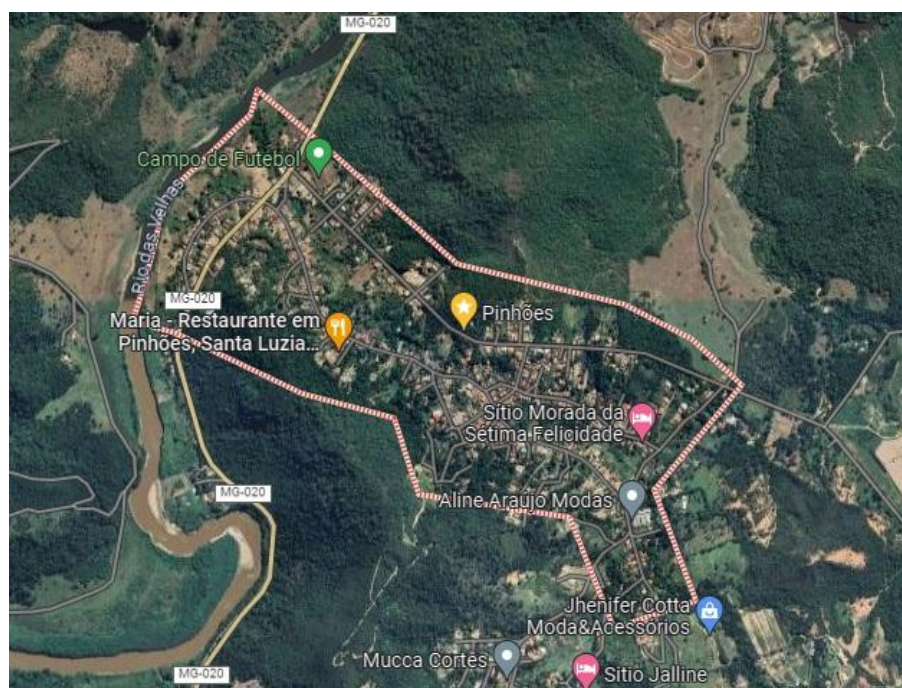


Imagem 05: Principal local de concentração das casas do Quilombo de Pinhões. Fonte: Google Earth. Marcação elaborada pelo próprio aplicativo com a chave de busca “Quilombo de Pinhões”. Acessado em junho 2023.

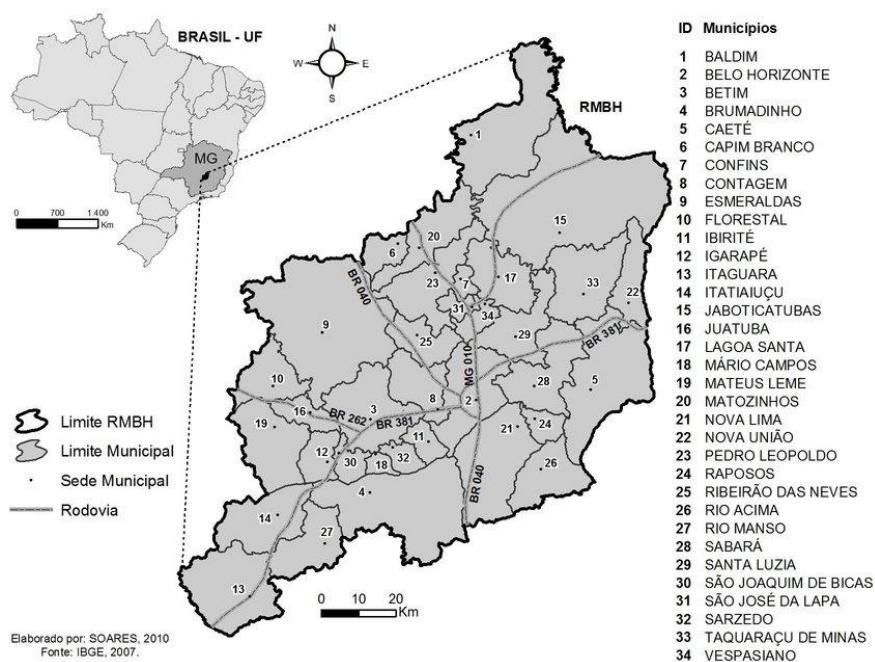


Imagem 06: Região Metropolitana de Belo Horizonte. Santa Luzia é o município 29 no mapa, limítrofe ao município de Belo Horizonte, indicado como número 2. Fonte: CARVALHO, Paulo et al. Zoneamento Morfológico Funcional da Região Metropolitana de Belo Horizonte., PUC Minas, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335243809_Zoneamento_Morfologico_-_funcional_da_Regiao_Metropolitana_de_Belo_Horizonte_-_MG_e_Estagio_de_Developmento_Economico_de_seus_municipios/link/5d5b13efa6fdcc55e819847a/download

A urbanização tem seus ciclos próprios entremeados de relações com os nomeados projetos de desenvolvimento. Tem suas insistências. 23 de dezembro de 2013. A ‘Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo’ do município de Santa Luzia foi alterada a portas fechadas na Câmara dos Vereadores, instituindo, dentre outras ações, Pinhões como Zona de Expansão Urbana e Zona Especial de Interesse Social, um dispositivo do Plano Diretor com passivo para a implantação de políticas habitacionais e de regularização fundiária urbana (DIAS, 2015). Na época, o Quilombo não foi consultado ou chamado a participação no debate. Naquele momento ainda não contava com a Certificação da Fundação Palmares, emitida em 2017 – todavia, isso não invalida ou inviabiliza o direito a Consulta Prévia Livre e Informada garantido pela Convenção 169 OIT. De todo modo, Pinhões já constava em outros arranjos institucionais de reconhecimento como Quilombo nas esferas municipais e estaduais⁶².

⁶² A Escola Estadual Padre João de Santo Antônio situada dentro do quilombo foi inserida no Censo Escolar como Escola Quilombola em 2008 e, desde então compõe os arranjos político institucionais para a efetivação da Educação Escolar Quilombola definidos pelas Diretrizes Nacionais e Estaduais da Educação Escolar Quilombola (CUNHA, 2022). A presença de uma escola no Quilombo remete a meados do século XX e está permeada desde sua implantação pelas estratégias e lutas, sobretudo de mulheres do quilombo,

Junho de 2021. Na tentativa de participação do processo de revisão do plano diretor de Santa Luzia desenvolvido pela Agência RMBH, fomentado em toda a RMBH a rebote do projeto de implantação do RodoAnel, o Quilombo de Pinhões apresentou documento solicitando, dentre outras ações, o retorno ao zoneamento como Zona Rural. Várias são as tensões e conflitos engendrados que ‘insistem’ em tomar Pinhões como bairro e em focalizar sua condição de Quilombo e suas práticas indicativas de ruralidade – produção de lavouras, criação de animais – como aspectos pertencentes a um passado. Resquícios. Manejos de um tempo linear. Aspectos de aliança entre noções de ‘progresso’ e ‘desenvolvimento’. Nas palavras de Antônio Bispo:

O saber de vocês é sintético, o nosso é orgânico. Vocês pensam de forma linear, por isso chegam ao limite. Nós [quilombolas, povos de trajetória contra colonial] pensamos de forma circular, nossa vida não tem limite” (SANTOS, 2023)⁶³

Tão linear que deixa as palavras pesadas. A escrita dura. O texto perde a poesia da costura. Aquela que faz dos limites ‘fronteiras para o diálogo’ (LOBO, 2021). *Extremas*. Mas faz parte das costuras e movências lidar com as linearidades. Com a dureza. *Fuga*. As ‘linhas duras’ (DELEUZE et al, 2008) que fazem o tempo linear, estão aqui diante da composição do Quilombo de Pinhões nas normatizações e suas dicotomias e assimetrias.

pelo acesso à educação escolar. Segundo Silva (2020) a escola funcionou como escola isolada e fora do regimento institucional da política de educação até 1952 e foi estadualizada em 1962. Para mais informações sobre as agências e estratégias da comunidade para acesso, permanência, construção e efetivação de educação de qualidade e da Educação Escolar Quilombola em Pinhões ver: Debora Rodrigues Silva (2020) ao tratar das artesanias das práticas sociais no quilombo versa sobre as estratégias das mulheres para que seus filhos e filhas pudessem acessar a escola formal, bem como o investimento na educação como estratégia de mobilidade social e perpetuação da vida e dos saberes do quilombo aliado ao investimento para a formação de professoras quilombolas (SILVA, 2020). Andréia Martins da Cunha (2022), versa sobre o entrelaçamento entre território, políticas públicas e docência na Educação Escolar Quilombola, desenvolvendo seus estudos junto ao Quilombo de Pinhões refletindo sobre a implantação e efetivação da educação escolar quilombola na Escola Estadual Padre João de Santo Antônio (CUNHA, 2022). Sônia Aparecida Araújo (2022), desenvolve reflexões sobre os saberes, imagens e histórias em torno da educação no Quilombo de Pinhões entrelaçando lutas e estratégias para acesso e efetivação da educação escolar de qualidade dentro do Quilombo e os saberes e fazeres do quilombo (ARAÚJO, 2022).

⁶³ Fala do mestre quilombola Antônio Bispo na mesa “Da praça pública ao quilombo”, Feira do livro 2023, 09 de junho de 2023. Publicação em página do Instagram: @rocadequilombo. Programação da ‘A feira do livro’: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/noticias/a-feira-do-livro/conheca-a-programacao-e-os-convidados-da-feira-do-livro> (Acessado em junho de 2023).

1.2 Movências, *Raízes* e Costuras

Das linhas, tomaremos o impulso da fuga.



Imagem 07: “Caminhando pelas ruas de Pinhões”. Fonte: SANTOS, Leticia Cristina Diniz dos. ACMQP, 2008, p.51.

Setembro de 2023. Diante da ameaça insistente do RodoAnel participo de uma reunião da Associação Quilombola do Quilombo de Pinhões para produção de um ofício a ser enviado para a superintendência regional do Instituto de Colonização e Reforma Agrária/INCRA em Minas Gerais, solicitando celeridade no início da produção do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação/RTID com fins a regularização do território. A produção do ofício suscitou debates sobre o que seria um/o território quilombola. *Até onde que vai esse quilombo?* Reavoadas de vozes. Conversa daqui. Conversa dali. Todo mundo tem muito a falar. Com o parente ao lado. Com a *cumadre* da outra ponta da sala. Com a *prima* no banco de trás. São bancos de igreja enfileirados em três direções. Tentativa de promover roda em sala quadrada. Da mesa central uma imagem de São Vicente de Paula acompanha as reuniões. Ao seu lado um vaso de flores de plástico que colore a sala. As reuniões da associação acontecem no centro catequético. Vale lembrar, terra de Nossa Senhora do Rosário.

Não cabe aos objetivos deste texto, e tampouco desta pesquisa, identificar e sustentar as delimitações do território quilombola pleiteado pelo Quilombo de Pinhões - ação complexa a ser desenvolvida no âmbito da produção do Relatório Técnico de

Identificação e Delimitação/RTID seguindo os parâmetros definidos pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, com equipe multidisciplinar⁶⁴. Trazemos esta reunião aqui pelo que ela suscitou. Após a construção conjunta de compreensões sobre o que são territórios quilombolas e os caminhos da política de regularização do território, foi encaminhada a realização de uma oficina com os *mais antigos* para a construção de um mapeamento do que seria um território ancestral e de memória do quilombo com o objetivo de abrir reflexões sobre concepções de território e subsidiar a escrita do ofício ao órgão. Combinamos que nos reuniríamos, então, em um número menor de participantes, em nova data definida em reunião para produção desse mapeamento. A oficina foi desenvolvida por mim em conjunto com Glaucon Durães, doutorando em ciências sociais na PUC Minas, membro do Movimento Salve Santa Luzia, e parceiro da Associação Quilombola do Quilombo de Pinhões⁶⁵.

Apenas duas senhoras participam da oficina. Escolhidas, dentre os membros da associação, como detentoras das *histórias dos antigos*. Na varanda da casa da filha de uma delas, sobre um papel kraft, alguns lápis coloridos e um gravador começam a alinhar linhas da memória: *por onde a gente começa?* Onde pode ser um começo? Pergunto. *Começa de Macaúbas, mas também começa dos Fechos. Tem os valos. Onde nós estamos mesmo. Bem aqui. Uma extrema. Começa pela Fazenda das Bicas. Começa da igrejinha de Nossa Senhora da Conceição [Fechos], entra pra dentro do cemitério dos*

⁶⁴ A titulação dos territórios quilombolas é garantida pelo Art.68 da ADCT da Constituição Federal do Brasil de 1988 e regulamentada pelo Decreto 4887/2003. É atribuição do Instituto de Colonização e Reforma Agrária/INCRA a regulamentação dos territórios segundo as seguintes etapas: a) a partir da auto atribuição e da certificação da Fundação Cultural Palmares é aberto um processo no INCRA no qual serão arquivadas todas as informações do processo de regularização; b) Produção do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação/RTID, para reconhecimento dos limites territoriais do quilombo; c) Após o aguardo dos prazos para recursos e contestações do RTID aqueles que possuem posse ou propriedade dentro dos limites do território são notificados e iniciam-se as desapropriações; d) após todas as desapropriações com seus devidos pagamentos é emitido “título coletivo, imprescritível e pró-indiviso à comunidade, em nome da associação legalmente constituída, sem nenhum ônus financeiro. É proibida a venda e penhora do território”. Neste link é possível acessar uma cartilha produzida pelo INCRA com o passo a passo da regularização fundiária de territórios quilombolas: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/passopassoquilombola/incra.png> (acessado em janeiro de 2025).

⁶⁵ Como exposto no texto de introdução a Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões a partir da certificação do Quilombo de Pinhões junto à Fundação Cultural Palmares em 2017, foi renomeada para Associação Quilombola do Quilombo de Pinhões. Seguiremos utilizando a sigla Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões apenas quando em menção direta e citações de trechos do livro “Pinhões: histórias e sabedorias do quilombo” tendo em vista que na publicação consta a utilização deste nome. Faz-se pertinente, portanto, reforçar que trata-se da mesma entidade.

escravos, entra pra cá, pega a estrada nova e Macaúbas. O desenho começa pela igreja de Nossa Senhora da Conceição nos Fechos, comunidade localizada nos domínios doravante identificados como pertencentes a sesmaria de Bicas. Outro membro da associação participante da oficina é quem desenha. As linhas da memória costuram vivências, narrativas das histórias dos antigos e escritos, do diário de Dom Pedro II⁶⁶, de quando ele esteve aqui, em Santa Luzia, acionados também pela memória dos presentes. Eram fazendas que se extremavam.

A sesmaria das Bicas foi desmembrada em várias fazendas, em sua maioria de herdeiros da sesmaria. A casa de Naná Bahia, antes situada numa fazenda às margens do rio das Velhas, possivelmente a que é nomeada como Fazenda Pinhões, no diário de Dom Pedro, é um marco para o quilombo. A casa, que acolhia os dançantes da guarda de catopé de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões e os visitantes nos dias de festa para Nossa Senhora do Rosário, era situada onde hoje é a *praça na beira da BR* [MG 020]. *É por isso que o catopé dança a marimba e fecha a Festa de Nossa Senhora do Rosário lá, na praça.*



Imagem 08: Foto da Praça Naná Bahia vista desde a BR [MG 020]. Fonte: SANTOS, Samara Carvalho. Foto realizada em Oficina do Projeto Histórias e Sabedorias do Quilombo, LEIC/MG – CA 1625/001/2017, Patrocínio da Companhia Energética de Minas Gerais/CEMIG, 2017/2018. Acervo do projeto, fotos da exposição de lançamento do livro “Pinhões: histórias e sabedorias do Quilombo (ACMQP, 2018)”.

Ali tinha uma porteira. Todo mundo conhecia Seu Zé da porteira e Maria da porteira. Lá no fundo do vale tinha outra porteira, chamada Porteira da Mata. As

⁶⁶ Os diários de Dom Pedro II estão disponíveis em acervo digitalizado, Pinhões é citado no volume 24: <https://museuimperial.museus.gov.br/diarios/> (último acesso em setembro de 2025).

porteiras também funcionavam como marcador da *extrema* entre fazendas das sesmarias de Bicas e de Macaúbas. A colina, ao fundo da foto acima, *são terras de Nossa Senhora da Conceição. A minha avó era mucamba em Macaúbas, veio do Morro Vermelho, perdeu os pais para a gripe espanhola e foi trazida para o mosteiro, achando que ia estudar, coitada, mas foi feita mucamba*, relata uma das participantes da oficina⁶⁷ que vão localizando as *famílias* aos vínculos com as fazendas.

Os Carvalhos vieram de Lagoa Santa pra trabalhar para os Damásio, o pai da minha sogra e o pai do meu sogro vieram de Lagoa Santa, eram irmãos. Os Damásios, também conhecidos como Damas, tinham outras fazendas. José Firminio Damásio era casado com Naná Bahia. Veio de André Quicé⁶⁸ pra cá. Mas tem o *povo de assinatura Santos, mesmo, veio de Vargem Grande, pra ser escravizado aí, em Naná Bahia. Vargem Grande também é quilombo, faz parte do Quilombo. E casa branca também.* Risos. Vargem Grande está localizado em domínios antes pertencentes a sesmaria de Macaúbas. Casa Branca é um loteamento efetivado na década de 1980⁶⁹, em terras antes pertencentes aos domínios da sesmaria de Bicas. Os risos revelam a complexa relação que configura o território e as compreensões do que pode ser entendido como quilombo e como território quilombola. Posse, uso das terras, negociações. *Raízes.*

⁶⁷É importante ressaltar aqui que a oficina foi realizada com o intuito de construir dentro do espectro de membros da associação quilombola do quilombo de Pinhões reflexões e compreensões sobre território visando subsidiar a escrita de ofício de solicitação de celeridade do INCRA para a elaboração do RTID e dos demais passos para efetivação da regularização do território quilombola. A construção de compreensões conjuntas sobre território, também tiveram como pano de fundo os passos a serem dados para a elaboração de protocolos de consulta do Quilombo. Em julho de 2024, lideranças do Quilombo de Pinhões participaram da Oficina “Protocolos Autônomos em contextos de Conflitos Socioambientais e Violações de Direitos de Povos e Comunidades Tradicionais”, ofertada na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia na Universidade Federal de Minas Gerais. A Associação Quilombola do Quilombo de Pinhões compreende que a definição dos limites do território a ser pleiteado para regularização e a construção de protocolos de consulta ao quilombo são processos a serem elaborados em articulação com outras coletividades que compõem o quilombo, portanto, estão *trabalhando* as compreensões e estratégias para compor os espaços e formatos de produção destes.

⁶⁸ Outra localidade do município de Santa Luzia, próxima aos limites entre Santa Luzia e Taquaraçu.

⁶⁹ O loteamento Casa Branca foi efetivado em terras reconhecidas pelos quilombolas como terras de Pinhões. As narrativas em torno do loteamento versam de ilegalidades no processo que impediram que os compradores efetivassem a documentação, o que levou a um segundo movimento de ocupação dos lotes e pela luta dos moradores da região pelo acesso aos serviços básicos (DIAS, 2015). Cunha (2022) também discute sobre o loteamento Casa Branca.

Ali, onde é o loteamento, era terra de Arsênio, era mata e capoeira, era onde ele colocava gado. Meu marido também colocava gado lá. Relatam que as mulheres buscavam lenha na mata e na capoeira nas terras da fazenda onde foi efetivado o loteamento. As terras do loteamento são entendidas como parte do território, compõem práticas e memórias de usos compartilhados tecidos por relações de arrendamento, trabalho e parentesco. *Eram terras de Arsênio.* Os descendentes de Arsênio são entendidos como *das famílias raízes* do Quilombo. Quem, da família Carvalho, negociava com ele pra colocar gado também *teceu raiz*. Os Carvalhos vieram pra *trabalhar*, ajudaram a *construir o quilombo*. A *família Santos*, que veio da Vargem Grande, também é *raiz do quilombo*. Aliás, Vargem Grande mesmo *é parte do quilombo*. Camadas de tempo e relações.

Eu acho que o quilombo começa lá no Rio Vermelho. A Usina, também [é quilombo]. Era uma fazenda de escravos. E forneceu a luz. Quando a luz chegou aqui, a luz vinha de lá. O Angu Duro, que tem o nome de Angu Duro porque lá teve senzala. Os Damas tinham terra também em Angu Duro. Cruzeiro da Pedra D'Água. A gente ia lá rezar, levantar bandeira, de Santo Antônio, de São João, de Santa Cruz. A gente era pequena. Até minha infância a gente ia. O que corresponde a aproximadamente sessenta anos atrás. Olha, pensando bem, o começo [do quilombo] mesmo é lá no córrego que hoje chama córrego do Tenente. O córrego marcava a outra ponta da divisa da sesmária de Bicas, local que a partir dos anos 1950, foi transformado em bairro, o bairro Industrial Americano. Se for revirar tudo. Vai de uma ponta até outra. A parte que termina o quilombo é onde o Rio Vermelho encontra com o Rio das Velhas. Lá onde é a ponte de Macaúbas. O Rio Vermelho dá uma volta enorme em Pinhões, passa na Usina, em Pau D'óleo. Papai trabalhava na usina. O Quilombo recebeu iluminação em 1952. Energia tirada do Rio Vermelho.

O prefeito Raul Teixeira [gestão de 1952] também foi quem furou uma cisterna pública no quilombo. *Conceição Cândida, avó de Thiago, mulher guerreira aqui de Pinhões, foi quem deu um pedaço do quintal dela pra fazer.*

Começo. Meio. Começo (SANTOS, 2015). Começa na Igrejinha de Nossa Senhora da Conceição, ou melhor, no córrego, pra frente da Igrejinha, passa pelo cemitério dos escravos, dá a volta junto com o Rio Vermelho, terras de Nossa Senhora do Rosário, e termina onde o Rio Vermelho encontra com o Rio das Velhas, e novamente encontra a senhora da Conceição, terras dela, Mosteiro de Macaúbas. Quantos começos

tem um quilombo? Quantas camadas de tempo e espaço compõem um quilombo? Sustentam, forjam, constituem um território?

Os contornos do quilombo e da compreensão do território vão alinhando lugares e pessoas envolvidos e implicados de algum modo na manutenção das condições de vida em Pinhões. O quilombo. Começa em um córrego, termina no encontro do Rio Vermelho com o Rio das Velhas. Alinhava territórios santos. Da *igrejinha de Nossa Senhora da Conceição*, nos Fechos, passa pelo *cemitério dos escravos*, alcança o Rio Vermelho até ele encontrar o Rio das Velhas. *O Rio Vermelho que faz parte, né? Do quilombo*. Era no Rio Vermelho que as *lavadeiras* traziam sustento para as *famílias*.

O Rio Vermelho não tem água nenhuma, as donas [...] saía tudo com trouxa de roupa, e ia a pé lá no Rio Vermelho, lavar roupa. Lavava roupa lá no Rio Vermelho as dona. E vinha de tarde com aquele monte de roupa, tudo lavada, a água era clarinha... tinha peixe, no Rio Vermelho, hoje não tem nada, acabou. Tá tudo seco”
(ACMQP, 2018, Ledino, p.13)

As compreensões da composição do quilombo vão agregando a constituição de elementos fundamentais para a existência comunitária. *Usina* pode ser entendida como parte do quilombo porque além de ter sido *fazenda de escravos* foi de onde veio a energia elétrica que abasteceu por décadas o quilombo. *Algumas famílias vieram de lá*. Fizeram casamento aqui. Relembra de seus pais, seus casamentos, dos vizinhos. *Famílias raízes*. Relembra *histórias da família de Zé Thomas*, que foi casado com Sá Chica, que era de *Jaboticatubas, onde tem o quilombo de Matição*. Zé Thomas, era daqui, era filho de Sá Raquel, que foi mãe de Zé Thomas, Durvalina, Sá Lucinda e *vários outros filhos, ela teve*. *Zé Thomas era pai de Dona Rosalina*, rainha perpétua da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Dona Rosalina foi homenageada pela prefeitura de Santa Luzia, com eleição popular online, realizada em 2020, *tempo da pandemia*. Seu nome está na calçada da fama de Santa Luzia, como Rainha Perpétua da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões. Vão situando as famílias, os casamentos, e histórias de trocas de terreno entre trabalhadores das fazendas.

As memórias alinhavam relações do período da escravidão com as modulações de relações de trabalho, usos e posse de terra no pós-escravidão, em contornos e curvas do

tempo, que vão tramando relações implicadas na composição do território. O quilombo se faz com e na contraposição com a fazenda⁷⁰. *Todo mundo planta.*

Maria Geralda - *Apolinário é a família dos Bembem da fazenda Rucinha, hoje Fazenda Rio Vermelho, essa fazenda aí em Rio Vermelho tudo pertencia a fazenda da família Bembem. [...] Apolinário lá debaixo da rua da Tenda é o mesmo Apolinário lá de cima da Fazenda, lá de cima, que vieram lá da fazenda. Porque o terreno lá, a terra lá da Fazenda era uma terra assim, ruim para produção, então eles vieram para a beirada do rio das Velhas. (ACMQP, 2018, p.27-28)*

Guerino - *Meu pai plantava arroz, feijão, milho... quiabo, jiló, tomate, batata doce [...] Então nós alimentava daquilo que nós plantava... a qualidade! Eu socava arroz todo dia!*

É uma característica da comunidade né? Que plantava muito...Até no quintal da sua casa plantava!

Guerino - *Até os fazendeiros também, eles sobreviviam daqueles meieiro, porque eles tinha as terras mas num tinha a mão de obra pra tocá as fazenda, e eles dava as terras, a meia...e preparava a terra. A meia da fazenda é o seguinte – a meia ele dava a terra, preparava a terra, e a semente... o meieiro entrava cultivando, colhia e dividia cinquenta por cento. [...] muitas vezes ele preferia fazer isso do que o arrendo. Quando você arrenda uma terra por um determinado tempo, você colhe ou não, você tem que cumprir aquele... pagamento, e às vezes cê num tinha aonde tirá. Então, aqui, num vou dizer cem por cento, mas setenta por cento da comunidade de Pinhões vivia dessa forma. (ACMQP, 2018, p. 34-35).*

Seu Hélio – *Aqui nós fazia panela, cortava, é, trabalhava na roça. De noite ia quebrar coco [macaúba] pra vender. A gente trabalhava pra essas fazenda aqui. Nossa Senhora da Aparecida! Vivia na roça. Largava serviço cinco horas. Quando era cinco horas chegava em casa tomava um banho e ia pra tenda de coco quebrar coco, pra vender, carocinho pra vender, descascar, até meia noite, pra depois dormir. E levantar cedinho ainda. A vida era dura. [...]Dinheiro você não tinha [...] Era um movimento danado. Lá [fazenda Santa Helena] você não ganhava dinheiro não. Eles pôs um armazém, pôs açougue, pôs uma loja, e quando era final do mês pagava a gente com vale, pra você gastar lá mesmo. O que você ganhava você gastava lá, você comprava os mantimentos lá. (ACMQP, 2018, 31-32).*

⁷⁰ “A fazenda consolidada e a fazenda em formação, a primeira *dominium* e a segunda domínio, são faces da mesma moeda, expressão de uma mesmo formato de apropriação do **trabalho** alheio: transformar aqueles que estão à sua própria disposição em lavradores à disposição de outrem” (MOURA, 1988, p.131 – grifos da autora)



Imagem 09: “Barco no rio das velhas”. Foto tirada desde a margem direita do rio das Velhas, no fundo do quintal de uma das casas do Quilombo. Fonte: EVANGELISTA, Alenise dos Santos Carmo (ACMQP, 2018, p. 36-37).

A manutenção e criação da vida evidenciam arranjos de ocupação e uso das terras mais próximas ao rio das Velhas, com maior potencial produtivo. Traz à tona mais camadas na composição do território, nessa convivência simultânea entre aqueles que detêm terras, e as movências de trabalhadores, descendentes de escravizados, em terras cedidas, trocadas e compartilhadas para trabalho e moradia. Voltando às narrativas produzidas na oficina de mapeamento: *O rio das Velhas é onde encontra os limites do município de Santa Luzia e Lagoa Santa. Mas o quilombo veio antes do município, né, de Lagoa Santa.* As proximidades da margem direita do Rio das Velhas é a região mais densamente ocupada do Quilombo de Pinhões. *O miolo de Pinhões.* Como exposto, Pinhões, ou melhor dizendo, *o miolo de Pinhões, fica entre duas colinas. Duas serras perpendiculares ao rio das Velhas.* Na imagem 08, a área da colina, visível na foto, como também já exposto, é entendida como terras de Nossa Senhora da Conceição. Na mesma foto, à esquerda do que seria uma continuação da fotografia, está a outra colina. Terras de Nossa Senhora do Rosário.

Segundo *os antigos*, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões foi construída sobre parte de um antigo cemitério do Quilombo, e próxima ao cruzeiro, onde era realizada a Festa de Santa Cruz. O cruzeiro era espaço sagrado importante no Quilombo antes da construção da Igreja. Os moradores *mais antigos* contam que no

cruzeiro se tocava *candombe*⁷¹. Nas narrativas sobre as histórias de fundação do Quilombo o encerramento da prática do *candombe e batuque ao pé do cruzeiro* é apontado como condição para a construção da Igreja na virada do século XIX para o século XX (DIAS, 2015). O cruzeiro foi mantido no mesmo local e, portanto, assim como a Igreja de Nossa Senhora do Rosário,⁷² está localizado em parte alta do Quilombo *alinhados* com a *lapa de pedra*. A *lapa de pedra* fica localizada na *colina*, também chamada pelos moradores do quilombo de *serra*. Área de mata, composta por cavernas e pedras, em domínios antes pertencentes às sesmarias de Bicas. Segundo os *mais antigos*, no dia de Santo Antônio era possível escutar à *meia noite uma campainha vindo da lapa* (ACMQP, 2018). Os *mais antigos* afirmavam também que há uma imagem de Nossa Senhora do Rosário que habita a *lapa* e remetem as performances do congado na Festa de Nossa Senhora do Rosário ao resgate da Imagem na *lapa*⁷³. Há quem diga que a *lapa foi fechada a mando* do padre João de Santo Antônio, responsável pela construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões.

A *lapa de pedra*, também chamada de *gruta*, habita narrativas que alcançam o período da escravidão. Alguns dos *mais antigos* indicavam que a *lapa* fora utilizada para esconder crianças quando do período da escravidão, evitando assim que as mesmas

⁷¹ O candombe se refere ao conjunto de três tambores sagrados que conseguiram buscar Nossa Senhora do Rosário nas águas ou lapa de pedra, a depender da variação mitopoética (MARTINS, 2021a [1997]). Seu Ledino conta brevemente sobre: “O candombe aqui nós tinha três candombe. O congado, quando ele subia aqui, eles levantavam viola. [...] O candombe era junto com o catopé. Quando levantava a viola o Candombe tocava junto, era só negro de categoria. Hoje em dia acabou, o Congado sobe e não tem Candombe nem nada.” Ledino, ACMQP, 2018, p. 50 e 51). Atualmente o Quilombo do Açude, localizado na Serra do Cipó, município próximo à região do Quilombo de Pinhões, perpetua o candombe, assim como o Quilombo de Mato Tição, localizado no município de Jaboticatubas. Todos municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Quilombolas do Açude realizaram, durante a pandemia da COVID-19, um documentário sobre o candombe ressaltando sua importância: “O candombe só precisa do tambor, nós reunidos, nossa senhora do Rosário e a terra. A energia da terra”. Documentário disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=yh5uM6BtB1M&ab_channel=DaniloCandombe (último acesso em agosto de 2025).

⁷² A área onde está construída a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões é composta pela Igreja, adro e cruzeiro. Atrás da Igreja consta um cemitério datado da mesma época da construção da Igreja (1906 aproximadamente). Casa Paroquial, tombada pelo município pelo Decreto 2.133/2008 (<https://www.santaluzia.mg.gov.br/v2/wp-content/uploads/2019/12/Decreto-n%C2%BA-2133.pdf.pdf>) juntamente com a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, velório, centro catequético. Quadra poliesportiva equipada com cozinha e banheiro construída pela comunidade através de mutirão (data). Todos estes equipamentos, muitos dos quais entendidos como os únicos espaços de sociabilidade do Quilombo, estão em terras da Igreja, doravante domínios da Sesmaria de Bicas.

⁷³ Abordaremos com maior atenção no capítulo 03.

fossem escravizadas ou vendidas. Atualmente a *colina* onde se localiza a *lapa de pedra* configura-se como propriedade particular, restringindo o acesso dos quilombolas à área.

Território. Tecido a partir de feixes de relações que vão se alterando ao longo do tempo, implicando condições, contorno, limites, viabilidades e inviabilidades de relações, com a terra e os demais sujeitos que o compõem – os rios, as matas, a *lapa*. As *raízes* parecem ser acionadas como modulação capaz de carregar tudo isso. Carregam feixes de relações. As *raízes* parecem ser locus importante de repertório, depósito cumulativo de heranças, transmitidas e alimentadas pelas *famílias*, nos quintais e *terreiros*. Alimentadas no cotidiano. Celebradas e abertas, nas festas. No seio da família, na condição de *famílias raízes*, parece estar grande parte da viabilidade de perpetuação do quilombo.

Perpetuadas nas ‘Artesanias das práticas sociais’, como nomeado por Debora Rodrigues Azevedo Silva (2020), quilombola de Pinhões, em sua dissertação de mestrado em educação, o conjunto de ‘tradições’ praticadas pelas mulheres na sustentação da vida do/no Quilombo (SILVA, 2020; DIAS, 2015). *Paneleiras, balaieras, benzedadeiras, cozinheiras*, alimentam há gerações as *raízes* que alinhavam o território do Quilombo. Nas *extremas*. Um arranjo no qual não se trata de superar as *extremas*, mas de conviver, de compor modos de vida nas *extremas*, transformando intencionalidades de ruptura, vigia e limite, em fronteira, em diferenciação, em produção e reconhecimento da diversidade de ‘tempo’ e ‘relação’. Território existencial (DELEUZE & GUATTARI, 1980) que, enquanto tal, se “relaciona com outros territórios”, mas também pode ser entendido “ele próprio[,] um feixe de relações de diferentes escalas, produto de formas específicas de se relacionar” (PERUTTI, 2015, p.10):

Ou seja, trata-se de um lugar produto de relações em relação com outros lugares, que por sua vez também são concebidos pelas relações que os produzem continuamente. [...] [uma noção de território que pode ser tomado também] enquanto lugar de memória [...] entendida menos como um objeto e mais como uma prática, um ‘ato (de rememorar) que conecta diversos tempos’ ([MELLO], 2012:72) e, acrescento, que **conecta relações de diversos tempos. [...] não se trata apenas de memórias sobre um território dado, mas também a memória enquanto produtora de território** (PERUTTI, 2015, p.10 e 11 – **grifos nossos**).

As movências e as costuras que tecem o Quilombo de Pinhões nas *extremas* parecem alinhar e mover também tempos e territórios. As curvas movem memórias em relações de ancestralidade. Evidenciam as relações como fundamento em movimento.

Aquela insistência da morte que fixa o tempo no ‘evento racial’ (SILVA, 2016) é espiralada (MARTINS, 2021) em *feira e famílias* que, sendo *raízes*, parecem carregar em si as potências produtivas das relações. Tomam as relações por elas mesmas (STRATHERN, 2014) na composição do Quilombo. O quilombo extrapola não naquilo que ele tem de conjunto, de transcendência, mas naquilo que ele tem de diversidade, multiplicidade.

As ‘linhas de fuga’ assumem três características. Traição. Trai potências fixas que as detinham. Escapam – ‘teimam’, ‘contrariam’ - ao que insiste em deter. Fixar. A *confiança* de quem manda fazer *extremas*. Na *mistura* de *namoros e casamentos* onde o *mando* prevê vigia da propriedade, o quilombo alinhava novos territórios, tece *raízes*. “Seguir para o deserto” (DELEUZE et al; 2008). Em meio ao terror da escravidão que fundamenta a fazenda (MBEMBE, 2020), aos escombros, ruínas e dominação, fazem *família*. Fundam novos territórios no processo. Fazem *festas*. Descentralizam. Um Quilombo formado por *famílias raízes*. Assim mesmo, no plural, tanto as *famílias* como as *raízes*. E as *festas*. ‘Contra colonial’ (SANTOS, 2015)⁷⁴.

A ‘trajetória’⁷⁵ do Quilombo de Pinhões é desafiadora. Há mais de 300 anos fazem *comunidade* nas *extremas*, assumem a *confiança* para si, costurando por dentro sem fazer-se o mesmo. Fazem *raízes*. Reconhecem a profundidade do que *misturam*. Almejaram dividir, demarcar. Os(as) sabidos quilombolas ao fazer *muros*, fizeram também *famílias*. Levantaram paredes de mosteiros e fazendas e também de suas *casas*. Fizeram *casamento, festa*, Quilombo. Fizeram das *extremas* ‘envolvimento’⁷⁶(SANTOS, 2015).

Em ‘confluência’ (SANTOS, 2015) costuram os limites, tomam as *extremas* por fronteiras, assumindo o diálogo como possibilidade e condição. Assumem, assim, a diferença como estatuto, no estabelecer das relações. É *gente* que pede *licença* pra Nossa Senhora do Rosário: “*Oh senhora do Rosário, vós nos dá licença, seus pretinhos devotos,*

⁷⁴ “Vamos compreender por colonização todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra. E vamos compreender por contracolônização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios.” (BISPO dos SANTOS, 2015, p.48)

⁷⁵ Trajetória no sentido posto por Antônio Bispo (2015). Segundo ele todos os povos têm trajetória, porém cada trajetória sustenta um tipo de ação ou sustenta um lugar de atuação, uma tomada de decisão.

⁷⁶ Como posto pelo mestre quilombola Nego Bispo (2015), onde a colonização propõe desenvolvimento, a contracolônização promove ‘envolvimento’. Operando pela lógica da propriedade privada, os colonialistas presumem limites, divisas. A contracolônização faz ‘**fronteiras de possível diálogo**’ (SANTOS, et al, 2022, p.13 – grifos nossos).

larowê, vai fazer vossa festa!”(ACMQP, 2018, Seu Onofre, *In Memoriam*)⁷⁷. Povo que canta. *Canta pra rezar*. Pra abrir reunião. Pra *acolher quem chega*. Pra *abrilhantar*. A costura é feita com linha, carrega em si a ‘fuga’. Forja *família*. Com as *heranças* carregadas pelas *raízes* alimentam a força do santo na terra. Espirala (MARTINS, 2021), curva, vai pra frente e pra trás: “a ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide” (MARTINS, 2021, p.59). As *raízes*, na condição de ‘linha’ e ‘fuga’, costuram *famílias e festas* alinhavando ‘terra’, ‘tempo’ e ‘território’.

⁷⁷ Seu Onofre foi membro honroso da Guarda de Catopé de Nossa Senhora do Rosário, e faleceu no ano de 2021. *Tempo da pandemia. Foram muitas perdas*. Escutei várias vezes, nas muitas ligações telefônicas que troquei com minhas amigas do quilombo de Pinhões ao longo de 2020 e 2021. O trecho do canto citado foi proferido por ele quando das conversas e entrevistas para composição do livro “Pinhões: histórias e sabedorias do Quilombo” (ACMQP, 2018). Seu canto preferido, disse.

CAPÍTULO 2

Raízes: fazer casa, família e quilombo



Imagem 10: “Roupas no varal”. Aláise dos Santos Carmos Evangelista (ACMQP, 2018, p.21)

Raiz. Segundo Houaiss (2001), substantivo feminino. Base de algo. Elemento que forma a base de uma palavra. “Mínimo segmento lexical de uma língua, [...] que teria dado origem às formas posteriores de uma ou várias línguas aparentadas”. “Aquilo que provoca, ocasiona ou determina uma atitude, um acontecimento, a existência de algo”. Fonte. Origem. Fundamento. Fixo ao solo ou constituído pelo próprio solo. (HOUAISS, 2021, p. 2379). Assume, geralmente, característica subterrânea. Com crescimento em direção ao solo, viabiliza fixação e absorção de nutrientes e água. É capaz de promover armazenamento e reserva de substâncias essenciais para sobrevivência (ALMEIDA, 2014)⁷⁸.

Foi remetendo a viabilidade da vida que a noção de *raiz* me saltou aos olhos. Era Romaria dos povos e das águas. Maio 2022. Em protesto e denúncia contra a construção do RodoAnel a Comissão Pastoral da Terra organizou a romaria em articulação com diversos movimentos sociais da Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG – cito alguns deles: S.O.S Vargem das Flores, Salve Santa Luzia, Movimentos Todos Contra o Rodoanel, Movimento Negro Unificado, contando também com a participação de

⁷⁸Almeida, Marcílio de Morfologia da raiz de plantas com sementes [recurso eletrônico] / Marcílio de Almeida e Cristina Vieira de Almeida. - - Piracicaba: ESALQ/USP, 2014. 71 p. : il. (Coleção Botânica, 1). Disponível em: https://www.esalq.usp.br/biblioteca/pdf/morfologia_raiz.pdf (acessado em abril de 2025).

deputadas estaduais da Frente Parlamentar Contra o Rodoanel⁷⁹. Com apoio do caminhão da Central Única dos Trabalhadores/CUT, a romaria foi iniciada no Cemitério dos Escravos rumo ao Quilombo de Pinhões, passando pela MG020, somando aproximadamente três quilômetros.

Foi na romaria que conheci Renata. Com sorriso emocionado ela conduzia a imagem de Nossa Senhora Aparecida, caminhando à frente dos romeiros. Fomos apresentadas por Glaucon, diante do Cemitério dos Escravos enquanto se empreendia a organização e abertura da romaria. *Essa é Renata, Lúnia, ela reconhece que a raiz dela é de Pinhões, mora lá no meu bairro, no Industrial Americano*⁸⁰. *Tô te falando, se for ver meu bairro é todo quilombola. Risos. Santa Luzia é cheia de quilombola.* Renata e eu nos abraçamos. A imagem de nossa senhora no meio do abraço. *Risos. Ela me conta. É menina, minha raiz é de lá [de Pinhões]. Minha avó trabalhava aqui nessa Fazenda das Bicas. Depois você tem que ir lá em casa, na casa do meu avô, pra eu te mostrar minhas raízes lá.* Trocamos contatos telefônicos. Seguimos a romaria trocando olhares e sorrisos. Era deveras emocionante fazer aquele percurso a pé. Em algum lugar me remetia a uma refeitura do tempo. Sair do cemitério, onde estão enterrados ancestrais do quilombo de

⁷⁹ Para mais informações sobre a Romaria ver: <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/18/em-santa-luzia-mg-romaria-denuncia-impactos-do-rodoanel-nas-comunidades-quilombolas/#:~:text=Em%20Santa%20Luzia%2C%20na%20Regi%C3%A3o%20Metropolitana%20de,Pinh%C3%B5es%2C%20onde%20encerram%20a%20caminhada%20%C3%A0s%2010h.> E <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/18/artigo-romaria-em-santa-luzia-defende-quilombos-da-rmbh-contra-rodoanel/#:~:text=A%20Romaria%20dos%20Povos%2C%20das,dos%20Escravos%2C%20contra%20o%20Rodoanel.>

⁸⁰ O bairro Industrial Americano foi criado a primeira metade do século XX na outra extremidade da doravante Sesmaria de Bicas, marcada pelo córrego do Tenente. De acordo com os conhecimentos e memória de moradores do Quilombo de Pinhões e do bairro Industrial Americano – além da visita à casa do avô de Renata, realizei entrevista com Glaucon Durães, também morador do bairro -, os domínios da Sesmaria de Bicas abrangiam do córrego do Tenente às cercanias das margens do Rio Vermelho, onde está localizado o principal núcleo de habitações do Quilombo de Pinhões. Os avôs de Renata conseguiram adquirir um terreno no processo de loteamento da região efetivado próximo aos anos de 1950, segundo ela com a *ajuda* dos descendentes da Fazenda de Bicas, para quem sua avó trabalhou. Os dados e informações sobre o bairro Industrial Americano foram produzidos a partir de entrevista realizada com Glaucon Durães, mestre e doutorando em Ciências Sociais, morador e pesquisador de Santa Luzia.

Pinhões rumo ao Quilombo. Não era desfazer o tempo. Ou andar ao contrário. Soava, para mim, como uma curva, aquela do ‘tempo espiralar’⁸¹ (MARTINS, 2021).

Este processo e a visita à *casa* de Renata, empreendida anos depois, em 2024, (re)situaram minhas percepções sobre as *raízes*. Ou, melhor dizendo, me reposicionaram diante das potências e das agências por elas empreendidas. Descreverei com maiores detalhes as visitas, porque de algum modo foram mais de uma, adiante neste capítulo. Por ora, aciono estes eventos na intenção de situar a perspectiva que pretendemos assumir.

Ao visitar a *casa* de Renata, reconhecida como *casa* de seu avô, inclusive por este *construída, com a terra do próprio terreno*, ao apresentar os elementos que compõem a mesma e seus modos de disposição – os modos como foram plantadas as árvores e as plantas no quintal, por exemplo –, Renata me narrava um conjunto de conhecimentos, práticas, comportamentos e modos de relação que conformavam sua *casa*. Compunham cotidianos. Informavam sobre o mundo. Viabilizam a vida diante deste mundo. Um mundo estruturado a partir do ‘terror da escravidão’ (MEMBE, 2020). *Eu acho que eu cheguei aonde cheguei porque eu tenho essa raiz. A raiz te põe forte*. Me disse Renata.

Como indicado no capítulo 01, as *raízes* são acionadas no *Quilombo de Pinhões* como qualidade das *famílias*. *Famílias raízes*. Um termo que em sua utilização conjunta mobiliza a composição do Quilombo quando instados a tal. Diante da pandemia da COVID-19 a definição dos critérios para vacinação prioritária, conquistada pela CONAQ⁸², foi elaborada pela Associação Quilombola do Quilombo de Pinhões/Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões a partir da realização de uma roda de conversa com os *mais antigos, os mais velhos, representantes das famílias raízes*. Uma espécie de ‘conselho de anciões’⁸³.

⁸¹ “A ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide. Um tempo ontologicamente experimentado como movimentos contíguos e simultâneos de retroação, prospecção e reversibilidades, dilatação, expansão e contenção, contração e descontração, sincronia de instâncias compostas de presente, passado e futuro. [...] Essa complexidade ontológica, na qual o tempo gira para a frente e para trás, constituindo o presente [...]” (MARTINS, 2021, p. 63).

⁸²Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. Para mais informações: <https://conaq.org.br/>.

⁸³ Destacamos aqui pressupostos de hierarquia e respeito aos mais velhos, ou mais antigos, como também chamados. Aspectos em torno da importância dada ao respeito e até devoção aos mais velhos são apontadas por Oyèronké Oyewùmí (2017) como critério organizativo do povo iorubá. Hampate Bâ (2010) em suas análises ressalta a valorização das pessoas reconhecidas como lócus de tradição e conhecimento

Representantes das famílias raízes também foi o critério construído para seleção dos entrevistados para a elaboração do livro ‘Pinhões: histórias e sabedorias do quilombo’. No caso do livro, o processo de seleção de tais *representantes*, tomou proporções que dobraram a contagem inicial prevista no projeto. Ouso dizer que o fim da listagem/seleção foi, em verdade, provocada pelo prazo da burocracia do projeto⁸⁴. Recordo que, dias antes do evento de lançamento do livro no *Quilombo de Pinhões* – dezembro de 2018, promovido pela Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões -, na qualidade de co-coordenadora do projeto⁸⁵, fui mobilizada por membros da Associação a acompanhar uma visita à *casa* de Seu Raimundo (*in memoriam*⁸⁶), *família raiz de Pinhões*.

Seu Raimundo *mora em Contagem*⁸⁷ há muitos anos, não deu tempo de entrevistar para o livro, mas **não pode ficar de fora**⁸⁸. Pensamos em fazer um vídeo e passar no evento. Vamos aproveitar e levar o pai do meu marido, que também não foi entrevistado, é família raiz e é muito amigo dele [do Seu Raimundo]. *Aí matam a saudade e os dois*

produzindo guardiões da memória, instituindo a tradição viva no respeito aos guardiões de saberes em sociedades africanas. Estudos sobre a noção de griô ou griot e suas ressonâncias e pressupostos político filosóficos no Brasil são dissertados por Julio Souto Salom (2019) em sua tese “Quando chega o griô: conversas sobre linguagem e tempo com mestres afro-brasileiros.

⁸⁴ Um processo que me remete às reflexões desenvolvidas por Hartung (2013) sobre as investidas do Quilombo Invernada Paiol de Telha quando instado a listar os quilombolas para produção do cadastramento familiar do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação/RTID. Como delinear uma lista sem operar processos de exclusão? Para responder a demanda o quilombo empreendeu uma série de listagens descrevendo conjuntos de relações: “O resultado foram fichas e mais fichas acompanhadas de longas listas contendo nomes de parentes, relacionando-os entre si por meio dos laços os mais diversos [...]”. Diante da preocupação central “não esquecer nenhum parente [...], o levantamento dos nomes para a elaboração da lista para o cadastramento não se finalizava nunca” (2013, p. 347 e 348).

⁸⁵ Na execução do projeto “Histórias e Sabedorias do Quilombo”, viabilizado por financiamento via Lei Estadual de Incentivo à Cultura do Estado de Minas Gerais/LEIC (CA 1625/001/2017), assumi a função de coordenação colegiada com membros da Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões.

⁸⁶ Seu Raimundo faleceu em 2019.

⁸⁷ Assim como Santa Luzia, Contagem é município da Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG e integra o que é conhecido como Grande BH. A região tem ocupação colonial no início do século XVIII na instauração de posto de contagem e controle de mercadorias. No segundo quartel do século XX, Contagem foi designada a configurar-se como distrito industrial da região a partir da criação da Cidade Industrial Juventino Dias, em 1941 (IBGE, 2022).

⁸⁸ **Destaque nosso** à expressão que remete ao processo indicado na nota acima, referente ao ato de listar e selecionar e suas implicações.

aparecem no vídeo. Fomos em quatro pessoas. Uma delas sobrinha de Seu Raimundo, que também aproveitou a oportunidade. Em verdade, sua ida parecia ser fundamental aos princípios orientadores da ação. Seu pai, Antônio Bandola (*in memoriam*⁸⁹), quem tive o grande prazer de conhecer, nos idos de 2012, era(é) reconhecido pela sua devoção a Santo Antônio, para quem acendia fogueira e levantava bandeira. *Sabia rezar missa em latim*. Conhecido pelo seu escopo de conhecimentos religiosos. Sua *família* veio do Mosteiro de Macaúbas. *Terras de Nossa Senhora da Conceição. Conceição*. Nome que carregam no sobrenome. Filho de Marco Gerônimo, conhecido benzedor, personagem de histórias que apreciaremos adiante. Viabilizar a participação de Seu Raimundo, era, de algum modo, viabilizar a participação da *família* de Antônio Bandola, tomado como referência na ocasião, e, a presença de sua filha no diálogo com o tio, de algum modo, efetivava as relações. Sua presença e, também, a do *amigo* de Seu Raimundo, mobilizava as *raízes*. Encontros. Diálogos.

Relação. “Uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas”⁹⁰. Sobrinha. *Amigo*. Irmão. As relações parecem mobilizar as *raízes* ao mesmo tempo em que as *raízes* são capazes de mobilizar as relações. Nossos esforços aqui não tratam de delinear ou definir quem são as *famílias raízes*, ou mesmo listar uma gama de elementos e práticas que informam ou compõem as *raízes*, mas de apontar para modulações indicativas dessa relação – *famílias raízes* – e das mobilizações e agências empreendidas por elas [*raízes e famílias*]. Assim, neste capítulo dedicamos nossa atenção e esforços em nos aproximar do que fazem as *raízes*, suas mobilizações e agências. Aliadas às *famílias*, as *raízes* parecem armazenar conhecimentos e relações acionados pela memória, pelas práticas

⁸⁹ Antônio Bandola faleceu em 2013. Foi velado em casa. Recordo da fogueira na porta da casa. Acesa na beirada da calçada. *Para aquecer o frio da noite*.

⁹⁰ Ubuntu. Tomamos aqui a noção de ubuntu entendida enquanto ética e perspectiva das relações. Para o filósofo Renato Nogueira (2011) a “ética ubuntu” pode ser compreendida como “uma maneira afroperspectivista de resistência e configuração dos valores humanos em prol de uma comunidade que seja capaz de compartilhar a existência” (2011, p.147), implicando as existências umas nas outras. Alguns filósofos compreendem o ubuntu como filosofia africana a partir da constatação de sua presença em um vasto conjunto de povos no continente. “Vale dizer que a palavra *ubuntu* é compartilhada com a mesma grafia e transcrição fonológica para quatro grupos étnicos (ndebele, swati, xhosa e zulu). Outros povos bantufonos também têm palavras com o mesmo sentido” (NOGUEIRA, 2011, p.147). Para o sociólogo congolês Bas’Ilele Malomalo, “Esse pensamento é vivenciado por todos os povos da África negra tradicional e é traduzido em todas as suas línguas” (Entrevista concedida para Revista Instituto Humanitas Unisinos, Dez. 2010, disponível online: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3691-bas%E2%80%99ilele-malomalo>. – último acesso maio 2025).

cotidianas elaboradas nas *casas*, nos *terreiros* e nas *festas*. Parecem alinhar tempos. Prover relações. Laborar territórios.

Para seguir adiante vamos retomar algumas discussões empreendidas na dissertação de mestrado (DIAS, 2015) em torno da noção de *família*, acrescidas, claro, de novos pontos e perspectivas, com a intenção de situar a leitora nos arranjos e conformações da noção de *família*, *casa*, *terreiro* e *vizinhança*, *ajuda*, *amizade* e *hospitalidade*, para que, com elas e a partir delas possamos tentar compreender mobilizações e agências das *raízes*.

2.1 Casa, Família e vizinhança



Imagem 11: Plantas na varanda. Casa de Seu Hélio”. Samara Carvalho Santos (ACMQP, 2018, p.68)

No *Quilombo de Pinhões* a noção de *família*, mobiliza a noção de *casa* e contrapõem-se em algum sentido à noção de *vizinhança/vizinho*. O uso do termo *família* pode fazer menção ao que poderia ser chamado de família nuclear (casal e sua prole), mas não se restringe a esta. Um casal e sua prole podem constituir uma *casa*, mas, também esta, não se restringe a tal configuração. A primeira vez que os modos de utilizar o termo *casa* me chamou a atenção, foi nos idos de 2010, quando da realização de um trabalho para a disciplina de metodologia quantitativa I, durante a graduação em ciências sociais⁹¹.

⁹¹ Ao longo da graduação em ciências sociais na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais fomos conduzidos a elaborar e desenvolver projetos de pesquisa ao longo dos semestres vinculados às

Recordo que, logo nos primeiros dias de aplicação do questionário no *Quilombo de Pinhões*, diante da pergunta ‘quantas pessoas moram no domicílio?’, fomos questionadas: *como assim domicílio?* E num impulso substituímos domicílio por casa. *Ah... quantas pessoas moram aqui em casa?* E, diante do que, aos nossos olhos, desde a rua, se delimitava como um ‘domicílio’, uma construção em tijolos com cozinha, sala e dois quartos, nos foram narrados vinte e sete nomes, separados por algumas pausas para pensar e rememorar alguém que pudesse ter escapado da ‘listagem’. O que nos chamou a atenção à época⁹², foram as explicações elaboradas nas pausas para inclusão dos nomes: tem fulano, é, fulano *vem almoçar todos os dias, é primo né*; ciclana *dorme ali* [apontava para um domicílio do outro lado da rua] *mas passa a tarde aqui cuidando das crianças*; ciclano *vem todo final de semana*; e assim se seguiram as explicações das modalidades de relações e práticas que configuravam a composição da *casa*.

As *casas* se relacionam umas com as outras num arranjo que configura, em certo sentido, ‘territórios de parentesco’, no termo atribuído por Comerford (2003) e à noção de ‘configuração de casas’ de Marcelin (1999) (DIAS, 2015). Em Pinhões⁹³, as *casas* estão dispostas em *terrenos de herança*. Atualmente expressos em um arranjo geográfico mais próximo à ideia de bairro, como exposto no capítulo 01, em meio a duas *serras*, algumas fazendas, haras, rios – Rio das Velhas e Rio Vermelho – e, desde 2013, o Refúgio

disciplinas e, algumas vezes, articulando mais de uma disciplina. A partir do momento que conheci o Quilombo de Pinhões, em 2009, quando cursava o terceiro período de ciências sociais, optei por desenvolver todos os trabalhos semestrais junto ao Quilombo, sempre, que possível, em articulação com demandas da Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões. Neste trabalho, realizado em conjunto com Yara de Cássia Alves, há época colega de graduação - hoje Dra. em antropologia pelo PPGAS/USP e professora na Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG - elaboramos um questionário para desenvolvimento de uma pesquisa por amostragem com objetivo de identificar grupos e organizações e produzir dados sobre ocupação e trabalho. As informações foram sistematizadas em um pequeno relatório entregue, há época, à Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões.

⁹² Voltei aos meus arquivos de anotações dos cadernos da época e aos questionários originais para alimentar e sustentar a recordação.

⁹³ Neste capítulo ao mencionar Pinhões estamos nos referindo ao *miolo*, como nomeado no capítulo 01, onde está a maior densidade demográfica, com a presença de equipamentos públicos, como escola, posto de saúde, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões, a Praça Naná Bahia, o campo de futebol, conformando características muito próxima de bairro, com algumas ruas calçadas e asfaltadas. Como indicado no capítulo 01 o Quilombo de Pinhões e o que pode vir a ser compreendido enquanto tal, porventura reivindicado como território quilombola a ser titulado, seus limites, relações com outras localidades tem configurações mais amplas do que olhos desatentos possam circunscrever como o ‘bairro’/quilombo.

Estadual da Vida Silvestre de Macaúbas⁹⁴. Os *terrenos*, de *herança*, se conforma(va)m como ‘chão de morada’⁹⁵, acolhendo as proles que construíram no mesmo *terreno*. Um arranjo no esquema casa-quintal em lotes, que contam hoje com pouco espaço para desempenhar atividades agropecuárias. Os lotes/terrenos tem diferenças significativas de tamanho e composição, a depender dos modos de aquisição, das histórias familiares e das escolhas possíveis.

Como apresentado no capítulo 01, ao longo dos séculos de existência, o *Quilombo de Pinhões* acolheu uma diversidade de populações, entre forros, escravizados e libertos que efetivaram no local suas ‘moradas’. A formação do Quilombo atravessa períodos da escravidão e do pós-abolição conformando uma diversidade nos modos de aquisição dos *terrenos*⁹⁶. No entanto, em sua maioria, são entendidos enquanto terras de *herança*

⁹⁴ O Refúgio Estadual da Vida Silvestre de Macaúbas foi criado em 2013 no contexto da implementação de projetos de desenvolvimento do vetor norte da Região Metropolitana de Belo Horizonte, dentre os quais estão a construção da cidade administrativa do governo do estado de Minas Gerais e a ampliação do aeroporto internacional de confins. A Reserva sobrepõe parte das *terras de Nossa Senhora da Conceição*, se sobrepondo, assim, ao que pode vir a ser reivindicado como território quilombola a ser regulamentado. Para mais informações sobre a Reserva da Vida Silvestre de Macaúbas ver: <https://ief.mg.gov.br/w/refugios-garantem-protecao-da-vida-silvestre-na-rmbh> e <https://uc.socioambiental.org/es/arp/5533>.

⁹⁵ A definição de ‘chão de morada’ é construída pela literatura antropológica dedicada à compreensão do camponês no Brasil e é produzida em articulação/contraposição com outros espaços, modos de produção e patronagem. Aqui acionamos a noção de ‘chão de morada’ em sua articulação com os arranjos postos no período da escravidão e pós-abolição, quando pessoas escravizadas na sesmaria de Bicas e na Sesmaria/Mosteiro de Macaúbas (que completou 300 anos em 2014) tiveram suas moradas estabelecidas nas *extremas* conformando o Quilombo de Pinhões, como exposto no capítulo 01, e mantendo as áreas de plantio e trabalho fora, digamos, de seus ‘domínios’, trabalhando em sistemas de arrendamento ou na condição de contratação por empreitada ou por dia/jornada, em condições muitas vezes assimétricas de negociação, como versado nos diálogos narrados na seção “Eu nasci e fui criado na lavoura” do livro “Pinhões: histórias e sabedorias do quilombo” (ACMQP, 2018). Utilizamos a noção de ‘chão de morada’ aqui para nos referir aos *terrenos*, que configuram os *terreiros* e *casas-quintais* das *famílias*, nas terras de *herança*, a fim de destacar o sentido de pertença e autonomia articulado à construção/configuração do ‘chão de morada’/‘lugar de morada’ observado pela literatura nas compreensões da campesinidade elaboradas em Woortmann (1983 – Sítio Camponês), Beatriz Heredia (2003 [1979] – Morada da Vida), Afranio Garcia Junior (1983) e Moarcir Palmeira (2009).

⁹⁶ O estabelecimento de análises mais aprofundadas sobre a diversidade de modos e temporalidades na aquisição dos *terrenos* e as formas de configuração das *heranças*, não couberam aos objetivos e esforços deste trabalho, porém são de fundamental importância e relevância para a compreensão e delimitação do território a ser regulamentado, enquanto Território Quilombola, portanto, acredito, caberá ao processo de elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação/RTID a ser desenvolvido pelo INCRA-MG. Cabe aqui mencionar, como já apresentado no capítulo 01 que a origem do Quilombo de Pinhões remetem a construção do Mosteiro de Macaúbas iniciada em 1714.

deixadas pelas gerações anteriores, adquiridas, de maneira geral via doação, pagamento por ‘reconhecimento de trabalho prestado’ ou troca. Os *terrenos*, na sua condição de *herança*, são compartilhados por *famílias*, conformando conjuntos/‘configurações de casas’(MARCELIN, 1999), quintais e *terreiros*.

Quando os quintais são compartilhados sem a presença de muros e/ou portões de acesso, configuram um *terreiro*. É comum você perguntar onde mora uma pessoa e indicarem, ah ela mora lá no *terreiro* de fulana, acionando a pessoa referência na sua relação. Quando não configuram um *terreiro*, as *casas* de uma mesma *família* costumam ter acesso umas às outras, geralmente pelos quintais, sem precisar acessar a rua (DIAS, 2015). Por quintais estamos chamando áreas dedicadas a pequenos plantios, criação de animais e lazer.

Terreiros e *casas*, configuram, assim ‘territórios de parentesco’ (COMERFORD, 2003). Para Comerford, os “territórios de parentesco [são] um fenômeno da ordem do discurso, da retórica e da hermenêutica nativa, mais do que de ordem topográfica, jurídica ou econômica” (2003, p.40). Em Pinhões eles são acionados no sentido de identificar localidades/regiões às *famílias* (DIAS, 2015). Aqui, *família* se remete a uma ‘configuração de casas’ (MARCELIN, 1999). Nas palavras de Marcelin:

A casa só existe no contexto de uma rede de unidades domésticas. Ela é pensada e vivida em interrelação com as outras casas que participam de sua construção no sentido simbólico e concreto. Ela faz parte de uma configuração. [De modo que] **a vida doméstica é produzida e articulada na linguagem das redes de apoio entre agentes familiares.** A configuração – que é a representação analítica de um dispositivo de posições articulando redes de casas – se dá em um ‘território’ histórica e socialmente construído. [Ela, a configuração de casas] não se refere a um conjunto imediatamente localizável. Ela não corresponde ao conceito de ‘família extensa’ (MARCELIN, 1999, p. 36 -37 – **grifos nossos**).

Quando do trabalho de campo para a realização da dissertação de mestrado, em 2014, aluguei uma pequena ‘casa’ na região conhecida como *Ambrósio*. A *casa* era do filho de Dona Marina, que a havia construído para morar nos anos iniciais de seu casamento enquanto adquiria um lote em uma área conhecida como *estrada nova*, antes domínio da Sesmaria de Macaúbas, *terras de Nossa Senhora da Conceição*, loteada na década de 1980, no movimento de expansão urbana na região aliado a construção da MG020, como mencionado no capítulo 01. O *terreno* onde se localiza a casa de Dona Marina é *herança* dos pais de seu marido, obedecendo a tendência de virilocalidade, na qual, diante do casamento as mulheres vão morar no *terreno* da *família* do marido (DIAS,

2015). O *terreno* já não é passível de acomodar construções dos filhos(as) de Dona Marina, sem comprometer o quintal. A filha mais nova de Dona Marina seguiu morando com a mãe, pra auxiliar nos *cuidados* com ela e com a *casa*. Composição que pude identificar em outras casas. De maneira geral uma das filhas fica em casa para assumir os cuidados e, caso efetive casamento constitui sua *família* na *casa* da mãe. Dona Marina mora, assim, com sua filha, seu genro e sua neta. Seu genro também é de *família raiz*, do Quilombo.

A *casa*, de dois cômodos com uma pequena cozinha, foi construída ao lado da *casa* de Dona Marina com acesso direto para a rua. Para alugar, a *casa* foi cercada por um pequeno muro, inviabilizando qualquer acesso pelos fundos. Recordo que o fato de ser *amiga* de Dona Marina, viabilizou a efetivação do aluguel temporário. Seu filho me afirmou que há algum tempo havia parado de alugar a *casa*, estava utilizando para guardar alguns materiais e ferramentas, *não dá pra deixar qualquer pessoa morando do lado de mãe. Não dá pra qualquer pessoa ser vizinho, né?*

De pronto minha ação foi lida por minhas demais amigas quilombolas, como maior afinidade com o *peçoal do Ambrósio*, com a *família* de Dona Marina, os *Carvalho*: *você tem muita amizade com ela, né? Mas é bom porque ela é minha comadre, a gente é muito amiga, é bom ser vizinha dela, porque ela ajuda muito as pessoas*. Fui sendo inserida num circuito de *ajuda*, *cuidados* e troca/partilha de comidas (DIAS, 2015). A canjica que recebi de Mirtes, casada com um dos filhos de Dona Marina que mora numa *casa* ao lado da sua, também foi regalada para Dona Marina (mãe do seu marido), e para Camila de Zé Carlos (sua *comadre*, *na verdade é cunhada, mas eu chamo de comadre*, me disse). No dia seguinte encontrei com Mirtes na rua caminhando, e no costume de assuntar os percursos ela perguntou de onde eu vinha e eu perguntei pra onde ela ia. *Eu tô indo levar a canjica pra minha família, lá embaixo* [se referindo à *casa* de sua mãe], *pra minha irmã e pro* [fala o nome do irmão] *que ele é solteiro né, aí eu sempre levo pra ele*.

Na dissertação (DIAS, 2015) refleti sobre as relações entre *casas* e os arranjos que, inspirada em Comerford (2003), chamei de processos de ‘familiarização’⁹⁷. Envolvendo toda uma terminologia de parentesco acionada quando a mulher casa e vai

⁹⁷ Comerford (2003), ao trabalhar com os sindicatos rurais na Zona da Mata mineira, num exercício de aguçar a atenção à expressão vastamente proferida de que o sindicato é “como uma família”, se dedicou a compreensão das relações entre estas instâncias e, nesse meandro ele identificou o que chamou de “formas tradicionais de familiarização [tais] como hospitalidade (inclusive na sua forma automobilística da carona), comensalidade, generosidade, prosa, brincadeiras” (COMERFORD, 2003, p.4).

residir nas terras do marido, na qual *cunhadas*, *amigas*, *vizinhas* e, até mesmo duas *irmãs* que se casaram com dois irmãos, se fazem *comadres*. As mulheres, em ações lidas como de *ajuda*, *cuidados* e troca/partilha de comidas, tecem redes que vão ligando *casas* e marcando, de certo modo sua pertença a sua *família*, digamos de origem, bem como sua pertença a *família* do marido.

Nessas ‘configurações’ (MARCELIN, 1999) as *casas* constituem o núcleo de uma *família* que se estabelece nas relações com as outras *casas* e tecem uma linguagem de parentesco efetuada nos planos de ação entre os sujeitos localizados nessa linguagem (DIAS, 2015). Ao habitar o núcleo familiar do marido, as mulheres são incorporadas à *família* dele. Para além de receber o nome da *família* do marido, e habitar – fazer sua *casa* - no *terreno/terreiro* da *família* dele, essas mulheres são incorporadas na linguagem de parentesco no momento em que os *familiares* do marido se tornam também seus. Mirtes, por exemplo, se refere à Dona Belonísia – tia de seu marido - como tia Belonísia; Dona Belonísia se refere à Maria Dolores – avó de seu falecido marido – como vovó Losinha⁹⁸ (DIAS, 2015). Nesse sentido, há uma produção extensa e intensa de ‘familiarização’, produzida por meio e a partir dos casamentos, assumindo linguagens que produzem vínculos e ligações de consanguinidade vertical com o parente aliado – aquele pertencente à outra *família* e com o qual se casa (DIAS, 2015). “Trata-se, se continuamos preocupados em não reificar tipos de família, de entender como se constroem, para além dos muros da casa e da cerca do quintal, conjunto de pessoas que se pensam na linguagem do parentesco” (ALMEIDA, 1986, p. 11). Nas palavras de Comerford (2003):

Mais do que pressupor a família como unidade de análise, as famílias são vistas como se fazendo e refazendo permanentemente umas diante das outras, em público – um público formado por famílias. Parece mais adequado portanto falar, em termos de análise, em processos de familiarização e desfamiliarização do que, propriamente, em famílias como unidades empiricamente delimitadas. (2003, p.128,129)

Como já mencionado, de maneira geral os *quintais* das *casas* de uma *família* se comunicam entre si, ou são compartilhados, conformando um *terreiro*. Diante de todo um

⁹⁸Losinha era o apelido de Maria Dolores. Um hábito recorrente em Pinhões sobretudo na geração dos pais da atual terceira idade, como é o caso de Losinha. Nas conversas muitas pessoas são lembradas pelos seus apelidos, não se conhecendo, em grande parte delas, o nome de registro. “*Eu sempre perguntava minha mãe como é que chamava seu avô? Ah...Seu Bembém! Mas não me falava o nome dele não*” (Maria do Carmo, julho 2014).

circuito que na dissertação identifiquei como circuito de trocas de comidas, mulheres alinhavam *terreiros* – entendido aqui enquanto um conjunto de casas que se apresentam como uma *família* – estabelecendo, portanto, relações entre *famílias* (DIAS, 2015). Aquilo que, em uma certa perspectiva pode ser tomado como troca – fundamento da reciprocidade e, portanto, marcador de alteridade -, em outra funciona como partilha. Os contornos das/entre *famílias*, *casas* e *terreiros*, fazem-se relativos. As *famílias* vão se fazendo “umas diante das outras, em público” (COMERFORD, 2003, p.128,129). Alargam pertencas. Ampliam as *casas* para além de uma concepção de domicílio.

Julho 2022. Gente, e esse tanto de roupa do catopé? Menciono ao chegar na *casa* de Dona Amaralina e observar uma pilha de roupa dos *dançantes* da Guarda de Catopé. Nas palavras do mestre Guerino, a *guarda de honra à Nossa Senhora do Rosário* do Quilombo de Pinhões. *Menina, tudo do povo aqui de casa*. Me responde Samara, filha de Dona Amaralina. “Uai, mas aqui na sua casa só tem dois *dançantes*, não? Seu irmão e seu filho”, pergunto. *Não menina, o povo tudo aqui de casa deixa as roupas pra eu ajeitar antes da festa* [Festa de Nossa Senhora do Rosário na qual o Catopé é parte fundamental, como veremos no capítulo 03]. *Aqui tem roupa do meu irmão que mora em Santa Luzia, do meu irmão que mora aqui, do sobrinho que mora lá embaixo* [região próxima a margem do Rio das Velhas], *vixe, é muita gente aqui em casa*. Não só as comidas circulam entre as *casas* através/com (d)as mulheres. Roupas e *cuidados* compõem *casas* e alinhavam *terreiros*.

Em Pinhões me parece que as *casas* são alinhavadas por mulheres. É dizer, ao casar e assumir uma nova *casa*, adentrando outra *família*, elas elaboram redes de trocas e partilhas. Me aventuro num exercício de compreensão. As comidas que Mirtes ofertou para as demais mulheres das *casas* do seu *terreiro*, permeadas por linguagens de parentesco que apontam para ‘processos de familiarização’(COMERFORD, 2003), fazem-se num campo de linha tênue de práticas que devem ser constantemente observadas, promovidas, literalmente alimentadas. As trocas estão para o campo da reciprocidade e pressupõe ao mesmo tempo em que promovem/marcam, alguma alteridade. O compartilhamento no seio da *família* do marido me parece a constituição de práticas visam promover/almejar partilha. É dizer, ao partilhar com as cunhadas/comadres e com mãe do marido/sogra, almeja-se fazer *casa* e compor *terreiro*. Somar em uma rede de partilha que assume como locus central, ou no caso aglutinador, a casa da mãe do(s) maridos(s). Explico. Além da canjica de Mirtes, quando vizinha de Dona Marina, ganhei também quitandas de Camila, casada com irmão do marido de Mirtes, compartilhando

acesso aos quintais com ela e com a mãe de seu(s) marido(s). Encontrei a canjica e as quitandas também na casa de Dona Marina. Mirtes e Camila trocam entre si canjica e quitanda e proveem a casa de Dona Marina, receptora das comidas, não imbuída na obrigatoriedade da troca, configurando, portanto, outra modalidade de relação. *Comadres* trocam entre si. Mulheres ofertam, partilham com as mães de seus maridos.

Passei o dia na *casa* de Dona Amaralina. Enquanto sua filha organizava as roupas do *povo de casa* pra identificar a necessidade de possíveis ajustes nas peças, Dona Amaralina estava diante de uma bacia de alho, os quais descascava com paciência e o bonito sorriso no rosto de sempre. Me juntei a ela na mesa da cozinha. *Fazendo tempero para compartilhar com suas filhas*. Risos. *Elas me pedem. Aí fica todo mundo com a comida com o gostinho de casa*. Uma das filhas de Dona Amaralina construiu no *terreno* e configurou *terreiro*. Os domicílios das demais filhas ficam do outro lado da rua e na cidade, em Santa Luzia. A *casa* é maior que o *terreiro*. Entre a troca e a partilha, compartilhamento, no sentido que ecoa o de Nego Bispo:

Quando ouço a palavra confluência ou a palavra compartilhamento pelo mundo, fico muito festivo. Quando ouço troca, entretanto, sempre digo: ‘Cuidado, não é troca, é compartilhamento’. Porque a troca significa um relógio por um relógio, um objeto por outro objeto, enquanto **no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham**. Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo uma recíproca desse afeto. **O afeto vai e vem. Compartilhamento é uma coisa que rende** (SANTOS, 2023, p.36 – grifos nossos)

Nas ‘configurações de *casas*’ (MARCELIN, 1999) nos *terreiros* há aquelas que centralizam, melhor dizendo, focalizam um polo de relação na partilha, irradiando/fornecendo e ao mesmo tempo recebendo. Na esteira da observação desenhada por Nego Bispo (2023) citada acima, “compartilhamento é uma coisa que rende”. Alinhava *casas* e *terreiros*, compondo *famílias*.

2.1.1 *Nosso jeito de cuidar: hospitalidade, ajuda e amizade*

A primeira vez que a noção de *amizade* me chamou atenção no *Quilombo de Pinhões*, foi diante do que apontei acima neste capítulo como ‘processo de familiarização’ (COMERFORD, 2003), no qual duas mulheres são *tão amigas, mas tão amigas*, que são

comadres. Deslizar a noção de *amizade* para o campo da linguagem de parentesco me pareceu, à época, indicativo de um modo como Pinhões prefere o desenhar das relações (DIAS, 2015). Modos possíveis de conceber as relações no campo da ‘família’ evitando potenciais atribuições disruptivas. Como acontece na evitação do uso das terminologias: cunhada, cunhado, sogro, sogra – atribuições da ordem da alteridade fundante das alianças. Trata-se de, como Perutti (2015) identificou nos modos do Quilombo Família Magalhães, “uma tendência em evitar nominalmente o vínculo de afinidade que supõe relações potencialmente disruptivas, em prol da consanguinidade” (2015, p.43).

Apesar de a *amizade* em si mesma indicar a possibilidade de um tipo de relação não disruptiva fora do escopo da ‘família’, é possível a duas mulheres serem *tão amiga*, mas *tão amigas* que são *comadres*⁹⁹ – aqui coloco flexionado em gênero devido ao circuito de relações no qual estou envolvida no ‘campo’, não sendo, assim, a mim possível estender o comportamento aos modos das relações estabelecidas entre homens-homens, homens-mulheres. No Quilombo, as relações parecem circular no âmbito de ‘processos de familiarização’ (COMERFORD, 2003) estando a noção de *amizade* posta para as relações com aqueles nos quais não se tem vínculo de parentesco imediato. Em Pinhões, a configuração de relações definidas enquanto *vizinhos* são aquelas geograficamente próximas, mas que configuram outra *casa*, outro *terreiro* e, portanto, outra *família*. Pessoas *de fora* que vêm morar no Quilombo, são *vizinhas*, podem ser consideradas *amigas* e ao longo dos modos de estabelecimento das relações serem consideradas *como filhas da terra*. Um modo possível de fazer-se de ‘dentro’ mantendo-se de *fora*, dado o uso da conjunção *como*. *Um povo muito hospitaleiro*.

*Isso aí também é uma tradição...isso é uma cultura! Um tipo de cultura né? Da nossa comunidade. A união! Tá sempre um ajudando o outro. Na verdade essa comunidade é sempre hospitaleira, né? Quando precisa de ajuda num quer dizer que é só daqui, né? Chega gente de fora... ‘fulano tá precisando de alguma coisa?!’ Todo mundo preocupa em ajudar. Num tem muito, mas **todo mundo ajuda**. (ACMQP, 2018, p.80 – **grifos nossos**)*

As relações de *amizade* são permeadas pela noção de *ajuda*. Postas de maneira geral pelas relações de ‘vizinhança’. Configuram-se *vizinhos* pessoas que moram próximas sem ser parentes. Como apontado acima, a *família* compartilha um *terreiro* não

⁹⁹ Na dissertação de mestrado desenvolvi análises com maior atenção sobre a configuração de compadrios, ver DIAS, 2015.

configurando relações de vizinhança, mas relações que configuram *o povo de casa*. Para ser vizinho é necessário que não seja *povo de casa*.

Agosto, 2022. *Tem gente que confunde. Acha que é fofoca, mas é nosso jeito de cuidar*. Escutei essa frase uma das vezes em que conversava com *amigas* quilombolas numa visita que fizeram à minha ‘casa’. Perguntavam se estava tudo bem comigo na ‘casa’ que eu tinha alugado. Conversávamos sobre vizinhança e elas apontavam que eu podia ficar tranquila porque tinha uma boa *vizinha*. Disposta a *ajudar* com o que precisasse. *Gente da família* delas que eu podia *confiar*. *Eu tava falando de fofoca porque as minhas filhas reclamam acham que é coisa do povo intrometido. É também*. Risos. *Mas já falei com elas que pode não ser, porque é bom ter gente atenta, tem gente que confunde e acha que é fofoca, mas é nosso jeito de cuidar. O modo que um cuida do outro. Se precisar você sabe que tá ali pra ajudar*.

Claudia Fonseca (2000) em seu clássico trabalho intitulado, ‘Família, fofoca e honra’ (2000), nos aponta para a fofoca enquanto recurso de poder acionado pelas mulheres no campo das reputações. Não vem ao caso aqui delinear similitudes e interfaces ao contexto etnográfico trabalhado por Fonseca, todavia as discussões empreendidas por ela apontam para aspectos que acredito sejam pertinentes de serem acionados para as compreensões dos contornos entre *família*, vizinhança e *fofoca* nos indicativos dos *jeitos de cuidar* no *Quilombo De Pinhões*. Fonseca (2000) aponta que a fofoca delinea grupos, afinal não se faz fofoca de estrangeiros/desconhecidos, a fofoca mobiliza relações no sentido de garantir contornos na condução e manutenção destas em relação ao conjunto de valores que configuram a honra. A *fofoca*, em Pinhões configura *o jeito de cuidar* daqueles que não são de *casa*. Cuidado se faz valor comunitário. Um *jeito de cuidar* entre vizinhos, quer sejam estes membros de outras *famílias raízes* ou *gente de fora*. Bons vizinhos estão *atentos* às *casas* uns dos outros.

Estar *atentos* às *casas* significa dar conta das movimentações, entradas e saídas de pessoas, tempos de permanência, deslocamentos, barulhos cotidianos e aqueles por ventura muito distintos dos conhecidos e que, portanto, possam levantar desconfiança. É comum você chamar na *casa* de alguém e, na ausência de resposta um(a) vizinho(a) chegar à porta e anunciar possíveis localizações da pessoa buscada. *Fulana não tá em casa não, foi na cidade, pegou o ônibus das oito*. Ou, *neste dia de manhã fulana sempre saí, fulana tá fazendo caminhada, vi ela saindo com ciclana pra estrada nova*. Além de vizinha de *gente da família* de minhas amigas fui vizinha também da Igreja Assembleia de Deus de Pinhões, estabelecendo uma relação de amizade com a pastora, quilombola,

e suas *amigas*, irmãs de Igreja. Este novo conjunto de amigas fez questão de reforçar para mim também sua *atenção* à *casa* em que eu habitava, além de me inserir no circuito de trocas e partilhas das quitandas que ofertavam nas atividades da Igreja e/ou que faziam em suas *casas* para consumo da *família*.

A ação subsequente a atenção, fazendo da fofoca cuidado, diz respeito à narração direcionada a pessoa em referência. *Menina, eu já tava preocupada, dois dias que eu só via sua janela fechada. Comentei com ciclana, mas ela me falou que viu você saindo de carro e que você não voltou mais. Só aí fiquei aliviada. Então era porque você não tava mesmo em casa.* Escutei das minhas amigas da Igreja Assembleia de Deus quando, em outubro de 2022, estive três dias em Belo Horizonte realizando consultas médicas. Não há grandes problemas de reputação na realização de comentários sobre o cotidiano de alguém desde que, em algum momento, a narração e a preocupação sejam também endereçada à pessoa alvo da atenção, efetivando de fato o cuidado. Curioso e interessante nesse arranjo que potencialmente e preferencialmente desloca/compreende *fofoca* para/como *cuidado* é que o *cuidado* é versado como prática constitutiva e, por vezes, exclusiva ao campo da *família*.

Julho. 2020. *Família é que cuida*. Foi permeada por tristeza que escutei esta frase numa ligação telefônica empreendida com uma amiga quilombola quando do auge da pandemia da COVID-19. Apenas no mês de julho daquele ano foram contabilizadas 32.912 mortes no país¹⁰⁰. Minha ligação foi motivada pela notícia do falecimento de Seu Geraldo Teles, centenário, o senhor mais antigo do quilombo. A notícia circulou em um dos grupos de *Whats App* do Quilombo, de informes da comunidade, do qual faço parte. Sua sobrinha me contava que não houvera diagnóstico de morte por contaminação da COVID-19, os médicos indicaram a causa como morte decorrente de pneumonia. Mas ela me alertava, *com a pandemia, sem a família poder ficar no hospital e acompanhar, fica ruim né? Porque família é que cuida*. A baixa testagem no município, como discorrido na introdução, a distribuição desigual do acesso às políticas de saúde, aliadas às dimensões do racismo institucional (ALMEIDA, 2019) dão dimensão da profundidade da angústia em torno da não efetivação de *cuidado* na ausência da *família*.

O *cuidado* parece efetivar-se como dá ordem da humanização, sobretudo quando postos em relação à população negra diante do ‘terror da escravidão’ (MEMBE, 2020)

¹⁰⁰ Ver reportagem: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/01/32912-vidas-perdidas-julho-foi-o-mes-com-mais-mortes-por-covid-19-no-brasil-apontam-secretarias-de-saude.ghtml>

em seus processos insistentes de deshumanização. O ‘cuidado’ pode ser tomado como um conjunto de ações e práticas na viabilização da vida, ou ao menos, que compreendem/consideram a precariedade da condição desta. Butler (2020) destaca que a precariedade se faz como condição mesma da vida. “Vidas são precárias”, pois podem ser eliminadas proposital ou acidentalmente e sua persistência nunca está garantida. No entanto, sua “condição precária” diz respeito também a uma exposição diferenciada e politicamente induzida de determinadas populações a violações, violências, morte, contando com pouca ou nenhuma proteção. O *cuidado*, assim, pode ser entendido, aqui, como práticas e ações direcionadas à proteção e promoção da vida.

Alguém pode ficar preocupado, mas “cuidar” nos direciona mais fortemente para uma noção de fazer material. Compreender cuidar como algo que fazemos amplia uma visão de cuidado como uma prática ética e politicamente carregada, que tem estado na vanguarda da preocupação feminista com trabalhos desvalorizados. [...] é importante dizer que nesta perspectiva cuidar significa: uma relação afetiva, um fazer material vital e uma obrigação ético-política.” (Puig de la Bellacasa, 2010, p. 89-90 Apud Pereira, 2024, p. 131)

Compreendida no campo do *cuidado*, a *fofoca*, naquilo em que denota atributos de atenção ao outro, *é bom ter gente atenta*, desliza novamente as ações e a linguagem ao campo das práticas que produzem *família*, provendo ‘processos de familiarização’ (COMERFORD, 2003).

Parto do pressuposto de que os padrões de ação são também, sem descontinuidade, padrões de representação coletiva. Ou seja, as sequências de ações sempre são vistas em seu contexto próprio como dizendo algo, e o que elas dizem é objeto dessas outras ações que são as narrativas e diálogos. [...] Toda vez que se age, se está também representando diante de um público uma mensagem a respeito de um estado de relações entre famílias, e dessa maneira, se está agindo sobre esse estado de relações, na medida em que essas sequências sejam recortadas, interpretadas e narradas em novas sequências de representação. (COMERFORD, 2003, p.25)

Vizinhos e parentes formam o cerne do “público” (segmentado de acordo com a sua proximidade social, com o seu pertencimento a distintos círculos de relações) das ações de cada um e de todos; e formam também um “autor” (igualmente segmentado) das narrativas sobre essas ações, através da coparticipação em eventos centrados na narrativa dos fatos observados na comunidade, [...] formando uma densa rede de julgamentos e interpretações enquadrados em distintas “molduras” (frames, na linguagem de Goffman, 1975a)

Desse modo, as *famílias* são “protagonistas e público de sua própria performance” (COMERFORD, 2003, p.332), configurando uma ‘dimensão pública’, um mecanismo de controle público das relações inter e intrafamiliares, já que as ações são vistas, vigiadas e

narradas. Para o *povo hospitaleiro*, o *cuidado*, idealmente, extrapola a *família*. Situando-as umas diante das outras.

[...] Aqui, outra coisa que eu acho que é muito bonita aqui da nossa comunidade também é a hospitalidade, né? Assim, todo mundo ajuda todo mundo, preocupa com os que vêm de fora, se tem alguém necessitando de alguma coisa, num olha quem é, mas ajuda, num é? Essa vantagem Pinhões tem! Se tiver um doente, todos estão prontos pra ajudar! Comprar as coisas, né? [...] Eu, quando chega uma pessoa pra morar ali na casa de Rosângela eu acho e falo assim 'bom dia, boa tarde. A senhora chegou? Se a senhora precisar de mim eu moro ali do outro lado.' Qualquer coisa eu tô pronta pra fazer. Ali num tem varal... que por roupa ali em casa pra secar? Então tudo que mora ali na casa de Rosângela, convido, chamo pra vim aqui... eu acho que a gente tem que fazer isso, porque é muito triste você mudar prum lugar e ficar isolada ali, ninguém conhece você, você num conhece ninguém. Se algum vizinho morre? Cê num pode lá vê nada, num sabe quem que é! Eu vô morrer, nós vamos morrer, mas chegou um vizinho, veio de fora, tentar chegar perto dela, saber assim ó, cê tá precisando de alguma coisa? Eu moro ali! Se você precisar de alguma coisa eu tô aqui pronta pra servir, né não? Porque eles também num vai chegar e perguntar! (ACMQP, 2018, Dona Lilia, p. 81).

Vizinhos devem estar *atentos*. Prestes a *ajudar*. À família, espera-se que o *cuidado* seja pressuposto, não conformando *ajuda*. Ao longo de minha estadia no Quilombo de Pinhões em 2022, em decorrência de algumas questões de saúde e de situações familiares fiz deslocamentos frequentes para Belo Horizonte. Em vários deles ofereci caronas, combinando previamente com algumas amigas, já que o deslocamento de carro é realizado em período mais curto de tempo que o de transporte público, viabilizando sair não tão cedo do Quilombo. Ao longo dos percursos de carona foi comum as conversas em torno do *absurdo de ter gente da família que sai de carro todos os dias para Belo Horizonte ou Santa Luzia e não oferece carona*. Perguntei, e você não pode pedir, combinar antes? *Ah não, é família, né? Devia oferecer. Mas nem parece que é, porque passa por você como se não te conhecesse*. A não observância da oferta imediata/‘natural’ de *atenção e cuidado* fere os princípios norteadores de boa conduta, colocando em cheque a reputação da pessoa e, por vezes em consequência dos contornos da *família* e da conformação da *casa e das raízes*.¹⁰¹

Aqui ressaltamos novamente que, em modos similares aos analisados por Comerford (2003) na Zona da Mata mineira, os contornos das famílias na composição do

¹⁰¹ Na próxima seção adentraremos os *terreiros* e *quintais* e daremos maior atenção às conformações do *povo de casa*.

‘território de parentesco’, e ‘configuração de casas’ (MARCELIN, 1999) não são fixos, ou rígidos, mas passíveis de estabilizações, sobretudo nos contornos da definição das *famílias raízes*, estas mais imediatamente observáveis mas não por isso sem algumas dinâmicas de mistura e de processos de desfamiliarização como aquelas providas da não observância de condutas almejadas, no sentido da valoração que modulam o *povo hospitaleiro* de Pinhões.

A *ajuda*, e a *fofoca/cuidado*, assim, situam as *famílias* umas diante das outras, mobilizando e modulando o *povo hospitaleiro*. Orientando condutas aos que chegam. Retorno à visita de minhas amigas quilombolas a casa que aluguei no quilombo em 2022. Ser vizinha de *gente da família* das minhas amigas garantia a viabilidade de inserção em redes de *ajuda*. Estavam *atentas*. Numa modalidade de atenção potencialmente deslocada para o campo do *cuidado*. Minha condição de vizinhança é previamente informada pela amizade. Mas o contrário também pode ser efetivado na modulação¹⁰² *atenta* do *povo hospitaleiro*.

A *ajuda* extrapola a condição de vizinhança. Também permeia as festas. Quem é da *família faz* a festa junto, compondo a *comissão de festa*, no caso da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões¹⁰³. Quem não é, *ajuda*. A *ajuda*, assim, é uma ação no campo da *amizade* ou da afinidade potencial, já que consanguíneos fazem *junto*. A *ajuda* é um dos modos da *amizade*, o principal deles, eu diria, que permite aos *de fora* compor num ‘território de parentesco’ (COMERFORD, 2003).

Sendo uma pessoa *de fora*, sem parentes e *família* no Quilombo, sou localizada em algumas ocasiões e relações como *amiga*. Minhas ações de *ajuda* são mais identificadas em relação as ações da Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões, configurando um modo específico de *amizade*. *Toda ajuda é válida*. Grande

¹⁰² Comerford (2003) também trabalha com a noção de modulação indicando a presença de um modelo, no caso da Zona da Mata mineira, que prevê relações e princípio horizontais (irmãos) e verticais (pais) no sentido das hierarquias e expectativas de comportamento e respeitabilidade, indicando a existência e uma poética do respeito. Aqui, compreendemos que em Pinhões há modulações que articulam *atenção*, *cuidado* e *ajuda* na composição do *povo hospitaleiro* evocando ‘processos de familiarização’, provendo a poética da hospitalidade, criando “através do modo de agir, ‘correntes paralelas de significados’ (como diz Jackbson a respeito da função poética da linguagem) relativas às qualidades” das *famílias* ao fazer *vizinhança* (COMERFORD, 2003, p.324).

¹⁰³ Retomaremos a feitura das famílias diante das festas no capítulo 03. Caso seja de interesse da leitora na dissertação de mestrado (DIAS, 2015) realizei uma etnografia da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões. Retomaremos a Festa nesta tese sobre outros aspectos.

parte das *ajudas* mencionadas por minhas interlocutoras em relação a realização das festas passava por doações, seja de dinheiro, mantimentos ou itens necessários, como descartáveis. *Ajudas* estas geralmente mencionadas em tom de respeito e reverência ao doador(a) cujo nome, de maneira geral, é mencionado discretamente. A *ajuda* nas festas costuma ser uma composição entre a relação estabelecida com a *família* dos festeiros – e a(o) rainha/rei festeira(o), para a Festa do Rosário e Divino Espírito Santo¹⁰⁴ – e/ou com o santo de devoção. *Ajuda-se* por sua relação com o santo/santo. É possível ser *amigo* do santo/santa.

Outubro 2021. Para a realização da Festa de Nossa Senhora do Rosário em condições adversas postas pela pandemia da COVID-19 e pela troca de pároco em data muito próxima a realização desta, foi criado um grupo de *Whats App* chamado ‘Amigos de Nossa Senhora do Rosário’. Como não havia tido tempo hábil para a efetivação de uma *comissão de festa* por parte do rei e rainha festeiros, a criação do grupo possibilitou a mobilização de quilombolas de diversas famílias na organização da festa em um curto espaço de tempo. A articulação de *amigos de Nossa Senhora do Rosário* criou um *mutirão*. Com orgulho, pessoas de diversas famílias iam me mostrando os feitos da *comunidade reunida para fazer a festa acontecer*. Calçadas pintadas de branco. Marcações no chão para fazer promover a distância de segurança imposta pela condição de pandemia da covid-19 ainda em curso. Quitandas e bolos para o café da manhã. Nos meus modos possíveis de *participar* e *ofertar ajudas* também fui localizada pela rainha perpétua como *amiga* de Nossa Senhora do Rosário: *you deve ser mesmo amiga de nossa senhora viu? Ela gosta mesmo de you. You tá levando a rainha perpetua no seu carro na carreata*. Risos. Aqui a relação de amizade em operação com a santa é *agenciadora* de meu modo de participar. A risada que se seguiu a sua fala, de canto de boca, assim, com tom de ‘sorte a sua’, e, ‘viu o que suas ações até aqui possibilitaram?’ talvez evidenciem que um certo acumulado de *ajudas* ao longo desses anos tenha possibilitado a mim me aproximar – de algum modo reduzir distâncias - do campo de agências mobilizado por Nossa Senhora do Rosário que *abençoou o carro com a presença da rainha e da imagem da santa peregrina*. Amizade promove encontros.

Perruti (2015) versa sobre o modo ‘amiguelo’ do povo do Quilombo Família Magalhães, no qual a amizade é tomada como valor moral, como uma “maneira desejável

¹⁰⁴ No capítulo três trataremos com maior atenção da Festa de Nossa Senhora do Rosário e da Festa do Divino Espírito Santo e, portanto, às modalidades de *ajuda* e *amizade* a elas relacionadas.

de produzir encontros” (2015, p.3). Atributo do sangue, a amizade, para a Família Magalhães, ora opera como traço diacrítico, ora é acionada como uma forma de reduzir parcialmente distâncias. A *amizade* e *ajuda*, como também pontuado por Perutti, caminham uma em articulação/composição com a outra. No Quilombo de Pinhões parecem operar como modos de articular relações *dentro* e *fora* do Quilombo na mobilização da realização das festas e na elaboração de seu modo *hospitaleiro*.

Retomaremos no próximo capítulo, ao modo *hospitaleiro* em sua aliança com ‘processos de familiarização’ (COMERFORD, 2003) diante dos desafios impostos pela especulação imobiliária e demais ameaças ao território do Quilombo. Por ora seguiremos as *ajudas* e as *amizades*, adentrando às *casas* a fim de conhecer melhor as *raízes*.

2.2 O povo lá de casa: herança, devoção e raiz



Imagem 12: “Bandeiras de São João e Santo Antônio” no quintal de Seu Hélio. Foto de Isadora Duarte. Realizada na oficina de Fotografia do Projeto Histórias e Sabedorias do Quilombo, junho 2018, (ACMQP, 2018)

Pessoas devotas procuram Joana todo ano para *ajudar* na fogueira de Santo Antônio e São João. Joana *herdou* a devoção e a obrigação com os santos de seu pai, Seu Hélio (*in memoriam*). *Foi o que meu pai deixou pra mim. Minha herança. Tenho orgulho de perpetuar.* Com as tendências à virilocalidade Joana não mora no mesmo *terreiro* do seu pai, mas todo ano temperava a canjica e o caldo de mandioca no quintal da *casa* do seu pai, *terreiro* da sua avó, onde passou a infância e adolescência. *Eu tempero a canjica e meu irmão faz a fogueira, arruma e hasteia o mastro. Tudo o povo lá de casa junto com o meu pai.* Seu Hélio faleceu em 2021. Há uns anos ele anunciava que via a morte

rondar¹⁰⁵. Em 2021 ela chegou mais perto. Ele fechou as janelas. Ela não mais se esquivou. *Teve vez deu chegar em casa e ele com as janelas todas fechadas. Me conta Joana. Dizia que via a morte rondando.* Neste ano a canjica de Santo Antônio foi temperada com lágrimas. Joana me conta que pensou em não fazer fogueira naquele ano, mas um dia, limpando a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, responsabilidade assumida por ela já há alguns anos, conversou com seu pai. *Igreja é lugar forte. Lavando o chão escutei meu pai dizer pra eu ser forte e acreditar que eu devia seguir com a fogueira.* Já estava próximo da data, 12 de junho. *Eu não tinha nada pra fazer, nem dinheiro pra comprar as coisas. Mas acreditei nas palavras dele e firmei, vou fazer. Menina, você não acredita Lúnia, no outro dia apareceu uma amiga minha lá em casa e me perguntou se eu ia fazer a fogueira pra Santo Antônio porque uma amiga da patroa dela é devota e já tá com os ingredientes todos pra fazer mas não tem pra quem doar. Dá pra acreditar? Na hora pensei, é pai, o senhor sabe das coisas. Meu olho até enche d'água de contar*¹⁰⁶.

Joana me conta que, como ainda havia restrições da pandemia de COVID-19, em 2021 todos os presentes utilizaram máscara e ficaram esparramados pela rua pra comer a canjica. Como na casa de Joana o espaço do quintal é pequeno e ocupado por suas orquídeas e o canil, *a fogueira foi feita na rua, na beira do portão de casa.* Assumiu sua herança. Para a fogueira de São João, Joana utilizou as sobras das doações de canjica pra Santo Antônio e fez um caldo de mandioca com carne com doações de um primo e de um tio. *Meu tio planta mandioca, aí quando viu que eu ia seguir com a fogueira me deu um saco de mandioca. Meu primo é devoto de São João e agora todo ano ele me dá dois quilos de carne pra fazer o caldo.* Quem doa não necessariamente vai para a fogueira. A doação em si constitui um modo de participação. Um tipo fundamental de participação, arrisco dizer. Tendo em vista que sustenta materialmente a realização da fogueira. Além das relações com o santo, em torno da devoção, as relações entre os familiares também mobilizam as doações, como Joana me explicou em relação a doação de seu tio. *Um modo*

¹⁰⁵ Ao longo do ano de 2018 encontrei Seu Hélio ao menos duas vezes, na ocasião em realizávamos as atividades de pesquisa e documentação do Projeto Histórias e Sabedorias do Quilombo – projeto realizado pela Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões via Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais cujo produto final foi a produção de um livro de autoria coletiva versando histórias e sabedorias do Quilombo de Pinhões. Nas duas ocasiões Seu Hélio comentou sobre a morte durante conversas que tive com ele em paralelo ao longo do período que os jovens do quilombo estiveram em sua casa para a realização das atividades de pesquisa do livro.

¹⁰⁶ Notações de caderno de campo. Junho 2022.

de perpetuar a raiz, é tradição né? Ademais de uma pessoa da *família* assumir a *herança*, entendida enquanto a responsabilidade por efetivar a fogueira, espera-se que a *família* mobilize para colaborar, fazer junto. Elaborando de outro modo. Como a noção de *família* pode extrapolar o *povo de casa*, cabe ao *povo de casa* viabilizar, fazer junto a fogueira, e à *família*, colaborar. Ao menos é o que se espera.

Como já tateamos acima, o *povo de casa* compartilha. Não troca. O ideal da partilha segue os traços do parentesco, e numa ‘configuração de casas’ (MARCELIN, 1999) se estende para à *família*. Como nos explicitou Woortman (2018[1987]), “com parente não se negocia”. Joana não pediu ao tio, ou ao primo, doações. Estas devem ser *cuidados* voluntários para manutenção das relações de devoção e da perpetuação da prática – fazer a fogueira – no seio da *família*. Joana é de *família raiz*. *Família* guardiã de tradições¹⁰⁷. O filho de Joana busca as lenhas para a fogueira e para o fogareiro que ela monta no quintal para cozinhar a canjica e o caldo. Seu irmão cuida do mastro e de hastear as bandeiras. Sua mãe que, divorciada de seu pai havia deixado de participar das fogueiras, retorna para fazer junto com a filha. Desfiando as carnes cozidas para temperar o caldo me conta dos tempos em que fazia a fogueira junto com Seu Hélio. Conta que *o fogo de São João é bento* e que *a cinza da fogueira dele também, cura de um tudo. Cura umbigo de neném, cura o que precisar*. Mas deve ser retirada assim que passar a meia noite, que é quando o *santo já acordou*.

¹⁰⁷ Aqui lançamos mão da noção de tradição como utilizada por Débora Silva (2020), quilombola de Pinhões, mestre em educação pela UFMG. Silva (2020) compreende como tradições do Quilombo de Pinhões um conjunto de práticas perpetuadas por processos intergeracionais de aprendizados: “todas as narrativas sinalizam para aquilo que foi aprendido com as pessoas mais antigas, o que deve ser preservado e o que deve continuar acontecendo ou existindo na comunidade” (2020,p.81), compreendidas pela pesquisadora enquanto ‘artesanias das práticas sociais’. Ela afirma inspirar-se em Hobsbawn (2018), para quem a tradição é compreendida como práticas e conhecimentos acionados e produzidos coletivamente elaborados no sentido de dar a ver uma relação de continuidade com um passado estabelecido de valores e comportamentos sociais.



Imagem 13: “Quintal enfeitado para festa! Casa de Seu Hélio.” Samara Carvalho Santos (ACMQP, 2018, p.56).

Em 2022, Joana foi procurada por devotos de Santo Antônio e São João que eram clientes de seu pai. Seu Hélio era benzedor e efetivava consultas em seu *quartinho*, no quintal de *casa*. Tinha uma vasta rede de *amigos(as)* moradores de outras cidades e localidades. Além de benzer, prestar atendimentos e consultas, Seu Hélio fazia xaropes, referência na cura de bronquite. *Meu pai foi tão bom pra elas que fazem questão de continuar ajudando na fogueira*. Um modo de perpetuar relações. Joana herda mais do que a devoção aos santos e a obrigação de perpetuar as fogueiras. Não herda necessariamente a *amizade* dessas pessoas, amigas de seu pai, até porque as amizades tecidas por Seu Hélio são compostas também pelas relações em torno de seus conhecimentos e práticas com a benzeção e atendimentos. Mas Joana *herda a ajuda*. Fundamental para seguir realizando as fogueiras para São João e Santo Antônio. A devoção ao santo, assim, mobiliza e perpetua redes de *ajuda*. Dos santos. Dos devotos. Da *família*.

Para Joana o próprio santo mobiliza e sustenta a rede de devotos e suas *ajudas*. Em relação direta, claro, com a devoção de quem credita e sustenta a fé no santo. A firmeza em acolher e perpetuar a *herança*, segue alimentando os vínculos com o santo. *Nem que seja só pra gente aqui de casa, rezar o terço e fazer a canjica pra eles* [Santo Antônio e São João] *eu vou fazer*. Confiar no seu pai. Confiar no santo. A firmeza na ação de fazer garante a perpetuação. Se retroalimentam. Confiança. Fiar junto. Trata-se de uma

relação que se estabelece entre sujeitos (SÁEZ, 2009)¹⁰⁸. Sujeitos dotados de habilidades e viabilidades distintas, claro. Cabe ao devoto, na *herança* recebida, perpetuar a feitura da fogueira, no que diz respeito ao empenho em conseguir os ingredientes, cozinhar e ofertar comida, rezar o terço, hastear o mastro com a bandeira. Ao santo cabe perpetuar a *atenção e cuidado* para com o *povo de casa*, a *família*, àqueles que participaram de algum modo, com doações, *ajudas* ou fazendo-se presente na fogueira, na reza do terço, na partilha das comidas, estendendo-se também às suas *famílias*. Por vezes literalmente, já que não é incomum alguns dos presentes sair com uma vasilha de canjica e/ou caldo para levar para *casa*.



Imagem 14: “Panela de barro de Pinhões”. Samara Carvalho Santos (ACMQP, 2018, p.64)

¹⁰⁸ Inspirado na Teoria Ator-Rede/ANT proposta por Bruno Latour (2007), Óscar Calavia Sáez (2009) nos convida a pensar junto com os santos, segundo ele, fontes de incertezas, aspecto salutar para as ciências sociais, aos olhos da proposta da Teoria Ator-Rede (Latour, 2007). Para Sáez (2009) “o culto aos santos remete a um aspecto, a *devoção*, que sempre tem aparecido como uma dimensão secundária do religioso, fincada no sentimental e no privado, e dotada assim de um rendimento sociológico inferior ao que poderia se obter das doutrinas ou do ritual público. Poderíamos escapar desse viés se substituíssemos os termos *devocional*, *sentimental* ou *privado* por um outro mais abstrato e abrangente: *relacional*. Nas religiões teístas, o contrato entre Deus e o fiel é traçado a uma distância que equivale à que existe entre o sujeito e o objeto: cre, criar, adorar, são ações que unem sujeitos e objetos – nomes e complementos diretos. O culto aos santos, pelo contrário, é uma relação com formas semelhantes às que regem a socialidade comum: estabelece-se entre sujeitos. [...] Ao tratar com um santo, o devoto escolhe um sujeito entre outros. O escolhe por razões muito variadas [...] [e,] não é, tampouco, [uma relação] exclusiva: o culto aos santos existe sobretudo no plural, e com frequência se ordena por critérios de especialização – cada santo respondendo por um tipo de necessidades ou aflições” (SÁEZ, 2009, p.204, 205 – *grifos do autor*). “Os santos não falam de uma religião, ou de um grupo religioso constituído, senão de redes fugazes de atores focadas na mediação” (SÁEZ, 2009, p.214) compreenda-se por atores os componentes da fogueira/rede, bandeira do santo, fogo, as comidas, as panelas, as doações, as pessoas, o mastro, as narrativas sobre o evento, a reza do terço, as falas da rezadeira, para apresentar alguns, que, sobre o prisma de tal teoria – Teoria Ator-Rede – constituem-se/devem ser descritos uns em relação aos outros, nas condições de ator-mediador.

Fogo aceso no *terreiro*. A casa do Seu Hélio foi construída no *terreiro* de sua mãe, era possível acessar seu quintal por um portão que dá acesso a rua principal do Quilombo, ou passando pelo quintal da *casa* de sua mãe (*in memoriam*). É sobre um fogareiro construído ao chão, no quintal, que a canjica é cozida e temperada. Joana seguiu o mesmo formato. Seu Hélio cozinhava com as panelas de barro¹⁰⁹ feitas por Vagna (*in memoriam*)¹¹⁰. Joana não *herdou* as panelas.

Vagna (*in memoriam*) foi uma reconhecida paneleira¹¹¹ do Quilombo de Pinhões. Nascida no Vale do Jequitinhonha foi fazendo *família* em Pinhões que aprendeu a fazer panelas. Órfã, contou que conheceu *família* quando se casou com seu marido quilombola e entrou pra *família Rodrigues Botelho. Forno de barranco. Barro preto. Panela. Vasos. Pratos.*

Quais os materiais a senhora usa pra fazer as panelas?
Vagna – *Olha o material, a matéria prima é a argila. Agora o material é uma faca velha, é um chinelo velho, um pedaço, né, de chinelo velho, é um sabugo de milho, é isso, é um pano velho. É tudo velho! [risos] Porque a faca tem que ser velha se não você corta a mão. O chinelo você não vai comprar um chinelo pra você usar. Então é o chinelo que arrebentou. Você pode trazer pra cá! [risos]* (ACMQP, 2018, p.60)

Segundo Vagna todos os *fornos de barranco* de Pinhões foram feitos por seu marido. Hoje, seu filho mais novo, Cristiano, perpetua a arte de fazer *panelas de barro* e

¹⁰⁹ Na dissertação (DIAS, 2015) versei sobre e com as mulheres do quilombo sobre suas práticas a partir de uma análise sobre a associação cultural das mulheres quilombolas de Pinhões, na qual as atividades empreendidas pelas mulheres do Quilombo são apontadas, pelas fundadoras da associação, como práticas fundamentais de sustentação e perpetuação do Quilombo, ofícios empreendidos por mulheres que são reconhecidas por estes: lavadeiras, paneleiras e balaieras. Débora Silva (2020) também se debruçou sobre as práticas das mulheres quilombolas, descritas e analisadas por ela como ‘artesanias das práticas sociais’ constitutivas das ‘tradições’ do Quilombo (2020).

¹¹⁰ Vagna faleceu em dezembro de 2021. Nesta reportagem o Jornal Estado de Minas presta solidariedade ao falecimento de Vagna: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/12/29/interna_gerais,1334356/quilombo-de-pinhoes-em-santa-luzia-perde-icone-do-artesanato-mineiro.shtml ;

¹¹¹ Links para algumas reportagens e matérias sobre Vagna: Livro da CEMIG, página 51 - https://www.cemig.com.br/wp-content/uploads/2023/07/ACD-0045-21_Livro_Completo_21x28_Quilombolas_SMC-2.pdf ; Nesse vídeo reportagem do Programa Terra de Minas da Rede Globo, podemos visualizar a processo de feitura das peças por Vagna: https://www.youtube.com/watch?v=zW-hoXYwpeg&ab_channel=MayaSantana ; Neste vídeo do Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte Cristiano, filho da Vagna, mostra sua produção e conta sobre seu processo de aprendizado: <https://www.instagram.com/reel/DLsXC3WMZUj/> ; Link para página do Instagram para vendas das peças: <https://www.instagram.com/vagna.arte/> .

forno de barranco. Conhece o forno. Conhece os barros. Segue o legado da mãe. E o legado do pai. Não tenho raiz aqui mas deixei meus galhos. Disse Vagna em conversa que tive com ela ao longo das atividades de produção do livro “Pinhões: histórias e sabedorias do Quilombo”, em 2018. Ela se referia ao legado aprendido no Quilombo em torno do trabalho com o barro. *Pra você vê, nasci num lugar dessa sabedoria e vim aprender aqui, onde fiz família. Onde conheci o que é família, né.* Há olhos atentos encontramos peças da Vagna nos *terreiros e casas* do Quilombo. Presenteadas em situações as mais diversas. Dona Rita, versada das práticas de benzeção, tem peças em sua varanda. Vasos, cumbucas. Panelas de barro. *Eu tinha muita amizade com Vagna. Ela doava panelas pra gente cozinhar na Festa da Rosário.* Me conta, quando pergunto sobre as peças, em uma das sessões de benzimento que tive com ela em agosto de 2022. Rita também é cozinheira na Festa de Nossa Senhora do Rosário. O feijão da Festa de Nossa Senhora do Rosário, há de ser *cozinhado em panela de barro, é melhor né?* Ressaltou uma das cozinheiras da equipe da cozinha da Festa, em conversa na Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões do ano de 2022. Panelas de barro, moldadas por mãos da Vagna, *amiga*, devota. Tutu de feijão pra Nossa Senhora. Canjica. Caldo de mandioca. Quentão. Pra Santo Antônio e São João. Esse ano Joana encomendou com Cristiano sua panela.

Fogo aceso no *quintal. Fogueira. Forno de barranco.* O *quintal* de Seu Hélio e de Vagna são nos pés da *serra*. Pelo rumo das *extremas*, estão em terras antes pertencentes à Sesmaria de Bicas. Aquela *serra*, onde há *lapas e cavernas*. Onde soa(va) a campainha na noite de São João. *Lapa. Caverna. Uma lagoa. Uma igreja. Uma santa.*

Seu Hélio – Antônio Teles fazia festa de Santo Antônio também. Nós ficava lá quentando fogo. E na serra ali, meia noite batia uma campainha. A campainha batia na serra ali, os velhos falava, Hélio, você quer ver a campainha bater na serra meia noite no dia de São João? Eu falei, quero! Aí quando foi meia noite nós ficamos quietinho, caladinhos. A campainha bateu: tiquilim, tiquilim, tiquilim. No fechado daquela serra ali [aponta para a serra ao fundo do quintal]. Padre João de Santo Antônio fechou ela ali, uma igreja, uma santa. Que tem uma lagoa e uma santa no meio da lagoa. Na serra. Padre João de Santo Antônio mandou fechar ela pra ninguém ir lá. Fez um muro de pedra lá e ninguém acha o lugar. E do lado de lá [da serra], cai a mãe d’ouro. Ela saía e batia naquele poção de areia ali. A mãe d’ouro é uma rodela de fogo, a mãe d’ouro, parece que era uma rodela de fogo que saía e batia dentro do poção, brãaaao, uma roda grande.

- Meu avô [Luiz Gonzaga] contava isso mesmo. (ACMQP, 2018, p.40 – [intervenções minhas à citação])

Terra. Água. Fogo. Barro. Fogueira. Forno. Fogo no barranco.

Junho 2022. Noite de São João. Tamanho o frio que fazia restamos apenas Joana e eu em volta da fogueira. Ansiosa para esperar meia noite e, quem sabe, escutar a campainha. Joana ria da minha expectativa. Disse que nunca escutou. Era *coisa do tempo dos antigos*. Muita coisa do *tempo dos antigos*¹¹² não acontece mais. *Pra você vê. Teve uma vez, na fogueira de Santo Antônio, lá na casa do meu pai, soltaram um foguete lá, quando subiu a bandeira no mastro e aí eu não sei menina se escapou do foguete só sei que, quando fui olhar, tava começando a pegar fogo na serra, e tava na parte com mato fechado. Fiquei desesperada. Fui falar com meu pai. E ele tranquilo que só. Sentado assim, conversando com o povo. E eu, pai, pai, você não tá vendo? Tá pegando fogo lá na serra. E ele, fica tranquila minha filha, o fogo vai queimar só o que tem que queimar. Ele já vai parar. O povo conversava com o fogo, menina. Conversava*¹¹³.

Seu Hélio dizia que era filho de Santo Antônio. Afirmou que, das fogueiras, a de Santo Antônio não podia sair de *casa*. Filho de Santo Antônio. Conversava com o fogo. *O fogo de São João é bento*. Não sei como Seu Hélio nomeava sua relação com São João. Fato é que sabendo conversar com o fogo e fazendo fogueira pra ele desde 1968, imagino que construiu alguma intimidade com o santo. Sem contar que nomeou a filha em homenagem ao mesmo. Um caminho duplo de herança. Com o nome em homenagem a São João e com o indicativo que a fogueira de Santo Antônio não poderia sair de *casa*, Joana, faz fogueira para os dois. Na ânsia de construir alguma genealogia perguntei à Joana, seria você, então, neta de Santo Antônio? Risos. A pergunta pareceu meio descabida. Mas suscitou, no ano seguinte, 2023, outra narração.

¹¹² Nas narrativas no Quilombo de Pinhões, o *tempo dos antigos* é apresentado em forma similar como o apresentado por Yara Alves (2023) em relação a quilombos no Vale do Jequitinhonha. É um tempo relacional, sem necessariamente uma marcação fixa num tempo datado. O que pode acontecer, mas não se reduz a um tempo marcado, fixado. É acionado em relação a quem tece a narrativa no espectro de relações entre pessoas e práticas, compõem memórias de parentesco, remetendo geralmente a gerações anteriores, e, no modo como é acionado estabelece relações com o presente no ato de composição da narrativa nas conversas. Pode ser acionado por vivência própria, quando o narrador se insere no tempo dos antigos, ou remeter a explicação de outrem, *não vivi, apenas ouvi dizer que era assim*.

¹¹³ Notações de caderno de campo. Junho 2022.

Junho 2023. Novamente fui ajudar Joana na feitura do caldo de mandioca e da canjica pra São João. *Menina, tem umas coisa que não dá pra explicar. Esse ano, na fogueira de Santo Antônio, [fulano], lá de cima, pediu para ser mordomo da bandeira de Santo Antônio. Ai deixei a bandeira lá, para eles enfeitarem, né? E a gente foi fazer igual meu pai fazia, quando alguém pedia para ser mordomo da bandeira. A gente se reúne na casa da pessoa, faz a reza lá, e vem em procissão de lá pra cá. Ai menina, você não acredita, meu neto, o mais novo, pegou uma vela e foi assim, andando na frente da procissão, aquele tuquinho de gente, andando na frente, com a vela na mão, na frente da bandeira, e ele segurava a vela igualzinho meu pai fazia, ia concentrado. Todo mundo reparou. Pra você vê, nem conheceu meu pai. Ai pensei. Será que é ele que vai perpetuar a herança?*

Raiz. Família. Herança. Casa. Em composição com os Santos. ‘*Relatedness*’ (Carsten, 2004). Na esteira das críticas empreendidas por Schneider (1968) e das reflexões desenvolvidas por Strathern (1992), Janet Carsten (2000; 2004) nos convida a refletir sobre as possibilidades de examinar o conjunto de relações que compõem, para os sujeitos envolvidos na pesquisa, a noção de parentesco, problematizando as relações entre substância e código explorando as diversidades de modulações êmicas de fixação e fluidez entre elas (2000). Aponta e enfatiza os diferentes modos de ser e estar relacionado (2004). Quando Joana *herda* a obrigação de realizar as fogueiras para Santo Antônio e São João, *herda* as bandeiras, a partir da construção de sua devoção, *cuidado* e participação na feitura das fogueiras junto ao seu pai ao longo dos anos. Quem faz a fogueira é o *povo de casa*. Como descrito acima, Joana era responsável por temperar a canjica e o caldo. Seu irmão seguiu responsável pelo mastro e pelo hasteamento da bandeira. Joana não *herda* a relação de parentesco de seu pai com o Santo. Não se faz neta dele. Mas ele segue em *casa*, ademais da fogueira agora acontecer em outro *terreiro*.

Foi de sua avó que Seu Hélio *herdou* a obrigação de fazer a fogueira e a devoção ao santo. Joana acredita que seu neto pode perpetuar a *herança*. Identificou nele características de seu pai apesar deste não ter o conhecido. Carsten (2014) se debruçando sobre as reflexões empreendidas por Sahlins (2013)¹¹⁴ em relação a ‘mutualidade do ser’,

¹¹⁴ Em *What kinship is – and not* (2013) Sahlins constrói a noção de “mutualidade do ser”, como dimensão intrínseca do parentesco ao conceber o parentesco como dimensão de relação nas quais as existências dos envolvidos estão implicadas umas nas outras. Partilha-se a “mutualidade do ser”, são “membros uns dos outros”. Sahlins aponta para as tendências inclusivas do parentesco e sua capacidade criativa de se transformar, aparecendo de diferentes formas e assumindo diferentes efeitos. Para Carsten (2014) as

extrapola a noção de substância ao propor tomar a matéria do parentesco. Sahlins (2013) aponta para a fragilidade da determinação do parentesco como uma relação substancializada, traz à tona a possibilidade de pensarmos em vetores da construção de existências compartilhadas entre os seres compreendidos a partir e com linguagens do parentesco. Para Cartens (2014) é possível ampliar nossa percepção das maneiras pelas quais temporalidade e substância “são mutuamente entrelaçadas”, permitindo reflexões sobre processos de espessamento e diluição das relacionalidades. A autora indica alguns dos possíveis vetores acionadores desses processos, como terra, comida, casa, memória, para citar alguns correlatos às experiências narradas e observadas no *Quilombo de Pinhões*.

Na observação empreendida por Joana em relação ao seu neto arrisco dizer que o vetor que parece operacionalizar a aquisição de características de seu pai está vinculado à articulação entre *raízes* e *casa/família*. Em algum lugar as *raízes* podem se confundir com a ideia essencialista de sangue, pressupondo algo dado, de algum modo perene, que permanece. No entanto, tomar imediatamente *raiz* como sinônimo de sangue, em seu sentido essencializante, me parece incorrer ao risco do pressuposto de fixação de uma distinção apriorística de uma dimensão biológica subjacente sobre a qual se tecem os códigos de linguagens de parentesco, problematizados pelas críticas empreendidas pelos autores e autoras cima citados. Ademais dos princípios de compartilhamento e partilhas que estabelecem ‘configurações de casas’ (MARCELIN, 1996) e dos aprendizados implicados na participação na feitura das *famílias* e das *casas*, há caminhos de perpetuação de relacionalidades que parecem extrapolar tempos ordinários de convivência. Melhor dizendo, parecem correlacionar distintas temporalidades e práticas

aproximações que Sahlins (2013) propõe, a partir da noção de ‘mutualidade do ser’, entre feitiçaria e parentesco estão articuladas na dimensão de participação – “penetração do corpo do outro” – diferenciando a primeira do segundo quanto as intencionalidades envolvidas. A feitiçaria teria a intenção de prejudicar quando o parentesco assume a intenção de construção de pertencimentos e conexões. A feitiçaria seria, assim “uma forma negativa de parentesco”. Não temos aqui a intensão de aprofundar neste debate, trazemos aqui estas reflexões no sentido de situar nosso posicionamento de análise. Alinhada com as propostas de Carsten (2000, 2004, 2014), pretendemos depositar atenção nos vetores de parentesco e nas relacionalidades acionadas enquanto tal, assumindo o pressuposto da “mutualidade do ser”. É dizer, nas palavras de Carsten (2014, p.107) “compreender os meios ou vetores dessa mutualidade e suas reversões, como eles podem operar e como o tempo é sedimentado nesse processo” e “examinar a maneira como o parentesco parece aderir a determinados tipos de materiais”, reconhecendo a capacidade e forte tendência do parentesco a juntar-se a outras ‘coisas’.

acionadas, produzidas e codificadas no seio da compreensão das *raízes* e das *famílias*. *Famílias raízes*. Retomaremos essa ideia logo adiante.

Junho 2020. Um dos períodos mais críticos da pandemia de COVID-19. Chegou a mim a notícia de ao menos quatro falecimentos de anciões do Quilombo de Pinhões. Em uma das ligações a minhas amigas, no compartilhar de lamentos e dores diante da morte de seu pai, em sobressaltos de esperança, escutei: *agora ele vive nos netos, né. Que Bruno mesmo, ele herdou as sabedorias dele. Parece demais com ele. Tem os mesmos jeitos. Interessado nas histórias*. Diferente do neto de Joana, Bruno conviveu com o avô. Participou ativamente da lapidação desse *jeito* do avô. Frequentando a *casa* do avô, fez-se *interessado nas histórias*.

Em setembro de 2022 encontrei Bruno pelas ruas do Quilombo, conversei com ele sobre a possibilidade de realizarmos uma entrevista sobre as histórias contadas pelo seu avô, ele de pronto afirmou, *não sei não. Eu tenho que ver primeiro com as minhas tias, minha mãe, conversar com elas, para saber o que eu posso contar. É muita história, viu? Muita coisa mesmo. Mas eu nem chego perto do que meu avô sabia. Ele levou muita coisa*.

Entre o que se *herda* e o que se transmite, a *família*. Meses depois de meu encontro com Bruno encontro uma de suas tias, uma das fundadoras da Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões, reconhecida como referência no Quilombo em relação às histórias de fundação da *comunidade* e guardiã de memórias das *raízes* do Quilombo. Comento sobre a conversa com Bruno e seu posicionamento em averiguar com suas tias e com sua mãe sobre as histórias do seu avô que ele poderia compartilhar comigo. Orgulhosa ela pontou, *tá vendo, ele parece mesmo com meu pai, cauteloso como ele sobre as histórias*. Risos. Bruno não *herda* apenas as histórias, mas o *jeito* de seu avô lidar com elas. Pessoas que reverberam em outras pessoas (Strathern, 1992, 2006; Sahlins, 2013; Carsten, 2004, Alves, 2016, 2018¹¹⁵). *Família*. As pessoas têm seus *jeitos*. As *famílias* também. Sua tia me conta que isso vem de *família*. Que dos filhos dela nenhum *herdou*

¹¹⁵ Yara de Cássia Alves (2016, 2018) ao analisar sobre as *casas raízes* em comunidades quilombolas do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, se debruça sobre os conhecimentos e práticas desenvolvidos pelas mulheres no exercício da maternidade para a produção do enraizamento das casas indicando a agência delas na criação dos filhos, no exercício de assuntar as naturezas destes filhos e de desenvolver estratégias para construir os jeitos e modos da família almejando viabilizar que os filhos se reúnam em sua casa, sabendo viver e conviver com as diferenças entre eles. Ao *assuntar a natureza* dos filhos as mães vão identificando *rastros* de parentes na composição das naturezas destes intervindo para uma *criação* que possibilite *saber ir para o mundo* sem perder o *rumo* de volta para *casa*.

isso dela ou do seu pai. Talvez um neto, mais interessado, que passou parte da primeira infância com ela, mas hoje parece não tá ligando muito. Aponta que Bruno frequentou muito a *casa* do avô, *ficava lá com ele*. Conviver em *casa*. Prática que parece ter um peso importante na perpetuação das *heranças*.

Junho 2024. Em conversa via *Whats App* com Renata, aquela que apresentei na abertura deste capítulo, cujas *raízes* são do *Quilombo de Pinhões*, agendamos uma conversa em seu apartamento em Belo Horizonte. Sentadas em volta da mesa da sala de estar conversamos por mais de três horas e eis que, quando fui pegar novamente o gravador, apenas os primeiros quarenta segundos da conversa foram gravados. Extasiada da situação, que nos dez anos de uso do gravador nunca antes houvera acontecido, fui tomada pela indagação de Renata: *será que falei coisas que não devia? Que não eram para ser gravadas?* Na conversa nos emocionamos algumas vezes com os relatos sobre seu pai, seus avôs, a vida na *casa* da *família* no bairro Industrial Americano, em Santa Luzia, município no qual o Quilombo de Pinhões está situado. Renata narrou sobre as sabedorias que compuseram a construção da *casa*, de adobe, os *modos* de seu avô plantar, o cheiro da fumaça do fogão a lenha, a *fogueira de Santo Antônio* que seu avô fazia no quintal. Fazia pouco mais de três meses que Renata se mudara para Belo Horizonte. O luto do pai, falecido no final do ano anterior, distante não mais do que oito meses de nossa conversa, permeava as narrativas. No momento em que começava a me conformar com o fato de ter perdido a gravação fruto da rica oportunidade de ter escutado e refletido junto com Renata sobre tantas questões, ela me interpela: *Lúnia, na verdade, sabe o que eu acho, que não gravou porque era para eu te falar essas coisas lá, né, lá em casa, na casa do meu avô, na terra dele. É isso. Vamos ter que marcar para conversar lá, você topa?* Sem hesitar, alegre com essa espécie de convite de seus ancestrais a visitar sua *terra*, a *casa* de seu avô, aceitei o chamado.

Agosto 2024. Era um sábado de muito sol. Combinamos de ir juntas. Saímos de Belo Horizonte às nove da manhã. Um pouco antes das dez chegávamos à casa onde Renata *nasceu e foi criada*. Foi remetendo a seus avós que Renata indicou suas *raízes* no *Quilombo de Pinhões*. Seu avô, Guilhermino Antônio da Conceição, morou em Mato Virgem, *veio* do Mosteiro de Macaúbas. Era reconhecido mestre da Guarda de Catopé de Nossa Senhora do Rosário. Sua avó *veio* da Fazenda das Bicas. Trabalhava na casa da fazenda. Seu avô adquiriu o terreno no Bairro Industrial Americano *tem mais de setenta anos*, quando iniciado o movimento de loteamento que deu origem ao bairro, antigo domínio da Sesmaria de Bicas.

*Aqui estão as plantas do meu avô. Você vê que ele plantou no meio do terreno, em linha reta. Isso tudo é planta dele. Belíssimo. Aí você vê que as plantas não incomodam, não invadem os vizinhos. As plantas que têm que não foram ele que plantou são mudas das deles. Esse pé de ameixa aqui e esse de manga. Os guiné, urucum, sempre fizemos tinta aqui, o boldo, assa peixe, que é muito importante para fazer de vassoura pra varrer o terreiro, planta da época do meu avô. Sempre teve babosa. Esse pé de laranja da terra aqui foi ele que plantou também. Fazia doce. Todo ano fazia doce. Meu avô nasceu em 1900. A construção foi ele que fez¹¹⁶. Os quartos divididos. O piso que a mãe colocou. Tijolo de adobe. O avô que fez. Renata ressalta as divisões da casa, que, segundo ela, vem do seu avô, *tudo dividido*, o avô em um, ela com a tia, os pais, e os irmãos. As telhas também foi o avô que fez. *Quando vai construir uma casa a primeira coisa que você faz é uma cisterna, aí com a terra da cisterna você já consegue fazer os tijolos para construir a casa. Pra você vê. A casa é construída com essa terra aqui.**

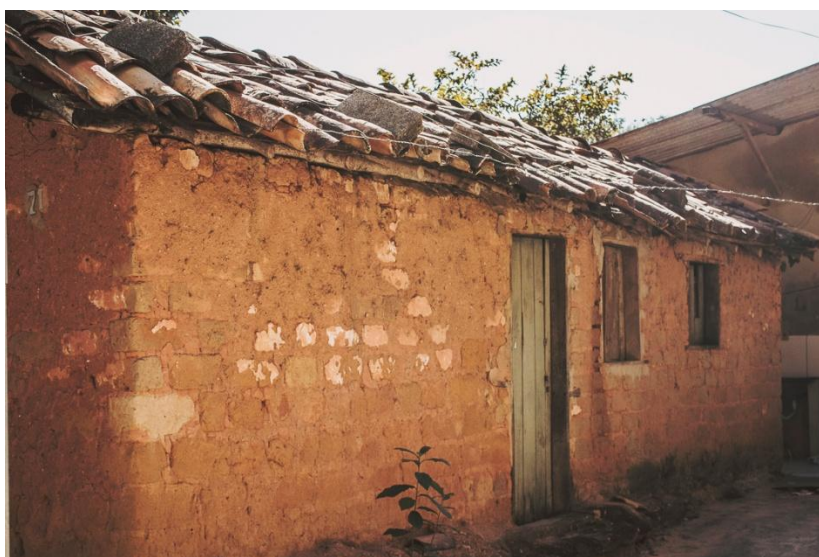


Imagem 15: “Casa de adobe”. Aláise dos Santos Carmo Evangelista (ACMQP, 2018, p.9)

Quantos anos¹¹⁷. Ainda tem cheiro de fumaça. Você sente? Me pergunta quando adentramos a cozinha da casa. O cheiro me escapa. Não consigo acessar. Mas diante da

¹¹⁶ Trecho de gravação em áudio de entrevista com Renata. Agosto 2024.

¹¹⁷ Após o falecimento de sua mãe e o início do deterioramento da casa de adobe, somado ao casamento de um dos seus irmãos, Renata e o seu irmão solteiro construíram uma casa no terreno para a qual mudaram com o pai. A casa de adobe foi mantida já que seu *pai passava o dia inteirinho na casa*, acendia

emoção de Renata consigo sentir as presenças vivas na cozinha aquecidas pelo fogão a lenha. *Ainda tem sabão aqui, olha, os sabões que eu fazia com meu pai. A gente mantinha isso, menina, fazia tudo que dava pra fazer. A gente fazia sabão junto.*

Todo dia 13 [de junho] a gente fazia fogueira de Santo Antônio. Rezava ladainha. Durava uma vida, menina. Risos. Minha mãe seguiu fazendo até a minha adolescência. Parou em 1995. Meu avô veio bem enraizado com esse povo de Macaúbas. Guilhermino. Ele era todo essa religiosidade. Ele benzia. Quebranto. Olhado. Espinhela caída. Torção. Minha mãe também veio com isso. Meu pai benzia mordida de cobras e escorpião. Minha tia benzia cobreiro. Aprendi com ela, criança, a única que sei é a de cobreiro¹¹⁸.

A avó era parteira. Me conta. No *terreiro* ainda tem pé de algodão e artemísia, *que usava para limpar útero. Os guiné usava pra benzer de olhado. Minha tia comia muito de capitão. Essa pega. Nossa eu sei fazer essa pega ainda. Pra você vê a memória né. Junta ali a comida e traz até a boca. Eu gostava muito quando era pequena. Isso me sustenta para andar, sabe? Isso me traz uma força. Algo percorreu muito para eu chegar até aqui. É a raiz quilombola que conduz até esse lugar¹¹⁹.*

Renata compreende sua *raiz* nas práticas do cotidiano de sua *casa*. A *casa* de seu avô. O modo da construção da *casa*, a composição do *terreiro*, do quintal, das plantas. Remete ao modo como seu avô plantou as árvores no centro do quintal, *para não incomodar a vizinhança*. Princípios de boa convivência. As plantas. As sabedorias de benzimento. As rezas. A fogueira de Santo Antônio. Convivência. Memória. *Isso me sustenta para andar, sabe? Me traz uma força. A casa na qual nasceu e se criou. A casa articula raiz e família. As raízes parecem mobilizar a casa, sustenta o andar, traz força.*

Yara Alves (2016; 2018) versa sobre a ‘casa raiz’ que, nas quatro comunidades quilombolas na qual ela desenvolveu seu trabalho de campo, no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, permite o ‘voo de suas folhas’ na formação de ‘latada’ ‘esparrama seus galhos’. Alves (2016; 2018) analisa como os processos em torno da formação da ‘casa raiz’, o ‘enraizamento’ de uma ‘casa’ estão correlacionados a um conjunto de práticas e conhecimentos operacionalizados pelas mulheres, no exercício da maternidade, para

o fogão a lenha, ficava sentado na varanda da cozinha observando o quintal. Já fazia mais de um ano que seu pai não adentrava a casa para acender o fogão.

¹¹⁸ Trecho de gravação em áudio de entrevista realizada com Renata. Agosto 2024.

¹¹⁹ Trecho de gravação em áudio de entrevista realizada com Renata. Agosto 2024.

efetivação da ‘casa raiz’ a partir da criação dos filhos. Para as comunidades quilombolas junto das quais Yara Alves (2016; 2018) desenvolve suas análises a formação da ‘casa raiz’ está associada à habilidade da mãe em construir uma casa onde haja ‘divertimento’, uma casa para a qual os filhos retornam. Criam seus filhos num arranjo de reconhecimento da natureza de cada um, identificando os ‘rastros’ de parentes e tendo ‘olho’ para identificar possíveis problemas e questões que possam vir a enfrentar, ‘criando’ pessoas que sabem ‘conviver com as diferenças’, já que cada filho tem sua ‘natureza’ própria, sabendo ‘ir pro mundo’ e ‘voltar pra casa’. No processo de criação dos filhos as mães vão construindo o ‘jeito’ e o ‘modo’ da ‘família’, da ‘casa’. No *Quilombo de Pinhões* as *raízes* parecem ser mobilizadas e mobilizar um conjunto de relações que compõem as *casas* e *famílias*. As narrativas e práticas apresentadas até aqui não indicam uma figura ou uma modalidade específica de relação que seria, digamos, responsável por um enraizamento¹²⁰. Compõem as *raízes* um conjunto de práticas e relações mobilizadas por uma diversidade de vetores que conformam as *famílias raízes* efetivadas na composição das *casas*. As *raízes* não parecem se apresentar diante de um processo, ou como foco, consequência de uma ação, de uma prática ou de modalidades de relação, muito antes o contrário, as *raízes* parecem ser aquelas que mobilizam modalidades de relações, entrelaçando temporalidades, informando *heranças*, forjando *famílias*, elaborando e relacionando *casas*, quintais e *terreiros*. Parecem conceber sustentações ramificadas num subsolo, extrapolam ao solo, compõem a própria terra.

Raiz. Perdurar no tempo. Atravessar gerações. As *raízes* carregam algo que pode ser acessado adiante. Outrora. Em outro tempo. Até mesmo em outros lugares, como acionado por Renata que, apesar de nunca ter empreendido *casa* no Quilombo reconhece na *casa* de sua *família raízes* do Quilombo. A *raiz* mobiliza, agencia, coloca em operação. Parecem correlacionar distintas temporalidades e práticas acionadas, produzidas e codificadas no seio da composição das *casas* e *famílias*.

¹²⁰ Apesar de a figura da mãe também ser indicada como modalidade importante de relação no Quilombo de Pinhões, como desenvolvi na dissertação, Dias (2015), ela não aparece aqui como foco em processo de enraizamento, como destacado nas análises empreendidas por Alves (2016, 2018), até porque a noção de raízes no Quilombo de Pinhões, não é evocada na qualidade de processo, no sentido indicativo de processos de enraizamentos. Outras dimensões e perspectivas e entrecruzamentos em relação a figura da mãe no Quilombo de Pinhões em diálogo com as reflexões suscitadas por Alves (2016; 2018) podem apresentar bons rendimentos e pretendemos fazê-los em outras oportunidades.



Imagem 16: “Altar no quarto de benzer de Seu Hélio”. Fonte: Foto de Samara Carvalho Santos (ACMQP, 2018, p.72).

07 de setembro de 2022. No *Quilombo de Pinhões*, de janeiro a outubro, todo dia sete, tem missa em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Fazia sete dias do falecimento de uma sobrinha de Dona Amaralina. Encontrei com uma de suas filhas na missa e firmei o compromisso de fazer uma visita em sua casa na parte da tarde. Levo um doce de leite que comprei com Rosa que tem uma lojinha ao lado da padaria na praça Naná Bahia. Amaralina logo identifica o doce. E se remete a Rosa identificando as relações de parentesco. Sua filha, Suzana, descobre, *ela é prima, mãe? Gente, aqui é assim, você sempre descobre que é parente*. Risos. Em Pinhões, se a relação não está nomeada nos espectros das *amizades*, do *compadrio* ou na conformação do *povo de casa*, *uma hora você vai descobrir que é primo*. Conversamos sobre a morte. Dona Amaralina conta com tristeza da perda tão inesperada da sobrinha, filha do irmão de seu marido. *É um mistério. Ninguém sabe. Deus faz coisas que ninguém sabe*.

Conversávamos na varanda, uma extensão de sua cozinha, onde fica uma televisão, uma mesa, muitas cadeiras, é onde o *povo da casa* se reúne para compartilhar os afazeres da cozinha. Nossa conversa é interrompida por um cheiro de banho de ervas, vindo do banheiro. Exclamo. Que cheiro bom. Isso é banho de ervas? Cheiro de Guiné. *Foi banho mesmo*. Me responde Suzana. *As vezes é bom né. Mamãe fez pra Ricardo*. Ricardo entra na varanda. Todo de branco. Me conta que é sua avó quem prepara seus banhos e colhe as ervas. *A maior parte ela tem aqui mesmo, no quintal*.

Uai gente o povo que saiu tá demorando, né? Cadê eles? O povo chega. São dois filhos de Dona Amaralina e a esposa de Ricardo. Sacolas nas mãos. Dona Amaralina me

convida a ficar para um café. Espero o café. Conversamos sobre atos de preconceito e racismo em torno das práticas vinculadas a *macumba*, as *guardas de congado*, *coisas de matriz africana*. Vejo Ricardo pegando um alguidar. Uma mulher chama no portão entreaberto. Entram duas mulheres e uma criança. Um dos filhos de Dona Amaralina, conduz uma das mulheres com o neném até a varanda, onde estávamos. *Ela vai ficar aqui com vocês, porque criança não pode ficar no mesmo lugar, né*. Debruçada na varanda, ao lado de Suzana, emocionada, olho em seus olhos e pergunto: Exu tá aqui? Ela, com um sorriso largo no rosto diz: *tá menina. Ali. Vai girar a capa*. De mãos dadas, olhos mareados e sorriso no rosto observamos o bailar da capa. No canto do quintal. Na garagem, que é lavanderia. Escritório. Terreiro. *Ventania. Olha. É Ventania*. Nossos olhos se encontram. Cheios d'água. Sorriso no rosto. *Lúnia, te contar, que bonito que é Ventania. Nossa quanto tempo ele não vinha. Ele tá com Ricardo desde a minha barriga. As cólicas que tive com quatro meses de gestação era ele. Ele me falou. Foi ele que segurou Ricardo. Ricardo nasceu com sete meses recém completos. quando ele veio em Ricardo a primeira vez eu falei com ele, eu te conheço. Eu te vi naquela vez que eu tava doente. Era você. Eu vi sua capa. Você passou ela em mim. Eu fui atrás. Tentei pegar. Não consegui. Nenhum médico soube o que eu tinha. Ai era abertura mesmo, né. Mas eu não quis seguir não. Foi Seu Hélio que fechou a gira pra mim. Fechou. Ai, tá ai. Tá em Ricardo. Ventania falou pra mim que ele é **herança** de Ricardo. Ricardo **herdou**, ele. Ele tá na família tem umas quatro gerações. Ele falou que tá conosco desde meu, deixa eu ver, meu bisavô. É isso. não é ele que rege a cabeça de Ricardo não. Ele não é de Ricardo não. Ele é **herança***. Termina a conversa de Ventania com a mulher. Todas as duas mulheres e a criança vão embora. Fica a *família* e eu. Todos vamos ao encontro de Ventania. Me aproximo. Tomo a benção. Gargalhada. Falo da honra em conhecer Ventania. Encontrar com exu nessa *terra*, dentro dessa *casa*, com essa *família*. Ele diz. “Isso vem de longe”. Conversa vai e conversa vem. Ventania vai perguntando sobre algumas pessoas, o *povo de casa*. Os filhos de Dona Amaralina vão respondendo, dando notícias do filho de fulano, do sobrinho, do afilhado, da neta. *Povo de casa*. Ventania vai dando as instruções. “Não, você tem que ficar mais atento, ele tá precisando de ajuda”. “Isso não é responsabilidade sua”. “A sua parte você já fez”. “Cabe a cada um o que é de cada um”. “Você fica de cabeça quente”. Ele começa a falar de valores vai dando ensinamentos. Fala sobre o Cemitério dos Escravos, sobre o Mosteiro de Macaúbas. “Lugares de muita história. De muito conhecimento.” Gargalhada. Conhaque. Charuto. Lembro que Seu Hélio era filho de Santo Antônio. Pergunto. Você conheceu Seu Hélio,

Ventania? Trabalhou com ele? “Não trabalhei, não”. “A gente era meio brigado”. Gargalhada. Me conta que Seu Hélio trabalhava bonito. “Fez muito”. “As coisas aqui continua”. “Vem de longe”. “Se você for a fundo vai achar muita coisa. Se cavucar!” Gargalhada. João conta do que sentiu quando *estava fazendo a firmeza da família*¹²¹. *Meu corpo todo arrepiou. Senti como um choque. Meu pensamento girava. Vinha todo mundo da família na minha cabeça. Até quem já foi. Quem não conheci. Aí só depois que eu consigo chegar onde preciso. Concentrar e fazer. Mas dói tudo. Sinto agora contando. Meus joelhos. Dói. Mas passa. Esse caminho é nosso mesmo. É dos negros. A gente estala os dedos e acontece. É nosso mesmo.* “Vamos seguir devagar”. Recomendou Ventania. Despedimos. Ventania vai embora. Malandro chega. Sai da garagem e entra na casa. Senta-se na varanda. *O povo de casa*. Brindamos uma cerveja. Dona Amaralina busca um peixe frito. Fritei pra você malandro, sei que você gosta. “Vamos comer junto!” Gargalhada. Emociono ao ver o sorriso largo de Dona Amaralina de dentro do abraço no Malandro. São oito da noite. Lua cheia no céu. Com convite de Dona Amaralina para *retornar quando quiser, pra um café*, “ou uma cerveja pra próxima lua cheia”, acrescenta Malandro. Gargalhada. Me despeço do *povo de casa*.

No ano seguinte, ajudando Joana na fogueira de Santo Antônio, diante da presença de seu irmão e de seu filho, que conversavam sobre a inviabilidade de fazer fogueira na rua neste ano devido ao asfalto que foi colocado sobre o calçamento de pedras na rua, menciono sobre a visita na casa de Dona Amaralina e a honra de ter conhecido Exu Ventania. Seu filho na hora menciona, *eu tenho ido lá, meu tio tá aprendendo muito lá*. Seu tio conta que seu pai, Seu Hélio, não lhe passou as *coisas*, disse que o caminho dele seria outro. *Herdou* a obrigação de seguir *cuidando* com Joana da devoção na feitura da fogueira, no *cuidado* com o mastro e com as lenhas para cozinhar e fazer a fogueira. *Herdou* também a competência de *cuidar* do quartinho de benzer do pai. Limpa. Acende as velas. Além dos aprendizados adquiridos com o pai, Ventania é quem tá ajudando a saber o que fazer. Seu irmão segue morando no terreiro da avó. Joana menciona que o *terreiro da casa* de Dona Amaralina é forte. *Aquela terra é forte*. Tem muita história, lá.

¹²¹ Firmeza se refere a um ponto de força ou poder estabelecido temporariamente, geralmente através de elementos como velas, oferendas ou pontos riscados, para fortalecer a atuação de uma entidade espiritual, seja um guia ou orixá.

Terra. Raiz. O *povo de casa*. As *raízes* carregam relacionalidades possíveis de serem acessadas adiante. Noutros tempos. Na feitura das *casas*, pelas *famílias raízes*. Como desenvolvido por Carsten (2014) o parentesco possui uma habilidade de conectar-se com outras ‘coisas’, nos possibilitando trabalhar análises em termos de vetores de parentesco sobretudo quando tratamos o mesmo a partir da compreensão do parentesco como ‘mutualidade do ser’ (Sahlins, 2013) viabilizando compreender meio ou vetores dessa mutualidade. No Quilombo de Pinhões as *raízes* parecem compor vetores de mutualidade do ser que potencialmente articulam terra, casas, famílias e temporalidades. A *raízes* viabilizam e mobilizam relacionalidades agenciadas por uma gama de seres, sujeitos ativos na produção da *família* e na composição do *povo de casa*. Santo Antônio. São João. Exu Ventania. Tempo e substância. As *raízes*, assim, atravessam e interconectam gerações e *casas* na relação com distintas, materialidades e conjuntos de práticas e conhecimentos com poder de evocar a ‘mutualidade do ser’ ou sentimentos de participação na vida uns dos outros, alinhavando *famílias*. Permitem acionar relacionalidades e socialidades que alinhavam distintas temporalidades e sujeitos na composição das *famílias raízes*. Ao serem *cuidadas* e atualizadas na composição das *casas* e das *famílias*, as *raízes* mobilizam a vida em suas dinâmicas de participação, carregam e acionam a ‘matéria do parentesco’ (Carsten, 2014).

Tendo em vista a ‘multiplicidade’¹²² de agenciamentos pelas *raízes* mobilizados, estas parecem alinhar ‘territórios existenciais’¹²³ na produção de ‘territorialidades’¹²⁴ evocativas do Quilombo de Pinhões. É dizer, ao passo que as *raízes* são vetores de parentesco as relacionalidades promovidas, sustentadas e viabilizadas por elas, alinhavam pessoas, famílias, santos, entidades, terra, casas, quilombo. A vida. As *raízes*, mesmo no empreendimento de suas alianças com as *famílias*, na conformação das *famílias raízes*, não pressupõem um ponto de vista totalizante exterior capaz de determinar todas as conexões de uma vez por todas, muito antes o contrário, conformam-se como ‘multiplicidades’ movendo relacionalidades possíveis. No próximo capítulo dedicaremos aos movimentos tecidos pelas raízes no ‘espiralar’ (MARTINS, 2021b) do tempo em *festa*.

¹²² As multiplicidades são tautegóricas, como os símbolos wagnerianos que, possuindo sua própria medida interna, ‘representam a si mesmos’ (Wagner, 1986). Uma multiplicidade é um sistema de n-1 dimensões (D.&G. 1980:13,27,31) onde o Um opera apenas como aquilo que deve ser retirado para produzir o múltiplo, que é então criado por ‘destranscendência’; ela manifesta ‘uma organização própria do múltiplo como tal, que de modo algum tem necessidade da unidade para formar um sistema’ (Deleuze, 1968:236) [...] o pluralismo deleuziano supõe um ‘primado da relação’ (2003: 52, n.l). A filosofia da diferença é uma filosofia da relação. [...] Trata-se da operação que Deleuze chama de síntese disjuntiva ou disjunção inclusiva, modo relacional que não tem a semelhança ou a identidade como causa (formal ou informal), mas a divergência ou a distância; um outro nome deste modo relacional é o ‘devir’. A síntese disjuntiva ou devir é o operador principal [...] pois é o movimento da diferença como tal - o movimento centrífugo, pelo qual a diferença escapa ao atrator circular da contradição e superação dialéticas. (CASTRO, E.V., 2015, p.118,119).

¹²³ Para Deleuze e Guattari (1980; 1997), território é primordialmente existencial, entrecortado por movimentos simultâneos de desterritorialização e reterritorialização que fundamentam o campo da experiência em solo familiar territorial com pontas desterritorializantes que apontam para a exterioridade. A reterritorialização não implica em retorno ao território. Assim como a desterritorialização, são movimentos, relativos e concomitantes. Acionamos a noção de ‘território existencial’ na medida em que ela nos auxilia na compreensão dos movimentos empreendidos pelas raízes, possibilitando pensar continuidades e rupturas. Mais que a definição de limites e contornos o foco da análise está nos movimentos e seus desdobramentos, viabilizando pensarmos as relacionalidades que instituem territórios, também estes em suas multiplicidades.

¹²⁴ Por territorialidades tomamos a noção de ‘territorialidade específica’ cunhada por Alfredo Wagner (2008), na qual a territorialidade, compreendida enquanto ‘forma de interlocução com antagonistas e com o poder do estado’ são tecidas a partir das especificidades dos modos de vida e dos processos históricos constituintes dos povos organizados coletivamente a partir de identidades frente aos mecanismos de reconhecimento estabelecidos. Compreendemos nesse escopo também a diversidade de modos de relação que configuram um território. A diversidade de entes e de relações que configuram um território e as memórias, práticas e conhecimentos que o compõem e atravessam. Seguimos, assim, empreendendo atenção aos movimentos, mobilizações, agências e suas especificidades e modulações mais do que anseios a definições e delimitações.

CAPÍTULO 03

O congado é uma festa: ancestralidade, festa, raiz e tradição

*Oh, virgem do rosário
vós me dá licença
oh, virgem do rosário
vós me dá licença
Nós pretim devoto, [larawê],
veio fazer vossa festa!
Nós pretim devoto, [larawê],
veio fazer vossa festa!
Ôhhhh (Seu Onofre _ in memoriam)¹²⁵*

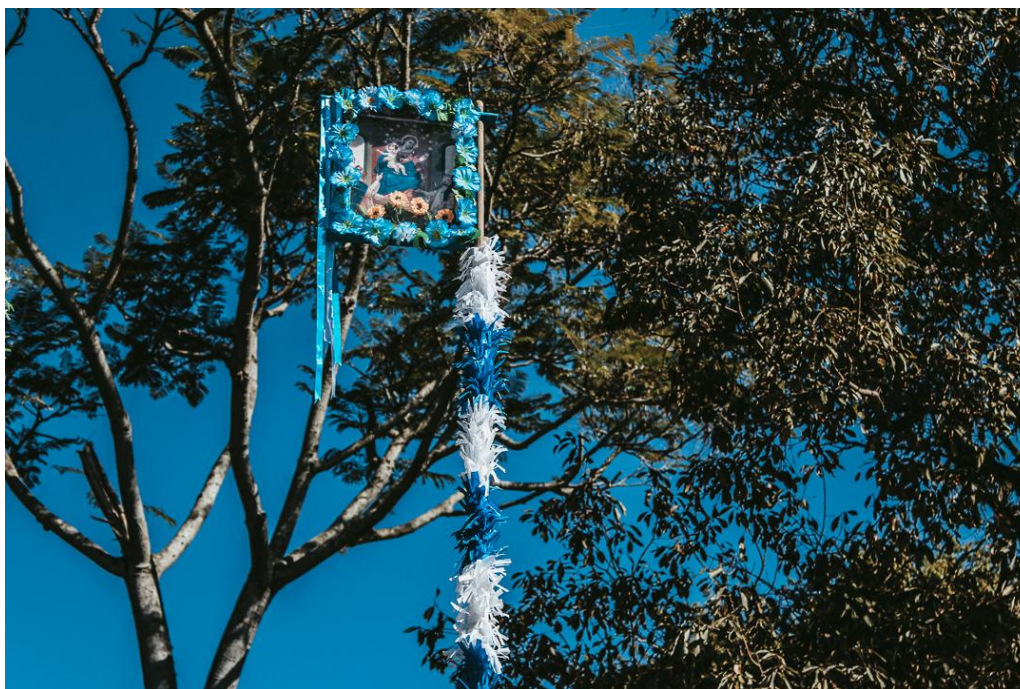


Imagem 17: “Bandeira Nossa Senhora do Rosário. Festa do Divino 2018”. SANTOS, Samara Carvalho. ACMQP, 2018, p.90)

As raízes de Pinhões tão no congado, no congado de Nossa Senhora do Rosário, que é o catopé, né? Me disse Maria Geralda, fundadora e membro da diretoria da Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões/Associação Quilombola do Quilombo de Pinhões, reconhecida como detentora de conhecimentos sobre o Quilombo, sua fundação, suas *raízes*. *Muito amiga das pessoas mais velhas*, Maria Geralda, seguiu os interesses desenvolvidos pelo seu pai sobre as histórias do Quilombo. Dona de uma

¹²⁵ Versos cantados pela Guarda de Catopé na Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões. Cantados por Seu Onofre (*In memoriam*) durante entrevista para produção do livro “Pinhões: Histórias e Sabedorias do Quilombo” (ACMQP, 2018, p. 52), à época Seu Onofre era o *dançante* mais *antigo* da Guarda. Seu Onofre faleceu no ano de 2020.

memória instigante, vasta e veloz, é frequentemente procurada. Escolas. Universitários. Quilombolas. Repórteres. Prefeitura. Comigo não foi diferente. Maria Geralda foi a primeira pessoa que conheci no *Quilombo de Pinhões*. Ao longo de alguns anos, inclusive, sempre que buscava empreender conversas sobre as histórias de formação do Quilombo com os moradores, escutava, *você tem que procurar Fia, quem sabe falar essas coisas é Fia*, como é conhecida (DIAS, 2015; 2020). Em minhas tentativas de tecer compreensões sobre as *raízes* não pude deixar de me dedicar a escutá-la. Logo no início de nossa conversa ela trouxe a frase que abre este capítulo. *As raízes do quilombo tão no congado*. Diante desta frase ela seguiu apontando para modalidades de relações com Nossa Senhora do Rosário. A organização do congado, *é uma espécie de irmandade, né, o congado*. As *vestes*. A construção e perpetuação da Igreja Católica no quilombo. A *Festa de Nossa Senhora do Rosário*. Escutá-la, me remeteu mais uma vez a uma espécie de qualidade das *raízes* como operadoras e mobilizadoras de ‘relacionalidades’ também implicadas na *Festa de Nossa Senhora do Rosário*. Como narrou Seu Onofre, *dançante mais antigo da guarda*, falecido em 2020, no livro ‘Pinhões: histórias e sabedorias do Quilombo’ (ACMQP, 2018):

O congado de Nossa Senhora do Rosário é muito religioso, todo mundo brinca. Quando falava assim, vamo conhecer, gente?! Todo mundo tava junto. [...] então era todo mundo ali, naquela boa vontade! Aquela boa vontade de vestir. É igual uma festa! É uma festa! (ACMQP, 2018, p.52 e 53)

Neste capítulo pretendemos seguir as *raízes* em *festa*. Deter nossa atenção às mobilizações e agenciamentos promovidos, sustentados e viabilizados por/com elas. Nossa Senhora do Rosário. Congado. Catopé. *É igual uma festa! É uma festa!* Ao vincular as *raízes* ao *congado*, Maria Geralda abre caminhos que parecem ir ao encontro às compreensões que as relações entre as *famílias* e as *raízes* nos apontaram no capítulo anterior. Aliadas às *famílias*, as *raízes* parecem armazenar conhecimentos e relações acionados pela memória e pelas práticas cotidianas (e)laboradas nas *casas*, nos *terreiros*. Parecem alinhar tempos. Prover relações. Laborar territórios.

Ao longo da dissertação de mestrado (DIAS, 2015) desenvolvida junto ao *Quilombo de Pinhões*, compreendi as festas como idioma político do Quilombo. No *Quilombo de Pinhões* as *festas*, em suas diversidades, parecem tomar o cotidiano dos moradores. Com um vasto calendário festivo, que remete principalmente, mas não

exclusivamente, a *festas* em devoção a santos católicos, a *Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões*, padroeira do lugar, é apontada pelos moradores como a principal *festa da comunidade*, regendo um calendário anual. Um calendário que inclui em si outros eventos festivos para arrecadação de fundos (bingos aos finais de semana, venda de pasteis após as missas, cavalgadas, quadrilha, atrações como shows na quadra, etc.) e momentos ritualísticos sagrados como a *festa de Santa Cruz*, a *peregrinação com a imagem de Nossa Senhora do Rosário* ao longo dos meses de maio a setembro, as novenas, *hasteamento* da bandeira, etc. (DIAS, 2015).

Ademais do volume de *festas* envoltos na *Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões*, compõem o calendário da *comunidade* também a *Festa do Divino Espírito Santo*, *Festa de São Sebastião*, *Festas* de Santo Antônio, *Festas* de São João, de São Pedro, para citar algumas com relações estreitas com santos e divindades. Estas três últimas são identificadas também como *fogueira* – *Fogueira de Santo Antônio*, *Fogueira de São João*, como exposto no capítulo dois.

Outrora apontei para as *festas* como locus de produção de histórias e memórias encampadas pelas *famílias* num arranjo tal que fazem-se idioma político do Quilombo na medida em que são assumidas também como linguagem pela Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões (DIAS, 2015). No entanto, encerrei a dissertação de mestrado inquieta ainda com o intenso calendário festivo de Pinhões e a relevância dada às *festas*. Adentrei o doutorado interessada em seguir investigando o que teriam as *festas* de tão importante para mobilizar tamanha energia a ponto de compor os cotidianos, alinhavando *casas*, *terreiros*, *famílias*. Perguntei: o que as *festas* fazem?

Ao longo das atividades de campo em 2022, conversando com o Mestre da Guarda de Catopé, acompanhando alguns encontros para *ensaio das vozes*, me atentei para as orientações do mestre Guerino aos *dançantes*: *tem que fazer as vozes bem feito, porque isso [o catopé] vem de longe, vem dos antigos, vem de África¹²⁶, na verdade. Pra você vê, tem até palavras que a gente canta, que tão nos cantos e você não sabe o que elas*

¹²⁶ Marina de Mello e Souza (2002; 2006) aponta que as origens historiográficas das Festas de Nossa Senhora do Rosário estão vinculadas a um catolicismo negro (SILVA, 2010) e originárias da região do antigo Reino do Congo, marcado pela cultura banto. Segundo a autora elas remetem ao século XV quando da cristianização do principal chefe do Congo, Mbanza Congo, batizado em 1491. Com a diáspora africana para o Brasil, promovida pelo violento processo escravagista, estas festas foram recriadas no Brasil invocando uma África ancestral em sua versão cristianizada. A autora é enfática em afirmar que as festas negras assumiam a estrutura e organização católica europeia para expressar valores culturais próprios fundamentados em elementos das cosmologias africanas.

*significam. Você pode pensar, pra que que eu vou cantar uma coisa que eu não sei o que significa? Mas foram as formas encontradas pelos antigos para fazer as coisas, pra louvar e guardar Nossa Senhora do Rosário. Era pra não saber mesmo, pra ficar guardado*¹²⁷. E prossegue, *cada música cantada tem uma ação, serve pra fazer alguma coisa. Tem a música que se canta pra tirar o rei, a que canta pra tirar a rainha*.¹²⁸ A condução do *mestre* Guerino me remeteu a uma conversa que tive com ele em sua *casa*, logo nos primeiros meses de trabalho de campo, também em 2022. Conversávamos sobre o livro “Pinhões: histórias e sabedorias do Quilombo” (ACMQP, 2018), mais especificamente sobre a construção de registros escritos. Guerino me interpelava dizendo que algumas pessoas já o haviam procurado para escrever um livro com as letras das músicas do catopé. *Assim, pode até fazer um livro, mas não vai ser completo, porque as músicas não existem sozinhas, aí você vai me perguntar, como assim Guerino, e eu vou te responder, é que tem música pra cada coisa, pra tirar o rei, pra tirar a rainha, pra conduzir a corte, e tem as vozes também, então, assim, não é só escrever a música. É complicado. E aí ia ficar um livro gigante, mas um livro bonito*¹²⁹. Risos.

A conversa com Guerino, assim como as orientações e conduções do ensaio das vozes, giraram em torno da música, do cantar e das demais ações nelas/neles implicados. *Tem que cantar*¹³⁰. E dançar, eu diria. Os membros da Guarda de Catopé são chamados

¹²⁷ Debates sobre dimensões de não revelação de significados, segredos e jogos metafóricos nos cantos foram elaborados por Joana Corrêa (2018) em seus estudos sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro/MG destacando suas interfaces com o ‘vissungu’, entendido por ela como um complexo cultural linguístico da região. Joana (2018) pontua algumas importantes reflexões sobre os segredos e “Mistérios do Rosário” articulando dimensões do racismo religioso, impedimentos e práticas de devoção marginalizadas pela Igreja Católica. A autora indica também, em menção aos estudos de Carvalho (2000) como “o segredo é um aspecto marcante de gêneros musicais de origem africana, acentuando que muitas palavras presentes nos cantos são usadas de forma metafórica e alegórica para revelar ou ocultar significados diversos” (Corrêa, 2018, p.31).

¹²⁸ Notações de caderno de campo, setembro 2022.

¹²⁹ Discussões sobre as complexidades de registros dos cantos entoados pelos congados são desenvolvidos pela etnomusicóloga Glaucia Lucas (2014) em suas pesquisas acerca das Festas de Reinado dos Arturos e do Jatobá, ressaltando a preponderância do modo de cantar sobre a letra do canto. Os Arturos são uma comunidade quilombola localizada no município de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte/MG. O reinado do Jatobá está localizado no bairro itaipú, na capital do estado de Minas Gerais. LUCAS, Glaucia. **Os sons do rosário: o congado mineiro dos Arturos e Jatobá**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2014. .

¹³⁰ Trecho do rap do Quilombo, produzido e gravado por jovens do Quilombo de Pinhões no projeto ‘Histórias e Sabedorias do Quilombo’ (2018) e no projeto ‘Mostra Quilombo Mostra’ (2023). Gravação

de *dançantes*. Performance¹³¹. Para Leda Maria Martins (2021a[1997]) o congado é “a elaboração de uma fala plural (roupas, cantos, gestos, dança, objetos sagrados...) que reveste o tempo presente com os adereços simbólicos ancestrais, carregando ‘dentro de si uma tradição de ancestralidade, que cria e a diviniza’” (2021a, p.44). Tomar o congado enquanto performance permite reconhecer que

Na performance dos ritos procuro inferir o papel do corpo e da voz como portais de inscrição de saberes de várias ordens, dentre elas a filosófica. Minha hipótese é que o corpo, na performance ritual, é local de inscrição de um conhecimento que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia, na superfície da pele, assim como nos ritmos e timbres da vocalidade. O que no corpo e na voz se repete é uma episteme. Nas performances da oralidade, o gesto não é apenas uma representação mimética de um aparato simbólico, veiculado pela performance, mas institui e instaura a própria performance. (MARTINS, 2002, p.72)

Episteme. Filosofia. Movimento. Conhecimento. Ancestralidade.

Os congados expressam muito o saber banto, que concebe o indivíduo como expressão de um cruzamento triádico: os ancestrais fundadores, as divindades e ‘outras existências sensíveis’, o grupo social e a série cultural. Essa concepção filosófica erige o sujeito como signo e efeito de princípios que não separam a história e a memória, o secular e o sagrado, o corpo e a palavra, o som e o gesto, a história individual e a memória coletiva ancestral, o divino e o humano, a arte e o cotidiano [...]. (MARTINS, 2021a, p. 44)

Raiz. Quando Maria Geralda informa que as *raízes* do quilombo estão no congado, me repositio no diante das *festas*. Nesse reposicionar proponho neste capítulo seguir as *raízes* em festa. O congado é *festa*! E enquanto tal carrega em si e promove uma episteme que, como expresso por Leda Maria Martins (2021a) efetiva uma concepção filosófica que “erige o sujeito como signo e efeito de princípios que não separam a história e a memória, o secular e o sagrado, o corpo e a palavra, o som e o gesto, a história individual e a memória coletiva ancestral, o divino e o humano, a arte e o cotidiano” (idem, p.44). Para a autora, os congados fundamentam uma noção ‘espiralar do tempo’ (2021(b)) que evidencia a “cultura negra como lugar da encruzilhada” (MARTINS, 2002), instituindo

disponível no site do Mostra Quilombo Pinhões, link: <https://mostraquilombopinhoes.com.br/> (acessado em agosto de 2025).

¹³¹ Inspirada nos estudos desenvolvidos por Schechner (1994), Leda Maria Martins compreende os congados e reinados tomados enquanto performance. “Nessa perspectiva o ato performático ritual não apenas nos remete ao universo semântico e simbólico da dupla repetição de uma ação re-apresentada (the ‘twice-behaved behavior’, de Schechner), mas constitui, em si mesmo, a própria ação. Para Schechner (1994:28), o ‘processo ritual é performance’ e, como tal, alude não apenas ao tempo e ao espaço, mas também a extensões através de várias fronteiras culturais e pessoais” (MARTINS, 2002, p.72).

o movimento como dimensão constitutiva desta episteme. Ao assumir a ‘encruzilhada como operador conceitual’¹³², Leda Maria Martins (2002, 2021(a)(b)), reconhece os manejos e trânsitos que constituem a complexidade da diáspora africana e aponta para fundamentos de uma ‘afrografia da memória’ cunhada pelos congados na inscrição de ‘oralituras’.

Ao contar cantando, o congadeiro alude ao tema primevo, mas dele também se distancia, imprimindo-lhe novas modulações textuais, ritmos e timbres diferenciados. Nesse texto em movimento, o narrar, cantando e dançando, é sempre um ato de constituição e construção simbólicas de uma identidade coletiva, na medida em que reagrupa os sujeitos e os investe de um *ethos* agenciador. O texto oraliturizado atualiza, assim, em todas as suas versões, o fundamento maior do rito ali realizado, a figuração do negro como agente no enredo que o tem por objeto, numa grafologia articulada pela performance da transmissão oral e pelo arranjo semiótico e semântico das veias de conhecimento e de saber ali tecidas. (MARTINS, 2021a, p. 59)

Neste capítulo, pretendemos seguir as *raízes* em *festa*, atentando para as relacionais e modulações produzidas e promovidas por estas, alinhando *casas*, *terreiros*, *famílias*, divindades. Enquanto responsáveis pela sustentação da vida, as *raízes*, são alimentadas pelas práticas festivas sistematicamente praticadas no Quilombo, nutrindo e sendo nutridas pela terra/território, articulando *casas*, *terreiros* e *famílias* nas ruas, praças, na Igreja, alinhando localidades e temporalidades. Ancestrais. “Ancestral não é aquele que morre, é o que permanece, como acúmulo de conhecimento, experiência e natureza”. “Ser lembrado é participar” (MARTINS, 2020)¹³³.

¹³² “Nessa concepção religiosa e filosófica da gênese e da produção espiralada do conhecimento, a encruzilhada é um princípio de construção retórica e metafísica, um operador semântico pulsionado de significância, ostensivamente disseminado nas manifestações culturais e religiosas brasileiras de predominância nagô e naquelas matizadas pelos saberes banto. O termo encruzilhada, utilizado como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação dos trânsitos sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e dialogam, nem sempre amistosamente, registro, concepções e sistemas simbólicos diferenciados e diversos. [...] A encruzilhada, locus tangencial, é aqui assinalada como instância simbólica e metonímica, da qual se processam vias diversas de elaborações discursivas, motivadas pelos próprios discursos que a coabitam.” (MARTINS, 2021(a), p. 34).

¹³³ Trechos transcritos da palestra proferida por Leda Maria Martins, nomeada “Tempo em performance”, promovida como atividade de encerramento das aulas do segundo semestre 2020, no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências – Professor Milton Santos da UFBA. Disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=ShvhGTCYzw8&ab_channel=IHAC-InstitutodeHumanidades%2CArteseCi%C3%A4ncias. Último acesso, Dezembro 2020.

3.1 *ê congado, ê mundo veio!*¹³⁴

A *Festa de Nossa Senhora do Rosário e do Divino Espírito Santo*, de maneira distinta uma da outra, contam com a presença de *guardas*. A *Guarda de Catopé da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões* e a *Guarda de Congo do Divino Espírito Santo*¹³⁵, respectivamente. Ambas são indicadas pelos moradores como *festa de congado*. Os termos e suas definições variam, assim como as práticas e seus modos de organização, institucionalização e relações com o pároco e com a Igreja Católica. Em relação à Festa de Nossa Senhora do Rosário os termos manejados são *Irmandade*, *Congado*, *Corte e Reinado* bem como *guarda* e *mestre*¹³⁶. A noção de Irmandade é acionada, de maneira geral, em menção aos membros da Guarda de Catopé. Segundo o

¹³⁴ Frase proferida por Seu Onofre, falecido em 2020, que também dá título à seção, ‘Candombe, catopé e congado’, do livro ‘Pinhões: histórias e sabedorias do quilombo’ (ACMQP, 2018).

¹³⁵ A *Guarda de Congo do Divino Espírito Santo*, foi criada em 2014 com o auxílio de um padre e seu seminarista que era membro de uma guarda em outra localidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Nã época, o padre e o seminarista acolheram um desejo antigo de algumas mulheres do Quilombo de comporem o *congado* como *dançantes*. A Guarda de Catopé de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões é composta exclusivamente por homens. As mulheres estão envolvidas em todas as demais ações que, digamos, mantém a guarda. São elas que fazem as promessas para Nossa Senhora do Rosário que são pagas com a inserção de seus filhos na guarda que devem, para cumprir a promessa, dançar por sete anos consecutivos. São elas que costuram as roupas, produzem os ornamentos, cozinham para a festa, etc (DIAS, 2012, 2015). Mas não são *dançantes*. A Guarda de Congo do Divino Espírito Santo é composta majoritariamente por mulheres mas também acolhe homens. Informações e reflexões sobre o processo de criação da Guarda de Congo do Divino Espírito Santo podem ser acessadas em: BARROSO, Sandra Helena. Congo do Divino Espírito Santo de Pinhões/MG: abertura de um Reinado por Mulheres. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, PUCMinas, orientação: Prof. Dr. Adilson Schultz, Belo Horizonte, 2016. Adiante abordaremos com maior atenção e cuidado sobre a Guarda de Congo do Divino Espírito Santo de Pinhões.

¹³⁶ Para outras descrições análises e revisões de literatura sobre os congados, uso dos termos e classificações, ver: Brandão, 1985; Martins 2021(a)[1997]; Silva, 2010; Corrêa, 2018; Altivo, 2019; Lima, 2023; os cinco últimos abordando especificamente práticas realizadas em Minas Gerais. Em agosto de 2024, os “caminhos, expressões e celebrações do rosário” foram reconhecidos como patrimônio cultural imaterial de Minas Gerais, pelo IEPHA, viabilizando a construção de planos de ação e políticas de salvaguarda dos congados e reinados. Mais informações também podem ser encontradas no dossiê: https://www.iepha.mg.gov.br/images/Dossies/DossieReinadoseCongados_Capa_Apendices_ago2024_1.pdf (acessado em agosto de 2025). Em junho de 2025, “Saberes do Rosário: Reinados, Congados e Congadas” foi registrado como Patrimônio Cultural do Brasil, registrado no Livro dos Saberes. Ver: <https://www.gov.br/iphn/pt-br/assuntos/noticias/saberes-do-rosario-reinados-congados-e-congadas-e-registrado-como-patrimonio-cultural-do-brasil-1> (acessado em agosto de 2025). O IPHAN produziu um documentário sobre os Saberes do Rosário, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=xvzWBUJPXdl> (acessado em agosto de 2025).

mestre Guerino no ato de participação na *guarda* e na formação/execução da dança na *marimba*¹³⁷ fundam-se laços de irmandade entre os membros (DIAS, 2015). Adiante vamos desenvolver com mais atenção sobre estas ‘relações’ que fazem a *guarda*. Por ora é importante aqui apontar que o termo Irmandade não é operado no sentido institucional histórico geralmente assumido (SOUZA, 2006). No município de Santa Luzia, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos é vinculada à Igreja do Rosário da sede do município, distante sete quilômetros do Quilombo de Pinhões. A Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, foi erguida no início do século XVIII. Segundo Santos (2022), a partir da década de 1750, quando da transformação da capela do Rosário para a condição de Igreja, implicando também uma obra de expansão física, a Irmandade passou a ser “administrada e controlada pelos senhores de escravos: ‘Em março de 1751 o bispo diocesano passava provisão a Manoel Vaz, parente do proprietário da Fazenda de São Sebastião, autorizando-o a ‘pedir esmolas com hábito e caixinha para N. Sra. do Rosário dos Pretos do arraial de Santa Luzia, filial de Roça Grande’ [...]’ (TEIXEIRA, 2016, p.23)” (SANTOS et al, 2022, p.87). Ainda nos apontamentos de Glaucon Durães (SANTOS et al, 2022) há indícios da realização de festejos do Congado na Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Santa Luzia, desde pelo menos 1777. Atravessaram séculos sendo alvo recorrente de perseguições, proibições e cerceamentos da Igreja Católica.

Véspera de Santos Reis, 6 de janeiro [sec. XIX], o vigário entra em séria desavença com os congadeiros. Nervoso com o diz-que-me-disse na cidade, rompe com elas, proibindo-os de realizarem seus festejos e danças na Igreja do Rosário [...] desobedecendo às ordens eclesiásticas, os congadeiros arrombaram a porta do templo e lá realizaram os seus festejos. A Igreja foi interditada pelo Arcebispo, e suspensos todos os atos religiosos no local – interdição esta que perdurou até há bem pouco tempo atrás [meados do século XX] (DOLABELLA, 1984, p.207). (SANTOS et al, 2022, p.88)

23 de Outubro de 2022. Domingo. Festa de Nossa Senhora do Rosário de Santa Luzia. *Esse ano a festeira é daqui de Pinhões, você sabe né? Vamo com a gente?* Foi a primeira vez que recebi um convite para ir à Festa de Nossa Senhora do Rosário realizada

¹³⁷ A *marimba* é uma dança executada aos pares pelos *dançantes*. Segundo o *mestre* Guerino *cada qual tem seu par, ali é fundada mesmo uma Irmandade*. A *marimba* é o ritual que encerra a festa de Nossa Senhora do Rosário: “Se Deus quiser se Deus quiser, até para o ano se Deus quiser”, cantam os *dançantes* fechando o *reinado*.

na sede do município de Santa Luzia. Em verdade foi a primeira vez que aquela *festa* foi assunto nas conversas comigo. A única festa realizada na sede do município sempre mencionada nas conversas é o Jubileu de Santa Luzia¹³⁸. Consigo uma carona no ônibus junto com *dançantes* da Guarda de Catopé. *Não é todo ano que a gente vai não, porque a gente precisa do ônibus né, pra ir. Esse ano como a festeira é daqui aí ela pediu muito né, pra gente ir e conseguiu ônibus também.* Esposas e filhas dos *dançantes* vão também no ônibus. *Lá a festa é diferente você vai ver. O bom é que acaba rápido, logo depois do almoço a gente já tá voltando pra casa.* Parece que o ‘povo’ de Pinhões gosta mesmo é de *fazer festa*. Fazer suas *próprias festas*. Retomaremos essa dimensão adiante.

As ruas do centro histórico de Santa Luzia são tomadas por corpos negros em *festa!* Congado. Os tambores vão se anunciando nas esquinas, achegando pro café da manhã na porta da casa de onde vai sair a Rainha. Os portões da casa estão abertos. Cada guarda se aproxima, faz suas reverências ao altar com a imagem da Nossa Senhora do Rosário disposto na garagem. Guardas de Moçambique. Congos. Catopé. Marujadas. Enfeitam as ruas em cor, som e dança. Cada uma, com seu toque e canto vão conduzindo, juntas, nessa aliança de diversidade complexa que são as festas (CORRÊA, 2018), a imagem de Nossa Senhora do Rosário e a corte do Reinado à Igreja para a realização da missa festiva.

As portas da Igreja estão fechadas. Reencenando a ‘teimosia’ congadeira a *guarda de congo*¹³⁹ que *puxava* a fila faz seu canto de lamento solicitando a abertura da porta.

¹³⁸ O Jubileu acontece todo dia 13 de Dezembro, dia de Santa Luzia, a santa padroeira da cidade sede do município. São 3 dias de festa.

¹³⁹ Em Minas Gerais, de maneira geral os reinados ou congados, sendo esta segunda nomeação, segundo especialistas (MARTINS, 2021(a)) desenvolvida por folcloristas a partir do segundo quartel do século XX como termo aglutinador desta ‘expressão cultural’ que remete a coroação de reis congos na formação de um reinado negro articulado à devoção de santos vinculados à essa população ainda no período da escravidão. Em Minas Gerais a figura de Chico Rei é acionada como a primeira formação de um reinado negro, em Ouro Preto, no final do século XVIII. Leda Maria Martins (2021(a)) ao estabelecer uma mitopoética dos reinados, reivindica o uso da terminologia reinado no sentido de resguardar as instâncias hierárquicas e de fundamento que de cada uma destes reinos, resguardando diferenciações nos modos de organização e nas liturgias orientadoras destas, cada qual com suas relações específicas com a organização da Igreja Católica e com a composição ou não de irmandades no seio da Igreja Católica. A noção de congado abrange, para a autora, organizações muito diversas muitas das quais compostas apenas pela formação de guardas. Escapa aos nossos objetivos adentrar em tal debate, cabendo aqui, apresentar as nomenclaturas e modos de organização operacionalizados no quilombo de Pinhões, que faremos adiante. Por ora, adiantamos, para fins de compreensão da citação a seguir, que as guardas ou ternos, se organizam em uma diversidade de formações, compondo guardas de congo, moçambique,

Uma das versões mais recorrentes em Minas nos conta que, no tempo da escravidão, os negros escravizados viram uma imagem da santa vagando nas águas do mar [lapas de pedra também são acionadas como local onde a imagem foi encontrada]. Os brancos a resgataram e entronizaram numa capela construída pelos pretos na qual os negros não podiam entrar. Apesar dos hinos, preces e oferendas, no dia seguinte a imagem desaparecia do altar e voltava ao mar. Após várias tentativas frustradas de manter a santa na capela, os brancos rendem-se à insistência dos pretos e permitem que eles rezem para a imagem, à beira-mar. Uma guarda de congo dirige-se, então, para a praia, e com seu ritmo saltitante, sua coreografia ligéria, suas cores vistosas, paramentos brilhantes e fitas coloridas canta e dança para a divindade. A imagem movimenta-se nas águas, alça-se sobre o mar, mas não os acompanha. Vêm, então, os moçambiqueiros, pretos velhos, pobres, com vestes simples, pés descalços, que trazem seus três tambores sagrados, os *candombes*, feitos de madeira oca e revestidos por folhas de inhame e bananeira. Com seu canto grave e glotal, seu ritmo pausado e denso, suas gungas, seus patangomes e sua fé telúrica, cativam a santa que, sentada no tambor maior, o Santana ou Gomá, acompanha-os, devagar, sempre devagar. [...]

Nas festividades, o terno ou guarda de moçambique é o que conduz as majestades, as coroas e os coroados. Seu toque é o que mais se aproxima dos canbombes. (MARTINS, 2021(a), p.55)

Celebra-se a ‘teimosia’, persistência, paciência e fé do povo preto congadeiro. Com o caminho aberto – e guardado - pela *guarda*, a corte e a imagem de Nossa Senhora do Rosário adentram a Igreja. Os sinos tocam. Flores caem das torres da Igreja cobrindo e colorindo a *corte* e os congadeiros. Não se caminha em linha reta. Os *dançantes* vão e voltam, espiralam (MARTINS, 2021) caminhos, fazem as honras e homenagens. Todas as guardas adentram a Igreja. Cada Guarda ao seu momento, uma a uma.

De ‘natureza móvel e deslizante’ os movimentos expostos nas performances que ocupam as ruas no trajeto casa da Rainha/Rei-Igreja do Rosário desenham tempos e territórios. Caminho e Movimento. Reencenando o movimento teimoso de abrir a porta da Igreja, os congadeiros ‘fertilizam’ (MARTINS, 2021[1997]) a memória. Costuram suas presenças de fé no território público da cidade. ‘Oralitura’ (idem, 2021[1997]). Fé que grafa. Letra da memória. Afrografia. Seguem, desde os idos do século XVIII, ‘teimosamente’ fazendo seu catolicismo (SILVA, 2010).

candombe, catopés, marujada, caboclos, etc, cada uma destas com ações e especificidades nos modos de relação com Nossa Senhora do Rosário, dados pela mitopoética descrita na citação a seguir. Cabe às guardas de congo a abertura e limpeza dos caminhos, sendo esta a responsável por abrir, então, as portas da Igreja.

Em sua coreografia ritual, na cosmovisão que traduzem e em toda sua tessitura simbólica, os festejos e cerimônias dos reinados, em toda sua variedade e diversidade, são microssistemas que vazam, fissuram, reorganizam à maneira da oralidade africana, o tecido cultural e simbólico brasileiro, mantendo ativas as possibilidades de outras formas de verificação e percepção do real que dialogam, nem sempre amistosamente, com as formas e modelos de pensamento privilegiado pelo Ocidente.

[...]

Em Minas, os festejos de reinado constituem e fundam uma das mais ricas e dinâmicas matrizes textuais da memória banto, que se inscreve e se firma pela reatualização do rito [...]. (MARTINS, 2021(a)[1997], p. 42).

[...]

Esses festejos reatualizam todo um saber filosófico banto, para quem **a força vital recria no movimento** que mantém ligados o presente e o passado, o descendente e seus antepassados, num **gesto sagrado que funda a própria existência da comunidade** [...]. ‘para o banto, **a vida é a existência da comunidade; participação na vida sagrada** (e toda vida é sagrada) **dos ancestrais**; é uma extensão da vida dos antepassados e uma preparação de sua própria vida para que ela se perpetue nos seus descendentes’. (LOPES, Nei, p.126 apud MARTINS, 2021(a) [1997],p.43-44 – **grifos nossos**)

Não se trata de uma busca de origens, mas do reconhecimento dos congados e reinados como lócus de saberes tecidos nas tramas complexas da diáspora africana e do sistema escravista operado ao largo de 350 anos e perpetuado nos arranjos do racismo estrutural (ALMEIDA, 2019), da necropolítica (MBEMBE, 2020) e da morte social negra (SEXTON, 2011). Mas a festa de Nossa Senhora do Rosário da sede do município é *diferente*.

Corria no quilombo, à época, o comentário de que a festeira daquele ano havia construído o desejo de ser rainha da Festa do Rosário da sede do município porque teria intenções expressas de se lançar como candidata à vereadora nas eleições, *misturando a festa com a política*. Os comentários foram sempre muito resguardados, no limiar entre *cuidado* e *fofoca*, delineado no capítulo anterior, dada a condição de ‘território de parentesco’ (COMEFORD, 2003) que constitui o quilombo de Pinhões. *A gente não fala assim porque ninguém sabe, né, qual foi a promessa dela*. O fundamento principal para assumir um *reinado* e realizar a *festa* de Nossa Senhora do Rosário perpassa pelo pagamento de uma promessa feita à Nossa Senhora do Rosário. Possíveis intenções de promover visibilidade com fins à candidatura política, no entanto, *misturaria* dois campos, que, a princípio, parecem não poder se *misturar*. *Festa e política*. As promessas não são anunciadas publicamente e tampouco são especuladas, são de domínio íntimo,

versam de uma relação direta com Nossa Senhora e, enquanto tal, são resguardadas de valor em si mesma, não passam por crivos sociais.

A presença do quilombo de Pinhões na festa da sede do município naquele ano parecia mais orientada no sentido de acompanhar os *dançantes* da guarda de catopé. De Pinhões apenas participaram da festa algumas pessoas da *casa* da festeira, compondo a *corte*, e as esposas, filhos(as), o *povo de casa*, dos *dançantes*. Tampouco estavam presentes todos os membros da guarda de catopé, que conta com mais de cem integrantes, incluindo crianças e adolescentes. Não ocupamos todos os acentos do ônibus disponibilizado pela organização da festa. A cadeia de ações parecia a seguinte: a festeira é do quilombo, convida a guarda de catopé, a guarda se organiza para estar presente e prestigiar a rainha, o quilombo, então, se mobiliza a acompanhar a guarda. Como expus acima, ao longo destes doze anos que venho trabalhando junto ao Quilombo de Pinhões, esta foi a primeira vez que a Festa do Rosário, realizada na sede do município, foi mencionada. Dias antes da festa encontrei o mestre da guarda voltando de sua roça, de bicicleta, pelas ruas do quilombo. Ele reforçou o convite para ir junto no ônibus para a festa na sede do município, na ocasião, reforcei meu aceite ao convite, depois de boas gargalhadas sobre o horário da saída do ônibus, *vai sair cedo, viu*. Risos! Interpelei, curiosa sobre o fato desta ser a primeira vez que escuto sobre a festa na sede e a participação do catopé. Ele me informou que o catopé não consegue cumprir com agendas de saída do quilombo, que para garantir o deslocamento dos *dançantes* é necessário transporte e que nem sempre a organização da festa fornece. Informou que *é complicado para os dançantes também, ficar saindo, muita gente trabalha, aí tem só o domingo de folga, quando trabalha em firma e aí é dia de ficar com a família, também, né, essas coisas, fica complicado. Aí a gente deixa pra organizar as folgas no trabalho para os dias da festa de Nossa Senhora do Rosário aqui, né, que não pode faltar. Porque aqui, além do domingo da festa tem a despedida né, na segunda, então tem que negociar esse dia de folga*¹⁴⁰.

Sáimos de Pinhões no ônibus, pela manhã do domingo festivo. Familiares dos *dançantes* que moram em Santa Luzia pegaram o ônibus no caminho. Sigo escutando, *você vai ver, a festa lá é diferente da nossa. Assim que acabar o almoço a gente volta. Lá, mistura outras guardas, a gente custa a escutar o catopé*. Na festa de Nossa Senhora

¹⁴⁰ Notações de caderno de campo, outubro de 2022.

do Rosário em Pinhões não há outras guardas convidadas, o catopé é a guarda responsável pela participação na Festa. Para os quilombolas de Pinhões esse parece ser um aspecto fundamental da Festa do Rosário, *se convida outras guardas a gente não consegue escutar os cantos do catopé*. Para o mestre Guerino, o não convite a outras guardas perpassa também pela reciprocidade inerente aos convites. *Se você convida depois você tem que ir visitar, participar da festa de quem você convidou também. E a gente não consegue ficar saindo.*

Guerino – *Quando eu cheguei até o catopé, porque é catopé até hoje... eu faço questão de manter essa palavra catopé, porque é o Congado de Nossa Senhora do Rosário, a dança, é o catopé! Chegou para nós aqui como catopé, e não sei por qual razão, passou pra Congado Nossa Senhora do Rosário devido a padroeira nossa, Congado Nossa Senhora do Rosário significa Irmandade Nossa Senhora do Rosário, o Congado é um todo... cê vê uma irmandade, é um Congado... Que Congado é aquele? É o Moçambique, é o... é a Marujada, etc e 'ênes' coisas, né? Mas o Congado é uma Irmandade do Rosário... e, eu, o Congado, falar de Congado é uma responsabilidade, eu falo com o padre, falar do catopé é espiritualidade! Por que espiritualidade? É vivência! Tem cinco palavras que você faz da sua filosofia como Irmandade do Rosário, faz dela a sua religião – viva, creia, ame, faça, respeite. O catopé, você vive ele! Voltando lá, quando eu fui entrar em ação de graça, todo Congado ele vive em ação de graça, por que ação de graça? Porque quando você traz uma criança, vamos dizer assim, você num traz uma criança, você traz uma família pra ali dentro ali, num é só uma criança, porque quando a mãe faz uma promessa, uma ação de graça, ela já tá trabalhando aquela espiritualidade... 'esse ano meu filho vai pro Congado!', já tá trabalhando a espiritualidade dele... Vô fazer a roupa pra ele! E eu tinha essa, eu fui ofertado, que a gente falava assim, a mãe da gente ofertava nós pra Nossa Senhora, eu fui ofertado numa ação de graça [...] Já fez primeira comunhão? Então ele pode ser um acompanhante... você passa a ser um dançante depois de sete anos que você vai ser um dançante, por quê? O quê que você vai ofertar pra Nossa Senhora? **Compromisso!** Você lá, você não sabe cantar, você não sabe dançar, você tem aquele compromisso com ela. [...] Você tem compromisso com a Irmandade! Você vai pra uma escola é pra aprender! Se não você num ia lá estudar! [...] Durante sete anos você tem aquele compromisso com a guarda [...] o compromisso que nós temos é confessar, comungar, e tá ali presente como soldado, guerreiro de Cristo, soldado das ordens de seu superior! É uma disciplina que a gente tem que ter lá dentro... hoje a gente tenta passar isso,*

mas tá tão difícil... mas vamos levando! [...] O catopé não pode apresentar sem coreto, ele tem que ter quatorze, que é a base dele. Qual os quatorze que é a base dele? É os dois mestre, os dois caixeiro, e as cinco vozes de cada lado. São os quatorze! Se num tiver representando a dança, num tá ali louvando a Santíssima Trindade. Em caso de Marimba, a gente não canta, só aqueles cantadô apresentavam em algumas apresentação. Isso aí é coisa... a Marimba é uma coisa, ela é representada no terreiro igual no Candombe, ela é representada no terreiro, na nossa [comunidade], e tem dia! Os mestre tem a responsabilidade de...a responsabilidade do mestre, o mestre é o guardião da cultura de um povo, aquilo que ele aprendeu, ele é discípulo daqueles...dos mestres dele, ele vai passando pra nova geração. Ele tem que ter a responsabilidade o que e na hora que ele vai tirar [...] Você vive! Você faz aquilo com amor, a gente ama aquilo que faz. Você tem a sua crença. Nós cremos na Santíssima Trindade e no modelo de fé que é a Nossa Senhora do Rosário, que é a nossa Rainha. [...] É o que nós fazemos e levamos que é a cultura. (ACMQP, 2018, p. 53,54)

Nesse trecho do livro “Histórias e sabedorias do quilombo de Pinhões” (ACMQP, 2018), o *mestre* Guerino versa sobre a complexidade de relações que fundamentam a guarda de catopé e o congado de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões. *Dança. Irmandade. Canto. Compromisso*. O corpo de membros da guarda de catopé é formado exclusivamente por homens. *Dançantes*. No quilombo de Pinhões as promessas sustentam também a formação da guarda. As mulheres *ofertam* seus filhos para Nossa Senhora do Rosário e estes, ao compor a *guarda*, ofertam seu *compromisso*. Muitas crianças adentram pequenas a guarda. Dançam acompanhadas de seus pais. Tios. Primos. Avôs. Ao longo de sete anos são *acompanhantes*. *Quando a mãe faz uma promessa, uma ação de graça, ela já tá trabalhando aquela espiritualidade... ‘esse ano meu filho vai pro Congado!’, já tá trabalhando a espiritualidade dele... Vô fazer a roupa pra ele!* As mulheres não dançam, não são *dançantes*, mas sustentam a *guarda*. São as responsáveis pelas promessas feitas à Nossa Senhora do Rosário de *ofertar*, em *ação de graças*, seus filhos. Alinhavam o *compromisso* com Nossa Senhora do Rosário. São elas que fazem as roupas pros seus filhos. Calça e blusa brancas. Capa e saia azul claro. Capacete também em azul claro, com espelhos, plumas e fitas.

Cuidados do povo de casa. Como mencionamos no capítulo 02, quando cheguei à *casa* de Dona Amaralina, semanas antes da Festa de Nossa Senhora do Rosário e me

deparei com uma pilha de vestes da Guarda de Catopé. *Olha que horror de roupa*¹⁴¹ *do congado pra eu ajeitar. Tudo do povo aqui de casa.* Todo ano compõem os preparativos da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões os *cuidados* com as *vestes*. Pregar botões nas camisas. Des(re)fazer bainha das calças. *Tá crescendo rápido esse menino.* Pregar espelhos nos capacetes. Reajeitar as plumas. Produzir detalhes nas capas. Lantejolas. Barrados bordados. N.S.R. Iniciais de Nossa Senhora do Rosário.



Imagem 18: “Homenagem à Nossa Senhora na porta da capela N. Senhora do Rosário”. Registro produzido por jovens do Quilombo de Pinhões no Projeto Mostra Quilombo Mostra, em 2022, cujo produto final foi um site, lançado em 2023. Fonte: https://mostraquilombopinhoes.com.br/?page_id=87

Tudo na vestimenta tem seu significado, me contou o mestre Guerino, em conversa que tivemos lá em 2012 (DIAS, 2015). Como afirma Leda Maria Martins (2021(a) p.44) o reinado é “a elaboração de uma fala plural (roupas, cantos, gestos, dança, objetos sagrados...)”. No *Quilombo de Pinhões* poucas vezes escutei a palavra reinado sendo utilizada. De maneira geral quando ela é acionada diz respeito ao ciclo anual da Festa de Nossa Senhora do Rosário assumido por um casal de rei e rainha responsáveis pela festa daquele ano ou, a composição da *corte*. *Eu faço parte da corte, né, de Nossa Senhora do Rosário, do reinado*. Me disse certa vez uma jovem quilombola na ocasião em que escrevíamos juntas seu currículo com vistas a sua participação em um projeto cultural. Desde a primeira festa do Rosário que presenciei em Pinhões, em 2010, pude observar

¹⁴¹ *Horror de roupa*, expressão que remete ao grande volume de peças.

sua presença na composição do cortejo conduzido pela guarda de catopé no domingo festivo. Na ocasião perguntei, a corte e o reinado são a mesma coisa? Ela chamou sua mãe para compor a conversa e juntas refletiram. *Quem monta a corte é o Rei e a Rainha, festeiros daquele ano. Junto com a comissão né, a comissão da festa. Aí assim, a comissão tem as pessoas responsáveis pela corte, que vão montar a corte daquele ano, aí eles convidam as pessoas. E aí tem as pessoas que sempre participam, né?* E sua mãe completou, *é, vão chamando os parentes também, né, os familiares e eu acho que assim, participa do reinado quem participa da corte, trabalha na organização da festa, trabalha pra Nossa Senhora do Rosário, e quem já foi rei e rainha também, né*¹⁴².

Outubro 2022. *Isso é tronco véio*. A frase foi proferida por uma senhora, moradora de Sabará, outro município da região metropolitana de Belo Horizonte, ao qual Santa Luzia fazia parte ao longo dos séculos XVII e XVIII. Emocionada ela me mostrava seu neto na composição da *corte* de Nossa Senhora da Festa do Rosário de Pinhões. Orgulhosa do neto, dizia *isso é tronco véio. Minha raiz é daqui de Pinhões, essa família de dona Rosalina é tronco véio*. A festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões do ano de 2022 teve como rei e rainha pai e filha, respectivamente filho e neta da Dona Rosalina. Como exposto no capítulo 01, Dona Rosalina foi *Rainha perpétua*¹⁴³ da Festa, filha de Seu Zé Thomás, rememorado como *família raiz* do Quilombo, do *tempo dos antigos*, dos *fundadores*. *Tronco véio*.

Raízes e troncos compõem a *corte* e o *reinado* evocando modelos elaborados para se conceber o parentesco e produzir *família* em manejos de uma ‘memória do parentesco’ (MARQUES, 2013)¹⁴⁴. *Êh tronco véio!* Foi a primeira vez que escutei a noção de *tronco*. Proferida assim, de maneira reiterada, compondo três frases numa sequência. *Isso é tronco véio. Minha raiz é daqui de Pinhões, essa família de Dona Rosalina é tronco véio. Êh tronco véio!* Nenhuma das vezes apareceu sozinha. Aliada ao marcador de tempo, o *tronco, véio*, parece remeter a largura no tempo, a produção de uma continuidade em larga

¹⁴² Registros de caderno de campo, agosto 2022.

¹⁴³ O posto de rainha perpétua é vitalício e se trata de um reconhecimento pelas festas já realizadas. A rainha de mais idade que fez a festa mais antiga e o maior volume de festas. A rainha perpétua é homenageada na corte.

¹⁴⁴ Ana Cláudia Marques (2013) apresenta a noção de ‘memória do parentesco’ na compreensão da articulação de uma memória coletiva nos termos postos Holbwachs ([1968] 2009), indicando modos de descrição e concepções alicerçadas em uma memória coletiva, na qual “os indivíduos recordam-se na qualidade de membros contemporâneos de seus grupos” (Holbwachs [1968] 2009, p.70).

escala em relação à *raiz*. Na botânica o tronco é compreendido como um tipo de caule com dimensões maiores configurando espécies arborecentes. As dimensões de um caule estão diretamente relacionadas com os formatos das raízes e suas capacidades de sustentação¹⁴⁵. Em Pinhões não me pareceu haver separações estanques ou limites rígidos para uma diferenciação entre *raiz* e *tronco*. O *tronco véio* foi acionado como qualidade da perpetuação no tempo, condição que revela a robustez da *raiz*. Capaz de sustentar gerações. Atravessar territórios. Revela o *reinado*, a *corte*, a *Festa*, na feitura do próprio parentesco (re)unido em honra a Nossa Senhora do Rosário. Alimenta *raízes*.

A noção de *tronco* me remete a clássica imagem das árvores genealógicas e a uma conversa que tive com Maria Geralda, liderança do Quilombo de Pinhões, apresentada na abertura deste capítulo. Quando estive em sua casa almejando conversar sobre as *raízes*, mencionei sobre a cena descrita acima e a noção de *tronco véio*. Ela endossou minha compreensão sobre a densidade e largura no tempo que a noção de *tronco* carrega. *A família de Dona Rosalina, filha de Zé Thomás é família raiz. Como te falei são muitas famílias raízes, algumas se misturam. Tem a raiz Gomes, a raiz Teles, misturou em alguns momentos. Tem a raiz Rodrigues, Diniz, Santos, Apolinário. A raiz Teles também misturou com a Conceição.* Pergunto sobre as misturas das *raízes*. Ela me explica que são fruto de casamentos sistemáticos entre as *famílias*. Situando um tempo em que os *terreiros era tudo comum* e a quase ausência de *famílias* não quilombolas no território. *Hoje em dia as casas são separadas por muro, mas, antes, os terreiros era tudo comum. Não tinha família diferente. Não tinha casa amontoada assim.*

Diante de nossa conversa sobre a noção de *tronco* aproveitei para pedir explicações sobre a feitura de uma árvore genealógica para uma quilombola que a procurou nos idos de 2018 para compreender suas *raízes*. Quando eu estava escrevendo o projeto para prestar a seleção ao doutorado em antropologia no PPGAS/UFSC encontrei com uma quilombola de Pinhões em um evento de comunidades quilombolas ocorrido em Belo Horizonte. Ao mencionar que estava escrevendo o projeto esta quilombola me indagou. Interessada no tema de pensar as *raízes* me disse que ligaria ao longo da semana para conversarmos melhor. Na ligação me contou que havia buscado a Maria Geralda

¹⁴⁵ Almeida, Marcílio de. Morfologia do caule de plantas com sementes [recurso eletrônico] / Marcílio de Almeida e Cristina Vieira de Almeida. -- Piracicaba: ESALQ/USP, 2014. 155 p.: il. (Coleção Botânica, 2). Disponível em: https://www.esalq.usp.br/biblioteca/pdf/morfologia_caule.pdf (Acessado em agosto de 2025).

para tentar compreender suas *raízes* no quilombo e que recebeu dela uma árvore desenhada a mão, em papel A4 branco, com caneta vermelha. A árvore tinha raízes, tronco e copa, formados por nomes escritos no formato da árvore. Na época recebi a foto da ilustração via mensagem de *Whats App*. Na conversa com Maria Geralda, já em 2025, mostrei a foto e perguntei sobre a formação da ilustração. Me explicou. *Ah, essa árvore é das raízes dela, não é uma árvore do quilombo, mas das raízes dela no quilombo. Como te falei são muitas raízes. Mas aqui pra você vê, no tronco eu coloquei Marconilio no tronco da árvore, por quê? Porque ele coordenava tudo as coisas. Mas é o tronco da árvore dela.*

Me recordo de um trecho da dissertação desenvolvida por Débora Rodrigues (SILVA, 2020) no Quilombo de Pinhões:

Propondo entender um pouco mais sobre meu quilombo, procurei Sr. Geraldo Teles para conversar sobre diversas questões que me inquietavam. Naquele momento, estava com 103 anos de idade. A primeira pergunta que ele me fez foi: “Você é gente de quem?”. Meio sem jeito para tecer a resposta, tentei explicar quais eram meus parentes em Pinhões, quem eram meus pais e meus avós. Tempos depois, uma vez que sempre que nos encontrávamos, havia tempo para uma prosa, o Sr. Geraldo me disse: “Você é gente de Neli, minha dona”. Entendi a partir daquele momento que a pergunta que me fizera, há tempos atrás, buscava referências de **quem eu era em relação à sua família** e onde me encontrava numa linha contínua de gerações vindas de uma ancestralidade negra, marcada por fortes traços de familiaridade que contaria muito para a partilha de conhecimentos e saberes a respeito do meu povo. Diante disso, torna-se relevante afirmar que: sou gente de Neli, bisneta de Valeriano da Conceição e vovô Valu, que foi escravizado e alforriado pelo Mosteiro de Macaúbas pertencente à igreja católica. (SILVA, 2020, p. 34)

E continua,

A partir da construção de uma árvore genealógica que parte das duas famílias da qual descendo, fui de encontro às memórias silenciadas e ao encontro de uma ancestralidade até então que me fora negada, forjada e por vezes apagada.

O encontro com a pesquisa me permite dizer que: quilombola de Pinhões, sou filha de Maria Aparecida e Ivo Azevedo, neta de Helena Reis e Arcênio Azevedo, descendente dos Diniz, Conceição dos Santos e Angelino Rodrigues, descendente dos “da Conceição”, bisneta de Valu como me lembra uma das entrevistadas.

-É isso mesmo, Valu, ele morava até, ali embaixo. Seu Valu que a gente chamava ele. Ele que eu ouvi falar, que ainda tinha que era escravo, mas eu mesma não cheguei a saber, ver a coisa dele não. Não cheguei saber o quê que ele fazia e nem nada com a escravidão, só ouvia falar que ele era escravo. (Terezinha Azevedo- 2019)

Bisneta de Vovô Valu. Homem, negro, escravizado por um processo colonial que visava à exploração do trabalho, de saberes e conhecimentos de uma ancestralidade sábia e potente sequestrada em África. (SILVA, 2020, p. 35)

Quem era eu em relação a sua família. Aprendeu Débora sobre sua *gente* com Seu Geraldo Teles. A ‘memória do parentesco’ (MARQUES, 2013) é tecida num compartilhar alinhavado de *raízes*. *Troncos* articulam *raízes*. E são por elas articulados. Alimentados. Está no *tronco* quem *coordenava as coisas*. O *tronco véio*, da *raiz de Dona Rosalina*, perpetua no tempo a rainha perpétua que *sempre trabalhou pra Nossa Senhora do Rosário*. Como me disse seu filho, rei da festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões no ano de 2022. Naquele ano ele ofereceu um café da manhã no *terreiro* da antiga *casa* de sua mãe. O café foi regado com lágrimas emocionadas. Era a primeira *festa completa*¹⁴⁶ depois da pandemia da COVID-19. *Minha mãe sempre trabalhou pra Nossa Senhora do Rosário, não tem como segurar a emoção de vestir de rei dentro da casa dela.*

Corte. Reinado. Catopé. Congado. *As raízes tão no congado. O congado é uma festa! É festa!* Festa de Nossa Senhora do Rosário. Promessas. Trabalho. Espiritualidade. *A mãe da gente ofertava nós pra Nossa Senhora. Quando você traz uma criança, vamos dizer assim, você num traz uma criança, você traz uma família pra ali dentro ali.* Todo mundo *reunido* no Reinado. Rei e Rainha festeiros do ano. Rei e Rainha perpétua. Corte. Comissão festeira. Catopé. Congado. Irmandade. *Tronco véio. Raízes. A festa é do povo de Pinhões. É de Nossa Senhora do Rosário. É o povo de Pinhões que faz a festa*, me disse o rei festeiro do ano de 2022. Pedindo licença à Nossa Senhora, como explicita os versos cantados pelo catopé que abrem este capítulo, *os pretim devoto vai fazer vossa festa.*

Seu Onofre – Não tem comparação, ela é nossa mãe [Nossa Senhora do Rosário]. É a mãe que nós têm, não pode, tem que ter aquela forma de comemorar ela! Essa é a banca que nós têm! Eeee... Congado...é mundo veio. Muito veio mesmo... (ACMQP, 2018, p. 53)

Tem que ter aquela forma de comemorar ela. A Festa de Nossa Senhora do Rosário da sede do município é *diferente*. O almoço não tem o tempero que tem a comida da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões. *Eu não sei o que que as cozinheiras arruma, a comida é boa, mas não tem gosto. Comida boa mesmo é da Festa de Pinhões. Temperadinha. Todo ano tem o mesmo gosto, menina. Você já percebeu, né?*

¹⁴⁶ Adiante abordaremos com mais atenção sobre a pandemia e seus atravessamentos na Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Festa do Rosário
Dançantes no mô sol
Arroz, farofa, frango e macarrão
Tutu é o principal
*Pra manter a tradição*¹⁴⁷

“O congado é uma defesa contra os colonialistas e tem a grandeza de manter todo um aparato, uma culinária, uma apreciação, uma degustação de comida que faz parte da festa. Sem aquela comida, a festa não pode existir – a festa preserva a comida e a comida preserva a festa” (SANTOS, 2023, p.44), afirma Nego Bispo, e continua, “o Estado não consegue quebrar os modos de vida quando eles estão envolvidos na festa”(idem). Para Nego Bispo (2023), intelectual quilombola, “os quilombolas não têm cultura, tem modos – modos de ser, de ver, de fazer as coisas, modos de vida” (2023, p.23). Modos de cozinhar. Modos de temperar.

As falas em relação a comida da festa de Nossa Senhora do Rosário me remetem a Dona Amaralina fazendo tempero para distribuir para suas filhas, para garantir o mesmo tempero, o *tempero de casa*. Me remetem também à festa de 42 anos da Assembléia de Deus em Pinhões¹⁴⁸ na qual escutei o seguinte comentário, *viu como aqui também tem nossa cultura quilombola, a comida é cultura nossa*. Fazer a própria festa permite fazer a própria comida. Permite alinhar *raízes e troncos na corte. No reinado*. Alimenta o congado como irmandade. A Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões tece uma

¹⁴⁷Trecho do RAP do Quilombo. ACMQP, 2018, disponível em: <https://mostraquilombopinhoes.com.br/> (último acesso em agosto 2025).

¹⁴⁸ Ao longo dos meses que estive no Quilombo de Pinhões, em 2022, para realização de trabalho de campo, fui vizinha da Igreja Assembléia de Deus. Na oportunidade me aproximei de toda uma gama de relações e modos de tecer o cotidiano que dantes não alcançava. Os louvores cantados pelos jovens animaram minhas noites de quarta-feira. Cultos e estudos bíblicos ocupavam as manhãs de noites dos demais dias da semana. *O pastor não é do Quilombo de Pinhões*. Mas presbíteras e missionárias quilombolas, de famílias raízes, constróem a Igreja há 42 anos no Quilombo. A frase mencionada no texto foi proferida por uma delas enquanto almoçávamos juntas na festa de 42 anos da Assembleia de Deus em Pinhões. Membro de *família raiz* do Quilombo, ela afirmava que *a cultura Quilombola tava dentro da Igreja, que Pinhões reconhecer-se quilombo era de uma importância enorme para valorização da história e cultura do Quilombo e da cidade*. As demais irmãs de fé quilombolas, também membros de famílias raízes, concordam: *Boa demais a comida, né? E seguem no diálogo, viu como somos Quilombolas. Está aqui a comida do Quilombo*. Outra delas sintetiza, *viu como aqui também tem nossa cultura quilombola, a comida é cultura nossa*.

aliança profunda com *nossa mãe*, como Seu Onofre se refere a santa padroeira. Faz o Quilombo *casa*. Território.

Na guarda de catopé estão os pais, filhos, primos, avôs, maridos, namorados. Em irmandade, honram Nossa Senhora do Rosário. “A santa pertence ao Quilombo” (NASCIMENTO, 2006 [1982], p.), afirmou Beatriz Nascimento (2006 [1982]) em seu estudo de caso realizado junto a festas de reinado em Minas Gerais. Para ela, o “reinado dramatizava uma situação de conflito, mas com informações constantes dos depoimentos foi-nos possível verificar que ele objetivava o próprio conflito” (2006[1982], p. 114), “memória e esperança de recuperação do poder usurpado”.

“O congado é uma defesa contra os colonialistas”¹⁴⁹ (SANTOS, 2023, p.44). Fazer a própria *feira* do Rosário é celebrar o Quilombo. *Essa é a banca que nós tem!*, como afirmou Seu Onofre. Não é uma negação da Festa de Nossa Senhora do Rosário da sede do município, na qual reúnem-se guardas e ternos da região, mas a *feira* é diferente. Na *Festa* de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões encontram-se *raízes e troncos*. É um *encontro* com Nossa Senhora do Rosário.

- Como sugiu o Catopé?

Lilia – da *parição* de Nossa Senhora do Rosário.

Raquel – lá embaixo no rio das Velhas?

Lilia – Não, não. Na onde que Nossa Senhora do Rosário apareceu...

Do Carmo – Eles conta que ela apareceu ali naquela lapa, aí já foi o Congado...

Lilia – diz que ela apareceu na lapa, quando eles buscava ela cá pra frente, trazia ela, ela voltava pra lá, trazia, ela voltava, tinha padre, benzia, lá na lapa, quando foi os negros, os escravos, o catopé, aí que ela acompanhou, e veio, quer dizer, surgiu da aparição de Nossa Senhora do Rosário lá na lapa.

¹⁴⁹ “Eu aprendi, adestrando bois que adestrar e colonizar é a mesma coisa. O adestrador e o colonizador, eles começam por desterritorializar o ente atacado, por quebrar a identidade colocando-lhe um outro nome, tirando-os da sua cosmologia ou dos seus sagrados e impondo novos hábitos, novos modos. Bom, esse processo de denominação é uma tentativa de apagar uma memória e compor outra. Pois bem, eu, por dominar essa técnica, percebi que para enfrentar a sociedade colonialista nós precisamos transformar as suas armas em nossas defesas [...]. Então, pra transformar a arte de denominar em nossas defesas nós resolvemos denominar também. [...] A partir daí nós fomos colocar também denominações nos modos e nas falas pra CONTRARIAR o colonialismo. Então, para o desenvolvimento sustentável nós trouxemos a Biointeração, para a coincidência nós trouxemos a confluência. Para o saber científico versus o saber empírico nós trouxemos o saber orgânico versus o saber sintético. Para os transportes nós trouxemos as transfluências [...]”. (grifos meus – trecho transcrito da palestra citada na nota de rodapé 1 deste texto).” Nego Bispo, assim, traduz na composição de conceitos as sabedorias “das tradições avós” que assentadas na cosmovisão politeísta se fazem contraconialistas nos modos como estabelecem relações, vivem e pensam o(s) mundo(s). Colonização e contra colonização é como Bispo (2015) conceitua “os processos de enfrentamento entre povos, raças e etnias em confronto direto no mesmo espaço físico geográfico” (idem, p.20).

*Raquel – Aí ela foi e ficou, ela ficou quietinha lá... Aí foi que fundou eles.
Lilia – E aí teve que trazer, fazer a capelinha, né?
Raquel – É, foi assim que surgiu! E com os negros! (ACMQP, 2018, p. 55)*

Terras de Nossa Senhora do Rosário. No diálogo acima que compõe o livro ‘Pinhões: histórias e sabedorias do Quilombo’ (ACMQP, 2018), na sala da *casa* de Dona Lilia, as *amigas* e *cumadres* refletindo sobre o surgimento do catopé no Quilombo compreendem que Nossa Senhora do Rosário *apareceu ali naquela lapa*. Se remetendo à *lapa*, também chamada de *gruta*, localizada em uma das *colinas* do *Quilombo de Pinhões*. Aquela mesma mencionada por Seu Hélio, no capítulo 02. Territorializam no Quilombo a narrativa mitopoética que, conforme analisado por Leda Maria Martins (2021(a)[1997]), fundamenta o reinado, o congado, a *festa*. Pinhões tem sua própria Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Sua própria *Festa*. Nos arranjos complexos da colonização, nas *extremas*, o Quilombo faz a *festa*! “O congado é uma defesa contra os colonialistas” (SANTOS, 2023, p.44). *O congado é uma festa!*

3.2 Nossa Senhora do Rosário e seus movimentos: peregrinação, o manto sagrado e catopé

*Mãe querida....
nossa vida....
viemos hoje...
te entregar...
Carinhosa.
Piedosa.
Suas bênçãos vem nos dá!*

Nossa Senhora do Rosário *caminha* pelo Quilombo. Nas mãos das *mulheres peregrinas* que cantam em reza. Adentra as *casas*. Tem altar montado na varanda, na sala, na cozinha. Vela, água benta e flor. *Um rosário por dia de caminhada*. A *caminhada e peregrinação* com a imagem de Nossa Senhora do Rosário começa na *encruzilhada da estrada*, região conhecida como Ambrósio, apresentada no capítulo 01. A *festa de Santa Cruz*, realizada no dia três de maio, com hasteamento da bandeira no adro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário marca o início da *peregrinação*. A santa percorre as *casas e terreiros* do Mato Virgem e Pau D’Óleo, visita as *casas* em Angu Duro, Casa Branca, e no Mosteiro de Macaúbas. Desenhada por sobre as ruas do *Quilombo de Pinhões*, a

caminhada com Nossa Senhora do Rosário *peregrina*,¹⁵⁰ é espiralar (DIAS, 2015)¹⁵¹. Percorrendo as ruas, adentrando as *casas*, *quintais* e *terreiros* as *mulheres peregrinas*, assim como as *guardas* e os *congadeiros* vão e voltam alinhavando as *casas*. *Quem quiser receber Nossa Senhora é bem-vindo*. Só falar com as *mulheres peregrinas* que elas indicam o dia que estarão *caminhando* próximo da *casa*. É com *canto de reza* que elas chegam e com *canto de reza* que elas vão embora. Se não tem ninguém na *casa* todas rezam juntas na *porta mesmo*, *melhor do que ficar sem rezar, né?*



Imagem 19 e 20: Altar para Nossa Senhora do Rosário Peregrina. Foto da esquerda – Pau D’óleo. Foto da direita Angu Duro. A frente do altar, em ambas fotos, conduzindo a reza do terço está Maria Geralda. Fonte: Arquivo pessoal de pesquisa, 2022.

A *feita* de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões, como apontado acima, rege todo um calendário anual. Inicia-se com uma novena mensal. Todo dia sete¹⁵² de cada mês, entre janeiro e setembro, o Rei e Rainha festeiros organizam uma missa, homenageando as *famílias* do Quilombo, o catopé, a guarda de congo do Divino Espírito Santo, reis e

¹⁵⁰ A imagem de Nossa Senhora do Rosário que *caminha* pelo quilombo com as *mulheres peregrinas* é chamada de *Nossa Senhora peregrina*.

¹⁵¹ Na dissertação de mestrado (DIAS, 2015) elaborei um croqui com o percurso que a Peregrinação com a Imagem de Nossa Senhora do Rosário pelo Quilombo. Apresento anexo para conhecimento e ilustração. Nem todos os anos a peregrinação acompanha o mesmo percurso. Ao longo do trabalho de campo em 2022 pude acompanhar novamente a *peregrinação* que alcançou, como descrito no texto, regiões mais ‘amplas’ – geograficamente falando - que as presentes no croqui realizado a partir da participação nas festas de 2012 e 2014.

¹⁵² A escolha do dia 07 é em referência a definição do dia 07 de outubro como dia de Nossa Senhora do Rosário, como instituído pelo Papa Pio X.

rainhas de outros anos. Cabe a cada rei e rainha, a cada ano, em conjunto com a *comissão de festa* definir as homenagens, bem como as ações e festas para arrecadar fundos (DIAS, 2015).

A cada ano um novo Rei e Rainha são coroados, instaurando aí um *reinado*. Compete ao Rei e Rainha festeiros montar uma *comissão de festa* que *trabalha junto* para fazer a *festa* acontecer. Rei e rainha geralmente são de uma mesma *família*, pai e filha, irmão e irmã, mãe e filho. Raramente expressam uma aliança de casamento na configuração marido e esposa (DIAS, 2015). Acontece, mas figura-se como exceção, expressando algum indicativo de ausência de *família* e *raiz* no Quilombo. A guarda de catopé busca primeiro o Rei e depois a Rainha (DIAS, 2015). A escolha de qual *casa* vão sair o Rei e Rainha também figura decisão importante caso os dois morem numa mesma *casa* ou *terreiro*. Na *casa* da Rainha é montada a *corte* que sai em procissão conduzida pela Guarda de Catopé até a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões para realização da *Santa Missa*. É no momento da missa que a *corte* e a *guarda encontram* com a imagem de Nossa Senhora do Rosário que compõe a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões. Após a missa – campal – a imagem é conduzida pela *corte* e pela guarda até o interior da Igreja e, em seu andor, é enfeitada com fitas e flores.

O Quilombo de Pinhões tem sua própria *Festa* de Nossa Senhora do Rosário. A Igreja católica organiza o território de suas paróquias em ‘comunidades’, cada qual com sua Igreja dedicada a um santo patrono, padroeiro, para o qual a ‘comunidade’ reúne-se em festa num arranjo que permite ‘recolher esmolas’. Os fundos recolhidos e arrecadados pelas festas devem ser repassados para a Igreja. Aqui entra toda uma gama de negociações sobre o destino das rendas e as regulações da Igreja em torno das festas (DIAS, 2015). Os modos e arranjos de ‘negociações’ variam em relação ao pároco local e a administração geral da Igreja, a Mitra¹⁵³.

Outubro de 2019. Desde 2010, este seria o primeiro ano que eu não participaria da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões. É estranho ficar sem ir à festa. Foram meses me preparando para a aceitação que naquele ano, devido às disciplinas do doutorado e a realização da Jornadas Antropológicas no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFSC, não iria para a festa. Fiz minhas preces com vela acesa para a

¹⁵³ Mitra Arquidiocesana é o setor administrativo da Igreja Católica, dotado de cnpj, representado pelo bispo administrador. A Igreja de Pinhões está sob a jurisdição da Paróquia Som Jesus e Nossa Senhora Aparecida, subjugada à Arquidiocese de Belo Horizonte.

imagem de Nossa Senhora do Rosário que compõe meu altar em casa. Levei um vaso de cerâmica feito pelas mãos da Vagna, quilombola de Pinhões, para *abrilhantar* as mesas redondas da Jornadas Antropológicas. Um modo de ficar perto. Em uma quarta-feira daquele mês, quando estive uma semana em Minas Gerais para conhecer meu sobrinho que havia nascido, precisei ir a uma farmácia de manipulação, localizada no bairro floresta, em Belo Horizonte. Com o pensamento envolto na *Festa* que não pude participar e o coração tomado por uma saudade e uma certa falta do *encontro* com Nossa Senhora do Rosário e com as amigas de Pinhões, fui pelo caminho dirigindo, tomada por lembranças, emanando sorrisos e *cantando* a música de despedida da *Festa: Se Deus quiser, Se Deus quiser, até para o ano se Deus quiser....oôôôô... Já dentro da farmácia me dei conta que este bairro – o Floresta¹⁵⁴ – tem muito de Pinhões, e talvez por isso me fizesse sentir um pouco mais perto animando as lembranças. Tomada por esse sorriso das lembranças saio da farmácia e trombo em alguém na calçada. O sorriso nem deu tempo de virar susto e se faz em gargalhada. Trombei com a Melina, moradora de Pinhões, irmã da Maria, vizinha da Aida: "Gente, Melina, você não acredita, que saudade! Eu tava com a cabeça lá na *Festa*! Acho que pensei tanto em vocês e na *Festa*, que você apareceu". Risos. *Ô menina pra você ver, é desse jeito*. Risos. *Nossa você perdeu a festa esse ano. Você viu no Whats App a confusão que foi?* "Uai, eu vi que vocês tiveram muita dificuldade com o padre esse ano, né? Vi a *comissão* fritando pastel na chuva. Parece que não podia usar o espaço da quadra, é isso mesmo?".¹⁵⁵ *Nossa você não viu nada, o padre**

¹⁵⁴ Há pelo menos três gerações mulheres de Pinhões, conhecidas como *balaieras*, vendem frutas, legumes, verduras, ovos, doces, quitandas e ervas e raízes (quando encomendadas pelas clientes assíduas do bairro) em uma rua localizada no Bairro Floresta em Belo Horizonte. Os produtos são levados por estas mulheres em balaies de palha trançada produzidos no Quilombo. Há uma linha de ônibus que sai diariamente de Pinhões com destino a Belo Horizonte, as 6 da manhã retornando as 15 horas, uma conquista orgulhosa que se matem ademais da reestruturação do transporte metropolitano, em 2014, que suprimiu linhas diretas entre os municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte. A linha é conhecida como o ônibus das *balaieras*. As *balaieras* vendem em sua maioria as produções das hortas e pomares de seus próprios quintais ou do quintal de familiares, doces e queijos e, eventualmente recolhem também pequenos plantios de hortifruti – quiabo, tomate, banana, mandioca, etc – produzidos nos arredores. Quando recebem encomendas levam também ervas e raízes indicados por suas clientes.

¹⁵⁵ Próximo a Igreja do Rosário, compondo uma praça, tem uma quadra esportiva equipada com cozinha e área de evento. A quadra foi construída em 'mutirão' pela *comunidade* e configura-se como um espaço importante para o Quilombo na realização das festas e eventos. Várias tensões permeiam as negociações de uso da quadra e os arranjos e limites da compreensão desse espaço – assim como do centro catequético e da casa paroquial – como locais pertencentes ao Quilombo, à comunidade, à Nossa Senhora do Rosário e não à Igreja-Mitra. A noção de patrimônio é por vezes usada pelas lideranças quilombolas

*queria era tomar a festa pra ele. As pessoas já estavam era quase se juntando pra bater nele menina, a gente estava com medo de chegar nesse ponto. Ele falou que não ia fazer sorteio não, que ele é que ia fazer a festa, que ele é quem ia decidir quem ia fazer a festa. Vê se pode? Ele chamou um casal, [fala o nome do casal] eu peguei os papeis com os nomes das pessoas que fizeram **promessa** para serem festeiros em 2020, coloquei debaixo dos papeis da leitura da palavra, no jeitinho já pra ser sorteado. Nessa hora menina passou foi um vento, mas um vento¹⁵⁶ tão forte...eu senti, eu senti, parecia mesmo era que Nossa Senhora que tava passando o manto dela sobre a gente e foi aí que encheu todo mundo de coragem e começou um coro a gritar, sorteio, sorteio, sorteio.... e era aquele momento da festa que fica mais cheio e o padre ficou foi sem saber como que ele fazia. Ele não esperava e não teve jeito, ele teve que fazer o sorteio. O casal que já ia ser coroado, ficou com vergonha também, eles não tava sabendo, menina, parece né, e eles também apoiaram de fazer o sorteio. Mas foi bonito de ver, foi Nossa Senhora mesmo, que passou na frente e cobriu a gente com seu manto sagrado.*

Nossa Senhora passa na frente e cobre com seu manto sagrado. As relações com Nossa Senhora do Rosário permitem arranjos temporais curvos, “o tempo é uma ontologia” (MARTINS, 2021(b), p.21). “Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem” (idem, p.23). As ‘oralituras’ que compõem a festa inscrevem um tempo espiralar. Poético. Poética. “[...] o tempo poético interrompe e quebra a linha sequencial absoluta, enovelando curvas e espirais” (idem, p.30). Como também aponta Yara de Cássia Alves (2023) sobre a Festa do Rosário em Minas Novas, a festa abre “um canal de comunicação com a santa e com todos os reis e rainhas que já promoveram a festa desde seu surgimento” (ALVES, 2023, p.25). Alinhava passado e ‘futuro’ – já que a santa vem adiante, *passa na frente e cobre o caminho com seu manto* – num presente ‘curvo’ em reverência ao passado e às possibilidades do adiante. [...] *foi bonito de ver, foi Nossa Senhora [...] que passou na frente e impediu que o padre tomasse a festa pra ele.*

para acionar o direito de uso, gestão e *cuidado* com estes espaços, alguns deles registrados e tombados pelo município como patrimônio cultural. Estes são arranjos complexos que pretendo me aproximar almejando descrever e explicitar algumas dessas complexidades, apontando também para as políticas de patrimônio e para as relações dos Quilombolas com o território, a Igreja e a Nossa Senhora do Rosário.

¹⁵⁶ O vento também é elemento presente em narrativas sobre as celebrações do Dia de finados no Cemitério dos Escravos. Retomaremos sobre o cemitério e a celebração do Dia de finados adiante neste capítulo.

Como afirmou mestre Guerino, *tem gente que acha que todo ano a festa é a mesma coisa, mas não é não, a gente sabe, sente a diferença, todo ano é uma novidade*¹⁵⁷.

A celebração da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões acontece todo mês de outubro, no final de semana mais próximo do dia 07, identificado como o dia de Nossa Senhora do Rosário¹⁵⁸. São três dias de *festa*. No sábado à noite, o casal *mordomo da bandeira* – responsável por zelar pela bandeira de Nossa Senhora do Rosário – após rezar o terço em sua casa se dirige à Igreja em procissão, acompanhado geralmente por uma banda de música que, após a celebração da santa missa, também acompanha o hasteamento da bandeira no mastro. No domingo é montada a *corte* que sai em procissão acompanhada pela guarda de catopé. Após a santa missa acontece o almoço em Ação de Graças. *Arroz, farofa, frango, macarrão, tutu é o principal, pra manter a tradição*¹⁵⁹. Ao longo da tarde tem leilão na praça – leitão, galinha, bezerro, vinho de rosas, pano de prato... – e a guarda de catopé conduz o ritual de pagamento de promessas. Usando as coroas, bastões e capa do Rei e da Rainha, em duplas, as pessoas pagam suas promessas à Nossa Senhora do Rosário dando a volta na Igreja, em sentido anti-horário, acompanhadas da guarda de catopé. No final da tarde a corte é reunida novamente para sair juntamente com a imagem de Nossa Senhora do Rosário e a guarda de catopé em procissão. Neste momento o catopé *não canta, nem dança, faz a guarda da imagem de Nossa Senhora*, como explicado pelo mestre Guerino. São entoadas orações. É realizada outra celebração eucarística. É ao final desta celebração que são anunciados então, o novo Rei e a nova Rainha, responsáveis pela festa do ano seguinte.

Segunda-feira. Último dia da festa. A *despedida*. Após a missa realizada pela manhã, cuja liturgia é conduzida pelo catopé, a guarda realiza seus rituais de entrada e saída dentro da Igreja. No ir e vir *cantando* e *dançando* em honra a Nossa Senhora do

¹⁵⁷ Fonte: Live 4 do Projeto Mostra Quilombo Mostra – bate papo com congadeiros de Nossa Senhora do Rosário, disponível no Instagram da Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões - @acmqppinhoes e no Instagram do projeto Mostra Quilombo Mostra – histórias e sabedorias do quilombo: @historiasesabedorias.

¹⁵⁸ Como exposto acima o dia 07 de outubro foi instituído pelo Papa Pio X, como dia de Nossa Senhora do Rosário.

¹⁵⁹ Trecho do RAP do Quilombo composto por jovens do Quilombo de Pinhões no projeto Histórias e Sabedorias do Quilombo, disponível no site produzido pelo projeto Mostra Quilombo Mostra – histórias e sabedorias do Quilombo de Pinhões: <https://mostraquilombopinhoes.com.br> (último acesso em agosto de 2025).

Rosário os *dançantes* cumprimentam a imagem da Santa ainda enfeitada de flores e fitas. Ajoelham na porta da igreja formando duas meias luas. Dão a volta na igreja. Saudam as almas no cemitério localizado atrás da Igreja. Ao longo do dia percorrem as ruas do Quilombo, adentrando nas casas de todos os reis e rainhas que já foram festeiros. Cada *casa* serve um lanche. Aguardado por todos. Marca de cada *família* (DIAS, 2015). Na *despedida* também tem almoço em ação de graças. A guarda de catopé, ao percorrer as ruas e *casas* do Quilombo, conduz esse *encontro* precioso com Nossa Senhora do Rosário. No fim da tarde, a *marimba*, dançada na Praça Naná Bahia *encerra a Festa*.

*Ali é, a gente canta o ofício, canta algumas músicas, canta o ofício pra Ela [N.S.R.] em **agradecimento**, depois a gente vai, e **despede dela, tudo com canto**, aí despede dela, entra na igreja, volta de fasto, de costa, não dá as costas pro sacramento até na porta da igreja, é um momento de muita oração, muita reflexão, muita meditação, (...), a Senhora [N.S.R.] **vem e encontra com a gente**, (...)num é esse encontro visual, é um **encontro** espiritual, uma coisa que toca fundo, não só naquele que está ali mas como todos que estão ao redor; quer dizer, haver um encontro da gente, eles falavam assim ‘**que ela vem no meio dos dançantes, cumprimenta eles**, mas em parte espiritual’. (...) é como se fosse uma Ação de Graças, que **ela vem cumprimentar e aí sai levando, cumprimentando a comunidade em todas [as] rua**. Isso aí é um **compromisso** nosso, da guarda.¹⁶⁰*

A *festa*, em seu ciclo anual, viabiliza o *encontro* com Nossa Senhora do Rosário. *Ela vem no meio dos dançantes, cumprimenta eles [...] e aí sai levando, cumprimentando a comunidade em todas as ruas:*

[...]mediadores entre o humano e o divino, e delas o sagrado se irradia e por meio delas se ativa a força vital que emana por todo o complexo tecido ritual, cobrindo de bênçãos toda a comunidade. São guias, mestres, sujeitos da cura, das rezas e benzeções que alumiam o sagrado que em tudo habita e que também pela voz se manifesta e se esparge.” (MARTINS, 2021(b), p.124)

Ao longo de todo ciclo anual da Festa de Nossa Senhora do Rosário o movimento,

¹⁶⁰ Trecho de entrevista gravada em áudio, realizada com mestre Guerino em 2012. Grifos meus.

o deslocamento pelas ruas do Quilombo, efetivado na *caminhada* com Nossa Senhora Peregrina (maio a setembro), na procissão da bandeira de Santa Cruz (três de maio) e da bandeira de Nossa Senhora do Rosário (sábado festivo), no *cortejo* da corte do reinado (domingo festivo), nos percursos realizados pelo catopé e na *marimba, dançada* como ato de *despedida* e *encerramento* da festa (segunda-feira), evoca *encontros* com Nossa Senhora do Rosário. Alinhando Sua presença em Sua própria *terra*, afinal grande parte do quilombo faz-se *terras de Nossa Senhora do Rosário*, como exposto no capítulo 01.

Outubro 2020. Pandemia da COVID-19. *Esse ano vamos fazer uma carreata pelas ruas do Quilombo*. Diante das inviabilidades de realizar eventos públicos, devido às condições sanitárias instauradas pela pandemia da COVID-19, os quilombolas de Pinhões realizaram uma carreata percorrendo, no que seria o domingo festivo, com a *imagem peregrina* de Nossa Senhora do Rosário e o estandarte do Congado de Nossa Senhora do Rosário, as ruas do Quilombo. O *povo de casa* se dividiu em carros e caminhonetes. Transmissões ao vivo no Instagram possibilitaram *parentes* e *amigos* acompanharem a carreata. Buzinas preenchiam de som as ruas e transmissões. *Casas* enfeitadas com fitas e bandeirolas em papel azul e branco, de portas e portões abertos, saudavam a carreata. *Nossa Senhora passa na frente*. Gritos emocionados compunham com as buzinas, abraços nas caçambas das caminhonetes.

O movimento compõe o *encontro*. Deslocar. De um lugar a outro. Percorrer. Dançar. A *festa* pressupõe o movimento. O movimento efetiva a *festa*. Alinhava *casas*. *Terreiros*. Ocupa as ruas. Fundamenta o quilombo. Celebra Nossa Senhora do Rosário. Faz a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões. Curvo. Espiralar. Movimento. Leda Maria Martins (2021(b)) defende o reinado como episteme, como oralitura, performance,

[...] a palavra, índice do saber, não se petrifica num depósito ou arquivo imóvel, mas é concebida cineticamente. Como tal, a palavra ecoa na reminiscência performática do corpo, ressoando como voz cantante e dançante, numa sintaxe expressiva contígua que fertiliza o parentesco entre os vivos, os ancestrais e os que ainda vão nascer. Força e princípio dinâmicos [...] (MARTINS, 2021(b) p.128).

“Força e princípio dinâmicos”. “Traço cinético”. “Estilete que inscreve saberes” (idem, p.128). Ir e vir. Voltar. Os movimentos curvos exaltam a condição espiralar do tempo. “Uma estética da primazia estruturante do movimento” (idem, p.130).

3.2.1 Encontros alegres: *Nossa senhora gosta é de alegria*

Espinosa (2008), em suas reflexões sobre a ‘ética da vida’ discorre sobre ‘encontros alegres’. Quando um corpo encontra outro corpo, ou uma ideia encontra outra ideia, a maneira como eles se relacionam pode compor um aumento da ‘potência de agir’ ou, na contra mão, pode decompor. Encontros viabilizam a circulação de afetos e são sempre mútuos. Os efeitos são abertos e desconhecidos.

Outubro 2021. *Nossa Senhora gosta é de alegria*. Foi uma das primeiras falas que escutei quando cheguei, em meio a muita chuva, no *Quilombo de Pinhões*, para acompanhar a festa, feita assim de última hora, mas feita. Havia recém trocado de pároco e não houve tempo hábil para organizar e alinhar, com o mesmo, os arranjos da Festa. Com a luta pela vacinação prioritária nos Quilombos empreendida nacionalmente pela CONAQ – Coordenação Nacional de Articulação das Comundiades Negras Rurais Quilombolas, o *Quilombo de Pinhões* já estava quase em sua totalidade vacinado com duas doses, situação que permitia a realização de parte das atividades da Festa. Fui uma das únicas pessoas não moradora do Quilombo a participar, tomando as medidas sanitárias necessárias, como uso de máscara de proteção ao longo de todo domingo festivo. A bandeira foi levantada na quinta-feira, dias antes do que é de costume¹⁶¹. O pároco não sabia dos modos da festa, mas foi bom porque nesse dia foi possível conversar com ele pessoalmente, hastear a bandeira e conseguir a liberação para de fato fazer a festa. Em três dias – de quinta a domingo - a comunidade se juntou e somou à comissão de festa para executar de algum modo a Festa que não foi possível acontecer em 2020. Esse ano eles vão ser festeiro novamente, porque não é justo né, eles não tiveram a oportunidade de fazer a festa em 2020, então precisa ser eles novamente, me contou por telefone uma amiga e interlocutora de pesquisa ao me fazer o convite para participar junto da Festa em 2021, explicando porque daquela vez não haveria a anual

¹⁶¹ Como já exposto ao longo deste capítulo, a festa se realiza em 3 dias, abrindo com o hasteamento da bandeira de Nossa Senhora do Rosário, no sábado e encerrando com a dança da Marimba executada pela Guarda de Catopé na segunda-feira. O domingo é o dia com maior presença de público externo com a montagem da corte – rei e rainha do ano, rei e rainha perpétuos – com presença do catopé; pagamento de promessas, barraquinhas, leilão, missa pela manhã para acolhida da corte e a noite para acolhida da imagem de Nossa Senhora do Rosário que fica na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e sai em procissão, bem como o anúncio dos novos reis e rainhas do novo ano. Realizei uma etnografia mais detalhada da Festa de Nossa do Rosário de Pinhões em outras ocasiões (DIAS, 2012; 2015).

mudança do rei e rainha *festeiros*.

A corte foi montada. A Guarda de Catopé foi buscar o rei e a rainha em sua *casa*. Parece que a chuva diminuiu só pra buscar eles. Nossa Senhora tá mesmo alegre que estamos fazendo a festa dela. Com bastante foguete e alegria. Ela gosta é disso. De alegria, de ver a gente junto. Ano passado passamos rezando cada um em suas casas, cuidando das famílias pra não aglomerar né. Neste ano não podíamos perder a oportunidade de estar reunidos, me contou emocionada uma amiga quilombola. Choveu bastante. Se foi assim que ela quis né? Bom que vai lavando tudo né...abrindo um novo tempo.

Em 2020 não teve festa. A novena aconteceu com transmissão online pelo canal do facebook criado pelo festeiro. Um grupo de mulheres foi até a Igreja todos os dias rezar o terço (em 2020 e 2021). Aconteceram homenagens a Santa Cruz no mês de maio realizada por dois grupos de mulheres, cada qual ao seu modo e em seu momento. Uma ideia revelou a mim a importância do movimento, do caminho, do percorrer de Nossa Senhora do Rosário nas ruas do Quilombo: foi feita a primeira carreata de Nossa Senhora do Rosário. Os moradores enfeitaram suas casas e ficaram da porta saudando. A carreata, em 2020, foi transmitida ao vivo nas redes sociais. Agora a ação foi incorporada na *Festa*.

No ano de 2020, a Guarda de Catopé se reuniu na data que seria a segunda-feira da festa, o dia da *despedida*. O adro da Igreja estava enfeitado com bandeirolas azuis e brancas, como pude ver nas fotos e vídeos que recebi por *Whats App* e visualizei nas redes sociais. Mesmo sem missa o catopé reverenciou Nossa Senhora do Rosário em seu altar, cantou e dançou dentro e ao redor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, foi ao cemitério, como de costume e fez suas saudações aos muitos que se foram nestes tempos tão duros.

visitas em peregrinação com a imagem de Nossa Senhora do Rosário¹⁶². De algum modo a morte *encontra* a *feira*. Rasgando espaços e tempos. Suprimindo aquilo que poderia ser tomado como remoto. Foram muitas as mortes no *Quilombo de Pinhões* ao longo de 2020 e 2021. Dói. Para mim a experiência da morte dói. Sobretudo quando se vive a morte ‘remotamente’, sem poder acompanhar os momentos e eventos de despedida, estar nos velórios. Um luto que se arrasta. Chama à constelação presenças visíveis e invisíveis e me fez atenta às conversas por telefone com as amigas quilombolas que viveram a morte de seus parentes. Em todas estas conversas a Festa de Nossa Senhora do Rosário se fez presente, conformando um espaço-tempo de alegria recheado de risos, risos que incluem a zombaria da condição de quem ‘aqui’ permanece: “*a gente já fez essa brincadeira, os dois juntos lá perto de Nossa Senhora do Rosário, rindo da gente aqui e falando do padre*”; “*Com certeza que ela tá lá já junto com Doralice, rindo das confusões e cuidando dos reis de promessa, porque Doralice é quem sempre cuidou disso né?*”.

As famílias nunca mais serão as mesmas. Foram muitas perdas, me disse uma amiga quilombola em conversa por telefone em 2020, quando do falecimento de seu tio – na época ancião mais antigo do Quilombo. Ela se remetia à completude das *famílias* lamentando as perdas insistentes¹⁶³. Não tardou muito, alguns meses adiante, o anúncio do falecimento de um *compadre* de seu tio e no ano seguinte seu pai, *dançante mais antigo da Guarda de Catopé da Irmandade de N. Senhora do Rosário de Pinhões*. Escuto da filha do *compadre*, também em conversa telefônica, que *os dois estão juntos rindo de lá da situação aqui embaixo, falando do padre e vendo o modo da festa. Este ano não vai ter festa, vai ser diferente*. Noutra conversa, agora em 2022, também em circunstância de um falecimento, novamente a *feira* e as ‘risadas’

¹⁶² Intensão proferida pela rezadeira nas visitas da Imagem de Nossa Senhora do Rosário Peregrina nas *casas* do Quilombo de Pinhões em julho de 2022.

¹⁶³ Ao longo dos anos de 2020 e 2021 contabilizei dez falecimentos de anciões e anciãs do Quilombo de Pinhões. Muitos destes compõem as palavras desta tese. Foram momentos de muita dor e lamento. Nenhum deles foi notificado como óbito por covid-19, em que pese a baixa testagem realizada no município de Santa Luzia, como exposto e analisado na Introdução. Ressalto que além destes dez falecimentos, houve um falecimento em 2018 e outro em 2023 contabilizando 12 falecimentos dentre os 35 anciões e anciãs, *representantes das famílias raízes* que participaram da produção do livro *Pinhões: Histórias e Sabedorias do Quilombo* lançado em 2018. Espero que, de algum modo, esta tese seja, assim como a *feira*, espaço de perpetuação e promoção da vida.

alinham *encontros* entre os que se foram: *agora ela tá lá, juntinha com Doralice, rindo até, cuidando da coroa da promessa, que era função de Doralice né?*

Em 2020 a *festa aconteceu diferente*, teve reza do terço em grupos pequenos, a novena foi transmitida online, teve carreata com a imagem de N. S. R. e *a guarda de catopé dançou na igreja com poucas pessoas, nem foi divulgado*. Mas não se pode dizer que teve *festa*, *os festeiros não tiveram oportunidade, então ano que vem são eles de novo*. A Festa de N.S.R. de Pinhões, mobiliza encontros e afetos entre arranjos de morte, fazendo vida, louvando a vida eterna daqueles que também juntos participam da Festa, *do lado de lá*. Riem dos que aqui estão. Como Corrêa e Corrêa (2021) nos apontam, os que fazem o reino de Nossa Senhora o fazem desde há muito em solo de vulnerabilidades, o fazem em teimosia, uma ‘teimosia’ bonita de fé e alegria por tempos melhores. O fazem sob propulsões criativas e de resiliência constitutivas das festas, *do estar junto e reunido, alegre assim, como Nossa Senhora gosta*. Propulsões alimentadas e evocadas mesmo, ou melhor dizendo, primordialmente, no Quilombo na condição da pandemia de COVID-19.

Espinosa (2008) compreende a alegria como o afeto que possibilita a passagem para uma perfeição maior, ou seja, quando encontramos um corpo que aumenta a nossa potência de agir, fortalecendo nosso ‘conatus’, somos afetados de alegria; ao contrário, o afeto de tristeza é a passagem para uma perfeição menor, isto é, quando nos relacionamos com algo que diminui a nossa ‘potência de agir’. Debilita o ‘conatus’. ‘Conatus’ é o esforço de perseverança da existência. Encontros alegres aumentam a força de existir dos corpos e das ideias.

As pessoas que faleceram no *Quilombo de Pinhões*, são avós, avôs, mães, tias, tios, primos, têm nome, e estão inseridos em toda uma gama de relações. Compõem *famílias*. São membros das *famílias raízes*. Grande parte dos falecidos(as) participaram da produção do livro “Pinhões: histórias e sabedorias do quilombo” (2018), produzido pela Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões através da Lei de Incentivo a Cultura do Estado de Minas Gerais. São anciões e anciãs reconhecidos como pessoas repletas de sabedoria, conhecedoras das histórias do Quilombo. Deixaram *um bom exemplo*, e netos que *parece[m] demais com ele[s]*. São ‘ancestrais’. No sentido afirmado por Leda Martins, “ancestral não é aquele que morre, é o que permanece, como acúmulo de conhecimento, experiência e natureza”. “Ser lembrado é participar”

(MARTINS, 2020)¹⁶⁴.

Setembro 2022. Acometida por uma coceira que me lembrava as muitas vezes que tive ‘cobreiro’¹⁶⁵, na minha infância no interior de Minas Gerais, certa de que a única coisa que cura ‘cobreiro’ é benzeção, fui atrás de Rita, conhecida benzedeira do *Quilombo de Pinhões*. Filha de Dona Belonísia, a visita à *casa* de Rita foi regada de lembranças de sua mãe, falecida em meio à pandemia da COVID-19, ainda em 2020. Lembramos de quando estive morando no quilombo em 2014, quando realizava trabalho de campo para elaboração da dissertação de mestrado e estive *vizinha* da *casa* de sua mãe. Ela corroborou minhas suspeitas sobre minha coceira. *Cobreiro. Só cura com reza. Tem que rezar três vezes, hoje rezo aqui direto no seu braço, e amanhã e depois vou rezar de longe. Mas você vai sentir. Coça enquanto a gente reza, né? A reza é um diálogo, é só pegar com Nossa Senhora que ela intercede e ajuda a secar. Vou jogar essas folhas, que tô rezando em você, em cima do telhado e, quando todas as folhas estiverem secas, seu cobreiro secou.* Ela reza em voz alta. *Pra você conhecer a reza. Não tem segredo.* Apesar de não ter segredo, mesmo diante de muito esforço, não consigo me lembrar das palavras proferidas. Nenhuma sequer. Rita faz suas rezas pela manhã bem cedo. Ao longo dos próximos dois dias, acordo às cinco da manhã sentindo os efeitos de sua reza. Coça. Assim que encerramos a benzeção, realizada no *quintal*, diante de um imenso pé de arruda, adentramos sua casa para tomar um café. As lembranças de sua mãe, quitandeira e costureira, retornam à nossa conversa. Ela me conta que, desde que sua mãe faleceu ela vai toda semana a sua *casa*. Abre as janelas. Varre. Troca os forros e tapetes. Costureira que era, sua mãe enfeitava a casa com tapetes, forros e panos. Sobre a mesa. A televisão. A máquina de lavar. O bujão de gás. O fogão. A geladeira. O sofá. A máquina de costura. *Depois de varrer e abrir as janelas eu vou até a cozinha de fora da casa, onde mamãe fazia suas quitandas. Acendo o forno. Passo o dia lá. Fazendo fornadas de quitanda. Lembrando de mamãe. Cuidando as coisas dela. Sinto uma alegria. Sinto a presença*

¹⁶⁴ Trechos transcritos da palestra proferida por Leda Maria Martins, nomeada “Tempo em performance”, promovida como atividade de encerramento das aulas do segundo semestre 2020, no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências – Professor Milton Santos da UFBA. Disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=ShvhGTCYzw8&ab_channel=IHAC-InstitutodeHumanidades%2CArteseCi%C3%A4ncias. Último acesso Dezembro 2020.

¹⁶⁵ Guias de saúde pública identificam o cobreiro como um tipo de manifestação do vírus de herpes. Informações disponíveis em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-z/h/herpes#:~:text=Herpes%2C%20ou%20cobreiro%20%C3%A9%20uma,toda%20a%20vida%20da%20pessoa>. (último acesso em setembro de 2025).

dela.

3.3 Cemitério dos pretos escravizados

Peço licença para, em consonância com as colocações de Makota Kindoialê, liderança política do Kilombo Manzo Nguzo Kaingo¹⁶⁶, localizado no bairro Bonanza, em Santa Luzia e no bairro Paraíso em Belo Horizonte, renomear o Cemitério dos Escravos para Cemitério dos Pretos Escravizados. Foi em reunião virtual realizada em novembro de 2022, junto ao Ministério Público Federal de Minas Gerais para tratar das medidas de proteção ao Cemitério diante das ameaças do projeto do RodoAnel/RodoMinério, que Makota Kindoialê, pontuou, *esse não é um cemitério de escravos, é um cemitério do povo preto que foi escravizado. E isso, muda tudo.*

Como exposto na introdução e no capítulo 01, o Cemitério dos Pretos Escravizados está localizado em domínios antes pertencentes à Sesmaria de Bicas, em terras ainda sob domínio de herdeiros da sesmaria. Localizado próximo a comunidade dos Fechos, é indicado nas narrativas do *Quilombo de Pinhões* como um dos marcadores de sua origem e fundação. Retornamos ao cemitério dos pretos escravizados por dois aspectos que articulam as *raízes*, conforme narramos a seguir.

Fevereiro 2025. *O cemitério é quilombola, nossas raízes estão lá uai, são nossos ancestrais que estão enterrados ali. É nossa raiz.* Essa reflexão foi desenvolvida no âmbito de uma reunião com membros da Associação Quilombola do Quilombo de Pinhões para elaboração do dossiê de documentações para solicitação do reconhecimento do Cemitério dos Escravos/Cemitério dos pretos escravizados como Patrimônio Quilombola¹⁶⁷. Compus a equipe de pesquisadores mobilizada pela associação para

¹⁶⁶ O Kilombo Manzo Nguzo Kaiango é reconhecido como patrimônio cultural estadual pelo IEPHA/MG, na categoria Lugar, desde 2018. A chegada no Kilombo Manzo Ngunzo Kaiango em Santa Luzia está correlacionada ao um processo violento de tentativa de expropriação por parte da prefeitura de Belo Horizonte, narrado e analisado por Carlos Marques em sua tese, disponível no link: <https://www.ifch.unicamp.br/pos/defesas/bandeira-branca-em-pau-forte-senzala-de-pai-benedito-e-o-quilomble-urbano-de-manzo> (acessado em setembro 2025). Dossiê de reconhecimento do Manzo como patrimônio na categoria lugar, disponível no link: <https://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-aco-es/patrimonio-cultural-protegido/bens-registrados/details/2/7/bens-registrados-comunidade-quilombola-manzo-ngunzo-kaiango> (acessado em setembro de 2025).

¹⁶⁷ 20 de novembro de 2023 foi lançada, no âmbito do IPHAN – Instituto Nacional de Patrimônio Histórico e Artístico, a portaria 135ª com vias a viabilizar o tombamento dos documentos e sítios detentores de reminiscências históricas de antigos quilombos”, conforme previsto no parágrafo 5º do artigo 216 da Constituição Federal de 1988. Informações sobre a portaria e os procedimentos para solicitação de

apoiar a organização das documentações e preenchimento dos formulários necessários para solicitar tal reconhecimento. Um dos tópicos que deveria ser indicado no formulário diz respeito a qualificação do sítio como ocupado ou não por quilombolas. O principal núcleo de *casas* do Quilombo está localizado há aproximadamente dois quilômetros do cemitério, como exposto no capítulo 01, gerando dúvida sobre qual indicação fazer no formulário. Foi então que foi proferida a frase que abre este parágrafo. Após debates e reflexões os quilombolas definiram: Sítio ocupado por quilombolas. A argumentação que sustentou tal decisão foi respaldada na seguinte compreensão, *se nossos ancestrais estão enterrados lá, temos raiz no cemitério, ele é ocupado por quilombolas. A gente participa da celebração no dia finados em homenagem aos nossos ancestrais e aos demais que estão enterrados lá. Foi bom que aquela pesquisadora fez aquela tabela*¹⁶⁸, *né, que assim, agora, a gente sabe os nomes dos que estão enterrados lá. E complementam. É tem que reforçar isso, porque o povo tem mania de achar que continuam donos. Donos das pessoas que estão enterradas lá*¹⁶⁹.

Maio 2022. Romaria dos povos e das águas. Como narrei no capítulo 02, foi na romaria que conheci Renata. Antes da romaria iniciar, os presentes, lideranças comunitárias, movimentos sociais, deputadas da Frente ampla contra o RodoAnel/RodoMinério, membros da Comissão Pastoral da Terra e demais aliados das lutas dos povos e comunidades tradicionais da região metropolitana de Belo Horizonte frente ao projeto do RodoAnel/RodoMinério, organizaram uma roda diante do cemitério. Os organizadores da romaria abriram a roda proferindo falas sobre os objetivos da romaria e informando os percursos. Um dos herdeiros da sesmaria de Bicas que possui a posse das terras onde está localizado o cemitério, adentrou a roda e assumiu a palavra. Sua fala remetia aos seus ancestrais, donos da sesmaria, responsáveis, segundo ele, pela construção do cemitério. Para ele, a construção de um cemitério destinado aos escravizados, denota o apreço destes com essa população, apreço que se perpetua tendo em vistas os empenhos que a família segue tendo com a preservação do cemitério e com a realização da missa de finados desde a década de 1980. Ao encerrar sua fala, ele se

aberturas de processo declaratório estão disponíveis no link: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/acoes/portaria-no-135-de-2023-2013-tombamento-dos-quilombos>.

¹⁶⁸ Vide Imagem 04, página 47.

¹⁶⁹ Notações realizadas durante a reunião. Fevereiro, 2025.

remete a Renata, e anuncia, “vejam aqui, essa aqui é ‘cria nossa’, sua avó trabalhava aqui na fazenda”. Neste exato momento, Renata e eu trocamos olhares. Ela, com a imagem de Nossa Senhora Aparecida nas mãos, respira fundo. A organização da romaria inicia a leitura da Invocação a Mariama – Maria que ama, companheira das lutas, símbolo de resistência e fé. Forma de saudação à Nossa Senhora Aparecida. Negra Mariama¹⁷⁰.

Neise Duarte (2017) e Carolina Corrêa (2005), em seus trabalhos historiográficos sobre a escravidão em Santa Luzia, esboçam análises sobre as possíveis motivações para a construção de cemitérios para os escravizados. Para Duarte (2017) “a existência do espaço cemiterial dedicado exclusivamente a negros é indicativa de uma sociedade que se pretende manter absolutamente apartada do segmento escravista, até depois da morte” (2017, p.28). Argumento corroborado pelo fato de que alguns dos detentores da sesmaria foram enterrados dentro da Igreja do Mosteiro de Macaúbas:

Esposa de José Nunes Moreira, proprietário da Fazenda das Bicas, Vitorianna Maria foi sepultada, aos 2 de março de 1819, dentro da Igreja de Macaúbas. Sabe-se que os indivíduos de condição social mais elevada eram sepultados no espaço interno dos templos católicos, sendo a proximidade da sepultura ao altar-mor, uma evidência de prestígio. Portanto, pode-se inferir que o Cemitério da Fazenda das Bicas não atendia a seus proprietários, podendo ser considerado um espaço de segregação, representativo das tensões que permeavam as relações sociais na época. (DUARTE, 2017, p. 28)

Neise Duarte (2017) argumenta que motivações religiosas também orientaram a construção de cemitérios destinados aos escravizados.

Acredita-se que na Fazenda das Bicas a preocupação com o sepultamento dos cativos tenha sido, sobretudo, de ordem religiosa. Uma vez que se verificou nos assentos de óbitos pesquisados a informação de que os defuntos foram paroquialmente encomendados. (DUARTE, 2017, p.29)

Carolina Corrêa (2005) também aponta para as motivações religiosas como as principais mobilizadoras para a construção de cemitérios para escravizados. Não temos condições para nos ater, aqui, a encontrar possíveis motivações históricas para a construção do cemitério. Fato é que, como posto por Duarte (2017), a existência do cemitério, “segregado” é “representativo das tensões que permeavam as relações sociais

¹⁷⁰ Link oração de Dom Helder, Mariama: <https://blog.cancaonova.com/redacao/mariama-nossa-senhora-mae-de-cristo-e-mae-dos-homens/>; Canto Negra mariama, da pastoral afro, disponível no link: <https://www.cicaf.org.br/porta1/phocadownload/musicas/negra%20mariama.pdf>.

na época”(p.28). Tensões que, em alguma medida se perpetuam. ‘Cria nossa’. Disse o descendente dos donatários da sesmaria. Rastros fundantes do racismo estrutural (SILVA, 2018). O tempo passa. E não passa. Como se não houvera tempo (SILVA, 2016).

Agosto 2024. Foi apenas na visita à *casa* do avô de Renata que voltamos a conversar sobre o episódio ocorrido na abertura da romaria. *Você viu como ele falou comigo? É sempre assim, sempre que eles vêem a gente eles fazem questão de marcar. "Cria nossa". Ele falou. Você, viu? Como se fosse animal, como se fosse criação de animal. Igual fala de gado. É por isso que eu falo, a gente que tem raiz não se abala com isso, não, porque a raiz te põe forte. Você sabe que a sua existência é digna, independente do que eles acham e pensam sobre você. Eu mesmo, antes queria coroar Nossa Senhora na Igreja Matriz, participar da corte na procissão do Jubileu de Santa Luzia. Mas aí na minha casa, eu vi que minha fé não depende deles. Meu avô era mestre do catopé. A gente fazia a fogueira pra Santo Antônio em casa e participava da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões. Mas a gente vive sob a vista deles. Mas somos protegidos contra mal olhado. Risos! "Bem se vê que entre sua casa e a rua tem bastante espada de são Jorge"*¹⁷¹. Risos! *E guiné. Risos! Tá vendo? Essas são as raízes. Raízes do meu avô. Raízes do Quilombo. Nossa proteção.*

O Quilombo faz suas *festas*! Santo Antônio. São João. Divino Espírito Santo. Nossa Senhora do Rosário. A santa é do Quilombo! Terras de Nossa Senhora. Rosário e Conceição. No Quilombo a *rua* e a *casa* se alinhavam. Nossa senhora *caminha* por elas. Com *canto. Dança. E alegria*. Peregrinação. Catopé. Um *encontro*! Um encontro alegre. No cemitério tem celebração. *O povo pensa que é dono. Que continua sendo dono do povo até depois que tá morto. Mas sabe o que que é, isso é o jeito que eles foram criados boba, não sabe fazer de outro jeito não*, me explicou Renata.

¹⁷¹ Relembro que Renata não no miolo do Quilombo de Pinhões. A casa de seu avô foi construída em um loteamento realizado por descendentes da Sesmaria de Bicas em outra ponta dos antigos domínios desta. Na região antes conhecida como Córrego do Tenente. Seu avô veio de Macaúbas e sua avó da Fazenda das Bicas. No capítulo 02 apresentamos as raízes quilombolas de Renata.



Imagem 22: Foto do “cemitério dos escravos” (DUARTE, 2017, p.30).



Imagem 23: Altar da celebração e missa no dia de finados, no cemitério dos pretos escravizados. Foto de Luiz Henrique Prado Campos, 02 de novembro 2023.

2 de novembro 2023. As pessoas vão chegando. Pouco a pouco. Estacionam os carros pelos arredores. Nos recuos de porteiros dos sítios e fazendas. Agradecem as caronas. Não há transporte público na estrada rural, de terra, que dá acesso ao cemitério.

Quem passa pela MG020 visualiza, na localidade dos Fechos, nas margens da MG, sobre a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, a placa indicativa: Cemitério dos Escravos. Patrimônio cultural municipal desde 2008. Bem de interesse cultural do estado de Minas Gerais¹⁷², desde 2024, promulgado pela Lei 24.666. Chega um ônibus. *É a pastoral Afro do bairro Asteca*. Já há alguns anos a pastoral Afro do bairro Asteca, de Santa Luzia, participa da organização da celebração eucarística realizada dentro do cemitério. O Quilombo de Pinhões e comunidade dos Fechos participam junto. Desde 2021 movimentos sociais e povos e comunidades tradicionais da região metropolitana de Belo Horizonte, na articulação ‘Todos contra o RodoMinério’, se somaram à Pastoral Afro do bairro Asteca, a comunidade dos Fechos e ao Quilombo de Pinhões na organização da missa de finados no Cemitério dos Pretos Escravizados, fazendo da homenagem um momento também de denúncia do projeto. Como abordado na introdução, o projeto do RodoAnel/RodoMinério propõe o traçado da via distante 200 metros do cemitério. Uma vasta mesa de lanches é montada do lado de fora do muro de pedras em junta seca. Os descendentes dos donatários da sesmária de Bicas que possuem a posse do terreno onde o cemitério está localizado afirmam que a realização da celebração da missa com a oferta de lanche foi iniciada por eles, na década de 1980, em forma de pagamento de promessa realizada pela mãe do descendente que participou da roda de abertura da romaria em maio de 2022. Ele, hoje na casa dos setenta anos, perpetua a promessa da mãe.

Desde 2021, a chegada de novos atores no processo de organização da celebração, engendrou conflitos com os descendentes dos donatários da sesmária. Em 2023 foi a primeira vez que materialidades que evocam as presenças dos povos e comunidades de matriz africana e povos de terreiro no cemitério foram mantidas no espaço do cemitério, compondo a celebração. *Lúnia, a gente veio aqui ontem acompanhar o processo de limpeza que eles falaram que iam fazer no cemitério para fazer a celebração. Você não acredita. Encontramos funcionários da fazenda retirando as oferendas, Lúnia. A gente não sabia se eles iam mesmo limpar o local. Pra gente, limpar é capinar, reduzir, né, o mato, mas eles estavam tirando tudo e jogando fora. Falamos assim, oh gente, que bonito essas homenagens no cemitério. Vocês estão tirando? Não pode tirar essas coisas não,*

¹⁷² Na ocasião da promulgação da lei 24.666/2024, a TV Assembleia, canal televisivo de comunicação das ações da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, produziu um pequeno vídeo com informações e imagens do cemitério. Disponível no link: <https://www.almg.gov.br/comunicacao/tv-assembleia/videos/video?id=2169859&tagLocalizacao=7399> (último acesso, setembro 2025).

isso faz parte do cemitério e são coisas que não pode mexer. Conseguimos que eles parassem de tirar as oferendas. Aí a gente entendeu o que eles chamam de limpar, né?, me disse, durante a celebração, um dos membros de um movimento social que compõe a articulação ‘Todos contra o RodoMinério’.

Sueli Carneiro (2005) lança mão da noção de epistemicídio para compreender os sucessivos processos de apagamento vivenciados pela população negra na experiência da diáspora africana perpetrada com o processo escravista nas américas. Em diálogo com a filosofia de Foucault, ela compreende que as práticas de apagamento da presença negra articulam, saber e poder, no sentido da noção de biopoder, situando o epistemicídio nos arranjos de configuração de dispositivos de racialidade. Para Carneiro (2005), na sociedade brasileira operam dispositivos de racialidade/biopoder articulando múltiplos elementos, dentre eles o epistemicídio, configurando “a racialidade como um domínio que produz saberes, poderes e subjetividades” (2005, p.11). Configura relações nas quais é possível se achar *dono*. *Achar que continuam donos. Donos das pessoas que estão enterradas lá [no cemitério]*. Se sentem autorizadas a *limpar*. Retirando presenças.

Pra gente, Lúnia, o sagrado tá na feitura, no fazer, no trabalho, é sacro-ofício, me explicou Makota Kindoialê numa segunda-feira chuvosa quando tentávamos fazer o trajeto de Belo Horizonte a Santa Luzia, juntas. Conversamos sobre o cemitério dos pretos escravizados e a importância do local para as populações da diáspora africana no Brasil. Versamos sobre a pesquisa produzida por Neise Duarte (2017) e a listagem que ela apresenta dos nomes, localidades, condição social – forro, crioulo, escravizado – e a indicação de portos de origem em África. *Um patrimônio da humanidade. É assim, em cemitério nenhum ninguém pensa em construir por cima. Só nos nossos cemitérios é que se tem essa ideia*. Makota, neste momento estava fazendo menção ao antigo Largo do Rosário, localizado no centro da capital do estado, entre o que hoje é a avenida Augusto Lima e rua Timbiras, com Rua da Bahia. Para a construção da cidade de Belo Horizonte, o engenheiro Arão Reis e sua equipe, deslocou a população negra que habitava o local, constituído de um conjunto das casas, ao entorno de um largo composto pela Igreja de Nossa Senhora do Rosário e um cemitério. Foi a partir da pesquisa de doutorado realizada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Minas, pelo padre Mauro Luis da Silva (2021), que o largo foi, então, ‘descoberto’, desenterrado, e reconhecido

como patrimônio cultural imaterial da cidade de Belo Horizonte¹⁷³. *Mas assim, Lúnia, pra gente o sagrado está no ofício, entende? Está nos trabalhos que a gente desenvolve lá no cemitério também, está naquela terra, o que faz dela sagrada é nossa presença lá, os corpos negros enterrados lá, dos nossos ancestrais*¹⁷⁴.

*Limpar as presenças dos trabalhos, oferendas e ebós no cemitério dos pretos escravizados é apagar presenças, é promover epistemicídio. É desconsiderar todo arcabouço de conhecimento e práticas acumulado pelas populações da diáspora africana zelado e perpetuado pelos povos tradicionais de matriz africana e povos de terreiro. Recordo de conversa que tive com, à época esposa de Ricardo – neto de Dona Amaralina, na festa de Nossa Senhora do Rosário de Pinhões em 2022. Caminhando pelas ruas do quilombo, na segunda-feira da festa, o dia da despedida, acompanhando os dançantes da guarda de catopé, fomos conversando sobre a alegria da possibilidade de seu filho, a época com três anos de idade, adentrar a guarda. É, ele vai seguir perpetuando, os caminhos do avô, dos tios, e do pai. Mas aqui, eu queria comentar uma coisa com você, daquela conversa que tivemos naquele dia lá, no quintal da casa de Dona Amaralina [quando conheci Exu Ventania, que cuida da família há pelo menos quatro gerações] Sabe, tem gente que acha que as relações com as entidades é coisa pouca, pois não é mesmo. É com elas que a gente aprende muito da nossa história. Exu Ventania sempre fala com a gente **que tem muito conhecimento nessa terra**, ele pede pra gente ir no cemitério lá, no **cemitério dos escravos**, eu vou com Ricardo, mas tem que ir a noite. E a gente aprende muito lá. É lugar muito forte, de muito aprendizado. Ele pede pra ir no **Mosteiro de Macaúbas** também, e a gente vai né, porque tem muita coisa pra aprender*¹⁷⁵.

Terra. Presença. História. Raiz. Epistemologia. Os empenhos sobretudo do Quilombo de Pinhões e da Pastoral Afro do bairro Asteca de Santa Luzia em seguir compondo junto a celebração do dia de finados vai ao encontro da proposta de ressignificação do nome de cemitério dos escravos para cemitério dos pretos escravizados

¹⁷³Dossiê disponível no link: <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/2022/dossie-largo-do-rosario.pdf>. (último acesso em setembro de 2025)

¹⁷⁴ No desenvolvimento de sua argumentação Makota Kindoialê acionou o discurso do Dr. Hênio Silva Junior em sua atuação como ‘amicus curie’ na ação junto ao Superior Tribunal Federal na defesa da prática de sacrifícios animais pelas religiões de matriz africana. Escapam as condições deste texto o desenvolvimento de seu argumento na íntegra, o que faremos em outras oportunidades.

¹⁷⁵ Notações de caderno de campo, outubro 2022.

anunciada por Makota Kindoilê. Versam sobre epistemologias que não se rendem a configurações de dominação que perpetuam epistemicídios.

A gente entende e respeita a promessa feita pelos descendentes dos donatários da sesmaria, mas queremos participar também. São nossos ancestrais que estão enterrados ali. É nossa raiz. O cemitério é terra ocupada por quilombolas.

Essa missa é bonita, né Lúnia. A gente pensa que vai ficar triste, mas não fica. Fica assim reflexivo, mas não fica triste. Volta pra casa cheio. É o nosso povo que tá enterrado ali. E não tem só gente daqui não, né. Tem de outros lugares também. Igual eu falei, a gente tem que respeitar a promessa do povo lá da fazenda de Bicas, né, mas é só fazer junto. Tem eles e tem a gente também, me conta uma quilombola de Pinhões no percurso de volta da celebração de finados.

02 de novembro de 2023. A celebração é realizada dentro da área do muro de pedra de junta secas. O altar para celebração da missa é montado sobre uma mesa, colocada atrás da cruz de madeira localizada debaixo de uma árvore. Aos pés da cruz um cumbuca de barro com feijoada. Velas. Ponto riscado no chão. Terços e rosários compõem a cruz. Para dar início a missa, Quilombolas de Pinhões, membros da pastoral Afro do bairro Asteca e da comunidade dos Fechos adentram o cemitério, cada um com uma folha de papel, cada uma delas escrito o nome de uma pessoa, preto, crioulo, forro, ou escravizado enterrado no cemitério. Na folha estão o nome e a localidade vinculada. Informações retiradas do trabalho de pesquisa desenvolvido por Neise Duarte (2017), indicados na imagem 04, página 47. Pregam as folhas. Uma a uma. Na cruz. Os nomes são anunciados. Um a um no microfone pela Pastoral Afro. Passa um vento. *É incrível Lúnia, todo ano, nessa missa, hora ou outra, passa esse vento.* Comenta uma amiga quilombola que assiste a missa ao meu lado. O vento move devagar as folhas da árvore sob a cruz. Ao som do atabaque a pastoral Afro do bairro Asteca, junto com quilombolas de Pinhões, compõe os cantos e ritualísticas da missa. No ofertório são colocadas também diante da cruz, frutas colhidas nos quintais e terreiros das casas do Quilombo de Pinhões, quitandas e bolos produzidos por mulheres do quilombo também são ofertados.



Imagem 24: Ofertório missa de finados no cemitério dos escravos organizada pela Pastoral Afro do Bairro Asteca e Comunidade Nossa Senhora do Rosário do Quilombo de Pinhões. Acervo pessoal de pesquisa, novembro 2023.

Não é uma celebração domingueira não, não é de domingo. Eu tô celebrando num lugar que tenho sangue ali. Como falei já outras vezes, sempre que cantamos, as flores caem, na hora do canto. Comentou uma membro da Pastoral Afro do bairro Asteca na reunião anunciada na abertura desta seção. *É, passou um vento também quando estavam homenageando os enterrados no cemitério colocando as folhas na cruz.* Comentou um membro de movimento social que compõe a articulação ‘Todos contra o RodoMinério’. A assessora do promotor do Ministério Público Federal de Minas Gerais responsável pela pasta complementa: No candomblé os ancestrais também se comunicam pelo vento.

A participação do vento evoca a condição ‘espiralar’ do tempo (MARTINS, 2021(b)). Curvo. Cinético.

Uma gnose poderosa, a ancestralidade, em curvas e ritornelos, se instala e expande. Princípio *mater* relacional, interliga tudo o que no cosmos existe e a tudo recobre em ondas de radiação e de transmissão da energia vital que garante a existência ao mesmo tempo comum e diferenciada de todos os seres, nos quais se inclui a pessoa e seus entornos, na variedade e diversidade de sua natureza Canal da força vital, a concepção ancestral, como um novelo, inclui, no mesmo circuito fenomenológico, as divindades, a natureza cósmica, a fauna, a flora, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer, em

contínuo processo de transformação e de devir. No seu Âmbito tudo se estabelece em relações interdependentes e mutuamente constitutivas. (MARTINS, 2021(b), p.203 – *grifos da autora*)

É com canto e dança que a celebração se encerra¹⁷⁶. Mulheres do Quilombo de Pinhões. Membros da pastoral afro. E outros participantes da missa. Juntos. No cemitério. “Não fizemos os quilombos sozinhos” (SANTOS, 2023, p.45), afirma Nego Bispo. Os quilombolas são povos de fronteira, não povos de limite. Fronteiras fundam diálogos. Caminhos sempre passíveis de retorno. Ir e vir. Fazer e desfazer. ‘Envolvimento’. Os colonialistas, que são os mesmos do conhecimento sintético, propõem o desenvolvimento. Já os povos contra coloniais, perpetuadores de saberes orgânicos, almejam o envolvimento:

Acabou um modo de vida, o modo de vida do lugar onde eu nasci. Chapada Grande tinha uma infinidade de plantas, a mata cheia de frutos e animais, uma vida amplamente compartilhada. Essas vidas foram atacadas e destruídas, e os modos que faziam com a vida acontecesse também deixaram de existir. O que acontece com as pessoas que sabiam viver a partir desses modos? Quando tiramos a comida da onça e aparecemos na frente dela, o que ela faz? O desenvolvimento e o colonialismo chegam subjugando e atacando, destruindo. Quando se introduz o desenvolvimento em espaços onde o povo vive do envolvimento, quando modos de vida são atacados, quando o envolvimento é atrofiado, inviabilizado e enfraquecido, vai haver reação. [...]

Um grande mestre nos explica: ‘Nos quilombos temos relacionamentos, não temos aglomerações. Aglomerações são feitas de corpos que não se conhecem, que não se tocam’. [...] Somos povos de trajetórias, não somos povos de teoria. Somos da circularidade: começo, meio e começo. **As nossas vidas não têm fim.** A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo. (SANTOS, 2023, p. 96 e 102).

“Raiz não é corrente. É rota”. *A raiz te põe forte.*

¹⁷⁶ Disponibilizo um curto vídeo, do meu acervo pessoal, do encerramento da celebração: <https://drive.google.com/drive/folders/1JG7-2QegCnTScT23Nefi088bFusuwwjo?usp=sharing>.

À GUIA DE CONCLUSÃO

começo-meio-começo

“Somos povos de trajetórias [...]. Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo” (SANTOS, 2023, p.102). Inspirada nos apontamentos do mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos, conhecido como Nego Bispo, almejo organizar as palavras com vias a promover algumas considerações finais. A evocação da circularidade no movimento começo-meio-começo efetivado pelos povos de trajetória contracolonialista vai ao encontro aos movimentos tecidos pelas *raízes* no Quilombo de Pinhões. Ao longo desta tese nos propusemos a nos aproximar das *raízes* buscando construir compreensões sobre estas, seus modos de funcionamento, suas alianças. A pergunta, o que as *festas* fazem?, proposta no projeto de tese apresentado ao Programa Pós-Graduação em Antropologia, PPGAS/UFSC, no qual pretendíamos compreender as relações entre ‘famílias’ e ‘festas’ nos modos de fazer política no Quilombo de Pinhões, transformou, sobretudo ao longo do trabalho de campo desenvolvido junto ao Quilombo em 2022, em: O que fazem as *raízes*? Acreditava que a aliança primeira das *raízes*, era com as famílias e que estas, as famílias, é quem promoviam as festas. Até que, ao longo dos convívios cotidianos, nas *casas* e nos *terreiros* compartilhados, nas reuniões e mobilizações políticas frente as ameaças do projeto do RodoAnel/Rodominério e nas *festas*, as *raízes* foram se apresentando como modulações viabilizadoras da vida no Quilombo, fundamentos do próprio, estatuto deste.

Percorremos sobre narrativas de fundação do Quilombo de Pinhões tecendo compreensões sobre o estabelecimento da existência nas *extremas*. As *raízes* são evocadas como as viabilizadoras dessas existências, forjando o quilombo no alinhavar entre *famílias*. *Famílias raízes*. Como anunciam as quilombolas da Associação Cultural das Mulheres Quilombolas de Pinhões nas elaborações sobre os contornos e composições do Quilombo. As *extremas* dizem de condições geográficas que atravessam tempos. Vão desde o século XVIII quando da construção do Mosteiro de Macaúbas em área limítrofe a sesmaria de Bicas até projetos de desenvolvimento ao longo do último quartel do século XX e primeiro do século XXI, que promovem arranjos de especulação imobiliária sobre o Quilombo, sobrepondo a noção de zona de expansão urbana sobre as práticas e relações com a terra que informam os cotidianos e forjam as relações históricas que produzem o lugar.

Terras de Nossa Senhora do Rosário. No Quilombo de Pinhões, Nossa Senhora do Rosário ‘encontra’ Nossa Senhora da Conceição. Nos arranjos que alinhavam as existências criativas quilombolas contracolonialistas as *extremas* são borradas, costuradas em tecido que não almeja sobreposição, mas composição. Terra de santo (ALMEIDA, 2008). *Famílias raízes* carregam Conceição no sobrenome, marcando origens e processos históricos, identificando acúmulos de conhecimentos e práticas, fazendo *raiz*.

Adentramos as *casas* e *terreiros* compreendendo as modulações das *raízes* na promoção de parentescos e ‘relacionalidades’ (CARSTEN, 2014) que alinhavam tempos, gerações e alianças com Santo Antônio, São João e entidades que acompanham, *cuidam*, compõem as *famílias*, há gerações. No seio das *famílias* as *raízes* carregam conjuntos de memórias e práticas evocando relacionalidades sempre possíveis, atravessando tempos e fundando territórios. *Cuidado, amizade e vizinhança* circulam compondo ‘configurações de casas’ (MARCELIN, 1999), apresentando limites porosos e tendências que promovem ‘processo de familiarização’ (COMERFORD, 2003) na conformação do *povo hospitaleiro*. As composições de relações podem forjar aproximações e acolhimentos, podem compor com as *raízes*, dada sua abertura a noção mesma de composição. Reconhecendo pluralidades e multiplicidades as poéticas quilombolas anunciam mundos em composição, abertos ao diálogo, princípio fundamental do reconhecimento da existência na diferença.

Por poética chamamos os modos de vida, as tecituras do cotidiano e as narrativas delas produzidas. Não indicam uma figura ou uma modalidade específica de relação que seria, digamos, responsável por um enraizamento. Compõem as *raízes* um conjunto de práticas e relações mobilizadas por uma diversidade de vetores que conformam as *famílias raízes* efetivadas na composição das *casas*, dos *terreiros*, das *festas*. As *raízes* não parecem se apresentar diante de um processo, ou como foco, consequência de uma ação, de uma prática ou de modalidades de relação, muito antes o contrário, as *raízes* parecem ser aquelas que mobilizam modalidades de relações, entrelaçando temporalidades, informando heranças, forjando *famílias*, elaborando e relacionando *casas*, *terreiros*. Parecem conceber sustentações ramificadas num subsolo, extrapolam ao solo, compõem a própria terra. Quilombo.

Raiz. Perdurar no tempo. Atravessar gerações. As *raízes* carregam algo que pode ser acessado adiante. Outrora. Em outro tempo. Outros lugares. Outras terras. A *raiz*

mobiliza, agencia, coloca em operação. Viabiliza correlacionar distintas temporalidades e práticas.

Seguindo as *raízes em festa* nos encontramos com Nossa Senhora do Rosário, experiência mediada também no estatuto da ‘multiplicidade’ pelos movimentos propostos pela peregrinação com a imagem de Nossa Senhora do Rosário e a guarda de catopé. *As raízes do Quilombo estão no congado*. Anunciou uma liderança política e tradicional do quilombo. Assumimos como pressuposto o ‘reinado’/‘congado’ como fundamento de uma episteme afro diaspórica (MARTINS, 2021a; 2021b), lócus de uma ‘afrografia da memória’ promotora de ‘oralituras’ que marcam nos movimentos de ir e vir, filosofias do ‘tempo espiralar’. Movimento é fundamento. Alinhava território, tempo e ancestralidade. *A festa é acionada diante da morte. Nossa senhora gosta é de alegria*. Encontros alegres (ESPINOSA, 2008). *Barulho. Dança. Todo mundo reunido*.

A coincidência entre o desenvolvimento desta tese e o período da pandemia da COVID-19 aliada a efetivação de governo de extrema-direita com viés eugenista conduzido por Jair Bolsonaro fez da morte uma ‘insistência’. Melhor dizendo, explicitou os arranjos necropolíticos (MEMBE, 2022) de insistência da morte sobre vidas definidas como precárias (BUTLER, 2020). O tempo passa e não passa (SILVA, 2016). *E a raiz te põe forte*. São as *raízes* as promotoras e sustentáculos da existência, da vida quilombola. Concebem mundos que são plurais. Reconhecem a existência em sua diversidade.

No Cemitério dos Escravos, localizado em domínios doravante pertencentes à Sesmaria de Bicas, o quilombo se reúne em homenagem ao dia de finados. Outros atores compõem os espectros de relação com o quilombo de Pinhões somando no reconhecimento da presença ancestral e da importância desse local para a diáspora africana no Brasil. Transformam o Cemitério dos Escravos em Cemitério dos Pretos Escravizados. Denunciam arranjos de uma ‘política de *donos*’, que insiste em conceber estatuto de propriedade a corpos e a terra. Os quilombolas, na contramão, propõem existências plurais, com trajetória contracolonialista concebem o cemitério como local de conhecimento e aprendizado, *território ocupado por quilombolas*, ancestrais, *raízes do quilombo*.

Começo, meio e começo. A *raiz* evoca a condição ‘espirar’ do tempo, carrega em si relacionalidades que viabilizam a vida, modulam quilombo. Em *festa*, nos *terreiros*, nas *casas*, no cemitério. O Quilombo. *A raiz te põe forte!*

Referências

ACMQP et al. (Orgs) **Pinhões: histórias e sabedorias do quilombo**. Belo Horizonte: N.C.S. Gomes, 2018.

ACSELRAD, Maria & GARRABÉ, Laura. Olhares antropológicos em dança e performance: rumo a uma ecologia das práticas. In.: ACSELRAD, Maria & GARRABÉ, Laura. (orgs). **Campos de forças** [recurso eletrônico]: olhares antropológicos em dança e performance. Traduções: Giannina Greco, Giselle Guilhon Antunes Camargo, Laure Garrabé – Belém: PPGArtes/UFPA, 2020.

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. **Terras de quilombos, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pastos: terras tradicionalmente ocupadas**, 2.^a edição, Manaus: PGSCA-UFAM, 2008.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALTIVO, Bárbara Regina. “Espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras no reinadinho.” (Oliveira-MG). Tese (Doutorado) defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social - PPGCOM/UFMG. Belo Horizonte, 2019.

ALVES, Yara de Cássia. *A casa raiz e o vôo de suas folhas: Família, Movimento e Casa entre os moradores de Pinheiro-MG*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

ALVES, Yara de Cássia. Sob a luz e o calor do fogo: A *criação* entre os moradores de Pinheiro e as interconexões entre casas, famílias e corpos. In: MARQUES, Ana Claudia. LEAL, Natacha Simeí. (Orgs). **Alquimias do parentesco**. Casas, gentes, papéis, territórios. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2018(a).

ALVES, Yara de Cássia. As mães que *enraízam* e o *mundo* que gira: *Criação e movimento no Vale do Jequitinhonha-Mg*. Revista Tessituras, Dossiê: Casa, corpo, gênero em comunidades tradicionais, 2018 (b).

ALVES, Yara de Cássia. Do corpo para o mundo: força e firmeza como princípios políticos entre quilombolas mineiros. In: J. M. Villela; S. de A. Vieira (org.). **Insurgências, ecologias dissidentes e antropologia modal**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária. [E-book], 2020.

ALVES, Yara de Cássia. “Recomposições do passado: memórias e histórias da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Prestos em Minas Novas – MG”. Revista em Sociedade – Dossiê Religião e Raça, Rio de Janeiro, 41 (3): 127-144, 2021.

ALVES, Yara de Cássia. Nos *rastos* do passado: costuras do tempo na construção do parentesco e da socialidade entre quilombolas do Vale do Jequitinhonha-MG. Tese (Doutorado), PPGAS/USP – Orientação: Ana Cláudia Marques. São Paulo, 2023.

ARAÚJO, Sônia Aparecida. Saberes, imagens e histórias sobre a educação no Quilombo de Pinhões sob perspectiva de moradores e ex-professores. Dissertação de mestrado – Orientador: José Eustáquio de Brito. Belo Horizonte/MG: Faculdade de Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG, 2022.

BRANDÃO, Carlos R. **A festa do santo preto**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

BUTLER, Judith. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Tradução Andreas Lieber; revisão técnica Carla Rodrigues. 1 ed; 1; reimp, Belo Horizonte: Autêntica, 2020 [2004].

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARSTEN, Janet. **After Kinship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco. *Revista de Antropologia da UFSCAR*, 6(2), 103-118, 2014.

COMERFORD, John Cunha. **Como uma família**. Sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

COMERFORD, John Cunha. Vigiar e Narrar: Sobre formas de observação, narração e julgamento de movimentações. *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, v.57, n.2, 2014.

CORRÊA, Carolina Perpétuo. “Por que sou um chefe de famílias e o Senhor da Minha Casa”: proprietários de escravos e famílias cativas em Santa Luzia, Minas Gerais, século XIX. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

CORRÊA, Carolina Perpétuo. Comércio de escravos em Minas Gerais no século XIX: o que podem nos ensinar os assentos de batismo de escravos adultos. Anais do XII Seminário sobre a Economia Mineira, Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2006.

CORRÊA, Joana Ramalho Ortigão. “No Rosário tem cuenda – ‘Vida e morte nos Reinados em Minas Gerais’”. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Rio Janeiro, 2018.

CORRÊA, Joana Ortigão & CORRÊA, Juliana Garcia. “No palácio da rainha: os ritos do congado mineiro em tempos de isolamento social.” In: CAVALCANTI & GONÇALVES (org.). **A falta que a festa faz: celebrações populares e antropologia na pandemia**. – Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Dados eletrônicos – (Sério Livros Digital, 23), 2021.

CUNHA, Andréia Martins da. A educação escolar quilombola na comunidade de Pinhões, Santa Luzia/MG: o entrecruzamento território, políticas públicas e docência.

Tese de doutorado, Orientadora: Shirley Aparecida Miranda. Belo Horizonte/MG: Faculdade de Educação/Universidade Federal de Minas Gerais, 2022.

DELEUZE, G. **Spinoza. Philosophie pratique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARRI, Félix. **Mil Platôs**, Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Editora 34, 2008.

DIAS, Lúnia Costa. “Identidade Quilombola da comunidade de Pinhões: produção e transmissão de histórias e memórias.” Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de Ciências Sociais da PUC-Minas, 2012, disponível na biblioteca da PUC-Minas.

DIAS, Lúnia Costa Dias. “Ser Quilombola e Ser de Pinhões: dinâmicas e experiências de produção do lugar.” Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGAN/UFMG). Belo Horizonte, UFMG, 2015.

ESPINOSA, B. **Spinoza. Ética**. 2a edição. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. Tradução: Paula Siqueira. Revisão: Tânia Stolze Lima. Revista Cadernos de campo, n.13: 155-161, 2005 [1990].

FONSECA, Claudia. **Família, Fofoca e Honra**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira, São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro0Asiáticos, 2001.

GOLDMAN, Márcio. “‘Quinhentos anos de contato’: por uma teoria etnográfica da (contra)mestiçagem”. Seção Documenta, Revista MANA 21(3): 641 – 659, 2015.

GOLDMAN, Márcio. Tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v.46 n°2, p. 445-476, 2003.

GOMES, Nilma Lino. “A questão racial e o novo corona vírus no Brasil”. FRIEDRICH-EBERT-STIFTUNG – Trabalho e Justiça Social/FES-Brasil, São Paulo, SP, junho de 2020. Disponível em: <https://brasil.fes.de/detalhe/a-questao-racial-e-o-novo-coronavirus-no-brasil>. (Acessado em agosto 2022)

HARTUNG, Miriam Furtado. “Ser E não ser”, eis a questão: relatórios antropológicos, categorias nativas e Antropologia. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, v. 56 n°2, p. 324 – 364, 2013.

LATOUR, Helton. **Reassembling the social. An introduction to Actor-Network Theory**. Londres:Oxford University Press, 2007.

LIMA, Livia Ribeiro. A coroa pesada do Rei Congo: imagens do Rosário em quilombos mineiros. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, IFCS/UFRJ. Orientação, Els Lagrou. Rio de Janeiro, 2023.

LOBO, Jade Alcântara. "O debate agora é cosmológico": Perspectiva Afropindorâmica, Antropocego e Ontologia Combativa, **Revista Novos Debates**, 7(2): E7215, 2021.

LOURENÇO, Sonia Regina ; SILVA, D. K. P. . Cosmologia quilombola: entre santos, arrumações, benzeções e seres não-humanos na comunidade Lagoinha de Cima. ACENO - REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE , v. 3, p. 71-86, 2016.

LOURENÇO, Sonia Regina ; MOMBELLI, R. ; SANTOS, C. A. B. P. ; SILVA, S. J. . Cosmologias, territorialidades e políticas de quilombolas e de povos tradicionais - Apresentação. Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste , v. 3, p. 10-17, 2016.

LOURENÇO, SONIA REGINA ; MACHADO, CAUÊ FRAGA ; DA SILVA, SANDRO JOSÉ . Apresentação ao dossiê. ACENO - REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE,v.8,p.11-14,2022.

MARCELIN, Louis H. A Invenção da Família Afro-Americana: Família, Parentesco e Domesticidade entre os Negros do Recôncavo da Bahia. Tese de Doutorado. PPGAS, Museu Nacional. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

MARCELIN, Louis H. "A linguagem da casa entre os baianos negros do recôncavo baiano". Revista Mana 5(2): 31-60, 1999.

MARQUES, Ana Claudia. Pioneiros de Mato Grosso e Pernambuco. Novos e Velhos capítulos da colonização no Brasil. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol. 28, n.83, 2103.

MARQUES, Ana Claudia. Considerações familiares ou sobre os frutos do pomar e da caatinga. Dossiê de Parentesco. R@u: Revista de Antropologia da UFSCAR, 6(2), jul/dez, p.119-129, São Carlos-SP, 2014.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021(a)[1997].

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**, poéticas do corpo tela. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2021(b).

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**, biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. 8ª Reimpressão. São Paulo: N-1 edições, 2020.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTIS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Instituto Kuanza e Imprensa Oficial, São Paulo, 2006 [Publicado originalmente em: Afrodiáspora nº 6-7, pp.41-49, 1985].

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso. In: RATTS, Alex. **Eu sou atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Instituto Kuanza e Imprensa Oficial, São Paulo, 2006 [Publicado originalmente em: Estudos Afro-Asiáticos 6-7, Rio de Janeiro, CEAA/UCAM, pp.259-265, 1982].

OLIVEIRA, Fernanda. "Quando reza a fé no Quilombo Matição: família, festas, males e curas fazem comunidade" Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFMG, 2014.

PEREIRA, Ana Beatriz Nogueira. 'Sozinha eu não vou, mas juntas n[os vamos]': práticas políticas e pedagógicas de cuidado da Coletiva Mulheres da Quebrada no Aglomerado da Serra, Belo Horizonte/MG. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFMG, 2024.

PERRUTI, Daniela Carolina. Tecer amizade, habitar o deserto: Uma etnografia do quilombo Família Magalhães (GO). Tese (Doutorado Antropologia), São Paulo: PPGAS/USP, 2015.

PORTO, Liliana. **A ameaça do outro**. Magia e religiosidade no Vale do Jequitinhonha/MG. São Paulo: Attar (Apoio: CNPQ/ Pronex), 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, Poder, Globalização e Democracia. **Novos Rumos**: n. 37, 2002.

SÁEZ, Óscar Calavia. O que os santos podem fazer pela antropologia? Revista Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 29(2): 198:2019, 2009.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Publicação do Encontro de Saberes na Universidade de Brasília, pelo INCT, Brasília, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 112 pp. 2023.

SANTOS, Glaucon D. S.; LÔBO, Jade A.; DIAS, Lúnia C. Memória Negra, Reconhecimento e Tradição: uma Interpelação Constracolonial da Senzala em Santa Luzia. Dossiê Povos e Comunidades Tradicionais: desafios para as Ciências Sociais, Revista em Sociedade, v.4 n.1 (2022), Belo Horizonte, PUC Minas, 2022. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/emsociedade/article/view/29535> (Acessado junho 2023).

SEXTON, Jared. The social life of social death: On Afro-pessimism and Black optimism. **Tensions Journal**: 2011.

SILVA, Débora Rodrigues de Azevedo. A artesanaria das práticas sociais e a existência inventiva das mulheres do quilombo de Pinhões. Dissertação de Mestrado, Orientadora: Shirley Aparecida Miranda, Belo Horizonte, MG: PPGE/FAE/UFMG, Belo Horizonte, 2020.

SLENES, Robert Wayne. **Na senzala, uma flor** – esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX. 2ª ed. corrigida. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. 302 p.

SILVA, Denise Ferreira da. O evento racial ou aquilo que acontece sem o tempo [2016]. In: **Histórias Afro-Atlânticas**. Vol. 2. Antologia. São Paulo: MASP, 2018, p. 407-411.

SILVA, Rubens Alves da. **Negros católicos ou Catolicismo Negro?** Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro. (Coleção Repensando África, vol.6). Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SOUZA, Marina de Mello e. Catolicismo negro no Brasil: santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. *Afro-Ásia*. n.28, p. 125-146, 2002.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista: História da Festa de Coroação do Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

STRATHERN, Marilyn. **After nature**. English kinship in the Late Twentieth Century. Cambridge: Cambridge Inversity Press, 1992.

STRATHERN, Marilyn. A relação: acerca da complexidade e da escala. In: **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

VIEIRA, Suzane de Alencar. Resistência e Pirraça na Malhada: Cosmopolíticas Quilombolas no Alto Sertão de Caeté. Tese (doutorado). Orientador Márcio Goldman. PPGAS/UFRJ – Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015.

VILLA, Gustavo. Horizonte de eventos da batalha de Santa Luzia: aspectos sociais e arqueológicos. Santa Luzia. 2019, 112 p. Disponível na biblioteca do IFMG Campus Santa Luzia (Localização: 981.51 V712h).

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Casac Naify, 1ª edição, 2015.

WOORTMANN, Ellen. "O sítio camponês". *Anuário Antropológico/81*. Fortaleza/Rio de Janeiro, UFC/TB, 1983, p. 164-203.

WOORTMANN, Ellen. **Herdeiros, Parentes e Compadres**: Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste. Edunb, Brasília, 1994.

WOORTMANN, Klass. "Com parente não se negoceia". O Campesinato como ordem moral. *Anuário Antropológico* 12 (1): 11-73, 2018 [1987].

Lives – Aulas Públicas

DIAS, Adriana. "O que é o nazismo/fascismo e como ele se consolida nas sociedades?" In: Aulas públicas sobre Bolsonarismo e Nazismo. Canal do YouTube JORNALISTAS LIVRES. Outubro 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jWSHFkba0qE&ab_channel=JornalistasLivres. (Acessado em janeiro 2023).

MARTINS, Leda Maria Martins. “Tempo em performance”. Aula de encerramento do segundo semestre 2020, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências – Professor Milton Santos da UFBA, Canal do YouTube do IAH-UFBA. Disponível no Link:https://www.youtube.com/watch?v=ShvhGTCYzw8&ab_channel=IHAC-InstitutodeHumanidades%2CArteseCi%C3%A4ncias. (Acessado em janeiro 2021).

SANTOS, Antônio Bispo. “Cosmopolítica e Cosmofobia”. In: Seminário Metafísicas na Rede, no canal do YouTube do Programa de Pós-Graduação em Metafísica da UnB, 5 de agosto de 2020. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=IBlhkKzzHmo&ab_channel=PPG%CE%BCUnB.
(Acessado em outubro 2020).